



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS**

CLAUDIANA DOS SANTOS

**A INTERDISCURSIVIDADE NA AUTOAJUDA: IMBRICAÇÕES E  
DESDOBRAMENTOS NA COMPREENSÃO DO *ETHOS* LEITOR**

SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2024

CLAUDIANA DOS SANTOS

**A INTERDISCURSIVIDADE NA AUTOAJUDA: IMBRICAÇÕES E  
DESDOBRAMENTOS NA COMPREENSÃO DO *ETHOS* LEITOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS), como requisito avaliativo para obtenção de título de Doutora em Letras.

**Área de concentração:** Estudos Linguísticos.

**Linha de pesquisa:** Estudos do discurso: linguagens, identidades e relações de poder.

**Orientadora:** Profa. Dra. Marcia Regina Curado Pereira Mariano.

SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237i Santos, Claudiana dos  
A interdiscursividade na autoajuda : imbricações e  
desdobramentos na compreensão do *ethos* leitor / Claudiana dos  
Santos ; orientadora Marcia Regina Curado Pereira Mariano – São  
Cristóvão, SE, 2024.  
214 f. : il.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2024.

1. Análise do discurso. 2. Leitura. 3. Oratória. 4. Livros e leitura.  
I. Mariano, Marcia Regina Curado Pereira, orient. II. Título.

CDU 81'42

CLAUDIANA DOS SANTOS

## A INTERDISCURSIVIDADE NA AUTOAJUDA: IMBRICAÇÕES E DESDOBRAMENTOS NA COMPREENSÃO DO *ETHOS* LEITOR

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **MARCIA REGINA CURADO PEREIRA MARIANO**  
Data: 29/01/2024 14:21:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Regina Curado Pereira Mariano  
Universidade Federal de Sergipe  
Presidente da comissão examinadora

Documento assinado digitalmente  
 **JOCENILSON RIBEIRO DOS SANTOS**  
Data: 29/01/2024 12:24:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos  
Universidade Federal de Sergipe  
Examinador interno

Documento assinado digitalmente  
 **CHRISTINA BIELINSKI RAMALHO**  
Data: 29/01/2024 09:58:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina Bielinski Ramalho  
Universidade Federal de Sergipe  
Examinadora Externa ao Programa

Documento assinado digitalmente  
 **LUANA FERRAZ**  
Data: 29/01/2024 12:36:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luana Ferraz  
Universidade de Franca  
Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente  
 **AIDIL SOARES NAVARRO**  
Data: 27/01/2024 12:10:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aidil Soares Navarro  
Faculdade Abrange  
Examinadora Externa à Instituição

**Aprovada em 25/01/2024**

SÃO CRISTÓVÃO  
2024

*Eu teria centenas de opções para dedicar esta tese, mas sinto-me tranquila em dedicá-la, em primeiro lugar, aos meus dois “coaches”: José Romualdo dos Santos (meu pai) e Maria José dos Santos (minha mãe). Além disso, quero dedicá-la a todas (os) as (os) pesquisadoras(es) do Brasil, pois a construção de uma tese resulta de um trabalho coletivo.*

## AGRADECIMENTOS

O sentido do verbo agradecer foi empregado como um gesto inicial e contínuo nessa temporada de estudos, por isso, os agradecimentos serão perenes. Inicialmente, agradeço a Deus, primeiro movimentador de toda criação, pelo dom inefável da vida e pela saúde.

Começando bem do início, agradeço a Amanda Feitosa por ter me incentivado a participar da seleção para o doutorado em 2020.

Meus agradecimentos perpétuos aos meus pais, Maria José dos Santos e José Romualdo dos Santos, pelo amor, educação e companheirismo. Agradeço aos meus irmãos, Antônio Marcos, Ana Paula, Paulo César e Ana Cláudia pelo incentivo e acompanhamento das minhas andanças nessa jornada de estudo. Recebi muito carinho de tias, tio, primas e primos, sobrinhos, cunhada e só não colocarei os nomes em virtude da extensão, assim não corro o risco de esquecer alguém. Muito obrigada, família que eu tanto amo!

Dando continuidade ao trajeto linear dos acontecimentos, agradeço à Universidade Federal de Sergipe (UFS) e ao Instituto Federal de Sergipe (IFS) pelo convênio de cooperação técnica e oferta de editais com vagas institucionais para os técnicos administrativos em educação.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) por manter um quadro de profissionais de excelência, do qual destaco a minha orientadora, Marcia Regina C.P. Mariano, que me acolheu e me orientou nesse percurso desafiador de estudos remotos e de retomada do “novo normal”. Parabéns, professora Marcia! Sua excelência profissional me passou segurança para continuar firme no propósito. Saiba que a minha trajetória se tornou mais florida com a sua companhia e formidável orientação.

Meus sinceros agradecimentos a todos os docentes que ministraram as disciplinas cursadas nesse percurso: Marcia Regina Curado, Maria Emília Rodat, Wilton J. Santos, Maria Leônia Carvalho, Fábio Elias Tfouni, Carlos Magno Gomes, Valter César Pinheiro, Isabel Cristina M. de Azevedo e Eduardo Piris.

Com grande satisfação agradeço aos componentes das bancas examinadoras de qualificação e defesa desta tese: Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho (UFS), Profa. Dra. Luana Ferraz da Universidade de Franca (UNIFRAN-SP), Profa. Dra. Aidil Soares Navarro (UNIMES-SP), Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos (UFS). Muito obrigada pelas leituras dedicadas, pelas relevantes contribuições direcionadas ao aprimoramento desta pesquisa e por estar conosco durante a qualificação e defesa da pesquisa. Meus sinceros agradecimentos aos

professores suplentes: Profa. Dra. Taysa Mércia dos Santos S. Damaceno (UFS) e Prof. Dr. Flávio Passos Santana (UPE).

Rememorando os primeiros dias de aula no doutorado, em 2020, lembro-me do privilégio de participar da aula inaugural do PPGL, no formato presencial, e uma semana após o início das aulas do doutorado surgiram as interdições impostas pela pandemia do coronavírus. Depois disso, a UFS passou a frequentar a minha casa e o meu equilíbrio emocional para aceitar todas as mudanças impostas pelas novas dinâmicas de trabalho, estudos e vivências precisou de mais reforços, por isso, obrigada, Sílvia Costa Santos (psicóloga) por me acompanhar em momentos tão difíceis.

A versão do doutorado no modelo remoto teve o seu lado bastante positivo, também. Nesse entremeio, ampliamos muitos laços com pesquisadores de outros estados. Dessa forma, deixo meus sinceros agradecimentos aos membros do grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA), coordenado pelo professor Dr. Luiz Antônio Ferreira da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), aos membros do grupo de estudos em Teorias de Argumentação e Retórica (TEAR), coordenado pelo professor Dr. Rubens Damasceno Moraes da Universidade Federal de Goiás (UFG) e aos membros do Grupo de Pesquisa em Leitura e Escrita (GPLE), coordenado por mim.

Falando em pesquisadores, quero mencionar a relevância de companheiros (as) nessa jornada. Neilton Falcão, grande parceiro de estudo e produções acadêmicas, muito obrigada por ser esse ser humano e pesquisador exímio. Suas condutas sempre demonstraram um *ethos* de um homem comprometido, inteligente e bondoso; faltam adjetivos para expressar a minha gratidão pelas grandes contribuições acadêmicas que você trouxe para mim. Katrine Butieri, um baluarte dos estudos retóricos, muito obrigada pelo acolhimento, confiança, incentivo e compartilhamentos de saberes. Fabiana Lisboa, parceira, foi uma grande satisfação contar com a sua garra e conhecimento para as produções dos seminários, artigos e para tantas outras confidências trocadas nesses anos de estudos. Nossa! Geovaneide Reis, Vanesca Leal, Talita Menezes, Letícia Santos, meus sinceros agradecimentos pelas partilhas e esclarecimentos de dúvidas no tocante aos procedimentos de submissão do protocolo de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa. Vocês são lindas, inteligentes e mulheres inspiradoras!

Nessa direção, agradeço aos participantes de pesquisa, pessoas que deram credibilidade à temática leitura e ao desenvolvimento da ciência.

Evidencio os meus agradecimentos ao Instituto Federal de Sergipe, por me conceder o direito de afastamento para participação no curso de Pós-graduação *stricto sensu*, em meados

de novembro de 2021, momento primordial para me dedicar mais detidamente ao desenvolvimento da pesquisa. Além disso, os agradecimentos se ampliam para a atuação da instituição nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão, abrangendo os técnicos administrativos em educação.

Enfim, agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente dessa minha trajetória.

*Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo (Lispector, 2020, p. 7-8).*

*De fato, nossa situação diante do espelho sempre é meio falsa: como não dispomos de um enfoque de nós mesmos de fora, também nesse caso nos compenetramos de um outro possível e indefinido, com cuja ajuda tentamos encontrar uma posição axiológica em relação a nós mesmos; também aqui tentamos vivificar e enformar a nós mesmos a partir do outro; daí a expressão original e antinatural de nosso rosto que vemos no espelho [e] que não temos na vida (Bakhtin, 2011, p. 30).*

## RESUMO

Esta tese fundamenta-se nos campos dos estudos retóricos, discursivos e argumentativos. O ponto de partida desta investigação é o seguinte problema: em meio à relevância epistemológica da temática leitura, como compreender as imagens discursivas da leitura e o *ethos* de leitores investidos por valores historicamente associados às (inter)discursividades dos livros de autoajuda? Nessa direção, o objetivo geral do estudo é analisar como a interdiscursividade, na autoajuda, atua como estratégia discursiva e quais são os desdobramentos no *ethos* do leitor de livros do gênero. Para o dispositivo analítico selecionaram-se categorias fornecidas pelo arsenal teórico da Nova Retórica e da Análise de Discurso. Ademais, deu-se ênfase aos constructos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2016, 2020, 2022), Maingueneau (2008a, 2008b, 2011, 2016, 2018), Galinari (2009), Meyer (1993, 2007) e Paveau (2017). Para o tratamento das práticas de leitura, o método buscou suporte em Alves e Rojo (2020), Orlandi (2003, 2008), Curcino (2020) e Rouxel (2012). A pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa. O arquétipo metodológico é constituído por três etapas. Realizou-se, inicialmente, a catalogação de títulos de livros com maiores índices de vendas entre os anos de 2010 a 2022. Em seguida, elaborou-se um modelo analítico de avaliação de leitores, com base na categorização de comentários digitais (Paveau, 2017). Na terceira etapa, implementou-se a coleta de experiências de leitura via questionário *on-line*. Nessas circunstâncias, perquiriram-se as análises de dois livros: *Mais esperto que o diabo* (Hill, 2014) e *Nunca desista de seus sonhos* (Cury, 2007). Com o apoio do *software* WebQDA efetuou-se a triangulação das fontes de dados (livros, comentários e questionários). Os resultados obtidos mostraram como as obras de autoajuda se sustentam nos campos discursivos que aludem aos espaços: religioso, pedagógico, medicinal (saúde), capitalista (neoliberal), psicológico e publicitário, logo, encontra-se respaldo para se afirmar que a interdiscursividade é uma estratégia discursiva fundante da arquitetura multissêmica do discurso de autoajuda e essa estratégia repercute no desdobramento de um *ethos* leitor dicotômico (orgulhoso/vergonhoso). Após a triangulação dos dados, constatou-se como as tópicos ligadas ao *pathos* (processos patêmicos) foram cruciais para a compreensão do *ethos* leitor orgulhoso/ vergonhoso/ flutuante, identificados a partir de espaços e lugares que apontam para a edificação moral e aperfeiçoamentos múltiplos. Esta pesquisa mobilizou análises que atestam a relevância dialogal entre disciplinas como a Análise de Discurso e os estudos retórico-argumentativos, além disso, foi possível contribuir com a enunciabilidade leitora e com a problematização de estereótipos, como o de que o “bom leitor” é aquele de obras relacionadas à “alta literatura”. Por intermédio dos valores encontrados nos discursos analisados, entendemos que há a apresentação de uma identidade dupla resultante da diferença relativa ao outro e uma identidade grupal. Observando a dimensão experiencial em Maingueneau (2018), entende-se que o *ethos* paradoxal da autoajuda gera confronto entre a imagem engendrada para esse leitor nas obras e a produzida pelo leitor real, assim, considera-se que o *ethos* leitor perpassa por uma intercorrência sêmica (efeitos de sentido inesperados) em virtude das estratégias interdiscursivas.

**Palavras-chave:** interdiscursividade; *ethos*; leitura; argumentação; autoajuda.

## ABSTRACT

This thesis is based on the fields of rhetorical, discursive and argumentative studies. The starting point of this investigation is the following problem: amid the epistemological relevance of the reading theme, how to understand the discursive images of reading and the ethos of readers invested with values historically associated with the (inter)discursivities of self-help books? In this sense, the general objective of the study is to analyze how interdiscursivity, in self-help, acts as a discursive strategy and what are the developments in the ethos of the reader of books of this genre. For the analytical device, categories provided by New Rhetoric and Discourse Analysis were selected. Furthermore, emphasis was placed on the constructs of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2016, 2020, 2022), Maingueneau (2008a, 2008b, 2011, 2016, 2018), Galinari (2009), Meyer (1993, 2007) and Paveau (2017). For the analysis of reading practices, the method sought support from Alves and Rojo (2020), Orlandi (2003, 2008), Curcino (2020) and Rouxel (2012). The research is characterized by a qualitative approach. The methodological archetype consists of three stages. Initially, book titles with the highest sales rates between 2010 and 2022 were cataloged. Next, an analytical model for evaluation readers was created, based on the categorization of digital comments (Paveau, 2017). In the third stage, reading experiences were collected through an online questionnaire. In these circumstances, the analyzes of two books were investigated: *Mais esperto que o diabo* (Hill, 2014) and *Nunca desista dos seus sonhos* (Cury, 2007). With the support of WebQDA software, data sources were triangulated (books, comments and questionnaires). The results obtained showed how self-help books are supported in the discursive fields that allude to the following spaces: religious, pedagogical, medicinal (health), capitalist (neoliberal), psychological and advertising, therefore, support is found to assert that interdiscursivity is a founding discursive strategy of the multisemic architecture of self-help discourse and this strategy has repercussions on the unfolding of a dichotomous reading ethos (proud/shameful). After triangulating the data, it was verified how topics linked to pathos (pathemic processes) were crucial for understanding the proud/ shameful/ floating reader ethos, identified from spaces and points that lead to moral edification and multiple improvements. This research mobilized analyzes that attest to the dialogical relevance between disciplines such as Discourse Analysis and rhetorical-argumentative studies, in addition, it was possible to contribute to reader enunciability and the problematization of stereotypes, such as that the “good reader” is that of works related to “high literature”. Through the values found in the discourses analyzed, we understand that there is the presentation of a double identity resulting from the difference relative to the other and a group identity. Observing the experiential dimension in Maingueneau (2018), it is understood that the paradoxical ethos of self-help generates a confrontation between the image engendered for this reader in the works and the image produced by the real reader, thus, it is considered that the reader ethos goes through a semic intercurrency (unexpected meaning effects) due to interdiscursive strategies.

**Keywords:** interdiscursivity ; ethos ; reading ; argumentation ; self-help.

## RESUMEN

Esta tesis se fundamenta en los campos de los estudios retóricos, discursivos y argumentativos. El punto de partida de esta investigación es el siguiente problema: en medio de la relevancia epistemológica del tema de la lectura, cómo comprender las imágenes discursivas de la lectura y el ethos de los lectores investidos de valores históricamente asociados a las (inter)discursividades de la autoayuda. ¿libros? En este sentido, el objetivo general del estudio es analizar cómo la interdiscursividad, en la autoayuda, actúa como estrategia discursiva y cuáles son las evoluciones en el ethos del lector de libros de este género. Para el dispositivo analítico se seleccionaron categorías proporcionadas por el arsenal teórico de la Nueva Retórica y el Análisis del Discurso. Además, se puso énfasis en los constructos de Perelman y Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2016, 2020, 2022), Maingueneau (2008a, 2008b, 2011, 2016, 2018), Galinari (2009), Meyer (1993, 2007) y Paveau (2017). Para el tratamiento de las prácticas lectoras, el método buscó apoyo en Alves y Rojo (2020), Orlandi (2003, 2008), Curcino (2020) y Rouxel (2012). La investigación se caracteriza por un enfoque cualitativo. El arquetipo metodológico consta de tres etapas. En primer lugar, se catalogaron los títulos de libros con mayor tasa de ventas entre 2010 y 2022. A continuación, se creó un modelo analítico para las valoraciones de los lectores, basado en la categorización de comentarios digitales (Paveau, 2017). En la tercera etapa, se recogieron experiencias de lectura a través de un cuestionario en línea. Bajo estas circunstancias, se indagó en los análisis de dos libros: *Mais esperto que o diabo* (Hill, 2014) y *Nunca desista dos seus sonhos* (Cury, 2007). Con el apoyo del software WebQDA se triangularon las fuentes de datos (libros, comentarios y cuestionarios). Los resultados obtenidos mostraron cómo las obras de autoayuda se sustentan en los campos discursivos que aluden a los siguientes espacios: religioso, pedagógico, medicinal (salud), capitalista (neoliberal), psicológico y publicitario, por lo que se encuentra respaldo para afirmar que la interdiscursividad es una estrategia discursiva fundacional de la arquitectura multisémica del discurso de autoayuda y esta estrategia tiene repercusiones en el desarrollo de un ethos de lectura dicotómico (orgullosa/vergonzosa). Después de triangular los datos, se encontró que los temas vinculados al pathos (procesos patémicos) fueron cruciales para comprender el ethos del lector orgullosa/vergonzosa/ flotante, identificado desde espacios y lugares que apuntan a la edificación moral y a múltiples mejoras. Esta investigación movilizó análisis que dan fe de la relevancia dialógica entre disciplinas como el Análisis del Discurso y los estudios retórico-argumentativos, además, fue posible contribuir a la enunciabilidad del lector y a la problematización de estereotipos, como el de que el “buen lector” es el de obras relacionadas con la “alta literatura”. A través de los valores encontrados en los discursos analizados, entendemos que existe la presentación de una doble identidad resultante de la diferencia relativa al otro y una identidad grupal. Observando la dimensión experiencial en Maingueneau (2018), se entiende que el ethos paradójico de la autoayuda genera un enfrentamiento entre la imagen engendrada para este lector en las obras y la producida por el lector real, así, se considera que el lector El ethos atraviesa una sémica de interconurrencia (efectos de significado inesperados) debido a estrategias interdiscursivas.

**Palabras clave:** interdiscursividad; ethos; argumentación; autoayuda; lectura.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Lastros discursivos da autoajuda .....	36
<b>Figura 2-</b> Códigos árvore.....	99
<b>Figura 3-</b> Livros mais citados pelos participantes de pesquisa.....	107
<b>Figura 4-</b> Ilustração da capa .....	109
<b>Figura 5-</b> Metáforas .....	110
<b>Figura 6-</b> Técnicas argumentativas.....	112
<b>Figura 7-</b> Doxa.....	114
<b>Figura 8-</b> Interdiscurso .....	116
<b>Figura 9-</b> <i>Ethos</i> .....	117
<b>Figura 10-</b> Um sonhador que colecionava derrotas (lugar-comum).....	118
<b>Figura 11-</b> Emoções.....	120
<b>Figura 12-</b> Técnicas argumentativas.....	121
<b>Figura 13-</b> Interdiscurso .....	123
<b>Figura 14-</b> Experiência de leitura (leitor 5) .....	124
<b>Figura 15-</b> Experiência de leitura (leitora 7) .....	124
<b>Figura 16-</b> Experiência de leitura (leitora 11) .....	124
<b>Figura 17-</b> Comentário review 1 .....	126
<b>Figura 18-</b> Comentário <i>review</i> 2.....	126
<b>Figura 19-</b> <i>Ethos</i> (leitor 5).....	127
<b>Figura 20-</b> <i>Ethos</i> (leitora 7) .....	127
<b>Figura 21-</b> Interdiscurso (leitora 7).....	129
<b>Figura 22-</b> Ilustração da capa (esperteza).....	130
<b>Figura 23-</b> Narrador protagonista .....	133
<b>Figura 24-</b> Narrador protagonista .....	135
<b>Figura 25-</b> Discurso ajudador .....	136
<b>Figura 26-</b> Entrevista com o diabo .....	138
<b>Figura 27-</b> Perguntas e respostas .....	140
<b>Figura 28-</b> <i>Doxa</i> (leitora 8).....	141
<b>Figura 29-</b> <i>Doxa</i> (leitora 15).....	142
<b>Figura 30-</b> Interdiscurso (leitora 8).....	144
<b>Figura 31-</b> Interdiscurso (leitora 15).....	144

<b>Figura 32-</b> Comentário <i>review</i> 3 .....	145
<b>Figura 33:</b> Comentário <i>review</i> 4 .....	146
<b>Figura 34-</b> Experiência de leitura (leitora 1) .....	147
<b>Figura 35-</b> Campo semântico afetivo (leitora 1) .....	147
<b>Figura 36-</b> Experiência de leitura (leitora 4) .....	148
<b>Figura 37-</b> Livro citado pela leitora (1) .....	149
<b>Figura 38-</b> Comentário <i>review</i> 5 .....	150
<b>Figura 39-</b> Doxa (leitora 4).....	151
<b>Figura 40-</b> Lugar da qualidade (leitora 4).....	153
<b>Figura 41-</b> Comentário <i>review</i> 6.....	154
<b>Figura 42-</b> Gosto pela leitura (leitora 2) .....	155
<b>Figura 43-</b> Experiência de leitura (leitora 2) .....	155
<b>Figura 44-</b> Comentário <i>review</i> 7.....	157
<b>Figura 45-</b> <i>Ethos</i> e gosto pela leitura (leitora 3).....	158
<b>Figura 46-</b> Comentário <i>review</i> 8 .....	159
<b>Figura 47-</b> Experiência de leitura (leitora 6) .....	160
<b>Figura 48-</b> <i>Ethos</i> e doxa (leitora 6).....	161
<b>Figura 49-</b> Comentário <i>review</i> 9.....	161
<b>Figura 50-</b> Doxa (leitor 9).....	162
<b>Figura 51-</b> Interdiscurso (leitor 9) .....	163
<b>Figura 52-</b> <i>Ethos</i> (leitor 9).....	164
<b>Figura 53-</b> Comentário <i>review</i> 10.....	165
<b>Figura 54-</b> Experiência de leitura (leitor 10).....	165
<b>Figura 55-</b> <i>Ethos</i> (leitor 10) .....	166
<b>Figura 56-</b> Comentário <i>review</i> 11 .....	166
<b>Figura 57-</b> <i>Doxa</i> (leitora 12).....	167
<b>Figura 58-</b> <i>Ethos</i> e <i>doxa</i> (leitora 12).....	168
<b>Figura 59-</b> Comentário <i>review</i> 12.....	169
<b>Figura 60-</b> Valores (leitora 13).....	169
<b>Figura 61-</b> Meta de leitura (leitora 13) .....	170
<b>Figura 62-</b> Comentário <i>review</i> 13.....	170
<b>Figura 63-</b> Valores (leitora 14).....	171
<b>Figura 64-</b> Meta de leitura (leitora 14) .....	172

<b>Figura 65-</b> Comentário <i>review</i> 14 .....	172
<b>Figura 66-</b> Experiência de leitura (leitora 16) .....	174
<b>Figura 67-</b> Comentário <i>review</i> 15 .....	174

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Títulos de livros mais vendidos entre 2010 e 2022.....	33
<b>Quadro 2-</b> O uso da palavra <i>poder</i> nos títulos.....	34
<b>Quadro 3-</b> Subcategorias da Autoajuda.....	44
<b>Quadro 4-</b> Levantamento de informações na livraria Escariz-Sergipe .....	93
<b>Quadro 5-</b> Profissões dos leitores participantes de pesquisa.....	97
<b>Quadro 6-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre a localização geográfica .....	100
<b>Quadro 7-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre faixa etária e profissões .....	101
<b>Quadro 8-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre o grau de escolaridade .....	102
<b>Quadro 9-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre o quantitativo de livros lidos .....	103
<b>Quadro 10-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre os locais de leitura .....	103
<b>Quadro 11-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre os objetivos de leitura.....	104
<b>Quadro 12-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre os critérios de escolha dos livros .....	105
<b>Quadro 13-</b> Lista de livros citados pelos participantes de pesquisa.....	107

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1-</b> Panorama de vendas entre 2019 a 2022 (Brasil).....	46
<b>Gráfico 2-</b> Respostas de todo o <i>corpus</i> sobre a anuência para participar da pesquisa.....	97

## **SIGLAS UTILIZADAS NESTA TESE**

**AD-** Análise de Discurso

**ANL-** Associação Nacional do Livro

**CBL-** Câmara Brasileira de Livros

**CEP-** Comitê de Ética em Pesquisa

**CTP -**Científicos, técnicos e profissionais

**ERA-** Estudos Retóricos e Argumentativos

**FD-** Formação Discursiva

**IFS-** Instituto Federal de Sergipe

**PG-** Projeto Gutenberg

**PISA-** Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

**PNLD-** Programa Nacional do Livro Didático

**PNLL-** Plano Nacional do Livro e Leitura

**PPGL-** Programa de Pós-Graduação em Letras

**PROLER-** Programa Nacional de Incentivo à Leitura

**PUC-SP-** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**SNEL-** Sindicato Nacional dos Editores de Livros

**TCLE-** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TEAR-** Teorias da Argumentação e Retórica

**UFG-** Universidade Federal de Goiás

**UFS-** Universidade Federal de Sergipe

**UNIFRAN-** Universidade de Franca

**UNIMES-** Universidade Metropolitana de Santos

**UPE-** Universidade de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>Seção I- PARA ACESSAR A EVOLUÇÃO DO LIVRO E OS PERCURSOS DE LEITURAS.....</b>	<b>20</b>
1.1 Primeira orelha: as matrizes do livro manuscrito, impresso e digital .....	20
1.2 Considerações sobre o livro de autoajuda no Brasil .....	25
1.3 O <i>layout</i> da autoajuda e suas difusões sociais .....	30
1.4 Comentários <i>reviews</i> na compra de livros de autoajuda: os tecnodiscursos.....	48
1.5 Uma nova guia: a leitura como prática discursiva .....	51
<b>Seção II- PRISMAS DOS ESTUDOS RETÓRICOS, ARGUMENTATIVOS E DISCURSIVOS.....</b>	<b>59</b>
2.1 A Retórica é uma fênix: as bases da Nova Retórica .....	59
2.2 Interfaces entre a Argumentação e a Análise de Discurso.....	68
2.3 As propagações do conceito de <i>ethos</i> .....	71
2.4 Interdiscurso.....	76
2.5 <i>Doxa</i> , lugares e estereótipos .....	80
<b>Seção III-ARQUÉTIPO DO TRAJETO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....</b>	<b>87</b>
3.1 Abordagem, técnicas e procedimentos de pesquisa.....	87
3.2 Construção dos <i>corpora</i> .....	91
3.2.1 A seleção dos livros de autoajuda e dos comentários <i>reviews</i> .....	91
3.2.2 Coleta de dados sobre o perfil do leitor de autoajuda em Sergipe .....	92
3.2.3 A elaboração do instrumento de pesquisa .....	93
3.2.4 Participantes de pesquisa.....	96
3.2.5 Recurso tecnológico .....	98
<b>Seção IV- ANÁLISE DOS <i>CORPORA</i>.....</b>	<b>100</b>
4.1 Análises dos dados obtidos via questionário <i>on-line</i> .....	100
4.2 Triangulação dos dados .....	105
4.3 A rede interdiscursiva em <i>Nunca desista de seus sonhos</i> (Cury, 2007) e as codificações das experiências de leitura .....	108
4.4 Os entrecruzamentos discursivo-argumentativos do livro <i>Mais esperto que o diabo</i> (Hill, 2014) e as codificações do <i>ethos</i> leitor.....	129

4.5 As codificações em outras respostas dos questionários <i>on-line</i> e dos comentários <i>reviews</i> .....	147
4.5.1 Leitoras 1 e 4 .....	147
4.5.2 Leitora 3 .....	158
4.5.3 Leitora 6 .....	160
4.5.4 Leitor 9 .....	162
4.5.5 Leitor 10 .....	165
4.5.6 Leitora 12 .....	167
4.5.7 Leitora 13 .....	169
4.5.8 Leitora 14 .....	171
4.5.9 Leitora 16 .....	173
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE A- CONVITE .....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>192</b>
<b>ANEXO A: TCLE.....</b>	<b>194</b>
<b>ANEXO B: RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO <i>ON-LINE</i> .....</b>	<b>197</b>

## INTRODUÇÃO

Iniciamos as primeiras linhas deste trabalho com a seguinte advertência de Bloom (2001, p. 15): “não existe apenas um modo de ler bem, mas existe uma razão precípua por que ler”. A leitura é uma prática social, política, cultural e discursiva, um espaço de idiossincrasias com finalidades múltiplas. Nessa direção, reafirmamos o pensamento de Orlandi (2003, p. 25), quando alega que o leitor se constitui enquanto tal dentro de uma memória social de leitura<sup>1</sup>.

Tendo em vista a relevância da temática leitura, empreendemos uma investigação em *corpora* representativos do discurso de autoajuda e a partir deles, observamos os funcionamentos das interdiscursividades e seus desdobramentos na compreensão do *ethos*<sup>2</sup> de leitor.

Debruçamo-nos sobre o estudo da temática leitura durante a graduação. Inicialmente, tivemos interesse pelo estudo da categoria sujeito-leitor quando participamos do Projeto de Iniciação à Docência “Leitura e Autoria: o jornal em sala de aula” desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe. Em 2016, iniciamos o mestrado e, lá, realizamos investigações sobre as ressignificações do sujeito-leitor em projetos de leitura que circulavam em materialidades discursivas vinculadas às instâncias sociais do espaço econômico (empresas), judiciário (presídios), religioso (igrejas) e do ensino (Plano Nacional do Livro e Leitura-PNLL). Dentre os principais resultados obtidos no estudo, identificamos que o sujeito-leitor se constituía na dispersão das diferentes práticas de leitura (liberalismo da leitura). Foi partindo desse resultado que pensamos em dar continuidade à proposta de estudo sobre leitura. Por esse motivo, tencionamos, nesta nova etapa de estudos, promover reflexões epistemológicas que, associadas a uma memória contemporânea de leitura, possibilitem a compreensão de imagens discursivas sobre a leitura e o *ethos* do leitor de livros de autoajuda.

Essa nova empreitada, marcada pelo ingresso no doutorado em Letras da Universidade Federal de Sergipe, em 2020, nos proporcionou o contato com os postulados da Retórica e da Argumentação, sob a orientação da professora Marcia Regina C. P. Mariano e, desde então, estivemos empenhados em conhecer e aprimorar conceitos que pudessem ser mobilizados e,

---

<sup>1</sup> Essa memória pode se associar aos campos religioso, jurídico, científico, literário, digital etc.

<sup>2</sup> Concebemos por *ethos* a imagem discursiva que o orador /locutor constrói de si ao tomar a palavra, seja ela oral ou escrita. Amossy (2016); Maingueneau (2016). Coletamos três tipos de *corpus*: os livros, as avaliações de leitores (comentários *reviews*) e as respostas de leitores via questionário *on-line*. Diante dessa diversidade de fontes, objetivamos analisar o *ethos* dos leitores de livros de autoajuda, depreendidos com base nas enunciações apresentadas por meio dos *corpora*.

em certa direção, dialogados com as nossas bases de estudos discursivos. Os dois domínios carregam formas distintas no modo de compreender o sujeito, todavia, assim como preconizou Lima (2022, p. 164), “podemos dizer que, em linhas gerais, o sujeito para a AD, é uma categoria, é cindido, polifônico, social, pressionado, mas ao mesmo tempo pode ter uma certa margem de ação”. Salientamos que o sujeito do conhecimento é interpelado diariamente por discursos dominantes e autorizados, mas, da mesma forma, sabemos que ele é capaz de empreender um trabalho linguístico-discursivo, mais ou menos consciente, a fim de alcançar seus objetivos, assim como é visto nos estudos retóricos e argumentativos.

Com essas ponderações, interessamo-nos, conforme Grácio (2022), por lançar mão das mais fecundas intuições dos teóricos, em uma mescla de focos de análise (micro e macro), ao deixar que o objeto em estudo e o propósito da análise convoquem o desenho teórico-metodológico, evitando imposições por parte do analista.

Realizada essa justificativa quanto aos nossos interesses pela temática leitura e às nossas filiações teóricas, agora, vamos explicar como se deu esse direcionamento para estudarmos o discurso da autoajuda.

De acordo com os postulados de Rudiger (2010, p.8), a autoajuda é definida como “conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade”. Dessa maneira, no ano de 2020, com a ascensão da pandemia do coronavírus (Sars-CoV-2), a mídia jornalística começou a explorar com frequência a venda de obras relativas ao gênero autoajuda, sobretudo o consumo daquelas que são enquadradas no espaço das finanças e da saúde física e mental. Outrossim, os resultados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, publicizados em 2020, demonstraram que, dentre os autores prediletos e mais citados pelos entrevistados, estavam Machado de Assis, Monteiro Lobato, Augusto Cury e Paulo Coelho. Enfim, o discurso de autoajuda adentrou nossas conjecturas científicas e, com muita empolgação, passamos a observar o funcionamento discursivo- argumentativo desse objeto “polêmico”, que de um lado suscita paixões positivas, quando o leitor atuante<sup>3</sup> tece as experiências decorrentes do contato com os livros de autoajuda, e, por outro, negativas, quando

---

<sup>3</sup> Usamos essa terminologia para explicitar o papel do leitor ativo, aquele que constrói significados para aquilo que lê.

percebemos as relações de poder e de dominação que atravessam a cenografia desse discurso e de sua conjuntura mercadológica<sup>4</sup>.

Após a primeira reunião de orientação, surge a seguinte realidade: é preciso “mergulhar no universo da retórica e argumentação”, realizar as leituras que a professora orientou e redefinir nosso objeto, que até então, estava direcionado para investigar a trajetória de leitores sergipanos sob o ângulo exclusivo da Análise de Discurso. Após alguns dias de inquietação e de observação do contexto sócio-histórico, conversamos com a orientadora, então, chegamos à definição de um grupo específico de leitores: o de autoajuda.

É importante registrar que, antes de pensarmos no trabalho com esta temática, já havíamos recebido convites para a leitura de livros do gênero. O primeiro livro foi um presente de uma amiga, *O código da Inteligência*, cujo autor é Augusto Cury. Além disso, na estante de livros da casa de quem aqui vos fala era muito comum encontrar livros do gênero, por ter entes queridos que se dedicavam à leitura dessa categoria literária. Outrossim, em algumas conversas informais com adeptos desse tipo de leitura, ainda observávamos como eles descreviam suas experiências de leitura e os resultados delas em seus diferentes aspectos de vida.

Partimos da constatação social dos dados para a consecução das etapas deste trabalho. Dessa forma, abarcamos as seguintes questões de pesquisa: Como se compõe o *ethos* do leitor de autoajuda ao considerarmos o caráter assistemático e os estereótipos<sup>5</sup> que atravessam esse discurso? Como compreender o apogeu do discurso de autoajuda, suas interdiscursividades e a relação com o fomento à leitura? A formulação do problema é etapa decisiva para o desenvolvimento de toda investigação, logo, esses questionamentos conduzem-nos ao iminente problema de pesquisa: em meio à relevância epistemológica da temática leitura, como compreender as imagens discursivas da leitura e o *ethos* de leitores investidos por valores<sup>6</sup> historicamente associados às (inter)discursividades dos livros de autoajuda?

---

<sup>4</sup> Destacamos que o nosso gesto analítico não se restringiu a apontar as associações da cadeia produtiva da autoajuda com a utopia neoliberal. Entendemos que existe uma polarização discursiva quando observamos que há um estatuto delegado a essa categoria de livros como fenômenos em vendas e, simultaneamente, esses manuais são instrumentos para o fomento à leitura.

<sup>5</sup> Esse conceito será abordado mediante as postulações empreendidas por Amossy e Pierrot (2022), ao considerá-lo como representações cristalizadas de esquemas culturais preexistentes.

<sup>6</sup> De acordo com Manfrin e Curcino (2020, p. 903), a identificação (ou não) dos sujeitos com a leitura e como leitores está associada aos valores, crenças e sentidos compartilhados no mundo social, além de depender da incorporação de certas representações que não são individuais nem universais. Dessa maneira, “a legitimidade que as representações de certas práticas de leitura adquirem, em detrimento de outras, perpetua certas formas de dominação e de hierarquização dos sujeitos”. No discurso de autoajuda os valores existencialistas são peremptórios e são atravessados por discursos Outros, como a discursividade da hegemonia neoliberal (em níveis sociais e

O objetivo geral do estudo é analisar como a interdiscursividade, na autoajuda, atua como estratégia discursiva<sup>7</sup> e quais são os desdobramentos no *ethos* do leitor de livros do gênero.

Somado a isso, destrinchamos os seguintes objetivos específicos: Depreender o *ethos* de leitores de livros de autoajuda e os esquemas argumentativos sustentados pela *doxa* e pelas hierarquias de valores, nos livros e nas respostas obtidas via questionário *on-line*; investigar os espaços condicionantes das formações discursivas operantes no gênero autoajuda; interpretar comentários-*reviews* de leitores de livros de autoajuda a partir de recorte extraído do discurso digital; fomentar abordagens analíticas sob a égide dos pressupostos teóricos da Nova Retórica e da Análise de Discurso.

As inquirições nos *corpora* representativos do discurso de autoajuda foram iniciadas por intermédio das seguintes hipóteses: A memória retórico-argumentativa da leitura de autoajuda ecoa na construção de uma identidade leitora marcada na pós-modernidade por singularidade *x* subserviência; o discurso religioso e publicitário estão na *doxa* global do discurso de autoajuda e repercutem na construção do *ethos* dicotômico (orgulhoso/vergonhoso); as demarcações interdiscursivas podem ser identificadas por intermédio dos títulos dos livros.

Nessa conjuntura, nos debruçamos sobre estes escritos a fim de defendermos a seguinte tese: a interdiscursividade é uma estratégia discursiva fundante da arquitetura multissêmica<sup>8</sup> do discurso de autoajuda e essa estratégia repercute no desdobramento de um *ethos* leitor dicotômico (orgulhoso/vergonhoso). Outrossim, mesmo com a arquitetura de esquemas argumentativos estereotipados, a difusão da literatura de autoajuda torna-se propulsora de um *ethos* leitor e consegue contribuir com a prática da leitura.

Constatamos que os estudos sobre o interdiscurso e seus entrelaçamentos ao conceito de *ethos* leitor ainda possuem pouca representatividade no tocante às investigações realizadas à luz dos estudos retórico-argumentativos. Para Eggs (2016), faz-se necessário desenvolver

---

psíquico), discursividade religiosa (pedagogia do medo), apenas para citar alguns. Nesta pesquisa, concebemos os valores como “objetos de acordo acerca dos quais se pretende apenas a adesão de grupos particulares”; “objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p.83-84), eles são vinculados à concepção de multiplicidade de grupos.

<sup>7</sup>Conforme Mariano (2007), “as estratégias discursivas têm a faculdade de evidenciar a relação de interdependência entre o nível narrativo e o nível discursivo do texto na medida em que são observadas no discurso [...]”, elas podem consistir em mecanismos de interação, sinestesia e nas estratégias ligadas ao plano de expressão. Quanto aos mecanismos de interação no discurso, essas estratégias podem ocorrer por meio do interdiscurso, opinião, interpretação, crítica e autocrítica, correção/ autocorreção e pela modalização.

<sup>8</sup>Entendemos a noção de arquitetura como a arte e técnica de projetar campos discursivos. E a multissemia como a multiplicidade de sentidos e valores extraídos da base linguística e sócio-histórico-cultural.

estudos sobre o *ethos* porque, com exceção dos trabalhos de Dominique Maingueneau, os estudos que focalizam o *ethos* ainda são escassos no panorama de pesquisas em Linguística, Pragmática e Teoria da Argumentação. E retomar os estudos do *ethos*, tendo por objeto de estudo a literatura de autoajuda, traz à tona, assim como preconizou Foucault (2006), um estudo sobre a figura prescritiva do retorno de si e os efeitos do individualismo na cultura ocidental.

É oportuno tratarmos sobre o estímulo à leitura nos diferentes contextos sociais. O hábito de ler e o gosto pela leitura podem ser originários, tradicionalmente, da esfera de ensino, contudo, não podemos esquecer da proliferação de práticas de leituras em contextos que envolvem plataformas digitais (espaço cibernético), como *whatsapp*, *instagram*, *tiktok* e canais de *youtubers*, além de outros ambientes, como o familiar e privado, religioso, livrarias, bibliotecas e clubes de leitura.

Os livros de autoajuda têm se propagado como um instrumento de fomento à prática da leitura, embora seja um tipo de leitura não institucionalizada, e que costuma gerar muitas discussões, pois aparece muito mais no rol de leituras estigmatizadas e das literaturas de entretenimento. Ainda assim, tem em seu histórico editorial muitos adeptos.

Temos que discorrer sobre leitura é levar em consideração o contexto sócio-histórico, por isso, não podemos deixar de mencionar que no Brasil, de acordo com dados obtidos por meio da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>9</sup> (2020), dentre as cinco regiões brasileiras pesquisadas em 2019, constatou-se o aumento do número de leitores em duas das cinco regiões, a saber: norte e sul. Os dados comparam os números encontrados entre 2015 a 2019. Na região Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste houve uma redução da porcentagem de leitores nesse intervalo de tempo.

O Brasil é um país que investiu em políticas públicas incentivadoras das práticas de leitura, a exemplo do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), instituído pelo decreto nº 519/1992, com a finalidade primordial de promover o interesse nacional pelo hábito da leitura. A Política Nacional do Livro, promulgada pela lei 10.753/2003, cujas diretrizes definem o livro como “o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional,

---

<sup>9</sup>A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é uma pesquisa em âmbito nacional cujo objetivo é avaliar o comportamento leitor brasileiro. Foi realizada em sua primeira edição no ano de 2007, pelo Instituto Pró-Livro. Busca contribuir com a discussão e promoção de políticas públicas que estimulem o hábito da leitura e considera leitor (a) toda pessoa que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses anteriores à pesquisa. Cf. <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>.

da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida” (Brasil, 2003). Além disso, temos o Plano Nacional do Livro e Leitura (2005) e o Plano Nacional de Leitura e Escrita (2018).

A prática da leitura é incentivada em diferentes esferas da sociedade, desde a escola, família, redes sociais, livrarias, táxis, clínicas, empresas (trabalho), presídios e outros espaços. Dessa forma, ela pode ser compreendida enquanto uma prática social que produz conhecimento; é considerada como um hábito e um “passatempo”, objeto de estudo, trabalho e recurso terapêutico; como uma ferramenta promotora da mobilidade social. Há leitores que se dedicam às leituras de livros técnicos, ficcionais, religiosos, de autoajuda e tantos outros.

Em virtude dessa diversidade de práticas de leitura, corroboramos com Alves e Rojo (2020, p. 150), quando afirmam que “identificar a leitura aos bons livros de literatura, o leitor ao leitor do texto literário canônico é negar a existência de leitores diversos, de escolhas singulares de textos (impressos ou virtuais) e as diferentes formas de ler na atualidade”. Assim, nesta pesquisa, os *corpora* são constituídos por livros do gênero autoajuda, especificamente dois livros: *Mais esperto que o diabo*<sup>10</sup> (Hill, 2014) e *Nunca desista de seus sonhos*<sup>11</sup> (Cury, 2007); por avaliações (comentários *reviews* selecionados no *site* da *Amazon*) e argumentos de leitores praticantes da leitura de autoajuda (obtidos via questionário *on-line*). Para a execução dessa última etapa, tivemos a aprovação do protocolo de pesquisa submetido ao Comitê de Ética<sup>12</sup> em pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP-UFS), no ano de 2022.

Este estudo se baseou na lei do esforço, leitura, releituras e não se restringiu a mostrar resultados pelo poder atrativo do pensamento, pois foi preciso executar a “força intelectual-braçal” na pesquisa, no método e por meio de idas e vindas no caminho teórico-metodológico. Momentos de ânimo pelo avanço do raciocínio e também momentos de estagnação que não se mediram pelo “poder” individual.

Segundo Fiorin (2011, p. 8), “a linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica”. Pensar a linguagem é

---

<sup>10</sup> Tomamos como *corpus* a primeira edição em português. Frisamos que o livro selecionado se trata de uma tradução, por isso, não podemos desconsiderar que em nossos excertos existam termos divergentes da fonte original.

<sup>11</sup> Tomamos como *corpus* a primeira edição da obra escrita por Augusto Cury.

<sup>12</sup> Órgão responsável por defender os interesses do participante de pesquisa em sua integridade e dignidade, assim como avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas que envolvem seres humanos.

considerar um infinito de possibilidades, no qual a língua, a fala, os agentes enunciativos, históricos, sociológicos estão em constante interação.

De acordo com Amossy (2020), a retórica permeia todos os domínios humanos em que é preciso adotar uma opinião, tomar decisões fundamentadas no plausível, verossímil e opinável. A retórica é interativa e representa a teoria do discurso persuasivo; ela serve à diversidade de culturas e enquanto ciência só pode ser experimentada quando entrelaçada às diferentes práticas sociais.

Nesse trajeto, não nos ateremos a uma abordagem exclusivamente retórica, buscamos suporte nas perspectivas que assimilam a Retórica, Argumentação e o Discurso como faces de uma mesma moeda.

Em relação à estruturação do trabalho, inicialmente, elucidamos alguns segmentos da evolução histórica do objeto livro, em seus diferentes formatos. Para entendermos os itinerários e surgimento do livro impresso buscamos subsídios na obra *O aparecimento do livro* (2017), de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin. A fim de compreendermos o terreno amplo e complexo da expansão de livros de autoajuda no cenário nacional, buscamos subsídios na obra *O livro no Brasil* (2012), de Laurence Hallewell.

Almejamos trazer novas contribuições sobre o nosso objeto de estudo, por isso, ainda na primeira seção, consideramos a relevância dos resultados de pesquisas realizadas por Brunelli (2004), Dau (2012), Furlan (2013), Penzim (2011), Picanço (2013), Turmina (2010) e Sobral (2005), quando trataram da temática autoajuda sob diferentes ângulos teórico-metodológicos. Rudiger (2010) publicou o livro intitulado como *Literatura de Autoajuda e Individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*, obra que também subsidiará as compreensões da autoajuda no Brasil. Logo depois, criamos um percurso para tratarmos da leitura enquanto prática subjetiva e discursiva, com o subsídio de Alves e Rojo (2020), Curcino (2020), Orlandi (2003, 2007) e Rouxel (2012).

Reservamos a segunda seção para uma breve imersão na história da Retórica, passando pelas difusões da Nova Retórica, com a Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e as intersecções da Argumentação e Análise de Discurso. Ainda aditamos algumas categorias analíticas: *ethos*, interdiscurso, *doxa*, lugares e estereótipos. O referencial teórico foi subsidiado pela Nova Retórica e recebeu contributos de perspectivas alusivas à Análise de Discurso. Destacamos as contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1993, 2004, 2005), Meyer (1993, 2007), Amossy (2016, 2020, 2022), Maingueneau (2008a, 2008b,

2011, 2016, 2018), Galinari (2009) e Paveau (2017), além de outros sustentáculos teóricos solicitados pelas análises empreendidas em nosso trabalho de pesquisa. Por intermédio desses pressupostos, pretendemos alcançar resultados que ampliem as possibilidades teórico-metodológicas adotadas nesse campo.

A terceira seção foi destinada aos detalhamentos das diretrizes metodológicas. No tocante aos procedimentos teórico-metodológicos, o estudo proposto seguiu a abordagem qualitativa e foi alicerçado pelas pesquisas bibliográfica, documental e estudo de caso. Na quarta seção apresentamos as análises dos *corpora* por meio da técnica de triangulação dos dados.

Sendo assim, destacamos a relevância desta pesquisa para a compreensão das diversidades de práticas de leitura na atualidade, visto que o acervo de livros de autoajuda veicula ideias, valores e sentidos que podem gerar mudanças significativas na imagem do leitor de tais obras. Realçamos a importância de buscarmos novos achados de pesquisa que abarcam a construção sociocultural e crítica do leitor. Além disso, esse estudo corrobora com a apreensão de uma memória retórico-argumentativa sobre a leitura, em uma perspectiva que se distancia do discurso hegemônico legitimador de certas práticas de leitura (ditas canônicas) e possibilita compreensões dos discursos sobre o que é a leitura e o leitor em diferentes gêneros discursivos.

De acordo com Curcino (2022, p. 8), a leitura é prática em geral comparada a atividades intelectuais e de prestígio cultural. Tratar de livros que atendem ao campo discursivo da autoajuda nos permite problematizar alguns estereótipos referentes ao que se consome como bem cultural para estimular, aprofundar e incentivar o gosto pela leitura. Levar essa discussão para a academia permitiu a proliferação de reflexões sobre práticas de leituras privadas em consonância com as imagens que o próprio leitor constrói de si quando se encontra atravessado pelas discursividades da autoajuda. Esse estudo possibilitou compreensões sobre um *ethos* dicotômico que perpassa por estados patêmicos como o orgulho e a vergonha.

A importância dessa pesquisa consiste no estudo da enunciabilidade leitora a partir de uma paraliteratura<sup>13</sup> que não pode ser reduzida a um tema “conhecido e superado”, visto que

---

<sup>13</sup> Para Caldas (2000, p.8) é precisamente com o advento da sociedade de massa que surge a paraliteratura. A rigor, segundo o autor, “o conceito de sociedade de massa surge a partir da última metade do século XIX, quando na Europa Ocidental de passo com a Revolução Industrial criam-se as condições sociais e políticas que determinaram o surgimento da moderna sociedade de classes”. Na obra *A literatura da cultura de massa: uma análise sociológica* (Caldas, 2000) encontramos referências aos estudos desenvolvidos por Jean Tortel (1970). Segundo Caldas (2000), a denominação de paraliteratura foi apregoada por Jean Tortel como uma literatura dotada de autonomia em relação à literatura culta, com premissas básicas e lógica interna que regem a dinâmica e o desenvolvimento do discurso

esse campo discursivo é formador de relações de poder que, em grande parte, pode se configurar como instaurador de violências simbólicas<sup>14</sup> por meio das relações de conveniências entre texto-leitor-autor. Ao mesmo tempo, precisamos assumir a postura científica de não emitirmos juízos de valores sobre o que o leitor escolhe para a formação de seu trajeto de leitura, ou seja, precisamos compreender os efeitos socio-discursivos advindos da prática de leitura de diferentes gêneros discursivos.

O nosso diferencial metodológico foi não restringir a análise aos livros e nem à coleta de dados junto aos leitores de livros de autoajuda; realizamos a inserção de avaliações de compra de livros encontradas no site da *Amazon*, avaliações denominadas por nós como comentários *reviews*, assim, conseguimos juntar três fontes para os procedimentos de triangulação de dados que, em sua totalidade, contribuem com os estudos sobre o perfil do leitor brasileiro contemporâneo.

Para Bakhtin (2011, p. 405), “compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo”, envolve, portanto, os contextos próprio, contemporâneo e o contexto futuro. Sendo assim, nesta pesquisa, desbravamos novos modos de compreensão das práticas de leitura, das histórias de leitura e do *ethos*.

---

paraliterário. Caldas afirma que a finalidade desse novo conceito era evitar o uso, de certo modo preconceituoso, de denominações como subliteratura, infraliteratura e pornoliteratura. “Na medida em que se encontra perto da literatura, a paraliteratura toma-lhe emprestada sua aparência: seu sistema geral de expressão, a escritura e, no interior desta, sua forma material, o livro de todos os seus gêneros: contos, romances, teatro, peças versificadas [...]” (Caldas, p.37). Dessa forma, a paraliteratura refere-se a uma produção reconhecidamente não-literária, no entanto, isso não a torna uma “má” literatura.

<sup>14</sup> “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

## **Seção I- PARA ACESSAR A EVOLUÇÃO DO LIVRO E OS PERCURSOS DE LEITURAS**

A primeira seção desta tese tem como um dos propósitos apresentar fragmentos da evolução histórica do instrumento livro, em seus diferentes formatos. Para entendermos os itinerários acerca do surgimento do livro impresso buscamos subsídios na obra *O aparecimento do livro* de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2017). A fim de compreendermos esse terreno amplo e complexo que abrange a propagação dos mais diversos tipos de livros existentes no cenário nacional, buscamos subsídios na obra *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell (2012). Na sequência, destacamos as abrangências do livro digital e realizamos um delineamento sobre as prospecções do livro e da leitura de autoajuda no Brasil, ao ressaltarmos a ascendência desse gênero no mercado editorial brasileiro. Por conseguinte, aduzimos as nossas inquirições com as abordagens sobre a leitura enquanto prática discursiva.

Quando vasculhamos os estudos que focalizam a história do livro, é salutar a urgência para estudá-lo e compreendê-lo. Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2017) discorrem, de modo abrangente, sobre o aparecimento e desenvolvimento do livro impresso, no mundo ocidental.

Na obra, *O aparecimento do livro*, eles investigaram a ascensão do livro impresso sob a perspectiva da materialidade da escrita tipográfica em comparação com a manuscrita. Para esses historiadores, o livro impresso é algo completamente diferente de uma realização técnica cômoda e de uma engenhosa simplicidade, representou a “atualização de um dos mais poderosos instrumentos de que pôde dispor a civilização ocidental para concentrar o pensamento disperso de seus representantes, conferir toda a eficácia à mediação individual dos pesquisadores [...]” (Febvre; Martin, 2017, p. 51).

Não faremos um levantamento exaustivo sobre todas as fases pertencentes à história do livro; nos ateremos ao recorte temporal que compreendeu os avanços do manuscrito ao impresso e digital até chegarmos aos preâmbulos dos livros de autoajuda no Brasil.

### **1.1 Primeira orelha: as matrizes do livro manuscrito, impresso e digital**

Febvre e Martin (2017) discorrem sobre a evolução do livro manuscrito, na Europa Ocidental, sob o ângulo de dois períodos: “período monástico” e “período leigo”. Segundo os autores, esses qualificadores são consagrados pelos historiadores, mas ainda carecem de maior precisão.

Do papiro ao pergaminho, do pergaminho ao papel, independentemente do material, o livro manuscrito, por muitos séculos, foi o único instrumento de difusão do pensamento escrito. Desde a queda do Império Romano até o século XII, foram os mosteiros e, acessoriamente, o conjunto dos outros estabelecimentos eclesiásticos, que conservaram o monopólio quase integral da cultura livresca e da produção do livro. Febvre e Martin (2017) afirmam que, por outro lado,

a partir do final do século XII interveio uma profunda modificação e que as transformações intelectuais e sociais, traduzidas especialmente pela fundação das universidades e pelo desenvolvimento da instrução entre os leigos, ao mesmo tempo que se formava uma nova classe burguesa, tiveram repercussões profundas nas condições em que os livros eram compostos, escritos, copiados e difundidos (Febvre; Martin, 2017, p. 56).

A historiografia do livro e do impresso no Brasil desponta imbricada com questões de natureza sócio-política. Essa imbricação é constatada por meio do desenvolvimento da imprensa, com o aparecimento do papel e o apogeu da indústria papelreira durante o período “leigo”, o que acarretou a inovação e a transformação na forma de fabricação e nos preços dos livros. O aparecimento do papel não substituiu o pergaminho, mas revezou-se com ele e permitiu a introdução de livros menos caros no mercado, produzidos em maior quantidade.

Durante o período “leigo”, a produção livresca era realizada nos mosteiros, em salas denominadas como *scriptorias*<sup>15</sup>, responsáveis pela produção das obras de estudo e manuscritos litúrgicos. “As regras das ordens monásticas previam sempre um certo número de horas de trabalho intelectual por dia e a cópia dos manuscritos representava uma parte importante desse trabalho” (Febvre; Martin, 2017, p. 59). Podemos notar que a proteção das sabedorias registradas nos livros ficava a cargo dos mosteiros, detentores de um poder que extrapolava os aspectos religiosos.

No início do século XIII, os mosteiros não eram mais os únicos produtores de livros. A produção de livros ganhou novas dimensões e os centros de vida intelectual foram transferidos para as universidades. Nesse período, eruditos, professores, estudantes e artesãos especializados organizavam um ativo comércio de livros nos espaços das universidades.

---

<sup>15</sup> Sala dos mosteiros onde se copiavam e iluminavam os livros manuscritos (códices), ao longo da Idade Média. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/scriptorium/>>. Acesso em 21 de dez. 2021

No decorrer do século XII e início do XIII, o aparecimento e o desenvolvimento das universidades fizeram surgir um novo público, o leitor-clérigo. Foram os centros universitários que desenvolveram as corporações de profissionais do livro, clérigos ou leigos (os livreiros eram leigos, os copistas ou “escritores” muitas vezes clérigos) que foram logo considerados como parte da universidade das quais eram os *suppôts* (funcionários subalternos).

Conforme Febvre e Martin (2017), os livreiros eram dotados de atribuições que estavam sob estrito controle por parte das universidades. Eram simples comerciantes ou comissários dos livros. A universidade organizou um sistema engenhoso de empréstimo de manuscritos controlados e cuidadosamente revistos, parte do qual cópias eram criadas por uma remuneração “taxada”. Os *stationarius*<sup>16</sup> eram os responsáveis pela logística de aluguel dos exemplares.

A produção de livros passou por fases que não se restringiram à difusão dos livros “eruditos”. Em meados do século XIII, surgiu um novo público ao lado dos clérigos e nobres, nascia uma nova classe burguesa, ávida por ascender à cultura e representados por

Jurisconsultos, conselheiros leigos dos reis, “altos funcionários” de toda espécie e, um pouco mais tarde, ricos negociantes ou burgueses, numerosos indivíduos precisavam de livros. E não apenas livros sobre sua especialidade (obras de direito, de política ou de ciências), mas também livros “literários”: obras de edificação moral facilmente acessíveis, romances, traduções etc.” (Febvre; Martin, 2017, p. 64).

O expansionismo no modo de produção e organização do livro foi promovido pelos livreiros e copistas. O mecenato<sup>17</sup>, por sua vez, nos séculos XIV e XV, constituiu-se como uma instituição largamente importante, em especial para o primeiro lançamento de uma obra. Nesse processo de publicação, “o preço era, naturalmente, a obrigação em que se encontrava o autor de não apenas nada dizer que pudesse desagradar ao mecenas, mas ainda de especializar-se numa literatura capaz de agradar a um largo público” (Febvre; Martin, 2017, p. 68). Assim, a prática do mecenato permitia aos “letrados” viver de sua pena. Essa prestação de serviço já atribuía ao livro um estatuto de objeto comercial e cultural.

Na Europa, nos séculos XIV e XV, fabricavam-se quantidades de livros eventualmente ornamentados, em suas edições luxuosas. Mediante os levantamentos realizados pelos

---

<sup>16</sup> Denominação atribuída aos bibliotecários.

<sup>17</sup> A época clássica, Idade Média e a Renascença foram marcadas pela prática do mecenato. Geralmente, os incentivos eram praticados por príncipes, reis, papas ou por nobres ricos e poderosos. Disponível em: <https://edtl.fch.unl.pt/encyclopedia/mecenato>. Acesso em 21 de dez. 2021.

historiadores referidos, o livro perdeu o estatuto de “objeto precioso” com a chegada da tipografia.

A prensa tipográfica de Johannes Gutenberg, assim como ficou conhecida, foi aprimorada por outros pesquisadores com o objetivo de superarem as dificuldades técnicas colocadas pela fabricação de um livro impresso, inclusive com a redução dos elevados custos na sua produção. A multiplicação dos textos ultrapassou o espaço da biblioteca (livros de grande formato ficavam nos cavaletes, porém os de pequeno formato eram facilmente transportáveis). Foi na primeira metade do século XVI que surgiram os formatos portáteis, facilitando a consulta e leitura em diversos lugares e a qualquer hora. Período em que houve a difusão de obras de literatura popular destinadas a um público maior, sendo possível ler obras de autores clássicos. É nesse contexto que ocorre um alargamento cultural no tocante ao acesso ao livro, rompendo-se o ciclo de exclusividade que clérigos, estudiosos e grandes senhores mantinham no tocante ao interesse pelos livros. Esse foi o momento em que muitos burgueses começaram a organizar bibliotecas para si mesmos. Dessa maneira, as práticas de leitura começavam a se distanciar de um pedestal e começam a ganhar um trilha democrático.

A revolução no processo de impressão, iniciada no século XV, foi o começo da popularização e democratização do acesso ao livro. As transformações nos formatos dos livros trouxeram mudanças nas experiências de leitura, as quais possibilitaram o desenvolvimento de novos horizontes de leitura. Ao longo da história consagrou-se o crescimento da cultura impressa e, posteriormente, da digital, inclusive, nas reflexões que aqui se seguem, queremos considerá-las sob um ângulo da complementariedade, em vez de enxergá-las sob uma ótica dicotômica.

Passando um pouco à frente, após o progresso da tipografia, chegamos ao século XVIII e com a Revolução Industrial<sup>18</sup> surgem os computadores, a internet, *softwares* e uma diversidade de dispositivos móveis. A chegada dos livros digitais trouxe mudanças revolucionárias para o mercado da leitura.

---

<sup>18</sup> Foi um movimento cujas inovações alcançaram as esferas sociais, políticas, tecnológicas e econômicas. A Revolução Industrial compreende diferentes momentos do progresso industrial. Segundo Iglésias (1990, p. 16), o movimento surgiu “na segunda metade do século XVIII na Grã-Bretanha, divulgando-se no continente e no mundo dos séculos seguintes e desdobrando-se na riqueza de seus inventos”. É marcado pela produção em série, em grande escala, para um consumidor indeterminado. Nessa direção, a deflagração de produções atreladas ao campo da autoajuda está demarcada na segunda fase da Revolução Industrial, com as produções de Samuel Smiles, em meados do século XIX.

Conforme Correia (2000), o livro passou por várias mudanças em seus formatos, um período que dura mais de dois milênios. Dentre as funções descritas por ela, entende-se que esse bem é detentor de três aspectos básicos:

O físico, que diz respeito ao livro como artefato, resultante da produção cultural de uma determinada época e sociedade; o documental, que atribui ao livro a função de registro, ou seja, de testemunho de fatos inscritos na sua superfície; e o mediático, que investe o livro não somente da função de testemunho, mas também da de agente da difusão e transferência de informação (Correia, 2000, p. 28).

Ampliou-se a tecnologia do livro impresso para a versatilidade do livro digital ou *e-books*. Alguns estudiosos compartilham as dificuldades ainda existentes para definir o *e-book*. O conceito convencional é o de livro eletrônico ou digital. De acordo com Reis e Rozados (2016), em termos de institucionalização, a base de dados sobre a definição oficial do termo ainda é precária. O termo *e-book* resulta da abreviação inglesa de *eletronic book*, é um livro virtual para ser distribuído pela internet, potencializador das práticas democráticas de acesso à leitura.

Para Reis e Rozados existem mecanismos de associação para esse aporte dos *e-book*, sendo assim:

a internet pode ser uma grande aliada dos e-books e do processo de universalização da leitura, ao propiciar que o leitor adquira um e-book em uma livraria virtual e leia-o sem sair de casa. O crescimento da digitalização de livros também poderá contribuir com a transposição do livro impresso para o digital e sua democratização (Reis; Rozados, 2016, p. 4).

O estreitamento das fronteiras entre os livros impresso e o digital possibilitou a socialização das práticas de leitura. Essa expansão é fomentada por projetos de leitura, de forma a abarcar esferas públicas e privadas, com as possibilidades de acesso às bibliotecas digitais. Além dessas opções, temos plataformas que comercializam esse tipo de produto, como, por exemplo, o *Google Play* e a *Amazon*.

A *Amazon*, empresa criada por Jeff Bezos em 1994, chegou ao Brasil em 2012, com a venda e distribuição *on-line* de livros. Em 2014, a empresa de Bezos alargou seus negócios e adicionou a venda de livros físicos nos terrenos brasileiros. Em 2017, ampliou a comercialização de outros produtos e consagrou-se como o maior *site* de comércio eletrônico da internet, uma plataforma líder em que vendedores podem anunciar seus produtos. “A empresa começou de forma modesta, como uma livraria virtual, e depois fez parte da primeira

onda das ‘pontocom’ do final dos anos 1990, ampliando seu negócio para a venda de música, filmes, eletrônicos e brinquedos” (Stone, 2014, p. 14). Tornou-se uma empresa de tecnologia poderosa, inclusive, com o lançamento de dispositivos digitais práticos, como o leitor eletrônico *Kindle* e o *tablet Kindle Fire*.

Além da *Amazon*, existe a difusão do *Google Play* Livros. O aplicativo *Google Play* configura-se como um dos maiores operadores de livros eletrônicos. A ferramenta é um canal de vendas de livros eletrônicos e audiolivros.

Para Procópio (2010, p. 16), “já temos pelo menos uma dezena de *players* explorando comercialmente a produção, publicação e distribuição de livros digitais no país, entre eles Amazon, Kobo, Google, Livraria Cultura, Iba, Nuvem de Livros, Acaiaca Digital, DLD e Livrus”. O expansionismo desse formato de livro atende às práticas liberais de fomento e acesso à leitura. Como instituição de grande renome na propagação dessa memória digital, podemos citar o projeto Gutenberg. Nesse projeto, os formatos mais comuns de *e-books* disponibilizados são *epub*<sup>19</sup>, *Kindle* e *html*.

O interesse pelo formato digital é ainda muito discutível e a aderência ao *e-book* avança no curso da história. Gisele Beilguelman (2003, p. 17) alega que “a longa história da leitura e da cultura escrita mostra que as revoluções nas práticas são muito mais lentas que as tecnológicas, e é suficiente lembrar que novas formas de ler não sucederam, imediatamente, nem foram simultâneas à invenção da imprensa”. Questões financeiras e técnicas permeiam esse processo, logo, há de se atentar para as dimensões representativas do próprio livro-produto<sup>20</sup>. Tendo em vista esse breve itinerário sobre os formatos do livro manuscrito, impresso e digital, reservamos o próximo subtópico para tratarmos dos livros de autoajuda no Brasil.

## 1.2 Considerações sobre o livro de autoajuda no Brasil

---

<sup>19</sup> O Projeto Gutenberg oferece mais de 50.000 *e-books* grátis e em diversos formatos, entre eles *Epub*, *Kindle*, *html* e etc. O Projeto Gutenberg (PG) é um esforço voluntário para digitalizar e arquivar obras culturais, para incentivar a criação e distribuição de livros eletrônicos. Foi fundada em 1971 pelo escritor americano Michael S. Hart e é a mais antiga biblioteca digital. A maioria dos itens de sua coleção são os textos completos de livros de domínio público. Disponível em <<https://basedosdados.org/dataset/project-gutenberg>>. Acesso em 22 de jan. 2022.

<sup>20</sup> Outra forma de acesso aos livros e à leitura ocorre por meio dos sebos (livrarias que vendem e trocam livros usados por preços acessíveis). É importante registrar que esses espaços são potencializadores da leitura e exercem um estatuto significativo no acesso à memória escrita.

A fim de compreendermos esse terreno amplo e complexo que abrange a propagação dos mais diversos tipos de livros existentes no cenário nacional, buscamos respaldos nos estudos de Laurence Hallewell (2012). Fundamentados em levantamentos realizados por esse historiador, somos direcionados a um contexto amplo de propagação da cultura brasileira.

Os primeiros livros impressos até o ano de 1500 eram denominados de incunábulo<sup>21</sup>. O aparecimento do livro, semelhantemente a outras tecnologias, é um marco na história da civilização. Do ponto de vista histórico, Hallewell (2012) relata que a descoberta da nova indústria da impressão foi vislumbrada como um instrumento essencial da europeização, fonte de entretenimento e informação para os colonizadores. No cenário brasileiro, temos o seguinte contexto:

No primeiro século e meio de colônia, a administração do Brasil era tão rudimentar e a população tão pequena e espalhada por uma área tão vasta que a indústria da impressão não era administrativamente necessária nem economicamente possível. [...] Ainda em 1700, o total da população brasileira não ultrapassava os trezentos mil colonos e escravos, espalhados ao longo de cerca de seis mil quilômetros de costa. Nem estes poucos habitantes demonstraram algum interesse na leitura (Hallewell, 2012, p. 74).

Em virtude desse panorama, constatou-se um terreno fértil para os atos de restrições coloniais. Para a ordem real de julho de 1747 não havia sentido, do ponto de vista econômico, tentar produzir artigos manufaturados, como livros, por exemplo, nas condições de alto custo vigentes nas colônias. Nesse contexto, toda a produção de livros e impressos ficou restrita a Portugal. Na condição de colônia, o Brasil sofria o descompasso no suprimento de suas necessidades literárias. O livro, por sua vez, era visto como um item insignificante. De acordo com Hallewell (2012, p. 92-93), a razão dessa conduta seria “a suposição mercantilista básica de que a única função das colônias era fornecer matérias-primas e consumir, em troca, uma quantidade mínima de manufaturas europeias”. Dessa forma, instituía-se a subordinação cultural.

Qualquer pequeno escrito original que surgisse no Brasil colonial deveria, forçosamente, ou ser publicado na Europa ou permanecer na forma de manuscrito. Para Hallewell (2012), em

---

<sup>21</sup> Era um formato de livro dos primórdios da tipografia, ainda muito artesanal, impresso num período que foi demarcado entre os anos de 1450 a 1500. Disponível em: [https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/incunabulo\\_](https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/incunabulo_) Acesso em: 29.dez.2021.

Portugal e no Brasil, até meados do século XIX, podemos dizer que *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, com suas trinta e quatro edições, foi o primeiro *best-seller* brasileiro.

Durante os ciclos da madeira e do açúcar, o Brasil era uma pátria de pouca importância e, por isso, passou por fases de privação cultural e material. A primeira imprensa oficial só surgiu em 1808, após decorrido trezentos anos da descoberta do Brasil. Até então, existiam livros sobre o país que eram produzidos principalmente na Europa. O historiador supramencionado destacou que a primeira tentativa de introduzir a impressão no Brasil foi feita não pelos portugueses, mas pelos holandeses, no período de 1630 a 1655, quando ocuparam o Nordeste brasileiro. Sobre esse histórico, Rosa (2009) afirma que:

Em 1807, a invasão de Portugal por Napoleão forçou a Coroa portuguesa a encontrar abrigo em outro lugar, o Rio de Janeiro. Juntamente com essa mudança, em 1808, veio os primeiros equipamentos de impressão, a partir dos quais foi instalada, também no Rio de Janeiro, a Imprensa Régia por ordem de D. João VI (também conhecida como Imprensa Real) que, até o ano de independência do Brasil (1822), foi responsável pela impressão de muitos livros. Os primeiros livros desembarcaram no Brasil em 1810 como acervo da Biblioteca Real, dentre eles a primeira edição de *Os Lusíadas* (Rosa, 2009, p. 83).

A instalação da imprensa régia, no Rio de Janeiro, permitiu o funcionamento de tipografias e a publicação de jornais, ainda sob censura. Conforme Hallewell (2012, p. 114), somou-se “o período de catorze anos de monopólio das impressões no Rio”. Dessa maneira, a ascensão da indústria editorial brasileira não ocorreu espontaneamente, São Paulo e o Rio de Janeiro foram os locais receptores dessa tradição, administrada inicialmente pelos imigrantes europeus. Não faremos um delineamento aguçado sobre essas fases (período colonial e imperial), pois traremos a esse estudo as etapas correspondentes à expansão da comercialização de livros de autoajuda.

Nesse sentido, vamos nos direcionar aos acontecimentos da Nova República, em 1986, quando houve a criação do Plano Cruzado. Esse plano interrompeu por um breve período a queda do poder aquisitivo do brasileiro. A alternativa favoreceu o amortecimento do desemprego e corroborou com o fortalecimento da demanda e consumo de livros. Conforme Hallewell (2012), com o fim efetivo do Plano Cruzado iniciou-se um novo declínio nacional da venda de livros em abril de 1987.

Na década de 80 houve um cenário de crise para o mercado editorial brasileiro: vendas baixíssimas, despesas altas e falta de liquidez do mercado. Essa situação abalou a condição de

editoras multinacionais, dentre as quais muitas tiveram que abandonar o campo das vendas ou fechar as suas filiais. As casas nacionais mostraram maior resistência para encarar a crise, em comparação com as casas estrangeiras, com exceção das empresas portuguesas, as quais permaneceram em cena. Nesse contexto de crise, setores do mercado sofreram de maneiras diversas. Houve um decréscimo considerável na demanda de livros de ficção, posto que era alçado ao lugar de objeto de luxo durante a fase de crise econômica pela qual o país passava.

Consoante Hallewel (2012), foi nesse contexto de crise que surgiu o fenômeno Paulo Coelho e sua produção esotérica, enquadrando-se na demanda de livros escapistas.<sup>22</sup> O título dessa produção entrou na lista de *best-seller* do fim dos anos de 1980 (permanecendo até o fim do século e indo além). Estamos diante de um cenário de fuga, por isso, Hallewel (2012, p. 811) vai nos dizer que era evidente que “o consumidor continuava a procurar leitura totalmente escapista para esquecer a condição da economia, pessoal e nacional”.

Nos anos de 1993, o desenvolvimento da nova indústria de livros infantojuvenis ofereceu aos autores e editores brasileiros uma excelente oportunidade de exportação. (Hallewel, 2012). Nesse mote, o livro didático constituía a metade da produção editorial. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi instituído em 1985. Segundo Hallewel (2012, p. 821), “as dificuldades orçamentárias do Programa acarretaram uma enorme variação anual, chegando a reduzir consideravelmente o número de impressões nos anos de 1991 e 1992”. À época, no Rio de Janeiro, o PNLD precisou ser suspenso.

Foi diante desse cenário catastrófico que os editores encontraram o consolo no mercado de livros de autoajuda. Em 1991, em plena magnitude,

segundo a revista *Visão*, de 20 de novembro de 1991, esse fenômeno começou com a venda, no Brasil, dos setecentos mil exemplares de *Complexo de Cinderela* (da Record). Dentre os livros mais vendidos de não ficção de 1993 (segundo a Folha de S. Paulo, 2 de janeiro de 1994), oito eram de autoajuda e os outros dois eram *Parati*, um relato de viagem da Companhia das Letras, e o *Passando a Limpo*, de Pedro Collor, sobre a corrupção política (Hallewel, 2012, p. 821).

O cenário de vendas recebeu um “convidado especial”, o livro de autoajuda, como também houve o destaque para a demanda de livros de informática, cujas excelentes vendas reativaram o desejo de retorno das multinacionais que haviam se desligado do Brasil na fase

---

<sup>22</sup> A ascensão da autoajuda com Samuel Smiles (1859), na Inglaterra, surgiu como uma tentativa de apaziguar questões trabalhistas. Enquanto no Brasil, o fenômeno aparece como uma “válvula de escape” para o público consumidor e vendedor, com as publicações e vendas de obras do autor Paulo Coelho.

crítica. Nas circunstâncias históricas de 1988 registrou-se a publicação do livro *O Alquimista*, de Paulo Coelho<sup>23</sup>. Nessa conjuntura,

livrarias que tinham poucas obras literárias novas nas estantes estavam superlotadas de livros de autoajuda. [...] O leitor brasileiro já se tornou introvertido, fugindo da confusão e da tensão da política do Brasil contemporâneo e dos seus problemas sociais sem fim. [Mas ele se consola com uma única reação positiva:] Autores, sobretudo os jornalistas. Editaram uma série de notáveis biografias de personagens históricos proeminentes. [...] Esses livros, todos eles *best-sellers*, refletiram o desejo comum de captar por meio de alguma personalidade singular [...] como se esses autores estivessem empenhados numa empresa comum de superar o pesadelo do governo para encontrar as raízes de um Brasil mais autêntico.” (Skidmore, 1999 *apud* Hallewel, 2012, p. 213-214).

Nesse sentido, com o progresso e expansão dos livros de autoajuda, houve um redirecionamento do comportamento leitor brasileiro. O aspecto conjuntural, as condições econômicas e sociais foram importantes para o enraizamento do gênero ao longo de séculos.

Em discurso proferido por Rudiger, em 23 de fevereiro de 2022, no canal Linha de Divisa (*youtube*), foi relatado como ao longo dos anos, o fenômeno da autoajuda conseguiu criar tendências e um movimento literário cujas bases militam em duas direções: uma corrente que preza pela tranquilização da alma e outra mais agressiva- aquela que prega o sucesso a todo preço.

O contexto de crise vivenciado pelos brasileiros, durante a Nova República, foi favorável para o acolhimento do discurso de autoajuda. De acordo com Hallewel (2012, p. 823), “as perspectivas para a economia, e assim para o poder aquisitivo do leitor-consumidor, parecem, por fim, alentadoras”. Nessa direção, com o conhecimento das reais necessidades enfrentadas pelos brasileiros, era fundamental para o mercado editorial produzir o que serviria para dialogar com a vivência do leitor. A esse respeito, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 23) aduzem: “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar, é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz”. Nesse caso, não seria conhecer o sujeito empírico, mas conhecer as necessidades enfrentadas pelo auditório leitor, as dificuldades do ser humano de se relacionar consigo, com a época e com o outro; as condições sócio-históricas. Nas palavras de Rudiger (2022), para além de uma relação do gênero com o capitalismo, escondem-se

---

<sup>23</sup> Segundo Abreu (2006, p. 17-18), em 1998, “Paulo Coelho havia chamado a atenção da mídia ao atingir a marca de 20 milhões de livros vendidos ao redor do mundo. Antes dele, apenas Jorge Amado tinha conseguido tal proeza, mas havia levado 60 anos e 37 livros para atingir essa vendagem, enquanto Paulo Coelho o fez em 10 anos e 8 livros”.

problemas reais, que à primeira vista poderiam parecer primários ou até mesmo toscos, contudo, quando analisados revelam muito da nossa história e dos agenciamentos do eu.

No tocante à “cultura da autoajuda” é indubitável a necessidade de atendimento a uma nova classe burguesa. Foi justamente no contexto dos séculos XIX e XX que ocorreu o fomento à prática de uma literatura que prezasse pela formação individual. Em termos comparativos, no contexto do mecenato, quando os autores escreviam somente o que agradava aos seus financiadores, podemos realizar um contraponto com o que acontece no mecanismo de sustentação de quase dois séculos da autoajuda, quando se constitui por uma dóxica comportamental e pela ótica neoliberal a fim de atender às demandas do público financiador.

Reservamos para a próxima seção a discussão sobre as demandas de livros de autoajuda no cenário nacional.

### 1.3 O *layout* da autoajuda e suas difusões sociais

Quando falamos em leitura, temos um universo de possibilidades de investigações sobre essa temática. Nesse sentido, partimos do estudo de livros de autoajuda, considerando-os como parte de um mercado editorial que ascendeu no Brasil e que hoje tem representatividade advinda do lugar da quantidade.

Entendemos, de acordo com dados emitidos pela Câmara Brasileira de Livros (CBL)<sup>24</sup>, que a indústria editorial brasileira se divide em quatro subsetores: didáticos, obras gerais, religiosos e CTP (científicos, técnicos e profissionais). Entre as produções temáticas que lideraram os índices de vendas no ano de 2021, cujo total foi equivalente a 390.574.490 exemplares, temos obras didáticas (212.413.225); religiosos (60.852.342); literatura infantil (26.092.329); literatura adulta (22.774.417); autoajuda (10.111.425); economia, administração, negócios e administração pública (5.031.926); direito (3.679.321); ciências humanas e sociais (3.547.777).

Os livros/manuais de autoajuda são destinados ao ensino de técnicas e habilidades para o enfrentamento dos problemas e dilemas vivenciados pelo sujeito moderno, com temáticas que abrangem autoconhecimento, espiritualidade, relacionamentos (pais, filhos, casais, amigos) carreira profissional, transformação pessoal, saúde, sexualidade, motivacional, finanças etc.

---

<sup>24</sup> C.f. [https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/06/apresentacao\\_imprensa\\_Final\\_1-1.pdf](https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/06/apresentacao_imprensa_Final_1-1.pdf).

A autoajuda pode ser estruturada em duas dimensões, a clássica e a contemporânea. A clássica originou-se na sociedade norte-americana, a partir de Samuel Smiles, com a publicação de seu *Self-Help*, em 1859, momento em que a emergência do discurso de autoajuda voltava-se para a autodisciplina e as relações de trabalho. Segundo Turmina (2010, p. 120) “o pensamento de Smiles coaduna com os preceitos liberais em tempos de desenvolvimento do capitalismo, sendo, nesse sentido, um de seus propagadores”. A ênfase ao trabalho como um dever de cada um, como uma vocação divina está bem acentuada nessa fase. Compreendemos a partir de Rüdiger (2010) que a vertente contemporânea é acentuada pelo subjetivismo moderno, pelo individualismo, pela reafirmação da imagem de um sujeito pós-moderno fragmentado.

No tocante à subjetividade no mundo ocidental e às práticas de si, Foucault (2006, p. 160) reforça que o indivíduo alude a “um status de sujeito que ele jamais conheceu em momento algum de sua existência. Há que substituir o não-sujeito pelo status de sujeito, definido pela plenitude da relação de si para consigo. Há que constituir-se como sujeito e é nisto que o outro deve intervir”. Para isso, no pensamento clássico, o indivíduo tinha a necessidade de recorrer a um mestre para sair de seu estado de estupidez (*stultus*). O *stultus* era aquele que não tinha cuidado consigo mesmo. O indivíduo perdido, indisciplinado, volátil e desmotivado. No *stultus*, conforme Foucault (2006), reina a perpétua mudança de modo de vida. Assim, entendemos que essa modalidade de autoajuda contemporânea forja uma pseudofilosofia que tenta tirar o indivíduo desse lugar de *stultitia*. “Sair da *stultitia* será justamente fazer com que se possa querer o eu, querer a si mesmo, tender para si como o único objeto que se pode querer livremente, absolutamente, sempre” (Foucault, 2006, p. 164). De modo geral, a maquinaria discursiva da autoajuda sustenta-se em pilares que prezam pela soberania do eu, pela autorrealização e pelo encaixe do indivíduo em modelos de normalidade. Cria-se o efeito de “empoderamento do eu” ao afastá-lo falsamente dos ditames estabelecidos pelas macroestruturas institucionais.

Aflora um surto de aconselhamento que reside em formatar condutas desejáveis para os indivíduos e grupos, por intermédio dos “especialistas em problemas” e “mestres da experiência”. Na visão de Bauman (1998), seria a liquefação dos valores institucionais, uma vez que

a pós-modernidade é a era dos especialistas em "identificar problemas", dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores "dos livros de "autoafirmação": é a era do "surto de aconselhamento". Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação de que podem fazê-lo e de um resumo a respeito de como fazê-lo (Bauman, 1998, p. 221-222).

Nessa direção, as imagens discursivas emitidas para a prática da leitura perpetuam sentidos cristalizados e criam novos. Estamos habituados a tratar da leitura como uma expansão do mundo. Quem lê conhece outros universos, sabe discutir sobre diferentes assuntos, espelha uma linguagem dosada de saberes diversos. Caso tentássemos cogitar sobre os moldes que são dados a essa prática, teríamos que reservar diferentes seções para tratarmos sobre os leitores e suas predileções genéricas. Mas essa não é a questão central desta pesquisa. Em nossas buscas, queremos trazer à tona provas e subsídios que nos ajudem a compreender o *ethos* de leitor e, em especial, de leitores que são adeptos de livros de autoajuda.

Um leitor que se debruça sobre a obra de William Shakespeare, por exemplo, a tragédia *Hamlet*, vai se deparar com o gênero tragédia, o que já pressupõe a sua aproximação com uma narrativa que terá um desfecho supostamente infeliz, por isso, lidará com tensões permanentes e com temas que abarcam traição, loucura, sofrimentos, raiva, vinganças e dentre outros atributos que atravessam o universo real. Entretanto, esse gênero é baseado em parcelas generosas de ficção mescladas com fatores históricos. Há uma introspecção própria do ato da leitura, mas isso não nos leva a caracterizá-la como uma leitura cuja exclusividade é emitir formulações para a construção do “eu”. Diferentemente de um Dale Carnegie- *Como fazer amigos e influenciar pessoas*; *Pense e enriqueça*, de Napoleon Hill; *Você é insubstituível*, de Augusto Cury; livros centralizados na narrativa do eu e na confecção de padrões argumentativos baseados na formatação de emoções/ações. Não cabe a nós fazermos julgamentos de valores estéticos, assim, queremos usar o pensamento de Calvino (2007) para afirmar que é possível conceder liberdade para que todo leitor invente a sua biblioteca ideal de clássicos<sup>25</sup>.

Os livros de autoajuda são consumidos há mais de três gerações em nossa civilização (Rudiger, 2010). Detentora das práticas de autocultivo, a autoajuda é regida pelo planejamento mercadológico, a produção em série e a circulação em massa, portanto, passa pelo crivo da indústria e globalização cultural.

No “armário da autoajuda” existe uma diversidade de categorias e subcategorias; as temáticas exploradas são diversas. Inicialmente, em nossas pesquisas, cogitamos a

---

<sup>25</sup> Calvino (2007, p. 12) traz várias definições para o termo clássico, dentre as quais podemos destacar a seguinte: “clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”, ou seja, são aqueles registrados na memória do leitor; os clássicos servem para entender quem somos.

possibilidade de que os títulos<sup>26</sup> fossem criados nos moldes de figuras argumentativas, cuja estratégia principal, nesse caso, seria a surpresa na novidade do assunto, chamar a atenção para a compra do livro, suscitar paixões que influenciam nas tomadas de decisões do auditório consumidor dessa vertente literária. Vejamos a seguir:

**Quadro 1**-Títulos de livros mais vendidos entre 2010 e 2022

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>1º lugar em vendas no Brasil</b>
Ágape	Padre Marcelo Rossi	2010 (337.520) / 2011 (518.054)
Nietzsche para estressados	Allan Percy	2012 (71.895)
Kairós	Padre Marcelo Rossi	2013 (410.447)
Ansiedade-Como enfrentar o mal do século	Augusto Cury	2014 (362.353)
Philia	Padre Marcelo Rossi	2015 (446.653)
Ruah	Padre Marcelo Rossi	2016(228.232)
Batalha espiritual	Padre Reginaldo Manzotti	2017 (138.156)
A sutil arte de ligar o foda-se	Mark Manson	2018 (439.251) e 2019 (386.555)
Mais esperto que o diabo	Napoleon Hill	2020(113.041) / 2021 (109.629) / 2022 (95.102).

**Fonte:** Elaborado pela autora mediante dados disponibilizados no portal *Publishnews* (2022).

Vejamos que nem todos os títulos assumem o formato de figuras de argumentação, mas poderíamos dizer que as produções com autoria do padre Marcelo Rossi são intituladas com base em uma estratégia discursiva que remete ao campo discursivo religioso. É a forma de entrar em comunhão imediata com o auditório consumidor. O tempo, a amizade, o amor, o espírito são temáticas de caráter universal e recorrentes no espaço discursivo da tradição cristã. As figuras atuam como uma espécie de caça-leitor. Notamos, também, uma estratégia publicitária. Para Mateus (2018), a retórica publicitária sustenta-se sob um conjunto de estratégias persuasivas, sobretudo de cunho linguístico. Assim, a expressão “retórica da publicidade” representaria o discurso persuasivo utilizado pela publicidade, associado aos

---

<sup>26</sup> Sobre as funções do título, Genette (2009) faz a categorização de três funções: identificar a obra; indicar seu conteúdo e valorizá-lo. A partir da identificação da obra, abre-se um leque de possibilidades para que o leitor encontre o sentido do título.

tropos retóricos ou figuras de estilos. Inclusive, é importante salientarmos que a identificação da figura argumentativa serve como pista para encontrarmos os elementos de persuasão existentes. Outrossim, o estatuto das figuras durante o renascimento da retórica deixou de ser apenas um estudo exaustivo da taxionomia e as figuras passaram a ocupar um papel fundamental na construção do argumento, em virtude de seu papel persuasivo. Então, pensando ainda sobre a atuação argumentativa dos títulos, conseguimos elencar o lugar-comum associado ao poder. No acervo consultado entre os anos de 2010 a 2022, encontramos alguns livros, da lista de mais vendidos, que se valem da palavra poder em seus títulos.

**Quadro 2-** O uso da palavra *poder* nos títulos

<b>Títulos</b>	<b>Autores/ mais vendidos anualmente</b>
O poder do recomeço	Cleiton Pinheiro/ 2022
O poder da cura	Padre Reginado Manzotti/ 2022
O poder do hábito	Charles Duhigg 2012/2013/2014/2015/2016/2017/2018/2019/2020/2021/2022
O poder do subconsciente	Joseph Murphy/ 2021/2022
O poder do agora	Eckhart Tolle/ 2010/2011/2012//2013/2014/2015//2016/2017/2018/2019/2020/2021
O poder oculto	Padre Reginado Manzotti/ 2019
Desperte seu poder	José Roberto Marques/ 2018
O poder da ação	Paulo Vieira/ 2015/2016/2017/2019/2021
O poder da escolha	Zibia Gasparetto/ 2014/2015
O poder	Rhonda Byrne/ 2011
O poder da autorresponsabilidade	Paulo Vieira/ 2021
Poder e alta performance	Paulo Vieira/ 2017/2021
O verdadeiro poder	Vicente Falconi Campos/ 2011

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no *Publishnews* (2022)

Para explorarmos esse *layout* da autoajuda ao longo da história, incluímos, nesta seção, as contribuições de Francisco Rudiger (2010), doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e professor da Pontifícia Universidade Católica e Federal do Rio Grande do Sul. Em suas abordagens, o autor conseguiu realizar um estudo acerca das condições histórico-universais que presidiram a formação das práticas e condutas difundidas socialmente pela autoajuda. Nesse sentido, ele conseguiu resgatar aspectos históricos e sociais que atravessam essa espécie de texto. A ideia central do estudo consistiu em compreender a abstração social do

sujeito, observando-se como o gênero colabora no processo de articulação conceitual da subjetividade contemporânea e na problematização da categoria de indivíduo que se estrutura a partir dessa literatura. As informações geradas por esse campo discursivo acionaram possíveis modos de resoluções de problemas e postularam diretrizes para a mudança pessoal, aplicadas ou não pelos adeptos desse gênero.

As práticas de si e os exercícios de autocultivo, paulatinamente, foram transformadas em práticas democráticas e seus princípios de ordenamento modulados em fórmulas de subjetivação. Rudiger (2010) identificou características do gênero autoajuda segundo as finalidades das temáticas. Propôs, portanto, a classificação em duas categorias. A primeira relaciona-se com o desenvolvimento das capacidades objetivas: sucesso nos negócios, comunicar-se com as pessoas, conservar o marido etc. A segunda, por sua vez, é associada aos livros que ensinam a desenvolver capacidades subjetivas, a estima de si mesmo, como envelhecer, vencer a depressão ou viver em plenitude. Essa literatura promove um racionalismo que incide, sobretudo, na formação individual.

Para o autor, do ponto de vista histórico, as práticas de autoajuda se apropriam de uma diversidade de articulações textuais que proíbe sua descrição exaustiva. O movimento da autoajuda promoveu a formação de uma cultura subjetiva de massas, seguida de um projeto reflexivo sustentado pela indústria cultural. O autor assinala que

nesse contexto, as respostas para os problemas de identidade, os recursos para descobrir e explorar os segredos da alma, do corpo e do sexo e as fórmulas para ter sucesso na vida e relacionar-se com as pessoas foram se tornando mercadoria de consumo de massa. As práticas de si começaram a se vulgarizar através dos meios de comunicação, difundindo um saber de cunho paracientífico, caracterizado nos catecismos sobre como conduzir a vida, nas matérias sobre o potencial humano, nos testes de autoconhecimento e nos desenhos de perfis psicológicos. Simultaneamente, a propaganda foi se encarregando de tornar populares os conceitos e expressões cunhadas por essa literatura (“pensamento positivo” e “energia negativa”, por exemplo), transformada em fonte de uma mitologia e matriz de uma linguagem comum, através da qual se exprimem muitas dúvidas e incertezas do homem contemporâneo (Rudiger, 2010, p. 16).

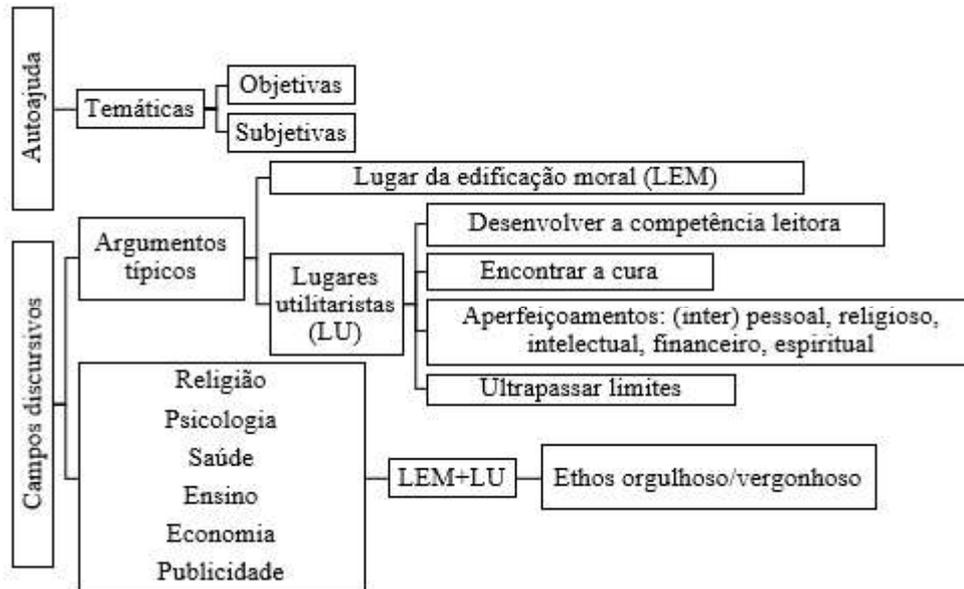
Pensamento positivo e negativo são alguns dos termos que fundam a doxologia da autoajuda. Rudiger (2010)<sup>27</sup> problematiza a ascensão e popularidade dessa literatura, conservando-se com uma postura crítica e reflexiva acerca dos estilos de vidas propagandeados

---

<sup>27</sup> Ele se debruçou sobre aspectos bibliográficos e dispensou a pesquisa com os consumidores desse tipo de produto.

por esse mercado. Assim, respaldamo-nos em estudos de Rudiger e em nossas análises para criarmos um organograma que ilustra os lastros discursivos da autoajuda:

**Figura 1-** Lastros discursivos da autoajuda



**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

A temática autoajuda difunde-se como objeto de pesquisa em diferentes áreas do conhecimento. Na área de concentração da linguística, por exemplo, Brunelli (2004) trouxe uma contribuição relevante aos estudos discursivos quando elaborou o trabalho de tese *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*, à luz dos estudos de Maingueneau. Ela analisou o discurso de autoajuda, procurando definir o sistema de coerções semânticas desse discurso, isto é, procurando revelar alguns dos traços semânticos que o constituem; examinou a modalidade no discurso de autoajuda e alcançou a confirmação da hipótese de que a manifestação da certeza é um dos traços que constitui esse discurso, ao passo que a manifestação da dúvida é um dos que rejeita. Segundo Brunelli (2004, p. 24), o “ser sujeito-enunciador de um discurso (no caso, do discurso de auto-ajuda) significa, entre outras coisas, assumir um certo conjunto de crenças, comprometer-se com certas verdades”. Ela defendeu que o discurso de autoajuda, em função de suas características, pode ser considerado como um caso de captação do gênero proverbial e a aparência de provérbios desses enunciados

contribuiu para sustentar a credibilidade desse discurso. Além disso, ela compreendeu os modos de coesão desse discurso por meio de investigações sobre a citação.

Na área da educação, Turmina (2010) desenvolveu a pesquisa *Autoajuda nas relações de trabalho: a (con) formação de um trabalhador de novo tipo*, cujo objetivo foi investigar o caráter ideológico do discurso de autoajuda na formação de um trabalhador de novo tipo, com vistas a explicar o papel desse discurso na construção da hegemonia. As categorias privilegiadas na análise foram as concepções de mundo, homem, trabalho e educação. Ela identificou os traços característicos do homem de novo tipo demandado pelo capitalismo, por meio de duas fontes: os discursos de autoajuda e relatórios patrocinados pela UNESCO (Relatórios *Faure e Delors*, difundidos mundialmente para reformar a educação). A pesquisa concluiu que o discurso da autoajuda é um elemento relevante para a construção da hegemonia, visto que influencia pensamentos, sentimentos e ações no trabalho. Outro resultado constatou que o discurso ajudador está presente nos relatórios da UNESCO, assim como a autoajuda atua na consolidação de novos padrões necessários à sociabilidade burguesa exigida para o trabalhador em tempos de neoliberalismo<sup>28</sup>.

No campo da psicologia, Penzim (2011) desenvolveu a pesquisa *Práticas de Leitura e Governo da Vida: a literatura de auto-ajuda*. O objetivo do estudo foi compreender a prática de leitura de livros de autoajuda, numa perspectiva genealógica, à luz da analítica foucaultiana. O trajeto investigativo incluiu a pesquisa de campo. Ela aplicou o conceito de governamentalidade e a concepção foucaultiana de práticas de si para constatar como as práticas dessa leitura geram possíveis produção de verdades, técnicas de si e governo dos outros.

O compêndio de estudos do discurso de autoajuda conta também com as investigações de Furlan (2013). Em sua dissertação intitulada como *Cenas de enunciação e ethos discursivo: análise do discurso de autoajuda para adolescentes* fez a seleção de quatro obras de autoajuda

---

<sup>28</sup> De acordo com Andrade (2019), as definições de neoliberalismo perpassam por diferentes disciplinas e, por isso, não há um sentido único e fechado para o termo, o autor destaca que o termo neoliberal carrega uma promiscuidade adjetiva. O autor em tela apresenta algumas concepções que partem de Foucault, ao compreender o conceito não pelas lentes de um sistema, mas enquanto forma de governo dos homens, não se trata da instituição governo, mas se trata de reger as condutas dos homens, disciplinar, normalizar e promover um autogoverno dos indivíduos, um conjunto migratório de práticas; seguindo a definição estrutural marxista, Andrade destaca que o neoliberalismo é definido como “estratégia política que visa reforçar uma hegemonia de classe e expandi-la globalmente, marcando o novo estágio do capitalismo que surgiu na esteira da crise estrutural da década de 1970” (Andrade, 2009, p. 221). Na visão bourdieusiana, Andrade (2019) vai nos dizer que esse conceito é visto como uma teoria dessocializada e des-historicizada quando parte de uma racionalidade individual e dentre os efeitos da utopia neoliberal sobre o mundo real temos a exploração do sofrimento, desigualdade, desaparecimento dos universos autônomos de produção cultural e destruição das instituições coletivas.

tangenciadas para o público adolescente. Ela explorou os conceitos de *ethos* discursivo e cenografia<sup>29</sup> em Maingueneau. Em suas análises, fez a classificação de marcadores discursivos, modalizadores, identificou procedimentos argumentativos e conseguiu constatar as heterogeneidades de *ethé* e de cenografias das obras do discurso de autoajuda para o público supracitado. Por meio das obras detectou a atenuação do tom autoritário típico desse discurso, quando se dirige a adultos. E uma das obras foi classificada como mais próxima ao discurso de autoajuda para adultos, apropriando-se do mesmo tom impositivo que caracteriza a vertente do discurso de autoajuda.

Na área dos estudos sociológicos, Picanço (2013) realizou uma dissertação intitulada de *O poder da solução- a construção do mercado de literatura de autoajuda voltada a negócios*. Em suas compilações, identificou quatro linhas de estudo mais comuns: a primeira, considera a autoajuda como um mecanismo de construção do eu de forma reflexiva. A segunda linha enfatiza os estudos que buscam compreender os usos terapêuticos da autoajuda. Outra vertente incorporou as teorias foucaultianas para explicar os usos e fenômeno da autoajuda. A quarta linha abrange os estudos de gênero, ao pensar a literatura de autoajuda como um agente midiático, elemento de intermediação cultural.

A profusão e desdobramentos da autoajuda carregam proximidades com o cuidado de si. Especificamente em *Hermenêutica do sujeito*, Foucault já havia estudado os efeitos da fórmula “ocupar-se consigo mesmo”, expressão retirada dos diálogos de Platão, Alcibiades. Em suas abordagens, Foucault estudou as expressões “ser governado”, “governar os outros”, “ocupar-te contigo” e destacou o desnível existente na cultura de si que depois tangenciaria o jogo entre a filosofia e a espiritualidade no mundo antigo.

Desde a Grécia arcaica já existia a necessidade de pôr em exercício uma tecnologia de si como forma de acessar o verdadeiro. Essas práticas foram verificadas em uma série de civilizações, quando não em todas, como afirmou Foucault (2006). Segundo ele, antes mesmo do pensamento filosófico de Platão já havia menção ao cuidado de si nos pitagóricos. Foucault avaliou que na ótica de Platão “todo o cuidado de si é para ele, por ele, reduzido à forma do conhecimento e do conhecimento de si” (Foucault, 2006, p. 62). Por consequência, são muitos os indícios dessas técnicas.

---

<sup>29</sup> Para Maingueneau (2011, p. 87), “a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria”.

Na concepção foucaultiana, “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (Foucault, 2006, p.11). Contudo, as técnicas de si foram distorcidas de seu caráter original da grande cultura de si quando foram apropriadas pela lógica sofisticada do discurso de autoajuda.

A perversão que acontece a partir da injeção da autoajuda é que as técnicas de si passaram a se perpetuar por meio de clichês sobre o sucesso. Como ponderou Rudiger (2010), seu conteúdo foi triturado para o consumo e seus conceitos foram transformados em fórmulas de propaganda.

Um bom comparativo sobre essa estratégia propagandística das fórmulas perpetuadas pelo discurso de autoajuda é a relação existente entre os livros mais vendidos no Brasil e a adaptação para o formato de filmes e peças teatrais. Mediante Adorno e Horkheimer (2009, p.14), existe “a paródia da harmonia conquistada pela obra-prima burguesa”. Nesse contexto, podemos citar as seguintes adaptações: (1) *O vendedor de sonhos* (2008), de Augusto Cury, cuja adaptação para o formato de filme foi realizada em 2016; (2) *Encontre Deus na cabana* (2009), de Randal Rauser, faz uma releitura do *best-seller A cabana* (2008) de William P. Young, cuja adaptação para o formato de filme ocorreu em 2017; (3) *O segredo* (2006), de Rhonda Byrne, deu origem ao filme documentário homônimo, no mesmo ano; (4) *Dr. House- Um guia para a vida* (2011), esse fez o caminho inverso, é um livro de autoajuda inspirado na série Dr. House.

Essa conjuntura realça a função publicitária na disseminação de bens, serviços e causas. As reproduções de bens que satisfazem necessidades surgem em formatos clichês. Conforme Adorno e Horkheimer (2009, p. 8), “os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: por isso seriam aceitos sem oposição”. Os resultados seriam ecos imitativos, uniformidade e o consumo em massa.

Um dos grandes detalhamentos atribuídos ao gênero autoajuda é a relação com a esfera íntima do leitor, ou seja, com as mediações pessoais e interpessoais que procuram dar destaque ao “eu”, de forma reflexiva, em seu propósito geral. Essa reflexão teria por objetivo levar as pessoas à descoberta e cultivo de seus supostos recursos interiores e, dessa maneira, transformar sua subjetividade<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Entendida como formas de cuidado consigo mesmo, a relação de si para consigo, como afirmou Foucault (2006).

No cenário atual, constatamos uma realocação<sup>31</sup> dada aos livros do gênero autoajuda. O investimento em curadorias<sup>32</sup> e clubes de livros no Brasil movimenta o acervo da autoajuda, adotando-se uma roupagem atrelada ao aprimoramento no “mundo corporativo”, mas não só. Além dos livros, há um desdobramento comercial de conteúdos digitais, vídeos, palestras e *podcasts* em diferentes plataformas digitais sobre as temáticas que atendem às necessidades desse público consumidor dos conteúdos de autoajuda. E essa propagação migra da literatura impressa para o ambiente digital. O discurso de autoajuda penetra no terreno das plataformas digitais, com a atuação dos influenciadores. Nessas circunstâncias, os autores empreendedores desse discurso são criadores de um cenário de mediação do *coaching*.

No tocante à curadoria, há uma disponibilidade de serviço de *personal trainer* da leitura, o que já revela os desdobramentos de práticas de leituras na atualidade. Outro movimento que anda lado a lado com a autoajuda é a técnica *coaching*<sup>33</sup> e *life coaching*<sup>34</sup>. Ademais, temos a forte tendência do catecismo religioso nas bases da literatura de autoajuda. A esse respeito, Rudiger (2022) trata sobre os preceitos sagrados e seculares disseminados na estrutura desse discurso.

Na concepção do mesmo autor, esse conjunto de práticas ensejou a cultura do Novo Pensamento<sup>35</sup> e somada à expansão do mercado de bens culturais no século XX, conseguiu

<sup>31</sup> Sobre essa realocação, consideramos interessante registrar a pesquisa de doutorado de Paola Mazzilli, defendida em 2019. O trabalho dedicou-se ao estudo dos aplicativos de autoajuda no cenário brasileiro, no início do século XXI. A pesquisa observou como os recursos tecnológicos representam um objeto de estudo privilegiado para investigar a emergência de uma cultura terapêutica pautada por valores como a conectividade e o empoderamento pessoal.

<sup>32</sup> A curadoria de conteúdo consiste na seleção de materiais com temáticas que mais interessam ao público. A *Grow Livros*, por exemplo, é uma curadoria que se baseia em três pilares: Livros que mudam como você pensa; Livros que mudam como você age; Livros que mudam como você interage, além disso, envia um livro por mês, com metas e cronogramas de leitura ao selecionar livros que versam sobre o desenvolvimento pessoal.

<sup>33</sup> “O *coach* se compromete a apoiar e ajudar o cliente ou aprendiz para que este possa atingir um determinado resultado ou seguir adiante em um determinado e melhor caminho. Todavia, o *coaching* não significa apenas um compromisso com relação aos resultados, mas com a pessoa em si, com seu desenvolvimento profissional e sua realização pessoal” (Chiavenato, 2017, p.70). Temos, assim, o espelhamento das práticas disseminadas pelo discurso de autoajuda.

<sup>34</sup> Os resultados de pesquisa desenvolvidas por Burlamaque (2013, p.7) permitiram indicar o *life coaching* como “serviço que busca corresponder à demanda por desenvolvimento pessoal no alcance de adaptação a mudanças, excelência em todos os domínios da vida e no ímpeto por autorrealização pessoal, características da vida líquida, através do uso de ferramentas gerencialistas originalmente empregadas para o desenvolvimento empresarial. Alinhado com a ideia de que todos devem estar em estado permanente de vigilância e de gestão de si, e mergulhado no movimento mercadológico de autoajuda e de desenvolvimento pessoal patrocinado por uma ideologia produtivista e capitalista, o *life coaching* mostrou-se como clara expressão da noção de produção de subjetividade[...]”. Assim, há um discurso hegemônico sobre os métodos e técnicas que ensinam os controles das experiências de vida.

<sup>35</sup> Conforme Rudiger (2010, p.79), o Novo Pensamento foi o movimento chave da autoajuda, “foi um fenômeno cultural de classe média, apoiado por formidável máquina de ensino e propaganda, que se propunha a desenvolver

transformar as práticas de si em fenômeno de cultura de massa. E, no século vigente, não houve redução de força dessa cultura. Na pós-modernidade existe a fusão dos propósitos pessoais e da comunidade na criação de uma sociedade de indivíduos livres diante de uma sociedade degradada e, isso, espelha a dificuldade de se lidar com os problemas pessoais em meio a essa liberdade. Diante das postulações de Rudiger,

a literatura de autoajuda caracteriza-se textualmente pelo discurso prescritivo[...]. Os livros que compõem seu acervo constituem manuais para serem empregados, e não para exporem uma doutrina; constituem textos técnicos, que são consumidos para serem objeto de aplicação prática por parte do leitor. O consumo destes manuais constitui, portanto, uma prática que, intencionalmente, deve transcender a simples leitura: supostamente, prolonga-se em técnica de ação sobre si próprio e sobre os outros no contexto de nossa cultura (Rudiger, 2010, p. 22).

A popularidade desses livros é reforçada pela mídia e tal fenômeno ganhou proporções significativas ao longo dos anos (séculos XX e XXI), inclusive, mostrou-se em evidência durante o período auge de grave pandemia do coronavírus 2019. Nesse período (2019-2022), manchetes<sup>36</sup> digitais das revistas *Veja*, da plataforma G1 e da revista Exame difundiam as expansões da literatura de refúgio, autoajuda.

A expansão do ramo da autoajuda e desenvolvimento pessoal é resultante da conquista e adesão de adeptos de diferentes classes sociais, com produtos (livros, cursos, conteúdos em plataformas digitais) que propõem o empreendedorismo de si, respostas, esperança, métodos, caminhos, solução e a leitura de refúgio. A respeito disso, Rudiger (2010) afirma que

a literatura de autoajuda se tornou popular porque conseguiu veicular um conjunto de práticas nas quais as pessoas, corretamente ou não, encontram uma maneira de se constituírem como sujeitos de suas vidas, procuram se dotar de uma personalidade na civilização burocrático individualista moderna (Rudiger, 2010, p. 158).

---

o chamado potencial humano e se originou da reinterpretação pragmática dos conceitos mentalistas postos em circulação no final do século passado por uma série de filósofos populares e publicistas, na esteira do surto de religiões *mind-cure* verificado um pouco antes”.

<sup>36</sup> Na seção Cultura, da revista *Veja*, destaca-se o aumento pela procura de livros de autoajuda. Cf. <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/consumo-de-livros-de-autoajuda-cresce-51-ate-agosto/>. Na seção Pop & Arte, do portal G1, há o destaque para os livros de autoajuda e finanças pessoais como os mais vendidos durante a quarentena. Cf. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/07/30/livros-de-autoajuda-e-financas-pessoais-dominam-lista-de-mais-vendidos-durante-quarentena.ghtml> Autoajuda e finanças: quais os livros mais vendidos na pandemia? Cf. <https://exame.com/casual/autoajuda-e-financas-quais-os-livros-mais-vendidos-na-pandemia/>.

Quanto a essa defesa da formação de uma civilização individualista moderna, podemos afirmar que existem diferentes pontos de vistas sociológicos sobre esta questão. Com os postulados de Rudiger (2010), foi possível acessar a “individualização reflexiva” delineada por Anthony Giddens. Esse sociólogo dirá que, em Durkheim, o individualismo é uma parte viva da organização social da sociedade contemporânea. Dessa maneira, Giddens (1998, p. 107) afirma que “o individualismo moral não pode de modo algum ser confundido com o egoísmo (ou seja, com a busca do interesse próprio), tal como postulado na teoria econômica clássica e na filosofia utilitarista”.

Várias são as teses sobre o individualismo, incluindo, segundo Elliott (2018), a teoria de um “novo individualismo”. Na visão desse sociólogo, o individualismo não se restringe aos indivíduos e suas disposições psicológicas, em vez disso, “[...] penetra até o cerne do núcleo da cultura e da vida institucional. Novo individualismo é, portanto, uma espécie de taquigrama para vários processos que moldam, e que são moldados, pelas transformações sociais globais”. (Elliott, 2018, p. 465). Essas transformações geram consequências de ordem emocional que não ficam circunscritas apenas à esfera privada, resvala sobre a esfera pública. Desse modo,

um novo individualismo pode ser decifrado a partir da cultura que fundamenta como as pessoas levam suas vidas hoje em dia – especialmente, mas não apenas, daqueles que vivem nas cidades sofisticadas e caras do Ocidente. Redes corporativas, projetos de curto prazo, downsizing organizacional, manuais de autoajuda, consumismo compulsivo, cibersexo, remodelamento instantâneo de identidades e cultura terapêutica, estas são apenas algumas das principais características da cultura individualista global (Elliott, 2018, p. 466).

Esse novo individualismo conduz o indivíduo às reflexões interiores e exteriores, observando-se uma agenda global. Nessa vertente, a adesão a esse tipo de literatura é resultado de duplas atuações que envolvem a produção e recepção do texto.

De acordo com Benveniste (1970, p. 286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, e, portanto, é apto a exercer a subjetividade. Contudo, não queremos visar uma subjetividade restrita, em que esse “eu” é fonte e origem do seu dizer. Preferimos pensar no leitor como um “eu- atuante”, aquele que pratica a leitura e o “eu- atuante-ativante” seria o produtor, autor de livros do gênero.

Dessa maneira, adentramos um pensamento que defende a constituição do dizer (escrita/fala) de forma compartilhada por mais de um sujeito. A relação com o Outro torna-se constitutiva do dizer, assim como preconizou Bakhtin (2011), ao tratar do dialogismo como

elemento constituinte da linguagem. Essa formação de si em relação ao Outro retoma os cuidados de si, as tecnologias de si atreladas a um sequenciamento modular de identidades<sup>37</sup>.

Desse modo, quando se trata de autoajuda e identidade do sujeito, Oliveira e Mendes (2021) afirmam que o discurso de autoajuda pode atuar “no sentido de promover mais reflexões sobre o sujeito em relação a si mesmo, compreendendo que o leitor deste gênero busca medidas paliativas para lidar com as agruras enfrentadas em seu cotidiano, atuando, dessa forma, em sua subjetividade”. Nesse cenário, corroboramos com os autores supramencionados quando afirmam que a autoajuda é uma prática contemporânea de subjetivação, com a formatação de identidades e modos de ser e estar.

Talvez pudéssemos fazer alusão a um auditório universal e compósito, tendo em vista o tratamento dado aos valores universais (liberdade, responsabilidade, paz, educação, etc.). Nessa conjuntura, poderíamos mencionar alguns tipos de leitores: leitor assíduo, leitor esporádico e o leitor em potencial. Para diferentes situações de vida existe um título referencial, por exemplo: *Quantos eus que não são meus*, do padre Fábio de Melo; *A coragem de ser imperfeito*, de Brené Brown; *Vida a dois para sempre: as chaves para um casamento inabalável*, de Samia Marsili e Italo Marsili; *Você pode curar a sua vida*, de Louise Hay; *Enriquecer: Ambição de muitos, realização de poucos*, de Lair Ribeiro e a *A sutil arte de ligar o foda-se*, de Mark Manson.

Há, portanto, um problema e uma distância a ser negociada (Meyer, 1993), por meio do produto livro de autoajuda. Essa distância não é tratada sob o ponto de vista do ato enunciativo síncrono, mas tratamos de uma responsividade decorrente das performatividades que a questão publicitária permite. Quando tratamos de um conglomerado de livros que agrega semelhanças na estruturação sintagmática e discursiva de seus títulos e, conseqüentemente, na variabilidade das estratégias discursivas postuladas nas obras, estamos diante de esquemas argumentativos que visam responder às questões de vida do sujeito pós-moderno, passando por aspectos que abrangem o individualismo, a lógica do consumo e da psicologia comportamental. Dito isso, Oliveira e Mendes (2021) alegam que

---

<sup>37</sup> A noção de identidade é compreendida sob diferentes prismas teórico-metodológicos. Do ponto de vista sociológico é um conceito fluido e fragmentado. A identidade é definida historicamente, logo, é transformada continuamente em virtude das diversidades culturais. Adotamos a concepção de identidade estabelecida por Hall (2006) quando trata das noções de sujeito “unificado”, sociológico e o pós-moderno (aquele indivíduo sem identidade fixa ou permanente).

na atualidade, os discursos de autoajuda se têm espalhado de modo efetivo, de tal forma que sua presença na vida cotidiana é cada vez mais comum. Seja no jornalismo, seja nos modelos educacionais, nas mídias digitais ou em outros contextos, o discurso prescritivo e pedagógico da autoajuda está presente, orientando os sujeitos acerca de seus comportamentos e condutas a partir de modelos que visam guiar e fomentar normas e formas sobre uma vida estável, bem vivida e feliz (Oliveira; Mendes, 2021, p. 118).

Muito se tem dito acerca do proselitismo político e religioso. No século XXI já é possível constatar a existência do proselitismo da autoajuda, em sua configuração de dispersão de uma cultura de massa que abrange diferentes formatos e relações de força.

O gênero<sup>38</sup> autoajuda mantém raízes fixas no lugar do econômico, ou melhor, nas economias capitalistas. Consequentemente, há como necessidade da vida contemporânea o fascínio pela criação instantânea, reinvenção e transformação de “eus” (Elliott, 2018). Além disso, o si mesmo está circunscrito sob multifaces de poder.

Dentro do cenário das produções livrescas da autoajuda, podemos atribuir uma categorização de obras conhecidas como obras clássicas da área de autoajuda.<sup>39</sup> E, em virtude da volatilidade desse gênero, temos também os estilos contemporâneos<sup>40</sup>. Encontramos as seguintes categorizações de livros/*e-books* de autoajuda nas prateleiras virtuais da *Amazon* e do *Google Play Livros*:

**Quadro 3-**Subcategorias da Autoajuda

<b>Categorização na <i>Amazon</i></b>	<b><i>Google Play</i> livros</b>
Gênero: Autoajuda	
1-Autoestima	1-Abuso de substâncias e vícios
2-Controle do Stress	2-Controle da raiva
3-Criatividade	3-Crescimento pessoal
4-Espiritual	4-Envelhecimento
5-Felicidade	5-Gerenciamento de equipe
6-Melhoria da Memória	6-Gerenciamento do stress
7-Motivacional	7-Morte, tristeza, luto

<sup>38</sup> Em nossas investigações consideraremos a autoajuda como um gênero discursivo tendo em vista os resultados de pesquisa de Sobral (2005).

<sup>39</sup> A esse respeito, encontramos uma obra de Tom Butler Bowdon e Pedro Jorgensen Junior cujo título é *50 clássicos de autoajuda* (2015).

<sup>40</sup> A todo instante encontramos um novo lançamento do gênero. Inclusive, há obras vistas como autoajuda, embora seus autores discordem da classificação. Como exemplo, temos obras de Lya Luft que se encontram nas prateleiras dos livros de autoajuda.

8-Transformação pessoal	8-Motivacional e inspirador
-----	9-Sonhos

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas lojas *Amazon* e *Google Play*, 2022.

Com base nesse enquadramento, podemos confirmar a associação da autoajuda ao “novo individualismo”, visto que se vende a autorreinvenção. Nas palavras de Elliott (2018, p. 471), essa reinvenção não está distante de padrões viciantes, obsessões e compulsões. Fica marcado como o consumismo exerce uma pressão sobre nós “para ‘transformar’ e ‘melhorar’ cada aspecto de nós mesmos: não apenas nossas casas e jardins, mas nossas carreiras, nossa comida, nossas roupas, nossas vidas sexuais, nossos rostos, mentes e corpos”.

No Brasil e em outras partes do mundo<sup>41</sup>, o gênero autoajuda ganhou visibilidade. O gênero consagrou-se como um nicho literário de crescimento exponencial. De acordo com as pesquisas publicadas pelo Painel do Varejo de Livros no Brasil, em parceria com o Nielsen Bookscan Brasil, os noticiários<sup>42</sup> confirmam que “dos quinze livros mais vendidos entre 23 de março a 12 de julho de 2020, durante a quarentena, dez são de autoajuda, sobretudo financeira, dois são de ficção”.

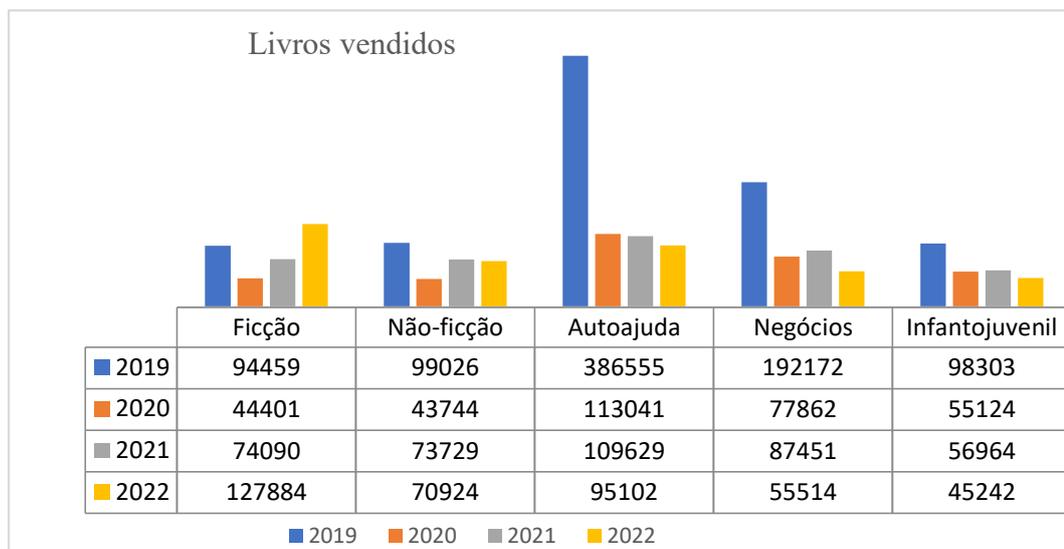
As obras desse nicho apresentam respostas que atendem ao capitalismo moderno<sup>43</sup>, por isso, há influência desse discurso na proliferação de subjetividades capitalistas. Vejamos como se deu a amostra de vendas entre os anos de 2019 a 2022:

---

<sup>41</sup> Disponível em : <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/05/04/autoajuda-escandinava-como-livros-que-vendem-felicidade-nordica-viraram-best-sellers.ghtml>. Acesso em 10 de jan.2022.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://exame.com/casual/autoajuda-e-financas-qual-os-livros-mais-vendidos-na-pandemia/> Acesso em 15 jan. de 2022.

<sup>43</sup> De acordo com Catani (2011, p. 7-8), o capitalismo é abordado por duas grandes correntes representadas por Max Weber (1864-1920) e Karl Marx (1818-1883). A primeira corrente busca explicar o fenômeno por meio de fatores externos à economia. Segundo o autor “a ideia principal neste modo de pensar refere-se à extrema valorização do trabalho, da prática de uma profissão(vocação) na busca da salvação individual. A criação de riquezas pelo trabalho e poupança seria um sinal de que o indivíduo pertenceria ao grupo dos predestinados”. A segunda corrente, por sua vez, parte de uma perspectiva histórica e entende o capitalismo como sendo “um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual se chamou Revolução Industrial”. Além de ser um sistema de produção de mercadoria, é definido como um sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria a ser disponibilizada no mercado como objeto de troca. Em nosso objeto de estudo, podemos afirmar que as duas fontes conceituais atravessam as constituições interdiscursivas da autoajuda.

**Gráfico 1-** Panorama de vendas entre 2019 a 2022 (Brasil)

**Fonte:** Elaborado pela autora mediante dados disponibilizados no portal *Publishnews*<sup>44</sup> (2022)

Como podemos apurar, entre 2019 a 2021 os livros de autoajuda foram destaques em vendas. Em 2022, a categoria de livros de ficção passou a liderar o primeiro lugar em vendas. No tocante aos anos de 2019 e 2022, constatamos que os dados do portal *Publishnews* são compatíveis com as informações compartilhadas por outras fontes.

O comparativo de vendas nos anos de 2019 e 2022, fornecido pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pelo Painel de Varejo dos Livros no Brasil<sup>45</sup>, mostra que, no tocante aos faturamentos obtidos em 2019, a categoria de não ficção *trade* (autoajuda, religiosos e biografias) obteve um faturamento de 28% comparado aos 26,36% do ano de 2018; a categoria ficção também obteve um saldo positivo, de 20,86 em 2018 para 21,79% em 2019. Quanto aos números de 2022, na categoria de não ficção *trade* temos uma queda nas vendas. Em 2021 contabilizou-se 27,01% comparado aos 26,93% deflagrado em 2022. Na categoria ficção

<sup>44</sup> É um portal com notícias sobre o mercado editorial e a indústria do livro, por isso, conta com informações cedidas pela Câmara Brasileira de Livros (associação sem fins lucrativos que representa editores, livreiros e demais profissionais do setor livreiro). O *publishnews* disponibiliza o *ranking* de livros mais vendidos, conforme as categorias de ficção, não-ficção, autoajuda, infantojuvenil e negócios. Além disso, oferece ao leitor classificações semanais, mensais e anuais tanto de livros, quanto de editoras. (Enviamos e-mail para o portal *Publishnews* informando o nosso interesse em utilizarmos os dados disponibilizados, recebemos a informação de que os dados são de teor público). O *ranking* de livros mais vendidos é elaborado a partir da soma das vendas de todas as livrarias listadas no portal. As livrarias enviam no máximo listas com os 20 livros mais vendidos em cada categoria. Trata-se de uma amostra e não do universo da venda de livros no Brasil. Nesse sentido, cada título é considerado em apenas uma categoria. Além do *ranking* de livros existe o *ranking* de editoras. Cf. <https://www.publishnews.com.br/ranking/semanal/5/2023/4/28/0/0>.

<sup>45</sup> Disponível em <https://snel.org.br/pesquisas/#1613690058449-450d8771-b1ef>. Acesso em 04 de maio de 2023.

constatou-se em 2021 o quantitativo de 25,76% das vendas com avanço para 27,17% em 2022. No ano de 2019 a 2020 houve redução do consumo de livros da categoria não ficção *trade* 28% para 26,40% e avanço nas vendas da categoria de ficção de 21,79% para 24,93%. Os comparativos referentes aos anos de 2020 a 2021 não fizeram menções aos gêneros mais vendidos.

Toda prática de leitura é circunscrita em um contexto sócio-histórico, assim, o viés individualista da autoajuda encontra respaldo na sociedade do consumo, como aponta a pesquisa de Rudiger (2010). E como forma de repensarmos essa inserção do leitor em um contexto de consumo, podemos retomar o pensamento de Lipovetsky (2007, p. 105), quando salienta a existência de um império da felicidade privada com a transmutação de um consumo individualista para o consumo hiperindividualista<sup>46</sup>, “cada um com seus objetos, cada um com seu uso, cada um com seu ritmo de vida”. Há, dessa forma, segundo o autor, a demarcação de um consumo em prol de uma necessidade arquitetada pela lógica desinstitucionalizada, subjetiva e emocional, encontradas no fornecimento do mercado, nesse caso, o da autoajuda.

Notadamente, o *layout* da autoajuda não se reduz ao âmbito do mercado de livros impressos<sup>47</sup>. Há uma estrutura bem equipada por uma cultura terapêutica acolhedora da autoajuda, abastecida por aconselhamentos que invadem as mídias sociais, programas televisivos, a religião, políticas empresariais e até mesmo as governamentais. Nesse sentido, podemos realizar uma aproximação com as forças da governamentalidade<sup>48</sup>, preconizadas por estudos foucaultianos e neofoucaultianos.

Hoje existem várias plataformas que disponibilizam gratuitamente livros *on-line* de autoajuda, no formato *e-book*, *pdf*, *ePub*, *mobi*, etc. Quando comercializados nesses formatos o custo fica ainda mais reduzido. Penzim (2011, p. 32) afirmou que “o campo da leitura e produção de textos é vastamente fértil ao aconselhamento”. Podemos considerar a esse respeito,

---

<sup>46</sup> O consumo hiperindividualista decorre do hipercapitalismo (sistema integrado do capitalismo globalizado), na visão do autor.

<sup>47</sup> A indústria cultural em seus moldes mais atualizados pode ser vista no *Tik Tok*, nos *reels* e *storys* do Instagram, nos *shorts* do *youtube* e em tantos outros recursos disponibilizados pelo ciberespaço.

<sup>48</sup> Segundo Foucault (2017), a boa arte de governar pressupõe o governo de si. Com isso, o poder funciona e se exerce em rede. Os indivíduos não só circulam, mas estão sempre prontos a exercer esse poder e sofrer sua ação; são sempre centros de transmissão. O poder, por sua vez, não está localizado em um lugar específico, ele desagua por toda a estrutura social. Não é visto como um objeto, mas como relação. Segundo Foucault (2017, p. 285), é necessário analisar como “os fenômenos, as técnicas e os procedimentos de poder atuam nos níveis mais baixos; como esses procedimentos se deslocam, se expandem, se modificam; mas sobretudo como são investidos e anexados por fenômenos mais globais; como poderes mais gerais ou lucros econômicos podem inserir-se no jogo dessas tecnologias de poder que são, ao mesmo tempo, relativamente autônomas e infinitesimais”.

as práticas de aconselhamento relacionadas ao campo da leitura em *sites* empresariais, blogues, perfis de *influencer* digital, *sites* oficiais norteadores da educação, livrarias, clubes de leituras etc.

De acordo com Castellano (2012), o modelo de produção de discursos da autoajuda a respeito das condutas de vidas “desejáveis” diz muito sobre o contexto sociocultural em que estamos inseridos. Segundo ela,

estamos em uma etapa da modernidade marcada por importantes e sucessivas transformações, relativas, por exemplo, ao descrédito dos grandes esquemas que costumavam explicar (ou tentar explicar) o mundo e a sociedade. Um dos principais sintomas que surgem como efeito colateral dessas mudanças é a insegurança (Castellano, 2012, p. 2).

Ao fornecer um depósito amplo de temáticas que abrangem o sucesso pessoal, felicidade, bem-estar, autonomia e independência, a autoajuda se respalda nas idiossincrasias, nas diferenças entre os sujeitos e no despertar de paixões<sup>49</sup>.

Dentro desses contextos, verificamos a expansão da autoajuda no âmbito do discurso digital (permeado por práticas que incidem marcadamente sobre a produção de verdades), por meio de uma ampla rede midiática. O *facebook*, *youtube*, *instagram* e o *twitter* são ferramentas de produção do discurso digital, todavia, não se excluem os *sites* e fóruns (Paveau, 2017). Segundo a autora, existem fenômenos tecnodiscursivos que precisam ser analisados a partir do formato e do gênero textual.

Como em nossa proposta observamos o funcionamento discursivo da autoajuda nas avaliações/comentários *reviews* de leitores que consomem livros do gênero, na próxima subseção traremos definições teóricas sobre os comentários digitais, à luz das abordagens de Paveau (2017).

#### 1.4 Comentários *reviews* na compra de livros de autoajuda: os tecnodiscursos

A análise do discurso digital empreendida por Paveau (2017) tem por objetivo descrever e analisar o funcionamento das produções linguageiras nativas da internet, para isso, ela estuda

---

<sup>49</sup> Para Aristóteles (2011, p. 122-123), “as paixões (emoções) são as causas das mudanças de nossos julgamentos e são acompanhadas por dor ou prazer”.

os enunciados elaborados nos espaços de escrita *on-line*. Segundo a autora, o “discurso digital nativo é um conjunto de produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita” (Paveau, 2017, p. 28).

Nessa direção, a autora propõe o estudo de um gênero renovado pela *Web*, o comentário digital. Pensando nessa proposta, acoplamos as categorias criadas por Paveau (2017) aos tipos de avaliações de clientes encontrados em *sites* de vendas, que, nesta pesquisa, seriam as avaliações de clientes da *Amazon*, em especial, aqueles que adquiriram livros de autoajuda. Para isso, denominamos essas avaliações de comentários *reviews*<sup>50</sup>.

Em nossas abordagens consideramos que os comentários *reviews* possibilitam as avaliações de compra e da obra (*feedback* da leitura). Nessa lógica, eles provocam um efeito publicitário, ou seja, a experiência de leitura compartilhada e as considerações postadas são usadas como estratégias para angariar novos consumidores. É um espaço propício para a atuação de estratégias publicitárias. Nesse quesito, contamos com os subsídios da obra *Comportamento do Consumidor: comprando, possuindo e sendo*, para tratarmos de condições que influenciam a tomada de decisão do consumidor (Solomon, 2016). Encontramos na obra mencionada três categorias relevantes nesse processo: as necessidades individuais, influências ambientais e os processos psicológicos, no entanto, para não divagarmos em questões diversas, nos ateremos às diferenças individuais, especificamente aos valores<sup>51</sup>. Na linha dos estudos de Solomon (2016), os consumidores são influenciados por fatores sociais (família, amigos, classe social), culturais (valores e costumes) e psicológicos (motivação, crenças, atitudes, aprendizagem).

Consoante Paveau (2017), o comentário *on-line* “é uma das formas de tecnodiscurso mais frequentes na *web*, aparecendo em numerosos espaços de escrita: os blogs, redes sociais digitais, os sites de imprensa e de informação, os sites comerciais, etc.” (Paveau, 2017, p. 97). No ecossistema digital, deparamo-nos com configurações próprias desse ambiente, logo, o comentário *on-line* para Paveau<sup>52</sup> (2017), consiste no texto produzido pelos internautas, na *web*,

---

<sup>50</sup> Tendo em vista a noção de gênero discursivo como tipos relativamente estáveis de enunciados (Bakhtin, 2011), observamos que as avaliações emitidas pelos consumidores de livros de autoajuda conseguem captar características pertencentes aos comentários-*on-line* (Paveau, 2017), por isso, nomeamos esses dados como comentários *reviews*.

<sup>51</sup> Nessa perspectiva, o autor entende que “o conjunto de valores de uma pessoa exerce um papel muito importante nas atividades de consumo. Os consumidores compram muitos produtos e serviços porque acreditam que eles os ajudarão a atingir uma meta relacionada a um valor” (Solomon, 2016, p. 80).

<sup>52</sup> Paveau (2017), em sua *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* elencou as seguintes características dos comentários *on-line*: *enunciação pseudonímica*: é uma forma de identificação do internauta

a partir de um texto primeiro. A autora fez uma abordagem desse gênero restrita ao dimensionamento dos tecnodiscursos produzidos em redes sociais, mas deixou indicações para que os analistas adentrassem a outras instâncias, como a dos *sites* comerciais.

Como sabemos, os enunciados orais e escritos são proferidos por integrantes dos diversos campos da atividade humana. Esses enunciados vão refletir “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo pelo seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 2016, p. 11-12). Foi pensando nas homogeneidades composicionais dos gêneros que resolvemos acoplar os conceitos de comentário *on-line* a um outro gênero de importância no *e-commerce*, os *reviews* (avaliações). Esse gênero é primordial para o setor porque as experiências dos consumidores são compartilhadas e podem angariar novos consumos de bens e serviços. O conteúdo temático do gênero tem relevância no contexto pré e pós-compra. Segundo Solomon (2016, p. 51), “outra vantagem dessas avaliações é que os consumidores obtêm informações sobre opções menos conhecidas das quais provavelmente podem gostar – e ao mesmo tempo produtos como filmes, livros e CDs que não são campeões de venda ficam mais propensos a ter saída”. Elas prezam, também, pelo nível de satisfação ou insatisfação dos clientes. Tendo em conta que o espaço dedicado às avaliações se refere a um lugar escritural específico cuja ação primeira seria a compra do produto, aguardam-se respostas sobre esse assunto.

Na seção destinada às análises dos comentários *reviews* verificaremos como se deu essa apropriação das características do discurso digital, agrupada aos estereótipos e *ethos* emergentes na esfera dos fenômenos tecnodiscursivos.

Na próxima seção, discorreremos sobre a leitura enquanto prática discursiva.

---

instaurada por certas plataformas; *Relacionalidade*: o comentário é dotado de formas conversacionais e não conversacionais. *Conversacionalidade e recursividade*: abrange as sequências de abertura e suposto fechamento das conversas. *Ampliação enunciativa e discursiva*: o comentário é uma ampliação de um tecnodiscurso primeiro. Nesse aspecto, o comentário tem um impacto semântico no texto, ao orientar sua leitura e produção de sentido. *Publicidade e visibilidade*: o comentário pode ser público e visível. No tocante às funções, temos: comentários *link* (estimula visitas a um *site*), comentário-agradecimento (realiza um ato performativo). Além dessas funcionalidades, existe o comentário conversacional, aquele que vai além do contato fático e propõe um conteúdo. Dentro desse grupo temos os comentários discursivos (ampliam e predicam o conteúdo), metadiscursivos (redefinidores) e o comentário- *troll* (semeia a confusão e intervenções violentas).

### 1.5 Uma nova guia: a leitura como prática discursiva

De acordo com Hansen (2021, p. 11), o livro não é apenas um objeto físico, sujeito a processos fabris ou industriais de produção e comercialização, o livro é também um signo – e, enquanto tal, só faz sentido quando é lido. Ainda conservando os sentidos das palavras de Hansen, o ato de ler, “apesar de culturalmente naturalizado, é uma construção social, atravessado por (in) determinações variadas, sempre parciais e historicamente datadas”. Nessa perspectiva, consideramos que existe uma memória sócio-histórica da leitura atrelada à escolarização, por sua vez, marcada por uma cultura literária, o que é muito louvável. Em contrapartida, o expansionismo da Indústria Cultural no início do século XX trouxe a difusão da literatura de massa<sup>53</sup>, que mesmo sendo alvo de desvalorização, interfere no processo de construção das experiências de leitura<sup>54</sup>.

Na dissertação intitulada como *Leitoras de best-sellers: o que determina suas escolhas?* Dau (2012, p. 25) traz uma reflexão instigante sobre as divergências de olhares em relação à obra literária. Segundo ela, na crítica literária há “os que agregam mais valor à estrutura da obra, outros à linguagem, ou pelas discussões sociais que a leitura pode acarretar”. Corroboramos com a estudiosa quando declara que a definição de valor de uma obra é uma tarefa complexa e divergente, pois envolve diferentes critérios, por vezes, subjetivos. A posição de Dau (2012) dialogou com a nossa, no sentido de sermos favoráveis à democratização da leitura de obras tanto da literatura de massa quanto da literatura culta, dando a possibilidade de acolhimento a todos os gêneros literários, inclusive, problematizando um estereótipo de que o “bom leitor” é aquele de obras relacionadas à “literatura culta”.

Dau (2012, p.39) afirma que “os best-sellers e as obras da ‘literatura de massa’ auxiliam na formação do repertório de leituras do sujeito, preparando-o para a inclusão de obras consideradas mais complexas”. Nesse aspecto, não harmonizamos com a pesquisadora, visto

---

<sup>53</sup> Na concepção de Sodré (1985) existem dois tipos de literatura: a culta e a de massa. Cada uma marcada pelos seus efeitos ideológicos diferentes. Sendo a primeira, a manifestação de um discurso específico, reconhecido pelas academias. Enquanto isso, a literatura de massa seria caracterizada pela produção e consumo, ou seja, o reconhecimento é dado pelo mercado consumidor.

<sup>54</sup> Tendo em vista a multiplicidade de gestões e práticas de leitura, entendemos que essa experiência é interpretável enquanto acontecimento discursivo. Dessa maneira, o sujeito-leitor é investigado sob dois prismas: a experiência leitora como objeto de investigação frente ao outro, a leitura que se pratica (talvez aqui tenhamos uma forte incidência do estereótipo) e como objeto de referência a si mesmo (*ethos*), o que se diz dessa prática observando-se a relação autor-leitor-texto.

que o leitor pode ter um repertório de leituras complexas e, ainda assim, usufruir da literatura de massa. Nesse rumo, Abreu (2006) dirá:

Quando se trata dos melhores livros do século, os eruditos esforçam-se para lê-los e, sobretudo, para ter o que dizer sobre eles, pois isso é sinal de distinção e os coloca no topo da intelectualidade. Quando se trata de best sellers, ocorre justamente o inverso: dizem, galhardamente, que não leram e que, mesmo assim, não gostam (Abreu, 2006, p. 18).

Essa memória discursiva no tocante ao descontentamento com os *best-sellers* é detectável, talvez possa até ser vista como um estereótipo, as imagens cristalizadas que essa literatura cravou.

Curcino<sup>55</sup> (2022), em seus estudos sobre a leitura, observou que dentre as várias perspectivas previstas pelos discursos que estudam a leitura existem dois estados anímicos de se enunciar como leitor: a vergonha e o orgulho. As emoções estudadas por ela não são aquelas despertadas pela leitura dos textos, mas sim aquelas que são correntemente evocadas ao se falar da leitura, ou de si e do outro como leitores. Em nossa investigação, por meio de uma releitura, associaremos esse raciocínio ao modo de se compreender o *ethos* de leitor e suas contiguidades com o *pathos*. Nessa conjuntura, trataremos das paixões suscitadas na e pela linguagem. Nessa linha de raciocínio, Aristóteles (2000) dirá que a paixão é a expressão da contingência e, por ser contingente, exprime a diferença no sujeito, sendo assimilada à individualidade do ser. Ao considerarmos a inter-relação entre as três provas retóricas (*ethos*, *logos* e *pathos*) diremos que o *pathos* está associado às paixões, emoções e afetos.

Interessamo-nos pelas abordagens de Curcino (2022) porque ela estabeleceu um raciocínio para compreender os modos de expressão das emoções ao se enunciar sobre a leitura. Ela estipulou duas formas: a primeira, quando se faz referência explícita às emoções e a segunda quando o modo de enunciar permite depreender um ou outro estado afetivo relativo à leitura. Essa perspectiva nos interessa porque, mais à frente, conseguiremos fazer a aplicação juntamente com o esquema proposto por Galinari (2009) quando trata do esquema geral de processo enunciativo/argumentativo no tocante aos graus /modalidades/intensidades de adesão.

---

<sup>55</sup> Curcino (2022) examinou enunciados sobre a leitura inscritos em textos de jornais e revistas da mídia convencional brasileira, nos quais se expressam certas emoções relativas a essa prática (os textos selecionados são enquadrados nos âmbitos literários e políticos). Para explorar os estados anímicos, a autora fez referência aos estudos do campo da História Cultural, da Nova Retórica e da Análise de Discurso.

Ainda na visão de Curcino (2022), a prática da leitura carrega em si representações remissivas às atividades intelectuais e /ou de prestígio cultural. Esse pressuposto não nos impede de mencionar a existência de universos culturais que regulam os valores simbólicos dos textos. Em outras palavras, há produções textuais que gozam do capital cultural, que por sua vez, são associados a uma elite intelectual ou acadêmica, ou seja, podemos encontrar discursos que tratam sobre a prática da leitura sob os vieses das leituras autorizadas e legitimadas, atreladas a uma cultura erudita e dotada de prestígio sociocultural. Como há também, um espaço, ainda restrito, para tratar das leituras que se colocam fora do cânone e do enquadramento de “boa leitura”. Há práticas e trajetórias de leitura que nem sempre dão centralidade às coleções eleitas historicamente pela escola como patrimônio a ser incorporado pelos estudantes durante o percurso de formação continuada. Acerca disso, destacamos a necessidade de se problematizar sobre a incorporação de valores instituídos pelo gênero autoajuda e suas implicações na compreensão desse perfil de leitor.

A esse respeito, Alves e Rojo <sup>56</sup>(2020) alegam que o desejo por ler pode ser fomentado por coleções desvalorizadas no processo de formação do leitor. Sagas, livros em série, série para a televisão e games passam a estimular esse gosto pela leitura, em especial para os jovens. Dessa maneira, corroboramos com as autoras quando assumem uma posição firme, no sentido de que “uma pesquisa com leitura não pode se limitar apenas ao que se considera ‘bom’ ou ‘adequado’, mas deve considerar os modos de ler, os processos, as trajetórias, as escolhas dos sujeitos em diferentes práticas leitoras”. Nessa direção, Chartier (1991, p. 178) afirma: “é preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos”. Nessas condições, podemos acrescentar a esse pensamento as colocações dos teóricos da argumentação quando mencionam a importância dos valores como objetos de acordo:

estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos. A existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma

---

<sup>56</sup> O trabalho das autoras se volta para “os gestos de leitura dos jovens em comunidades de leitores, opondo-se ao canônico e às verdades absolutizadas sobre o que é a boa leitura, que põe em evidência forças centrífugas que desestabilizam um status de leitor, de leitura, de literatura” (Alves; Rojo, 2020, p. 148). Vejamos que esse estudo traz à tona o estatuto do valor das leituras de sagas e livros em série que se colocam fora do canônico. Relaciona-se diretamente ao nosso problema de pesquisa quando investigamos a perpetuação dos valores historicamente associados à autoajuda. Para Alves e Rojo (2020, p.146), estamos diante de polarizações discursivas que tocam dois ângulos: “práticas de leitura consideradas como ‘entretenimento’, ‘best seller’, de ‘massa’ ou ‘andaime’ para leituras mais complexas e de maior investimento qualitativo/literário.”

comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade dos grupos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 84).

Esses valores acarretam a negociação de questões, o acordo entre condutas humanas, em especial, quando estamos tratando de leituras que podem criar conceitos acerca do que seria bom (desencadeador do gosto literário mais refinado) ou de gosto menos refinado (baixa literatura, literatura de entretenimento ou sem valor formativo). Há, portanto, uma discussão sobre a hierarquia dos valores.

Nessa perspectiva, um estudo desenvolvido por Canavire (2014) tratou da narrativa vivencial na literatura de autoajuda como uma leitura que preenche a alma. Segundo a autora, o valor dos livros de autoajuda reside na exposição de problemas e conflitos reais atrelados à esfera íntima do leitor. Em nosso modo de enxergar esta questão, ponderamos que os textos são dotados de lugares-comuns, experiências compartilhadas entre a comunidade leitora e, com isso, há uma identificação do suposto leitor com os problemas compartilhados nas obras. Seria uma extensão da própria experiência. Nesse caso, leitura e experiência andam lado a lado. Sob essa ótica, não podemos deixar de fazer menção ao contexto situacional em que esses livros se proliferam.

Para Lindoso (2004), a formação da política cultural no Brasil leva em consideração a valorização da leitura por diferentes instrumentais, logo, é relevante investigar os percursos para construir e ocupar esse lugar discursivo de leitor. Ainda de acordo com o mesmo autor (2004, p.141), “o MEC é o maior comprador de livros do país e, certamente, uma das maiores agências de aquisição de livros do mundo”, todavia, o perfil do leitor tem sido flexibilizado mediante os instrumentos tecnológicos e, com isso, há uma grande diversidade de práticas de leitura.

Ao falarmos sobre práticas de leitura é necessário abrangermos as mudanças de técnicas de produção, circulação e recepção dos textos. A leitura enquanto prática social e cultural é compreendida sob duas dimensões históricas: a primeira é associada a uma memória retórico-argumentativa e a outra ao acontecimento<sup>57</sup>.

Sobre a memória retórico-argumentativa, Vitale (2016) estuda a dimensão argumentativa das memórias discursivas e, para isso, cunhou o termo “memória retórico-argumentativa”, com referência às estratégias persuasivas que, em uma série discursiva, visam

---

<sup>57</sup> Para Pêcheux (2015), esse conceito remete ao ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória.

a conquistar a adesão acerca de um determinado ponto de vista. Utilizaremos essa noção para retomarmos estudos sobre os percursos e trajetórias de leituras que envolvem, principalmente, as mídias sociais como o *instagram*, *youtube* e *tiktok*.

A dimensão tecnológica das mídias sociais não pode ser ignorada. Atualmente, o *youtube* (*booktubers*), *instagram* (*bookstagram*) e o *tiktok* (*booktoks*) são três grandes plataformas digitais que proporcionam o engajamento de jovens e adultos para a prática da leitura. A título de ilustrarmos a propagação desses gestos de leitura, selecionamos resultados de pesquisas que enfocam as mudanças de hábito de leitura, no Brasil, durante o período de pandemia da COVID-19. Os artigos foram selecionados a partir de um levantamento realizado com o suporte do *software Publish or Perish*<sup>58</sup>.

O primeiro artigo foi o de Vendas (2022), intitulado como *A influência do booktok na mudança de hábito de leitura dos jovens durante a pandemia*. Esse estudo comprovou que houve o aumento do número de leitores, do consumo e das formas de se conceber o entendimento sobre os livros. Na era pós-PC, as redes sociais disponibilizam uma gama de vídeos influenciadores, visto que hoje os leitores nativos digitais não se restringem apenas ao ato de ler o livro, existe a necessidade de socializar, comentar e discorrer sobre o que foi lido, a fim de se obter a adesão de outros leitores.

O segundo trabalho selecionado, *Ler em meio à pandemia: ressignificações e novos espaços de leitura literária*, discorreu sobre os modos de compartilhamento de leituras no *Instagram*, *Facebook* e *Youtube* por meio de *lives* destinadas à propagação de discussões sobre obras literárias e outros assuntos ligados à leitura. A autora analisou e compreendeu os caminhos da leitura e sua influência na vida de leitores no período pandêmico. Por meio de comentários e postagens muitos usuários das redes sociais relataram estados emocionais ao ler, reler, indicar leituras e discutir obras lidas por trás das telinhas. Muitos encontraram nessa prática um remédio para o alívio de tensões, ansiedades e ociosidades desencadeadas pela pandemia da COVID-19. Para Rosa (2021, p. 10), “os seguidores e participantes das comunidades *booktubers* partilham entre si saberes e olhares em que se entremeiam questões afetivas ligadas à leitura [...], além de incentivo à leitura como uma prática prazerosa”. Nesse contexto, a leitura é guarnecida por diferentes índices patêmicos.

---

<sup>58</sup> É um programa que utiliza bases de dados *on-line* (*Google scholar*, *Scopus*, *Crossref* etc) para recuperar produções acadêmicas. Cf. <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>.

Ser leitor resulta de uma memória discursiva marcada sócio- historicamente. A prática em si, pode ser exercida por muitos de nós, em seus variados contextos, como nos lembra Curcino (2021):

Embora tecnicamente ela possa ser exercida por muitos de nós, nem todos se reconhecem ou são reconhecidos como leitores frente à imagem idealizada dessa prática cultural, caracterizada pela precocidade, gosto, constância, espontaneidade e prazer na leitura de certos livros, cujos títulos e autores componham algum cânone. Esse reconhecimento advém ainda de certas formas consideradas ‘adequadas’ de se manifestar a respeito da leitura, em consonância com essas características do leitor ‘ideal’ e segundo um repertório relativamente restrito do que dizer sobre essa prática, logo, do que não dizer a seu respeito, sob o risco de ser desqualificado (Curcino, 2021, p. 9).

É notável que existe um cerceamento quando se trata de leituras que fogem aos padrões estabelecidos por uma cultura canônica. É válido questionar se existem leitores que se autodeclaram como tal ou se ficam na zona do silenciamento em virtude das reverberações de estigmas relacionados a um certo gênero literário.

Ainda seguindo a discussão das práticas de leitura no período auge da pandemia, trouxemos os resultados do estudo intitulado: *Saúde mental dos profissionais de saúde durante a pandemia de Coronavírus e seu reflexo nos processos terapêuticos: uma revisão narrativa de literatura*. O objetivo do estudo foi avaliar a influência da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos profissionais da área da saúde e seu impacto nos processos terapêuticos. No decorrer do estudo, Ribeiro *et al* (2020) fizeram menção às abordagens científicas que intervieram no tratamento dos transtornos psiquiátricos de pacientes. Os métodos utilizados foram: escalas de rastreamento em saúde mental, formação de equipes de apoio, uso de plataformas digitais, cursos de autoajuda, leitura de livros de autoajuda, transmissão ao vivo *on-line* de palestras sobre crises psicológicas, dentre outros meios. O motivo de trazermos à tona este trabalho foi porque ele retoma, sob a ótica da memória retórico-argumentativa, a relação da leitura de livros do gênero autoajuda com as práticas terapêuticas.

Como podemos aperceber, a leitura pode ser tomada em vários sentidos. Para Orlandi (2008), o que está na base da caracterização de legibilidade de um texto é a natureza da relação que alguém estabelece com ele. Para a autora, a leitura não é uma questão de tudo ou nada, ou seja, uma certa tipologia textual é legível e outra não, pois essa categorização traz em si algo de “julgamento” que está mais associada com quem a profere do que com o próprio texto. A

leitura, na visão de Orlandi (2008, p. 9), “é uma questão de natureza, de condições, de modos, de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade”.

O que nos propomos em nossas análises é justamente encontrar as discursividades que atravessam o leitor virtual e aquelas apresentadas pelo leitor real. O leitor virtual, conforme Orlandi (2008), é constituído no ato da escrita, seria uma espécie de leitor imaginário, aquele criado pelo autor, para quem ele destina seu texto e para quem ele se dirige. Nas palavras da autora:

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato de escrita. Em termos do que denominamos “formações imaginárias” em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu “cúmplice” quanto um seu “adversário” (Orlandi, 2008, p. 9).

Em nossas abordagens, trataremos essa categoria de leitor como leitor formulado, a fim de evitarmos ambiguidade com o leitor do ciberespaço.

De acordo com Orlandi (2008) existe uma relação de confronto e um jogo interacional, em que um leitor interage com outros, desdobrando possibilidades imagéticas de si. Da mesma maneira, a leitura pode ser compreendida como um fenômeno bastante complexo e o saber ler não se reduz a apenas ao que o texto diz, mas sobretudo, ao que ele não diz, embora o constitua significativamente. Uma observação bastante válida nas abordagens de Orlandi (2008, p. 11) consiste no fato de que “o (s) sentido (s) de um texto passa (m) pela relação dele com outros textos”. Essas relações atestam a intertextualidade, a relação de um texto com outros textos existentes, possíveis ou imaginados. A leitura de um texto pressupõe determinações de ordens: histórica, linguística, social, ideológica, culturais, religiosas etc. Inclusive, só a determinação histórica faz com que alguns sentidos sejam enfatizados. Outro fator importante na concepção da estudiosa do discurso é de que não há leituras previstas por um texto, como se ele fosse fechado em si mesmo, mas há leituras previstas para ele.

Para interligarmos esses conceitos à prática da leitura de livros de autoajuda, ressaltamos a relevância da concepção de leitura subjetiva apresentada por Anne Rouxel (2012, p. 272), quando nos diz que a leitura privada não se deixa observar e, portanto, não é tarefa fácil descrever o leitor atrelado ao espaço individual. Ela empregou a concepção de leitura cursiva, “denominação dada, atualmente, na França, para as leituras pessoais, autônomas e livres de coerção avaliativa”. Essa concepção difere do conceito de leitura analítica, a “de análise e

interpretação de texto, frequentemente a única praticada na escola”.

Hodiernamente, as diversidades das práticas de leitura são definidas de acordo com os diferentes fins atribuídos pelo leitor. Para a autora, as pesquisas contemporâneas comprovam que essas leituras não se reduzem a uma atividade cognitiva, a estruturação semântica se consolida na experiência do sujeito.

A esse respeito, consideramos que a prática da leitura de autoajuda pode ser associada à concepção de leitura cursiva, visto que o leitor mesmo diante de um discurso prescritivo e injuntivo precisa criar o seu horizonte de expectativa para selecionar daquele texto as respostas úteis aos seus problemas de vida, identidade, relacionamentos e incertezas de ordem social, cultural, política e econômica.

Nessa direção, endossamos que essa prática de leitura não se restringe ao caráter estético, mas amplia-se ao nível recepcional, como é preconizado pelos estudos da Teoria da Recepção<sup>59</sup>.

A concepção defendida por Jauss (2011) trouxe para os estudos literários uma inovação provocativa. Para ele, a literatura deve ser compreendida enquanto comunicação e recepção, observando-se a relação constante entre autor, obra e leitor.

A grande contribuição dessa Teoria consistiu na defesa do horizonte de expectativa, que abrange diferentes elementos, desde os elementos internos até os externos do texto, a sociedade e a história. Nesse trajeto, o percurso de interpretação das obras leva em consideração a categoria do leitor como elemento fundamental na constituição dos sentidos. O leitor inserido em determinado contexto histórico tem a necessidade de suplementar a obra através de um movimento de atualização do horizonte de expectativa. Por fim, o leitor é o responsável pela interpretação da obra.

Essa é uma discussão ampla e como necessitamos de delimitações temáticas, esperamos ter contemplado um cenário das práticas leitoras. Desse modo, reservamos para a próxima seção a apresentação de outros embasamentos teóricos desta pesquisa.

---

<sup>59</sup> A Estética da Recepção surgiu em 1967 com a publicação da Aula inaugural de Hans Robert Jauss. Essa teoria surgiu como uma resposta aos estudos literários que desconsideravam a participação do leitor como elemento ativo no sistema de produção literária. A Teoria da Recepção deu espaço para que o leitor e a leitura ocupassem um lugar privilegiado nos estudos literários.

## Seção II- PRISMAS DOS ESTUDOS RETÓRICOS, ARGUMENTATIVOS E DISCURSIVOS

Nas próximas páginas deste trabalho temos um percurso que abrange a essência da ciência retórica, passando por seus momentos de auge e de crises. Dentre vários episódios interessantes das ramificações da retórica, selecionamos alguns que se referem aos desdobramentos de conceitos que abrangem a Teoria da Argumentação. Na sequência, apresentamos intersecções entre a Argumentação e a Análise de Discurso. Por fim, explanamos sobre as noções de *ethos*, interdiscurso, *doxa*, lugares e estereótipos.

### 2.1 A Retórica é uma fênix: as bases da Nova Retórica

De acordo com Barthes (2001, p. 9), “a retórica (como metalinguagem) nasceu do processo de propriedade”. Nesse contexto, a retórica emerge como um instrumento democratizador contra o abuso de poder.

Registra-se o nascimento da retórica no século V a.C, em Siracusa, na ilha da Sicília (atual região da Itália). Como instrumento de luta, a história da retórica é marcada pelos processos de restituição de terras subtraídas pelos tiranos após a queda do general ateniense Trasíbulo (455 a.C-388 a.C). Ela desenvolveu-se como uma “militante”, disposta a servir aos homens, especialmente, nas resoluções de conflitos. Costa (2019), ao realizar uma abordagem sobre a retórica na Antiguidade e na Idade Média, pensando em termos transcendentais, diz que os siracusanos foram agraciados com dotes retóricos e, por isso, eram vistos como homens de eloquência natural. O que não podia ser olvidado é que essa retórica, ainda em fase incipiente, precisava passar por uma sistematização para alçar a organização racional desse dom natural concebido àquela cultura nativa.

Encontramos os primeiros gestos de sistematização da retórica em Aristóteles. Nesse ínterim, Aristóteles (2011) definiu a retórica como a arte de persuadir pela palavra. Em outros termos, o homem detém o privilégio de desfrutá-la para exercer influência sobre os demais, utilizando-se dos meios adequados para persuadir em cada caso. Na Grécia Antiga, a retórica foi fruto da *pólis*, da cidade livre onde as decisões públicas convocavam o debate (Amossy, 2020). Promoveu-se, assim, a arte da argumentação para causas públicas.

Para Reboul (2004, p. 9) “pode-se dizer que os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo. É aos sofistas que a retórica deve os primeiros esboços de gramática, bem como a disposição do discurso e um ideal de prosa ornada e erudita”. Górgias, Protágoras e Isócrates sustentaram os fundamentos sofísticos da retórica. Isócrates, grande retórico ateniense que incluiu a retórica no currículo escolar ateniense, foi o primeiro a esboçar uma reação contra os sofistas, atacou o excesso de tecnicismo deles e do profissionalismo absoluto. Fato curioso, como menciona Mateus (2018, p. 66), é que “Isócrates era, ele próprio um sofista, mas ele insurge-se contra aqueles que ensinavam. [...] uma oratória enganadora apostada em atingir objetivos pessoais (Isócrates referia-se aos erísticos)”. Eles não estavam preocupados em ensinar as virtudes, pelo contrário, buscavam a compensação financeira de suas ministrações. Dessa forma, desvirtuavam o propósito original da ciência retórica.

Para Mateus (2018, p. 68), Aristóteles celebrou a Retórica pela sua utilidade, que a legitima socialmente. “Na Sofística, a Retórica reina. Mas reina para dividir e conquistar. Estando ao serviço dos interesses individuais daqueles que podiam pagar o ensino, a Retórica torna-se refém da Sofística”. Seria, pois, um motivo para que Platão (427 a.C-347 a.C) trouxesse a sua insatisfação com a retórica. À vista disso, no *Górgias*, ele rejeitou a validade da retórica. As postulações de Perelman (2004, p. 269) confirmam que Platão fazia distinção entre uma retórica digna de elogios e uma retórica desprezível, aquela que atende a “uma técnica do verossímil para o uso do vulgo”.

Diante disso, Aristóteles propôs dois modos de raciocinar: a demonstração analítica e a argumentação dialética. Para Aristóteles (2011), o estudo metódico da retórica tange aos modos de persuasão, todavia sua função não se restringe a atingir a persuasão, mas discernir os meios de persuasão em cada caso. A persuasão é obtida por meio do próprio discurso quando ecoa como “verdade”, ou ao que é semelhante à “verdade”, a depender do uso persuasivo da linguagem em cada uma das situações comunicativas.

Ao defender a retórica como uma contraparte da dialética, Aristóteles notou que nem uma nem outra é uma ciência com objeto definido de estudo. As duas atuam como esferas de poder e fontes de argumentos. Enquanto a Retórica opera no âmbito do plausível, do verossímil e do provável, a dialética é a arte da controvérsia. No que concerne a essa formulação, Mosca assegurou a consistência da doutrina aristotélica ao alegar que:

O ponto fundamental da doutrina aristotélica, no que toca à Retórica, reside em considerá-la do domínio dos conhecimentos prováveis e não das certezas e das

evidências, os quais caberiam aos raciocínios científicos e lógicos. Por essa razão, o seu campo é o da controvérsia, da crença, do mundo da opinião, que se há de formar dialeticamente, pelo embate das ideias e pela habilidade no manejo do discurso (Mosca, 2001, p. 20).

A Retórica é interativa e representa a teoria do discurso persuasivo, campo profícuo para a argumentação e o dissenso, lugar de confronto das subjetividades, ela serve à diversidade de culturas e enquanto ciência só pode ser experimentada quando entrelaçada às diferentes práticas sociais.

Em Barthes (2001), temos acesso a um panorama de várias práticas que envolveram a história da retórica. A Retórica é concebida a partir de cinco práticas, são elas: prática de ensino, científica, moral, social e lúdica. Enquanto prática científica, funciona como um campo de observação autônomo dos “efeitos” de linguagem, a exemplo das figuras de retórica. Na dimensão moral, constitui-se como um sistema de “regras”, um corpo de prescrições morais cuja função é impedir a vasão da linguagem passional. Na dimensão lúdica, representou a derrisão da Retórica. Como prática social, ela é compreendida, segundo Barthes (2001, p. 6), como técnica privilegiada, “uma vez que nascida a 2.500 anos de processos de propriedades, ela se esgota e morre na classe de retórica, consagração iniciática da cultura burguesa”.

Barthes (2001) estabeleceu um percurso diacrônico para explicar os momentos de avanços da retórica, passando por suas origens na Sicília, pela trajetória da retórica sofística, pela abrangência dos estudos de Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano.

Ao compartilhar essa retrospectiva com os postulados de Reboul (2004), conferimos que, para esse filósofo, é salutar manter uma compreensão da retórica sob o ponto de vista da tradição. Dessa forma, ele remonta às origens da retórica clássica, cujas postulações de ordem aristotélica perduraram até o século XIX. Ao tratar sobre a retórica e seu estatuto de arte, Reboul levou-nos a refletir sobre os tipos de retórica, um raciocínio muito próximo ao que já encontramos na exposição barthesiana.

Reboul preconizou a existência de dois tipos de retórica: uma espontânea e outra ensinada. A espontânea é aquela que dispensa uma formação específica, enquanto a retórica ensinada advém de técnicas de expressão e comunicação que serviam à formação de vendedores ou políticos desprovidos da espontaneidade dessas habilidades. Ambas são sustentadas por procedimentos intelectuais e afetivos, que fazem da retórica uma técnica.

Dito isso, é importante ressaltarmos que Reboul (2004, p. XIV) considerou o discurso como “toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência

de frases que tenha começo, fim e apresente certa unidade de sentido”. Para ele, alguns discursos eram desprovidos de teor retórico, como: discursos encontrados em romances, comédias, contos populares, piadas, textos de caráter puramente científico ou técnico (manuais, veredito, ordem) não visavam à persuasão. O discurso recebeu uma designação mais restrita, mas isso não impediu a formulação de explicações sobre o objeto da retórica de uma maneira mais ampla. Reboul (2004) concebeu a retórica como um discurso de teor persuasivo, capaz de conduzir alguém a crer em alguma coisa.

Em relação à pertinência de gêneros desprovidos de teor retórico, como sabemos, essa visão não perdura mais. Hoje, o conceito de gêneros retóricos foi ampliado e encontramos a argumentação<sup>60</sup> nas mais variadas formas de comunicação. Mosca (2003, p. 152), considera que a Retórica “ao longo de sua trajetória não se restringe a um determinado objeto discursivo, nem a um gênero próprio e determinado, servindo a todas as línguas e às culturas”. Assim, podemos afirmar que os livros científicos, ou sem estatuto científico, carregam em si um teor persuasivo<sup>61</sup>. Uma persuasão que atende aos mais variados interesses, de ordem intelectual e/ou mercantil. Por falarmos desse teor persuasivo, não seria exaustivo trazer a esse contexto o conceito de retórica para Júnior (2005), quando alude ao conceito de retórica compartilhado entre Górgias, Platão, Aristóteles e Quintiliano, no sentido de convergirem quando denotam à retórica a funcionalidade de criação e elaboração de discursos com fins persuasivos.

A esse respeito, podemos dizer que o discurso encontrado em livros de autoajuda e desenvolvimento pessoal, por exemplo, é dotado de características retórico-argumentativas, capazes de mobilizar o mercado livreiro e a camada seguidora desse tipo de leitura, motivo pelo qual devemos discorrer sobre o teor persuasivo de tais obras, ao conduzir pessoas às crenças e valores perpetuados em tais produções. E, ao levar em consideração a abrangência do gênero autoajuda no século XXI, não podemos deixar de lado a sua configuração sofisticada<sup>62</sup>. Se por um lado temos um número relevante de adeptos desse tipo de leitura, por outro, é preciso pensar

---

<sup>60</sup> Adotamos o termo “argumentação” porque engloba tanto os estudos de argumentação formal quanto os de argumentação discursiva, diferentemente de outros termos, como por exemplo, argumentatividade. Atualmente, é consenso entre os teóricos que o termo “argumentatividade” está relacionado à argumentação na língua, conforme a teoria de Ducrot. Corroboramos com Amossy (2020) quando reconhece as contribuições desse teórico em parceria com Anscombe, responsáveis pela inserção dos estudos da argumentação nas ciências da linguagem.

<sup>61</sup> Conforme Citelli (2002), persuadir não se resume a ser sinônimo de engano, mas é o resultado de uma organização do discurso que o apregoa como verdadeiro para o interlocutor.

<sup>62</sup> “A sofisticada não é, assim, uma ciência, mas um método de discurso retórico. A retórica ou arte oratória está aqui apenas ao serviço do convencimento possível e não de um convencimento racional ou rigoroso”. (Mateus, 2018, p. 64).

sobre os efeitos de uma retórica sofisticada. Aquela que, segundo Mateus (2018, p. 63), é vista como arma, criticada por Platão justamente “pela possibilidade de enganar e mentir (mais exactamente, o facto do orador parecer sapiente mesmo que o não seja)”. Esse resultado estaria atrelado à faceta de uma má retórica, aquela que mostra uma concepção de mundo manipulada pela força e autoritarismo. Em contrapartida, temos uma boa retórica, aquela que incita ao dialogismo, às perguntas e respostas, problematiza a realidade, a retórica que, segundo Meyer (2007), negocia a diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada.

A Retórica é uma técnica de demonstração do pensamento e das formas de compreensões do mundo. Assim, também é vista como prática social. Para Mateus (2018, p. 39), ela é, também, “uma prática discursiva omnipresente em todos os momentos da vida social. A linguagem contém em si um poder: o poder de chegar aos outros e comunicar-lhes as ideias, ambições e necessidades”. Diante disso, convencer e persuadir são vistos como fenômenos inerentes às práticas discursivas.

De acordo com Perelman (1993, p. 26), “o declínio da retórica, a partir dos finais do século XVI, deveu-se à ascensão do pensamento burguês, o qual generalizou o papel da evidência”, assim, desprezou-se a importância da razão prática.

Outro fator de relevância é o ressurgimento dela atrelado à argumentação e ao aparecimento da Pragmática, “quando o discurso e, conseqüentemente a argumentação, passaram a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas sobre a linguagem” (Guimarães, 2001, p. 145). Após longos anos de silenciamento dessa ciência, ela ressurgiu acompanhada pela força das democracias ocidentais (Mateus, 2018), sendo restaurada pelos estudiosos da Nova Retórica.

O rompimento realizado com os moldes da velha retórica (aquela que se reduzia à análise das figuras) trouxe uma nova roupagem para os estudos argumentativos. A partir de 1947, na Bélgica, Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca resgataram a ideia de dialética como um saber relevante e, assim, desenvolveram pesquisas que resultaram, em 1958, na publicação do *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. De acordo com Cunha (2004), esse era o mesmo ano em que S. Toulmin<sup>63</sup> publicava o seu *The Uses of Argument* (Os Usos do argumento).

---

<sup>63</sup> As abordagens do filósofo inglês foram relevantes para a reforma dos estudos sobre a Lógica. Segundo Velasco (2022, p.42), tais investigações “constatarem que a razão não se reduz à lógica clássica: há outras maneiras de raciocinar e fundamentar ideias e valores que não podem ser avaliados pelos padrões usuais da lógica”.

O pioneirismo dos estudos promovidos pelo pensador belga anunciou uma ruptura com concepções de razão e de raciocínio provenientes de Descartes (evidência racional do cartesianismo). Em meio ao aglomerado de perspectivas históricas sobre o surgimento da retórica, reservamos um espaço para tratarmos desse campo de conhecimento que ultrapassa as fronteiras da antiguidade e retorna “forte e sadia”, a partir dos anos 60, com as teorias retóricas modernas, sobretudo, pelos resgates produzidos pela Teoria Argumentativa de Perelman e seus continuadores. Assim, Mosca (2001) assegurou:

O fato de que hoje se dá o retorno a uma concepção de Retórica bem mais próxima das fontes fica evidente em seus novos desdobramentos, representados pelas Neo-Retóricas, de que são exemplos as Teorias da Argumentação, fundadas nas lógicas não-formais (de Chaïm Perelman e Lucie Olbrecht-Tyteca, de Michel Meyer, A. Lempereur e outros) e nas lógicas naturais (de Jean-Blaise Grize e Georges Vignaux, além de outros), assim como a Retórica Geral do Grupo  $\mu$  (Jean-Marie Klinkenberg, J. Dubois, Philippe Minguet, Francis Edeline, F. Pire e H. Trignon), cuja atuação nos últimos vinte anos vai muito além de uma simples retórica das figuras. O Grupo vem estendendo o tratamento retórico a outras linguagens, que não as exclusivamente verbais (pictóricas, filmicas etc.) (Mosca, 2001, p. 20-21).

Conforme Mosca (2001), a retomada da velha retórica não acontece como obra do acaso, mas é marcada como um terreno fértil e amigável com diversas disciplinas que se configuraram no decorrer do século XX, a saber: a Linguística, Semiologia, Teoria da Informação e a Pragmática. Para Mosca<sup>64</sup>, os princípios que norteiam a retórica internamente e fazem com que ela refloresça continuamente é a aceitação da mudança, o respeito à alteridade e a consideração da língua como lugar de confronto das subjetividades. A mudança é um elemento constitutivo das diferentes tendências da retórica, na atualidade.

Mosca (2003) afirma que o retorno da retórica trouxe à tona noções caras, tais como as de senso comum, valores, crenças, adesão e outras. A estratégia de Perelman para retirar a retórica do limbo é defini-la como a lógica dos juízos de valor. Contudo, antes da reabilitação da retórica, no uso comum, esse campo do saber passou por uma fase de grande desvalorização de sua essência, fator esse que, em algumas situações atuais, ainda respinga em discursos comuns quando aludem ao termo retórica de forma pejorativa, como bem postulou Mosca.

Os estudos retóricos foram revitalizados, todavia, para compreender o percurso da retórica é indispensável recorrer aos rudimentos aristotélicos. Desta vez, o resgate da noção de

---

<sup>64</sup>Em Mosca (2001) entendemos que para Aristóteles a retórica era identificada como a sùmula dos conhecimentos humanos. Ele abalizou esse conceito como sendo sinônimo da suprema sabedoria, por isso, atribuiu-lhe um lugar de ciência.

raciocínio dialético foi incitado por questões originariamente jurídicas, mas não impossibilitou o reconhecimento unânime da contribuição de Perelman entre as mais significativas da segunda metade do século XX para os estudos linguísticos e filosóficos.

Com uma escrita precisa, Perelman (1993) explica-nos sobre os modos de composição das bases de uma argumentação. Diferentemente de um raciocínio demonstrativo, aquele que se firma em sistemas formalizados, a argumentação tem por objetivo provocar ou aumentar a adesão de um auditório às teses que se apresentam ao seu assentimento, sustentando-se pela lógica do verossímil e do provável. O filósofo assumiu a missão de reestruturar uma das categorias mais discutíveis da retórica, a noção de auditório.

Na visão de Perelman, o ponto de partida de uma argumentação prevê um acordo entre orador e auditório. Esse acordo é alcançado por meio da interação entre os participantes da situação argumentativa. A Argumentação dentro da Nova Retórica opõe-se à Lógica Formal, rompendo-se com a racionalidade demonstrativa cuja lógica depende dos experimentos e das evidências.

Com a racionalidade argumentativa, o desenvolvimento de uma argumentação incorpora os valores que se sustentam na categoria do real: fato, verdades e presunções, ligados a um auditório universal. Na categoria do preferível, os valores, hierarquias e os lugares do preferível estão associados a um auditório particular. Dessa forma, as possibilidades de escolha das premissas e de montagem de um raciocínio podem configurar um leque diversificado de acordos entre orador e auditório. Consequentemente, para que o orador obtenha êxito no seu projeto argumentativo é fundamental atentar-se à organização e escolha das premissas da argumentação.

No projeto da Nova Retórica, a argumentação propõe-se a agir sobre um auditório, modificar as suas convicções ou disposições por meio de um discurso que se lhe dirige e que visa ganhar adesão dos espíritos. Temos, portanto, a ação de linguagem, em que o orador quer agir sobre um auditório. Essa adesão é eficaz quando cria uma disposição ou incita à ação (persuasão). Para alcançar esse fim, é importante que o orador saiba se adequar ao tipo de auditório que se quer persuadir. Perelman (1993, p. 33) diz que: “[...] se se quer definir o auditório de forma útil para o desenvolvimento de uma teoria da argumentação, deve-se concebê-lo como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação”. A categoria de auditório ainda é bastante discutível no âmbito dos estudos argumentativos, e,

consequentemente, será observada em nossas análises quando estudarmos a variedade de temáticas e a diversidade de público-alvo da leitura de autoajuda.

Dando seguimento às concepções da Nova Retórica, Perelman (1993) aprofundou as reflexões sobre a significação, interpretação dos dados e das figuras de retórica/argumentação. Ressaltou a inter-relação entre os binômios: retórica-argumentação e discurso-auditório. Para Mosca (2001), as concepções teóricas de Aristóteles e Perelman interseccionam a retórica como uma teoria do discurso persuasivo.

À luz dos estudos de Perelman, repensamos a racionalidade sob a ótica das instâncias histórica e dialética. Mediante o alargamento das noções de razão, auditório, figuras retóricas, das técnicas argumentativas e dentre outros conceitos fundamentais para a Teoria da Argumentação, podemos corroborar com Meyer quando declarou que

a Nova Retórica é, então, o “discurso do método” de uma racionalidade que já não pode evitar os debates e deve, portanto, tratá-los e analisar os argumentos que governam as decisões. Já não se trata de privilegiar a univocidade da linguagem, a unicidade *a priori* da tese válida, mas sim de aceitar o pluralismo, tanto nos valores morais como nas opiniões (Meyer, 2005, p. xx).

Após esses apontamentos, enfatizamos que no apogeu da Nova Retórica fomos presenteados com a proposta de uma racionalidade argumentativa, resgatando-se o legado aristotélico e nos distanciando de uma racionalidade apodítica.

Em virtude de nossos *corpora* exigirem uma reflexão sobre os movimentos de negociação das distâncias das questões que são postas aos leitores/consumidores de livros de autoajuda, postulamos algumas considerações ancoradas nas abordagens de Michel Meyer.

A relevância dos estudos desenvolvidos por ele abrangem a filosofia do questionamento (Problematologia<sup>65</sup>), que semelhantemente à Teoria da Argumentação, desenvolveu-se no contexto da Escola de Bruxelas. De modo geral, não nos ateremos ao que convencionalmente chamamos de diferença problematológica, com o par questão-resposta, buscaremos subsídios nas concepções que tratam da lógica da sedução e predação.

Meyer (2007) usufruiu do contexto da Nova Retórica para desenvolver a concepção de retórica como sendo a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada.

---

<sup>65</sup>Entendemos que a problematologia é o pressuposto epistemológico para todo o trabalho científico, visto que estamos a todo momento em busca de identificar, responder e distinguir os questionamentos, os problemas que permeiam as nossas pesquisas e nossas práticas retórico-discursivas.

Essa retórica está direcionada à adesão e ao acordo entre os sujeitos, a fim de favorecer a persuasão. Para que haja retórica é importante que uma questão seja levantada, permaneça e avance para a negociação de posições entre os indivíduos. Na visão de Meyer (2007), a Retórica e a Argumentação são compreendidas como campos que possuem especificidades, mas que, em determinadas conjunturas, também podem ser tratados a partir da unicidade, assim como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) não diferenciavam retórica<sup>66</sup> e argumentação.

Ao tratar das especificidades dos campos, Meyer (2007) afirma que as relações argumentativas explicitam a diferença por meio do *logos* e pela inferência. Nessa ótica, a Retórica interessa-se pela resposta comum, como uma argumentação condensada, ao passo que a Argumentação focaliza as reflexões das respostas, pela variedade de interpretação para questões problemáticas. Ao tratar da unificação dos campos e da lógica argumentativa, Meyer nos diz que “a argumentação explicita o porquê de uma resposta, partindo de uma pergunta para a qual as respostas possíveis se superpõem, se anulam, permanecem problemáticas” (Meyer, 2007, p. 69). Enquanto isso, a Retórica esvazia a pergunta, como uma técnica argumentativa. Ambas visam ao mesmo fim, ou seja, à aceitação da resposta, logo, a preferência por uma ou outra dependerá da situação comunicativa.

Avancemos, então, para as postulações de Meyer sobre as lógicas da sedução e predação na obra *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução* (1993).

O filósofo destacou o seguinte: “[...] A retórica, sob uma forma ou outra, é o espaço onde a identidade se torna diferença e a diferença identidade, sempre num jogo sutil de aproximações e de afastamentos, de comunhão e de exclusão” (Meyer, 1993, p. 135). É importante frisar que esse paralelo entre identidade e diferença abrange, intrinsecamente, todas as relações humanas. Ainda na mesma obra, entendemos que a retórica/argumentação, ao tentar compatibilizar a diferença e a identidade, revela-se mesclada com a lógica da sedução e predação.

No processo de sedução, “[...] o sedutor está sempre a oferecer ao seu interlocutor possibilidades de recusa, patamares de consentimento que lhe permitem subtrair-se e partir de livre vontade” (Meyer, 1993, p. 137). O funcionamento da lógica do sedutor busca diminuir a distância entre os interlocutores, criando a ilusão de superação ou inexistência desta, por isso,

---

<sup>66</sup> Para Amossy (2020, p. 10), as duas designações na obra- *Tratado da Argumentação: nova retórica*- remetem aos “meios verbais suscetíveis de fazer os espíritos aderirem a uma tese”.

Meyer declara que há uma combinação incontornável de violência e sedução, na tentativa de convencer-vencer e a todo custo procura-se anular as diferenças para se imprimir uma identidade. Paralelamente, na lógica do predador, o convencimento denota a vitória sobre o duelo argumentativo. A predação representa a lógica do poder, do estatuto e do papel social. Ainda no enquadramento da negociação das distâncias, Meyer discute sobre a questão publicitária. Para o autor, a publicidade responde à questão de ser ao dar forma a essa pergunta. Instaura-se uma identidade figural entre o que o produto promete e os desejos visados. O que significa dizer que em toda publicidade existe não apenas um problema que é apresentado, como, finalmente, resolvido, graças ao produto.

Os estudos empreendidos por Meyer (1993) comprovam que existe uma lógica na recepção de qualquer mensagem, a ponto de sentirmos dificuldades para distinguir os efeitos da paixão e razão. Consequentemente, o filósofo afirma que a retórica e a passionalidade estão relacionadas desde sempre, inclusive, menciona a dedicação de Aristóteles a esse assunto. Por outro lado, sinaliza a evasão ocorrida nos estudos de Toulmin e de Perelman quanto às paixões, pois deram ênfase aos estudos da racionalidade argumentativa.

Para este momento, é indispensável ressaltarmos como os mecanismos argumentativos e retóricos estão sempre em pauta nas diferentes esferas da atividade humana. Dessa forma, sucumbe-se as razões para se promulgar o esquecimento da retórica, visto que ela ressurgiu e se revitaliza a partir de novas perspectivas teóricas. Tendo em consideração essa vitalidade, reservamos o próximo tópico para tratarmos das interfaces entre os estudos discursivos e argumentativos.

## 2.2 Interfaces entre a Argumentação e a Análise de Discurso

O estudo dedicado às interfaces entre esses campos disciplinares tem sido um compromisso assumido por estudiosos da linguagem, a exemplo de Ruth Amossy.

Na perspectiva de Amossy (2020, p. 11), “a análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise de Discurso (AD) na medida em que deseja esclarecer os funcionamentos discursivos”, diante disso, a expressão “argumentação no discurso”, pretende, pontualmente, assinalar esse pertencimento. Consoante a autora, as tendências francesas contemporâneas, situadas pelos estudos de Maingueneau e Charaudeau, a definem a partir dos seguintes ângulos integrativos:

1. relaciona a fala a um lugar social e a quadros institucionais;
2. ultrapassa a oposição texto/contexto: o estatuto do orador, as circunstâncias sócio-históricas em que ele toma a palavra ou a pena, a natureza do auditório visado, a distribuição prévia dos papéis que a interação aceita ou tenta frustrar, as opiniões e as crenças que circulam na época são fatores que constroem o discurso e cuja análise interna deve levar em consideração;
3. se recusa a pôr na origem do discurso “um sujeito enunciador individual que seria dono de si mesmo” (Mazière, 2005, p.5): o locutor, como o auditório, é sempre atravessado pela fala do outro, pelas ideias preconcebidas e pelas evidências de uma época e é, por isso, condicionado pelas possibilidades de seu tempo (Amossy, 2020, p. 11-12).

Observemos que no rol dessas definições existe uma intersecção mútua entre o histórico e individual, visto que a fala não é apreendida isoladamente, nem tampouco defende-se uma dimensão opositiva entre texto e contexto. Há uma sequência de elementos discursivos constitutivos desse processo. O contexto linguístico, social e histórico é mobilizado pela palavra, acionados por meio do orador, auditório, discurso, fatores de diversas ordens são considerados em suas dimensões inter e intradiscursivas.

Lima (2022), ao corroborar com as postulações de Amossy (2020), afirma que a Argumentação no Discurso se insere no domínio da Análise de Discurso. Isso significa dizer que estamos diante de campos que permitem um certo nível de diálogo com outras áreas. Esse movimento deve ser pensado por todos os estudiosos da linguagem, dado que não seria vantajoso impor barreiras intransponíveis quando estamos diante de nossos objetos de análise.

De acordo com os levantamentos realizados por Lima (2022), registra-se o advento desse alargamento dialógico entre os estudos discursivos e a retórica por volta dos anos de 1990, mantendo-se bastante cautela no tocante ao tratamento concedido à noção de sujeito<sup>67</sup>, em ambas as disciplinas.

Observemos que a Argumentação no Discurso é múltipla e oriunda de diversas áreas, a saber: retórica, lógica e a pragmática. Recebeu contribuições da retórica aristotélica, como também, daquela retórica das figuras, com Quintiliano e Cícero (Lima, 2022). No tocante a essa base retórica, a Argumentação no Discurso sustenta os seus alicerces na Nova Retórica de

---

<sup>67</sup> Na Retórica/Argumentação conserva-se a imagem do sujeito soberano, fonte de seu dizer, que também é afetado por dizeres de um outro. Por sua vez, na Análise de Discurso parte-se de uma construção de sujeito como aquele que não tem controle sobre a origem de seu dizer, é atravessado e mesclado por diferentes vozes, mas que também, conforme Lima (2022, p. 164), “pode ter uma certa margem de ação”. Consideramos que há um enriquecimento no modo de se conceber a noção de sujeito quando angariamos a proximidade de visões compartilhadas entre esses dois campos do conhecimento, uma vez que todo sujeito pode ser pressionado pelas relações de forças, por formações discursivas diversas, mas ainda assim, não lhe é imputada uma imobilização tácita.

Perelman e Olbrechts-Tyteca. Ainda na concepção da estudiosa supramencionada, esse eixo remodelado da retórica trouxe para o centro das discussões noções relevantes, como: valor, acordo prévio e, em especial, reflexões acerca da noção de razoável, que mesmo sendo conceitos explorados no campo do direito, conseguiram corroborar satisfatoriamente com os postulados da argumentação. Em complemento, Lima (2022) expõe, como característica própria da Nova Retórica, a ênfase dada ao planejamento do discurso (*inventio*), o que propiciou a exclusividade das tipologias argumentativas na maior parte da obra *Tratado da Argumentação*, com tratamento exclusivo do *logos*.

Como não podemos tratar da Argumentação no Discurso sem destacarmos os relevantes estudos empreendidos por Ruth Amossy, faz-se necessário mencionar a forma como ela didatizou os tipos de tratamentos outorgados aos discursos sociais, elencados em seis dimensões: a linguageira, a dialógica, a genérica, a comunicacional, a textual e a figural. (Amossy, 2020). Essas perspectivas fornecem subsídios para os analistas do discurso. Nas palavras de Lima (2022):

[...] a problemática do discurso defendida por Amossy (2018) associa a argumentação retórica a uma abordagem discursiva, sem emitir julgamentos. Em outras palavras, ela não é crítica nem avaliativa, mas analítica. Embora o analista possa lidar com objetos complexos e mesmo “quentes”, os quais exigem uma posição crítica, a orientação da análise argumentativa se dirige para a “retirada do véu”, sem pretender explicitar um engajamento ideológico. [...] A argumentação no discurso não se propõe a denunciar e a julgar, mas sim a analisar os discursos sociais. Sua prática é analítica e visa iluminar o objeto discursivo a partir de seu interior, a fim de depreender modos de dizer que são também modos de fazer (Lima, 2022, p. 171).

Essa interface, portanto, só resultou em grandes vantagens para os cientistas da linguagem. Ainda na perspectiva de Amossy (2020), ao emprendermos uma análise argumentativa devemos levar em conta os esquemas e argumentos, a utilização da linguagem em seu contexto dialógico e as articulações com os contextos sociais e culturais.

Nessa articulação teórica entre AD e os estudos argumentativos, trouxemos algumas contribuições propostas por Galinari (2009), quando promoveu reflexões teóricas baseadas nas retóricas antigas e modernas e nos postulados da Análise do Discurso<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 45), eventualmente, “na literatura francófona, tenta-se estabelecer uma distinção entre ‘análise do discurso’ e ‘análise de discurso’, mas ela não se impôs”. Dessa maneira, o uso da terminologia Análise *do* Discurso corresponde à manutenção do estilo empregado pelos autores mencionados em algumas seções deste trabalho, tal como Galinari (2009).

No esquema geral proposto por Galinari (2009) há variáveis agrupadas em três níveis: moldura sócio-histórica e situacional (contexto argumentativo), gênero (ambiente textual-discursivo) e relação argumentativa (com base no *corpus* selecionado). Esse esquema foi importante para trazer à baila o funcionamento conjunto dos três elementos básicos da intensidade de adesão – teses, ações e emoções pertencentes aos *corpora*. “[...] pode-se dizer, assim, que os efeitos persuasivos variam segundo o gênero utilizado, que também influi na configuração dos argumentos, ou melhor, na predominância do *ethos*, do *pathos* ou do *logos* e nos seus modos de inter-relação.” (Galinari, 2009, p. 170). Esses efeitos persuasivos são potencializados em função do contexto situacional e do enquadramento genérico.

Tendo em vista as reciprocidades desses campos disciplinares e as necessidades apontadas pelos *corpora*, nas próximas subseções apresentaremos as categorias analíticas que transcorrem os estudos discursivo-argumentativos.

### 2.3 As propagações do conceito de *ethos*

O *ethos* foi um conceito explorado, preliminarmente, por Aristóteles. Na obra *Retórica* (2011), ele propôs três dimensões para o entendimento do processo argumentativo. O estagirita deu ênfase a três provas traçadas pelo discurso: *logos*, *ethos* e *pathos*.

Quando trouxemos a categoria de *ethos* para dar sustentação às postulações teóricas, apresentamos de forma sucinta as bases conceituais do *ethos* aristotélico<sup>69</sup> e demos ênfase às concepções alusivas ao *ethos* na perspectiva dos estudos discursivos. Tendo em vista o alargamento dessa noção como um instrumento de análise de caráter interdisciplinar, podemos considerá-lo, assim como apontou Eggs (2016), como problemática e campo de pesquisa, sondado por diferentes áreas, como a Retórica, Análise de Discurso e a Sociologia.

Aristóteles (2011, p. 45), em suas explicações sobre a persuasão obtida por meio do caráter pessoal do orador, dava indícios da existência do *ethos* prévio, quando ressaltou que: “[...] esse tipo de persuasão, semelhantemente aos outros, deve ser conseguido pelo o que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie o discurso”.

---

<sup>69</sup> Para Aristóteles, o *ethos* é a imagem de si construída no discurso. Para os romanos, a exemplo de Cícero e Quintiliano, o *ethos* é “um dado preexistente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe de seu modo de vida etc.)” (Amossy, 2016, p. 17).

Eggs (2016) aduziu dois campos semânticos ligados ao termo: o primeiro está associado às atitudes e virtudes, por isso, é fundado por um sentido moral e associa-se à honestidade e benevolência, enquanto o segundo concentra um sentido neutro e reúne termos como costumes e caráter.

Para Aristóteles (2011), as estratégias persuasivas podem ser ampliadas por meio dos ouvintes, ou seja, do efeito resultante do “contato” entre o discurso e as emoções (*pathos*). Outra maneira de obter a persuasão seria por intermédio do próprio discurso (*logos*), no que é demonstrado ou parece demonstrar. Diríamos, de forma sugestiva, que o *logos* ocupava um lugar de maior independência, um caráter autárquico. Segundo Eggs (2016, p. 41), “o peso dessas três provas é relativo, uma vez que depende do gênero oratório ou, em uma linguagem mais moderna, do tipo de texto”. Dessa maneira, somos adeptos das reflexões que defendem a inter-relação das provas retóricas.

De acordo com Eggs (2016, p. 31), “o lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele.” As estratégias demonstradas pelas escolhas linguísticas e estilísticas realizadas pelo orador são algumas das ferramentas modeladoras do *logos*, *ethos* e *pathos*. Para o sucesso do empreendimento retórico, Aristóteles suscitou a atuação de três qualidades que inspiram confiança: *phrónesis*, *areté* e a *eúnoia*.

Para Eggs (2016), a *phrónesis*<sup>70</sup> remete à prudência e à razoabilidade. A *areté* confere o que há de virtuoso, por isso, os oradores inspiram confiança se argumentam com honestidade/sinceridade. Na *eúnoia*, os argumentos devem construir uma imagem agradável desse orador que se expressa de forma solidária e amável. Não é o nosso objetivo detalharmos essas acepções, por isso, referenciamos brevemente as características dessas dimensões, visto que para Aristóteles, só o orador que domina e mostra em seu discurso essas qualidades estará propício a alcançar o convencimento de seu ouvinte.

Nessa conjuntura, seguiremos com as abordagens sobre o *ethos* no âmbito dos estudos discursivos. Na compreensão do expansionismo do conceito de *ethos*, Santos e Mariano (2022) afirmam:

---

<sup>70</sup> Trouxemos essas noções, nesta seção, para demonstrarmos como era a apreensão do *ethos* na visão aristotélica, posto que a contribuição aristotélica foi crucial para o entendimento dessa categoria.

Nos estudos discursivos, o *ethos* permanece sendo apenas o do orador, mas a principal diferença entre o *ethos* de Aristóteles e o *ethos* dos estudos discursivos é a introdução da concepção de *ethos* prévio/pré-discursivo (exterior à linguagem, como o da sociologia de Bourdieu) que, no entanto, não importa tanto quanto o construído no momento da enunciação. Segundo essa concepção, quando o orador toma a palavra, constrói uma imagem de si, a partir disso, o resultado poderá ser compatível com o estatuto social do orador ou [com a] sua reputação pré-concebida pelo auditório, como também poderá ser invalidado por uma falta de correspondência com o já conhecido. Vale lembrar que, nos estudos discursivos (assim como na retórica aristotélica), o *ethos* não precisa ter uma correspondência com o caráter real do orador, o efeito é construído no e pelo discurso (Santos; Mariano, 2022, p. 16-17).

Dito isso, podemos iniciar uma explanação sobre as contribuições relevantes dos estudos de Maingueneau (2008a, 2016, 2020) no tocante à acepção do termo.

Segundo Maingueneau (2008a), a noção de *ethos*, à primeira vista, mostra-se como matéria simples, porém é importante a consideração de que estudá-la é levantar múltiplas questões (problemas). O analista francês tem uma trajetória ampla de estudos sobre o *ethos*, por isso, resolvemos tratar sobre os seus estudos mais atuais. Em 2020, com a obra *Variações sobre o ethos*, o pesquisador fez um refinamento das noções desenvolvidas sobre o assunto. Ele avaliou os poderes e limites do *ethos*; propôs a desconstrução do estudo dessa categoria sob o ponto de vista de um elemento bem delimitado e estável. O estudioso consegue estudá-lo sob certo ângulo da enunciação. Posicionamento compartilhado por Ruth Amossy (2016, p. 10), quando afirma que “a construção de uma imagem de si, peça principal da máquina retórica, está fortemente ligada à enunciação, colocada no centro da análise linguística pelos trabalhos de Émile Benveniste”.

Na visão de Maingueneau (2020, p. 10), o termo *ethos*, em sua origem grega, é polissêmico e Aristóteles joga com isso. Por um lado, remonta ao termo caráter/ costumes e, por outro, tanto entre os gregos quanto na contemporaneidade, refere-se “aos processos de constituição de um ‘si’ relativamente estável no interior de uma coletividade”. Maingueneau fez a retomada dos três tipos de qualidades presentes no *ethos* aristotélico: a *phrónesis* (prudência), *areté* (virtude) e a *éunoia* (benevolência). Entre as características do *ethos*, em Maingueneau, devemos destacar a natureza híbrida (sócio/discursiva). Ela é apreendida dentro de uma situação comunicativa historicamente determinada e atrelada a comportamentos verbais mensurados em diferentes práticas sociais.

Dotado de um estatuto instável, o *ethos* ocupa um lugar intervalar, em alguns momentos reveste-se de um caráter central, em outros, assume um papel periférico, não apenas nos estudos discursivos, como também nos de tradição retórica. Existe um consenso no tocante ao

entendimento da noção: “o simples fato de um texto pertencer a um gênero do discurso ou a certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*” (Maingueneau, 2020, p. 12).

Na perspectiva discursiva, a compreensão do *ethos* está vinculada ao ato da enunciação, mas não só, Maingueneau e Amossy investem esforços para a compreensão das representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele tome a palavra. Essas postulações desembocam nas abordagens do *ethos* pré-discursivo e *ethos* prévio. Ademais, as investigações sobre o *ethos* são contempladas por diferentes áreas do conhecimento, sendo uma delas, a Sociologia. Pierre Bourdieu foi um representante da dimensão sociológica do *ethos* (*ethos* institucional) e na ótica da sociologia dos campos ele entrelaçou a noção de *ethos* ao *habitus*. “Como componente do *habitus*, o *ethos* designa em Bourdieu o conjunto de princípios interiorizados que guiam nossa conduta de forma inconsciente.” (Amossy, 2016, p. 26).

Nesta pesquisa, daremos ênfase ao estudo do *ethos* ao compreendê-lo como a imagem de si construída no discurso, especificamente, como uma noção que ultrapassa a dimensão dos enunciados orais e engloba a variedade de discursos, inclusive, o escrito. A esse respeito, Maingueneau (2011, p. 99) declara que “o universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas ‘ideias’ que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*”, possibilitando construções de experiências variadas, a partir do dizer.

Para Amossy (2016, p. 9), “o ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Nessa linha, ela considera o *ethos* prévio como uma dimensão importante, visto que o auditório constrói uma imagem antecipada do locutor, com base em dados extradiscursivos; essa imagem não se restringe ao ato enunciativo.

Ao levar em conta as diferentes situações enunciativas, Maingueneau (2020, p. 11) define o *ethos* como uma noção discursiva que decorre da enunciação. Essa noção põe em interação “um *ethos* mostrado, decorrente da maneira de falar, e um *ethos* dito, aquilo que o locutor diz de si mesmo enquanto enuncia”. O autor inspirou um ávido e importante catálogo do *ethos*.

O analista francês instalou um alargamento do conceito e considerou aspectos que envolvem as atitudes e caráter do locutor, ao pôr em relação elementos de naturezas diversas:

escolha lexical, ritmo, figurino, gestos, tom<sup>71</sup>, com todo o conjunto do quadro comunicativo. Consoante as abordagens do analista francês, “o *ethos*, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula verbal e não-verbal, provocando nos destinatários efeitos multi-sensoriais” (Maingueneau, 2008a, p. 16). A terminologia pode assumir diferentes acepções, por isso, antes de mais nada, Maingueneau nos alerta sobre a importância de delimitarmos sobre como se traduzirá o termo: “caráter, retrato moral, imagem, costumes oratórios, feições, ar, tom”. Neste trabalho, concebemos o *ethos* como imagem.

O *ethos* se elabora por meio de uma percepção complexa. Pode ser concebido como mais ou menos “saliente, manifesto, encaixado, singular *vs* coletivo, partilhado, implícito e visível” (Maingueneau, 2008a, p. 16). Temos *ethos* estáveis, convencionais (fixados), individual, coletivo; mais ou menos fixo, convencional *vs* ousado. Na proposta de Maingueneau, o *ethos* é interligado à corporalidade do fiador<sup>72</sup>, abrange as representações sociais validadas ou não, e inclui a atuação dos estereótipos. Nesse sentido, esta categoria repercute na eficácia de um discurso, isto é, na sua competência de suscitar a crença. Além disso, para a compreensão do processo de adesão dos sujeitos às teses apresentadas, Maingueneau (2020, p. 14) introduziu a noção de incorporação, “o processo pelo qual o destinatário-ouvinte ou leitor se apropria desse *ethos*”, ou seja, como o coenunciador incorpora um conjunto de esquemas que “correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo”; elabora-se a comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso (Maingueneau, 2016, p. 73). Essa noção designa também a imbricação entre formação discursiva e o *ethos*. Segundo Brunelli (2004, p. 42), a incorporação “funciona como um esclarecimento a respeito do papel das formações discursivas<sup>73</sup> na constituição dos sujeitos, uma vez que essas, ao projetarem uma maneira global de ser, fornecem as condições para a produção das formas de subjetividade.”

---

<sup>71</sup> Ao fazer referência ao tom, engloba as fontes enunciativas da ordem do escrito e do oral.

<sup>72</sup> Para Maingueneau (2016) é uma instância subjetiva que se manifesta no discurso por intermédio da imagem que o destinatário constrói do locutor com base em indícios textuais de diversas ordens. Com essa designação Maingueneau justificou a concepção ‘encarnada’ do *ethos*, concebido como uma ‘voz’, associada a um ‘corpo enunciante’ historicamente especificado.

<sup>73</sup> Tomada de empréstimo a Michel Foucault, na perspectiva da AD-2, com Pêcheux “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de ‘preconstruídos’ e de ‘discursos transversos’)” (Pêcheux, 1997, p.314). A noção de formação discursiva foi objeto de crítica, atualizações e revisitações ao longo da história. Em meio à celeuma existente sobre a paternidade do conceito de formação discursiva, Maingueneau faz parte do grupo que defende o seguinte: “Pêcheux fez uma releitura do conceito foucaultiano, articulando-o ao referencial teórico marxista” (Narzetti, 2018, p.659).

Como visto, o *ethos* é um conceito de grande relevância nas interfaces entre Retórica, Argumentação e Análise de Discurso. Na sequência, teceremos algumas considerações sobre o interdiscurso.

## 2.4 Interdiscurso

Nesta subseção primamos pelo estudo do interdiscurso e, com isso, assumimos uma responsabilidade adicional, visto que se trata de um conceito a ser dialogado com as categorias analíticas oriundas dos estudos argumentativos. Como em nossa pesquisa os pressupostos teóricos da Argumentação e do Discurso andarão lado a lado, queremos deixar esclarecido que esta categoria será deslindada por meio dos estudos empreendidos por Dominique Maingueneau (2008b). A aplicação desta noção não pretende apenas apontar quais são os discursos que sustentam as bases da autoajuda, mas queremos realizar um trabalho de dissecação acerca dos lugares que dão sustentação a eles, identificar de que lugares eles vêm, tendo em vista que o gênero autoajuda possui uma lista de temáticas conservadoras e caricaturais cujas finalidades atendem às demandas de um certo auditório.

Alicerçados em Maingueneau (2008b), observaremos a constituição de discursos pertencentes a uma totalidade textual que remetem ao interdiscurso. Tais dizeres são agenciados por um efeito do lugar-comum da coletividade e, conseqüentemente, podem trazer diferentes construções em matéria de *ethos*, balizados pela prática do leitor. Em nossa sociedade, os discursos sobre a prática da leitura são mobilizados e afetados por uma pluralidade heteroconstituente, que inclui o discurso de autoajuda.

Consoante Fiorin (2006, p.165), o registro civil do interdiscurso foi outorgado, veladamente, nos escritos bakhtinianos. Segundo aquele, “em Bakhtin, a questão do interdiscurso aparece sob o nome de dialogismo”. Enquanto isso, a palavra intertextualidade<sup>74</sup> foi uma das primeiras, consideradas como bakhtinianas, a ganhar prestígio no Ocidente com a obra de Júlia Kristeva.

Fiorin (2006, p. 181) afirma que a intertextualidade é um processo da relação dialógica não somente entre duas “posturas de sentido”, mas também entre duas materialidades

---

<sup>74</sup> A Teoria Literária e a Linguística Textual se preocuparam com o estudo da intertextualidade. Na Linguística Textual, Koch, Bentes e Cavalcante (2008), afirmam que dentro dessa perspectiva teórica define-se que cada texto constitui um intertexto numa sucessão de textos existentes ou que ainda serão escritos. Parte-se do pressuposto de que nenhum texto se constitui isoladamente.

linguísticas<sup>75</sup>, entre textos<sup>76</sup> (manifestação do enunciado), logo, “isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro”. Nessa perspectiva, o interdiscurso é uma relação dialógica entre enunciados e a intertextualidade reserva-se aos casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Fiorin (2006) traz como exemplo de interdiscursividade em que não se configura a intertextualidade trechos da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Assim, apresentamos um excerto da obra em questão:

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beijos. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! (Ramos, 2013, p. 33).

Concordamos com Fiorin (2006) quando afirmou que, nesse caso, temos uma relação dialógica dentro do texto, pois as vozes do narrador e de Fabiano se encontram no interior de um texto, mas não estão constituídas num outro texto fora do texto em análise.

No campo dos estudos discursivos, a noção de interdiscurso foi reformulada por Maingueneau (2008b [1984]). Três noções lhe são complementares: universo, campo e espaços discursivos.

Em *Gênese do Discurso* (2008b), Maingueneau estudou o enunciado (o texto) mais de perto, para tanto, embebido por uma fonte conceitual que emanou dos estudos de Foucault, passando por Althusser e, conseqüentemente, por Pêcheux, encontrou um resgate e renovação de modos de pensar o funcionamento discursivo.

Seguindo as colocações de Maingueneau (2008b), existe uma diversidade conceitual para o termo discurso, algumas mais limitadas, outras mais abrangentes. Para ele, “o discurso não é nem um sistema de ‘ideias’, nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor

---

<sup>75</sup> Tomemos como exemplo convencional a relação existente entre a *Canção do Exílio* (1843) de Gonçalves Dias e o Hino Nacional, especificamente nos versos da parte II. Na poesia, temos: *Nosso céu tem mais estrelas/Nossas várzeas têm mais flores/Nossos bosques têm mais vida/Nossa vida mais amores*. (Dias, 1846, p. 2). Já a segunda parte do Hino Nacional (cf. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/hino.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm)), apresenta: *Do que a terra, mais garrida/Teus risonhos, lindos campos têm mais flores/ "Nossos bosques têm mais vida"/ "Nossa vida no teu seio mais amores"*. Dessa forma, temos a intertextualidade na relação dialógica entre duas posturas de sentido e entre duas materialidades linguísticas (poesia e o hino). E a interdiscursividade constituem ambas as materialidades, posto que fazem alusão ao nacionalismo, aos recursos naturais, a identidade de um povo e à ‘independência política e cultural’.

<sup>76</sup>“O texto pode ser visto como enunciado, mas pode não o ser, pois, quando o enunciado é considerado fora da relação dialógica, ele só tem realidade como texto” (Fiorin, 2016, p. 180).

mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”. Assim, o estudioso francês ressalta a relevância da semântica global dos discursos, caracterizados como integralmente linguísticos e históricos.

Nessa conjuntura, Maingueneau (2008b, p. 21), após propor a hipótese acerca do primado do interdiscurso, entendido “como espaço de regularidade pertinente, do qual diversos discursos são apenas componentes”, declarou a proximidade de suas acepções ao conceito de heterogeneidade constitutiva<sup>77</sup>, aquele que não aparece marcado linguisticamente no fio do discurso. Por isso, Maingueneau propõe-se a cotejá-lo com a noção de interdiscurso e corrobora com a premissa de que todo discurso é construído no processo de incorporação de outros discursos, pré-construídos, produzidos em seu exterior. O que mais à frente trouxe respaldos para aprofundamentos dos conceitos de incorporação.

Maingueneau (2008b, p. 37) ressaltou o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado, por isso, o Outro não deve ser visto como um invólucro de citações tomadas isoladamente, “ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma”. Procura-se demonstrar a relação com o Outro, independentemente de qualquer forma de alteridade marcada.

Para este momento, vamos nos deter à tripartição conceitual do interdiscurso em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

O universo discursivo é concebido como “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (Maingueneau, 2008b, p.33). Esta afirmativa reforça a gênese heterogênea fundante dos discursos. Segundo Maingueneau, essa dimensão tem por finalidade recortar e delimitar os campos discursivos. O campo discursivo, por sua vez, é o lugar de constituição dos discursos. Essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa que existe uma formação homogênea dos discursos desse campo, visto a sua evidente heterogeneidade.

---

<sup>77</sup> Ao propor o conceito de heterogeneidade discursiva, Jacqueline Authier-Revuz fez uma releitura dos conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin. Esse é um marco da inserção dos conceitos bakhtinianos nos trabalhos subsidiados pela análise de discurso. Bakhtin só teve a divulgação de suas ideias na França, nos anos 60, por meio da divulgação feita por Julia Kristeva em seminários e artigos, e com a publicação de algumas de suas obras a partir dos anos 70 (Narzetti, 2009).

Nessas condições, uma hierarquia instável opõe discursos dominantes e dominados e todos eles não se situam no mesmo dimensionamento (Maingueneau, 2008b).

Considerado como um recorte do universo discursivo, o campo discursivo é uma esfera determinada dentro do universo discursivo, embora não se encontre imutável ou fechada em si mesmo. Podemos citar os campos: político, religioso, terapêutico, medicinal, literário, pedagógico, jurídico, capitalista, publicitário, sociológico entre outros. Permite-se a confluência entre os campos discursivos e socioculturais. Para Maingueneau, os discursos são constituídos de maneiras distintas no interior do campo discursivo. Notamos que, se a principal funcionalidade do universo discursivo é dar origem aos campos discursivos, então, repensando essa formação, acrescentaríamos ao pensamento de Possenti (2003)<sup>78</sup> que as noções de universo e campo discursivo conservam as características mais próximas ao que a Análise de Discurso pecheutiana considera como o interdiscurso, ao defini-lo como as memórias que permitem a formulação de discursos em determinado momento histórico; as enunciações ditas e esquecidas, ou ainda, nas palavras de Orlandi (2007, p. 33) “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” Nessa direção, as abordagens de Maingueneau (2008b) acompanham a emergência de novos procedimentos da Análise de Discurso, como Pêcheux<sup>79</sup> previa na terceira faixa de sua AD. Em Maingueneau, embora as formações discursivas estejam em concorrência dentro do campo discursivo, isso não reduz os campos (discurso político, religioso, pedagógico, por exemplo) em zonas insulares, sem ampliação das redes de trocas. A delimitação dos campos não é evidente, logo, eles podem e devem em diferentes momentos se entrecruzarem.

Maingueneau (2008b) concluiu que não era possível delimitar as modalidades de relações entre as formações discursivas, então, introduziu a noção de espaço discursivo, compreendido como “um subconjunto de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (Maingueneau, 2008b, p. 35). Esses recortes realizados pelo analista, como disse Maingueneau, visam identificar congruências e/ou

---

<sup>78</sup> Para Possenti (2009, p.263), “a noção de universo discursivo proposta por Maingueneau recobre, é mais ou menos equivalente, à noção de interdiscurso de Pêcheux.”

<sup>79</sup> Com Pêcheux (1997), “a noção de interdiscurso é introduzida para designar ‘o exterior específico’ de uma FD enquanto irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada”. O fechamento da maquinaria é, pois, conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um ‘além’ exterior e anterior” (Pêcheux, 1997, p. 314).

contradições entre as diferentes formações discursivas, levando-se em consideração as exigências do objeto de pesquisa, inclusive, seus aspectos textuais e históricos, a fim de confirmar ou infirmar as suas proposições, pois não existe uma delimitação evidente.

Para Maingueneau (2008b), a identidade de um discurso não se restringe a uma questão de vocabulário ou de sentenças, há um estatuto histórico dos discursos, por isso, o autor defende que a identidade de uma coerência global integre múltiplas dimensões textuais. É necessário considerarmos que todo discurso se utiliza de enunciados vindos de lugares distintos.

Retomando-se as reconfigurações nominais do interdiscurso adotada por Maingueneau, podemos dizer que o campo discursivo é o lugar da proliferação de relações interdiscursivas, com identidades múltiplas e o espaço discursivo permite observar uma ou algumas dessas relações que se instalam no campo discursivo.

De acordo com Maingueneau (2008b), várias famílias discursivas podem se originar de um discurso primeiro, mas em termos gerais, não podemos restringir a análise apenas a uma grade original, pois mesmo que a presença do Outro constitutivo desapareça, o discurso segundo mantém uma fase de constituição e conservação do discurso primeiro, por intermédio das relações interdiscursivas e redes semânticas. O analista francês rejeita a ideia de um sistema único, sumariamente enquadrado em um campo dado (fechado), por isso, identifica-se com a descontinuidade, rupturas e zonas de regularidades preconizadas por Foucault em sua *Arqueologia do Saber* (1969), seara que não iremos lavrar, no momento.

Quanto às inter-relações abrigadas pelo interdiscurso, no próximo subtópico, trataremos das noções da *doxa*, lugares e estereótipos.

## 2.5 *Doxa*, lugares e estereótipos

A noção de *doxa* emerge na Grécia Antiga e passou a ser estudada por uma gama de disciplinas, com objetivos de se compreender a dimensão comunicativa e interacional da linguagem. Conforme Santos (2012), com a ascensão da filosofia cartesiana (em sua incessante busca pela verdade) e a supervalorização do discurso positivista, o conceito de *doxa* perdeu valor e esse descrédito se alastrou até os dias atuais.

Os termos gregos *doxa* e *endoxa* passaram por mutações de sentido ao longo do tempo. O primeiro manteve ligações com outras noções retóricas (como verossimilhança e *topoi*). Enquanto a “*endoxa* seria tanto o que é reconhecido como razoável e respeitável por qualquer um quanto o que é dotado de poder porque é acreditado e divulgado pelo legítimo representante

do poder”, (Amossy, 2002a, p.371, tradução nossa)<sup>80</sup>, a *doxa* foi concebida como um conceito retórico e tornou-se difundida pela representação da opinião comum; diferentemente da *episteme*<sup>81</sup>.

Em conformidade com Amossy (2020, p. 118), compreendemos a *doxa* como um elemento central na visada argumentativa<sup>82</sup>. Para uma análise pertinente da argumentação no discurso é importante conhecer uma *doxa* que toma a forma de uma ideologia consagrada ou de correntes dóxicas conflituosas. Por ser uma noção associada “à opinião comum, ao conjunto de crenças e opiniões que circula na coletividade”, a autora propõe a utilização desse conceito atrelado ao discurso social e interdiscurso.

Uma prerrogativa da *doxa* é a sua essencialidade na argumentação. Como condição de intersubjetividade essa categoria molda comportamentos e representações coletivas para efetivar a comunicação. Parte do pressuposto de consenso ou acordo entre quem argumenta e o auditório. Esse primeiro deverá adequar a sua argumentação ao segundo para alcançar a persuasão. Premissa básica nas teorias da argumentação contemporânea, quando defendem “a necessidade que tem o orador de se adaptar a seu auditório, portanto, de fazer uma imagem dele, e correlativamente, de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem” (Amossy, 2016, p. 19).

Para atender aos objetivos deste trabalho, utilizaremos a categoria de interdiscurso para tratarmos da disseminação e circulação de elementos dóxicos no discurso de autoajuda. Pensando assim:

As noções de elemento dóxico e de interdiscurso permitem marcar, assim, a que ponto a interação argumentativa é tributária de um saber compartilhado e de um espaço discursivo, evitando conferir a esses materiais preexistentes uma excessiva sistematicidade (Amossy, 2020, p.119).

---

<sup>80</sup> No original: “*Thus endoxa would be both what is recognized as reasonable and respectable by anyone and what is endowed with power because it is believed and circulated by the legitimate representative of power.*”

<sup>81</sup> Filósofos, como Platão, defendem a supremacia da *episteme* (vista como o conhecimento genuíno disponível para aqueles que se dispõem a encontrar a Verdade). Conforme Amossy (2002), a *doxa* é regida por outra lógica, aquela que busca as decisões e ações nos assuntos humanos, visa um vínculo social.

<sup>82</sup> É uma dimensão caracterizadora de alguns discursos. Segundo a autora, essa noção consiste em “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo”. (Amossy, 2020, p. 44). Diferentemente da dimensão argumentativa, cuja característica é inerente a muitos/todos os discursos.

Nesse sentido, a *doxa* é um elemento constitutivo das interações sociais, independente se elas pertencem às situações formais e institucionalizadas ou a contextos informais. A função e a identificação dos elementos dóxicos<sup>83</sup> cumprem um papel relevante ao concebermos a interdiscursividade como uma estratégia discursiva.

A *doxa* é vista por Amossy como um conjunto assistemático e heterogêneo de elementos. Além disso, ela considera essa categoria como fundante do interdiscurso. Para Amossy (2002b), os elementos dóxicos são extraídos de uma dóxica global, por sua vez, definida como um interdiscurso difuso.

Em consonância com as postulações de Amossy, o que está em questão é o papel ocupado pelos elementos dóxicos no discurso (e não o que eles são em si mesmos). Nessa perspectiva, corroboramos com Santos (2012) quando afirmou que a *doxa* pode ser expressa nas práticas sociais e interações humanas reais ou imaginadas por formas explícitas ou implícitas, como os lugares-comuns (possível/ impossível; mais ou menos; existente /não existente) e pelos lugares específicos (ideias pré-concebidas, clichê e estereótipo).

Os elementos dóxicos considerados no discurso de autoajuda serão detectados com o suporte das categorias de lugar-comum e estereótipos, por isso, entendemos a relevância de tratarmos, mesmo que sucintamente, sobre essas categorias.

Não existe um quadro linguístico pré-definido para os *tópoi*. Como disse o próprio Aristóteles (2011, p. 52), “os lugares aplicam-se igualmente a todos os gêneros”.

Levando-se em consideração essa premissa e a imprecisão do conceito, Amossy (2020) define o lugar-comum como tudo que é percebido como já conhecido, já dito, familiar e compartilhado. Nessa conjuntura, a autora apresenta-nos duas categorias, a saber:

A que agrupa as generalizações claramente expressas, enunciados dóxicos, e a que se relaciona com as representações sociais que emergem no discurso de um modo mais ou menos implícito. A primeira receberá a etiqueta “sentença”, para permanecer fiel ao texto aristotélico; a segunda é apreendida por meio de noção forjada no século XX, que foi evocada em relação ao auditório e o *ethos*: o estereótipo (Amossy, 2020, p. 128).

---

<sup>83</sup> Entendemos que esses elementos estão relacionados aos valores, opiniões, crenças e estereótipos compartilhados entre os grupos sociais em um dado momento histórico, por isso, em nossas análises esse termo será utilizado para fazer referência aos estereótipos e lugares-comuns.

Essa categorização apresentada por Amossy comprova que não existe univocidade no tratamento do termo, o que existe é um grau de dificuldade, detectado desde a antiguidade, para a definição do lugar-comum.

Conforme Fiorin (2005), o grande mestre estagirita distinguia os *tópoi* em: lugares comuns (*loci communes; kanoi tópoi*) e lugares específicos/lugares próprios/especiais (*loci proprii; idioi tópoi*).

Quando tratamos de lugares, é inevitável não mencionarmos as etapas constitutivas do discurso. De acordo com Reboul (2004, p. 43), “a primeira parte é a invenção (*heurésis*, em grego), a busca empreendida pelo orador em relação aos argumentos” e a “outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso”. A segunda refere-se à disposição (*taxis*), ou seja, a ordenação dos argumentos captados pelo orador; em terceiro lugar temos a elocução (*lexis*), “que não diz respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso, ao estilo”. E ainda segundo Reboul (2004), temos a ação (*hypocrisis*), ela corresponde ao ato de proferir o discurso (também associada à memória). Fazemos menção a essa composição sistemática do discurso (da retórica antiga) para destacarmos como o encadeamento entre a invenção e os *tópoi* (lugares<sup>84</sup>) é relevante. Esse primeiro momento possibilita o acesso ao depósito de argumentos, para em seguida o locutor organizar os argumentos.

Para Barthes (1975, p.197 *apud* Fiorin, 2017, p. 95), os lugares-comuns eram, em princípio, formas vazias, depois apresentaram uma tendência de preenchimento, mesmo sendo da mesma maneira, com conteúdo “[...] primeiro contingente, depois repetidos, reificados. A Tópica tornou-se uma reserva de estereótipos, de temas consagrados, de ‘trechos’ plenos, colocados quase que obrigatoriamente no tratamento de qualquer assunto”. Essa duplicidade favoreceu o surgimento de definições ambíguas sobre o conceito e abriu espaço para uma tópica plena, desenvolvida pelos sofistas. Uma tática ainda vista quando nos deparamos com alguns manuais que pretendem, somente por seus títulos, criar um arsenal didático para diferentes áreas da vivência humana. Temos, por exemplo, os livros: *A morte é um dia que vale a pena viver* de Ana Cláudia Q. Arantes, *Como se tornar inesquecível* de Dale Carnegie, *Mulheres inteligentes, relações saudáveis* de Augusto Cury; *Mais esperto que o diabo* de Napoleon Hill; *Ansiedade: como enfrentar o mal do século* de Augusto Cury; *Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho*

---

<sup>84</sup> Para Reboul (2004, p. 36), “os lugares são os tipos de argumentos verossímeis que servem de premissas ao raciocínio retórico.”

de Thiago Nigro, *O que toda mulher deve saber sobre os homens: a afetividade masculina* de Walter Riso, *A sexualidade (sem censura)* de Claudio Duarte; *A arte de permanecer casado: guia seguro para quem deseja salvar seu casamento* de Jaime Kemp etc. Realmente, é um vasto depósito de provas.

Conforme Fiorin (2005, p. 95-96), existem duas definições mais correntes de lugar-comum. A primeira é uma matriz para o argumento, “esquema argumentativo que pode ganhar os conteúdos mais diversos, é uma matriz semântica, um molde discursivo”. A essa definição podemos associar os lugares do possível/impossível; existente/não existente; mais/ menos. A segunda definição refere-se ao argumento pronto, preparado, aos “conteúdos fixos manifestados com figuras recorrentes”; estereótipos; até chegar ao clichê. Com esse segundo sentido ocorre um afastamento da concepção aristotélica, pois, manifestam crenças coletivas e, por isso, não exigem as provas.

Com a Nova Retórica houve a reordenação desse conceito e de acordo com as colocações de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 95), os lugares se referem às premissas de ordem geral que permitem fundar valores e hierarquias, “os lugares comuns de nossos dias se caracterizam por uma banalidade que não exclui de modo algum a especificidade”. Nesse sentido, temas tratados com frequência aplicam os lugares-comuns a temas particulares. Para melhor dizer:

[...] como essa aplicação é feita a um tema tratado com frequência, que se desenvolve numa certa ordem, com conexões previstas entre lugares, agora só se pensa em sua banalidade, ignorando-lhes o valor argumentativo. Isso a tal ponto, que se tende a esquecer que os lugares formam um arsenal indispensável, do qual, de um modo ou de outro, quem quer persuadir outrem deverá lançar mão (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 95).

Dessa maneira, é indispensável atentarmos para a relevância categórica dessa noção, uma vez que para além da intensidade de adesão provocada pelos valores e as hierarquias, o apelo às premissas de ordem geral constitui um acervo de provas. Nessa rota da Nova Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 96) afirmam que o estudo dos lugares tem por finalidade observar “o aspecto pelo qual todos os auditórios, sejam eles quais forem, são levados a levar em conta lugares”, agrupados pelos autores nos seguintes lotes: lugares da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência, da pessoa.

Em relação aos argumentos apresentados nos livros de autoajuda, cabe ao nosso gesto analítico observar como esses lugares resgatam raciocínios contenciosos ou erísticos. No

tocante à dimensão persuasiva do discurso de autoajuda, consideramos que a categoria de lugares é de suma importância para a identificação de discursos Outros.

Nessa conjuntura, entendemos que a argumentação conserva a natureza dialógica dos discursos. Assim, é importante analisarmos discursos de cunhos distintos, sejam eles valorizados ou desprestigiados, beatificados ou exorcizados; legitimados ou ridicularizados socialmente.

Tecemos essas considerações sobre os lugares-comuns por considerá-los como uma categoria de análise que conserva seu valor literário e discursivo, ainda que na atualidade esteja associado a uma ideia de ausência de originalidade, o que nos permite inter-relacioná-los com a categoria de estereótipos.

A noção de estereótipo está em simetria com a dimensão social do discurso de autoajuda, logo, é impreterível associá-la a um saber compartilhado. Engendrada como um conjunto de esquema coletivo, essa categoria permite “estudar as interações sociais, a relação dos discursos com os imaginários sociais e mais amplamente, a relação entre linguagem e sociedade.” (Amossy; Pierrot, 2022, p. 14).

Essa noção é compreendida como um objeto transversal da reflexão contemporânea e carrega em si uma contiguidade com a noção de clichê<sup>85</sup>. Para Amossy e Pierrot (2022), esses conceitos remetem à questão da opinião e da expressão individual e, ademais, são temas discutidos por diferentes campos, como as ciências sociais, as ciências da linguagem e os estudos literários.

Na linha das ciências sociais, entende-se por estereótipo toda representação coletiva cristalizada, subdividida em duas vertentes: a negativa e a positiva. A primeira, focaliza o preconceito e a segunda contempla o impacto considerável sobre a identidade e cognição social.

Em conformidade com os apontamentos das autoras suprarreferidas, a noção atribuída ao estereótipo como esquema ou fórmula cristalizada só estrugiu no século XX. Em 1920, tornou-se objeto de interesse das ciências sociais. Em seu sentido primário, cujas raízes são encontradas nas abordagens de Walter Lippmann (publicitário norte-americano), em sua obra *Opinion Publique* (Opinião Pública), a noção de estereótipo designou “as imagens de nossa mente<sup>86</sup> que medeiam nossa relação com o real. Trata-se de representações cristalizadas, de

---

<sup>85</sup> Amossy e Pierrot (2022, p. 75) afirmam que o clichê, em sua dimensão crítica da linguagem cristalizada, repetida e comum, é uma noção que só se desenvolveu no século XIX. Seriam “estruturas significantes cristalizadas[...] aplicadas tanto a unidades de frases como a unidades de texto.

<sup>86</sup> Imagens fictícias ou expressão de um imaginário social.

esquemas culturais preexistentes, através dos quais cada um filtra a realidade do entorno.” (Amossy; Pierrot, 2022, p. 34).

Consecutivamente, esse conceito foi explorado pela Psicologia Social. A abordagem adotada pelos psicólogos sociais insistia no caráter redutor e nocivo dos estereótipos. Houve consenso entre os que se dedicaram ao estudo do termo, no sentido de que embora tenha existido uma configuração pejorativa do significado dele, não se podia abafar a importância dos estereótipos para a compreensão do mundo. Como enunciam Amossy e Pierrot (2022, p. 36): “temos a necessidade de relacionar aquilo que vemos a modelos preexistentes para poder compreender o mundo, realizar previsões e regular nossas condutas”.

Perante o exposto, observamos que, na Psicologia Social, o uso primário do conceito de estereótipo em certa medida corroborou com os estudos do *ethos*, pois se propunha a analisar a imagem que os membros de um grupo faziam de si mesmos e dos demais. Nessa direção, no campo dos estudos argumentativos, Amossy criou bases teóricas para o estudo da construção da imagem de si (*ethos*) em ligação com a representação coletiva cristalizada (estereótipos). Dessa maneira, possibilita-nos a identificação dessas imagens com base nas experiências abarcadas pela historicidade dos discursos.

De acordo com Amossy (2020), o *ethos* na Análise de Discurso trata da maneira como o locutor elabora a imagem de si em seu discurso. Consequentemente, a noção de estereótipo é utilizada para determinar as imagens do outro ou de si que circulam em diferentes instâncias sociais, é atravessada pelo lugar-comum, portanto, é um elemento dóxico obrigatório, atuante na construção de identidades. Assim, como todo elemento dóxico, o estereótipo tem papel relevante na argumentação, por isso, em nosso constructo teórico-analítico pretendemos partir da identificação de técnicas argumentativas e observar como a memória do dizer (interdiscurso) mobiliza os esquemas coletivos sobre a imagem do leitor e da leitura de autoajuda.

Tendo em vista a amplitude das noções de estereótipo e clichê, Amossy e Pierrot (2022, p. 76) explicam a abrangência dessas categorias em diferentes textos. Segundo as autoras, o que vale para o analista não é detectar as fórmulas de estilo cristalizadas e analisá-las sob uma visão reducionista, mas “ver como essas fórmulas imprimem, por seu automatismo, formas do impensável no discurso, em que servem a uma argumentação ou marcam a relação de um texto com a norma social”. São esses os procedimentos que almejamos implementar em nossas análises, mas antes disso, apresentaremos, na próxima seção, o desenho de nossos procedimentos metodológicos.

### **Seção III-ARQUÉTIPO DO TRAJETO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Nesta seção, apresentamos a natureza, a abordagem, as técnicas e os procedimentos de pesquisa, o levantamento bibliográfico, a constituição do objeto, os instrumentos, os participantes de pesquisa e os recursos tecnológicos utilizados. Durante o processo evolutivo da pesquisa científica faz-se necessário respeitar as fases de desenvolvimento da investigação. Serrano (2011, p.14) vai nos dizer que “a própria pesquisa, na medida em que avançamos, vai se redefinindo e reorientando o curso da caminhada”. Para isso, é preciso lidar com o conhecimento a partir da junção da construção do objeto e as diversas possibilidades de abordá-lo, criando uma dimensão epistemológica no estudo do discurso.

#### **3.1 Abordagem, técnicas e procedimentos de pesquisa**

Durante a construção de um aparato teórico-metodológico é imprescindível considerarmos as variáveis que permeiam um objeto de estudo. De acordo com Piana (2009, p. 167), “não existe pesquisa sem o apoio de técnicas e de instrumentos metodológicos adequados, que permitam a aproximação ao objeto de estudo”. Cabe ao analista observar, comparar, generalizar e estratificar dados, cujas bases servirão para se chegar aos resultados esperados. Dessa maneira, consideramos a relevância do método indutivo para o desenvolvimento desta investigação. Conforme Gil (2008), trata-se de um método que engloba a observação, comparação e generalização de fatos e/ou fenômenos cujas causas pretende-se conhecer.

Do ponto de vista da abordagem do problema em questão, esta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa. Nesse sentido, “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...]. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Contempla-se o fenômeno estudado em sua profundidade. À vista disso, neste trabalho, buscamos respaldos nos diferentes aspectos desta abordagem. Assim como afirmou Cardano (2017, p. 18), “[...] é difícil pensar em uma pesquisa qualitativa que, pelo menos em última instância, não se proponha a dizer algo sobre aquele mundo submerso, feito precisamente de atitudes, crenças, valores, intenções e significados colocados na ação”. No tocante aos procedimentos técnicos, a pesquisa classifica-se como bibliográfica, documental e estudo de caso.

O primeiro delineamento utilizado em nossos procedimentos técnicos consistiu no estudo bibliográfico, visto que todas as pesquisas necessitam de subsídios teóricos. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental. Para Gil (2008, p. 51), essas pesquisas possuem muitas similaridades, a principal diferença entre ambas está na natureza das fontes. A primeira, “utiliza-se fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”, enquanto a segunda, “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa”. Em relação aos objetivos, esta investigação pode ser classificada como descritiva. A esse respeito, Gil (2008) declara que pesquisas descritivas buscam caracterizar determinados fenômenos ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Decidir sobre a titulação da abordagem a ser adotada “passa por uma avaliação complexa e holística das definições tomadas” (Pitanga, 2020, p. 188). Pensar sobre o método a ser utilizado é estabelecer diretrizes quanto aos instrumentos e tratamento dos dados. No que se refere à abordagem, necessitamos observar um conjunto de considerações, portanto, consideramos e interligamos um itinerário de pesquisa: problema, objetivos de pesquisa, métodos adotados, tabulação e análise dos dados, resultados, com vistas a formar um dispositivo bem concatenado. Conforme Oliveira (2007, p. 60), os dados de uma pesquisa qualitativa podem ser obtidos através de uma “pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários, planilhas e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para a obtenção de informações”. Como o nosso objeto de pesquisa está associado ao lugar da quantidade, em determinados momentos foi preciso fazer verificações quantitativas sobre a venda dos livros de autoajuda. Após uma avaliação holística, definimos a nossa abordagem como qualitativa, visto que “não é suficiente afirmar que a presença de dados numéricos, nas suas mais variadas formas de representação (tabelas, gráficos, regressões lineares), entre outras, caracterize uma abordagem quantitativa, mas sim o uso do método quantitativo” (Pitanga, 2020, p. 197).

No tocante à constituição do objeto, delineamos esta pesquisa a partir da estratégia de estudo de caso, visto que se propõe a analisar um objeto de estudo de maneira singular, de forma completa e profunda. Isso não nos impede de observar semelhanças com outros casos.

O estudo de caso pode ser vinculado a uma ou várias unidades. Essas unidades podem remeter a indivíduos, organizações, processos, bairros, instituições, comunidades etc. Dentro dos preceitos metodológicos, o estudo de caso pode ser único ou múltiplo (multicasos). Na visão de Oliveira (2007), o primeiro trata de uma realidade que pode ser estudada

exaustivamente, a fim de se buscar novos elementos que explicam o objeto. O segundo utiliza mais de uma realidade para confrontar os dados, visando buscar explicações e fundamentos para os fenômenos que caracterizam o objeto de estudo, por exemplo, dois ou mais sujeitos, organizações, escolas etc. Pelo fato de compreender “o caso” de forma holística, compreensão dos fenômenos e da natureza, essa abordagem adota características da vertente qualitativa.

Em nosso estudo, consideramos que um leitor de livros de autoajuda é representativo de um estudo de caso individual e o estudo como um todo terá utilizado casos múltiplos, por replicação. Nesse tipo de estratégia de pesquisa temos a constituição do *corpus* por replicação. No presente trabalho essa replicação será verificada a partir dos diferentes suportes utilizados para perquirir as experiências de leitores de livros de autoajuda, sendo extraídas por questionários e comentários *reviews* em ambiente digital.

Começamos com a identificação do leitor virtual (formulado) nos livros de autoajuda, para, em seguida, realizarmos as replicações com os discursos e *ethos* dos leitores de livros de autoajuda encontrados nas coletas via questionários *on-line*. Segundo Yin (2015), os estudos de caso podem ser exploratórios, descritivos ou explanatórios. Além disso, adotam como diferencial a capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências: documentos, artefatos, entrevistas, observações, entre outras. Como salienta Yin (2015), um estudo de caso é uma investigação que busca explicar e definir os limites entre o fenômeno e seu contexto. Outrossim, Prodanov e Freitas (2013, p. 64) nos dirão que essa estratégia de pesquisa é abrangente, assim “o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de coleta diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registros de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, entre outros”. Ao fazer uso de várias evidências como fonte de dados, os autores mencionados alertam sobre a acuidade nos quesitos de validade e fidedignidade dos achados, para tanto, salientam a relevância da triangulação de informações, de dados, evidências e até mesmo de teorias.

Na perspectiva de Yin (2015), a triangulação possibilita diferentes avaliações do mesmo fato ou fenômeno, visto que se fundamenta na lógica de se utilizar várias fontes de dados. Os autores destacam os seguintes tipos de triangulação: dados, pesquisadores, teorias e metodologias. Para o nosso estudo a triangulação de dados será fundamental. É consenso entre os autores supramencionados que os resultados provenientes de fontes distintas oferecem um excelente grau de confiabilidade ao estudo.

Desenvolver pesquisa é pensar sobre os fenômenos que regem as práticas sociais. E quando se trata de recorrer aos sentidos que estão em circulação na sociedade, cabe ao analista coletar provas, verificar os lugares predominantes e criar um itinerário de análise sob o bojo de uma teoria sólida. Nessa ótica, destacamos a produção e recepção de textos da categoria atrelada aos discursos de autoajuda como uma prática que deve ser estudada na sociedade contemporânea, tal como as suas repercussões nas experiências de leitura.

No tocante ao estado da arte do assunto em questão (discurso de autoajuda), inicialmente, recorreremos ao repositório institucional da Universidade Federal de Sergipe. Indicamos algumas palavras-chave (auto-ajuda; autoajuda; autoajuda e interdiscurso; autoajuda e *ethos*; autoajuda e leitura) e encontramos apenas um artigo<sup>87</sup> que versava sobre a autoajuda. Não encontramos nenhuma dissertação ou tese que explorasse essa temática até o nosso período de revisão. Assim, o próximo passo foi realizar o levantamento de teses e dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. A filtragem ocorreu entre os meses finais de 2021 e o primeiro mês de 2022, para isso, executamos uma busca ascendente dos trabalhos depositados. Estabelecemos alguns critérios de inclusão: 1) títulos que contenham as palavras-chave; 2) resumos detalhados; 3) diferentes áreas do conhecimento; 4) abordagem que se encaixa na proposta de estudo que inter-relaciona *ethos*, leitura, autoajuda e interdiscurso. Foram excluídos aqueles fora do recorte temático e os duplicados. No total, localizamos trezentos e trinta e seis trabalhos publicados entre os anos de 2001 a 2021, com as palavras-chave aplicadas. Após as inserções do primeiro e segundo critérios de seleção restaram setenta e um trabalhos. Depois, com a aplicação do terceiro e quartos critérios, selecionamos sete trabalhos que nos acompanharão no decorrer desta empreitada com o discurso de autoajuda. Os trabalhos contemplam as áreas da linguística, psicologia, educação e sociologia.

Após a leitura dos trabalhos, consideramos que a nossa proposta de estudo encontrou um espaço no que concerne às investigações sobre o *ethos*<sup>88</sup> de leitor (nos *corpora* selecionados) de manuais de autoajuda, interdiscurso e ao modo de se enunciar enquanto leitor orgulhoso/vergonhoso. O nosso diferencial metodológico foi não restringir a análise aos livros

---

<sup>87</sup> Um artigo publicado nos Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS (2016). O título do artigo é *Autoajuda e experiências de gerenciamento das emoções: uma análise multidimensional*, elaborado por Rossana Maria Marinho Albuquerque.

<sup>88</sup> Nos estudos aristotélicos e nos estudos discursivos o *ethos* está associado ao momento da enunciação. Nesse caso, consideramos a apreensão da imagem de si construída nos enunciados escritos encontrados por meio dos comentários e dos questionários.

e nem somente à coleta de dados junto aos leitores de livros de autoajuda, realizamos a inserção de avaliações de compra de livros encontradas no site da *Amazon*, avaliações denominadas por nós como comentários *reviews*, assim, conseguimos juntar três fontes para os procedimentos de triangulação de dados que, em sua totalidade, contribuem com os estudos sobre o perfil do leitor brasileiro contemporâneo.

Pontuamos que a predominância de linha teórica no tratamento do discurso de autoajuda correspondia à Análise de Discurso, dessa maneira, efetuar um gesto teórico-analítico, também, à luz dos estudos da Nova Retórica, será uma forma de amplificar a importância dessa teoria.

### 3.2 Construção dos *corpora*

A popularidade dos livros de autoajuda tornou-se uma premissa de base. O quantitativo de vendas outorga o lugar de produtos benquistos por parte daqueles que consomem os artefatos desse mercado industrial. No tocante aos *corpora*, organizamos a interpretação e análise dos dados em três etapas.

Realizamos, previamente, a seleção de títulos de livros com maiores índices de vendas entre os anos de 2010 a 2022. Essa seleção observou a ordem de popularidade, inclusive, com consultas comparativas às plataformas da *Amazon* e *Google play* livros, dois grandes mercados *on-line* (*e-commerce*). Em seguida, verificamos como se deu a divulgação do consumo de obras de autoajuda e seu comparativo com livros de outros gêneros mediante pesquisas divulgadas pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros.

#### 3.2.1 A seleção dos livros de autoajuda e dos comentários *reviews*

A primeira etapa precisou ser pensada e definida, meticulosamente, tendo em vista a profusão de várias subcategorias voltadas para o enquadramento das obras do gênero. Em prol de nosso objetivo geral: analisar como a interdiscursividade, na autoajuda, atua como estratégia discursiva e quais são os desdobramentos no *ethos* do leitor de livros do gênero, selecionamos dois títulos de obras que obedecem aos seguintes critérios de seleção: o primeiro lugar na lista de vendas entre os anos de 2019 a 2022 (*Publishnews*) em consonância com os livros mais citados pelos participantes de pesquisa; o segundo livro escolhido corresponde ao critério de autoria brasileira em consonância com os livros mais citados pelos participantes de pesquisa.

Dessa maneira, selecionamos os livros: *Mais esperto que o diabo* (Hill, 2014) e *Nunca desista de seus sonhos* (Cury, 2007).

Na segunda etapa da coleta de dados montamos um modelo analítico de avaliações de leitores, com base na categorização de comentários digitais (Paveau, 2017). Nos levantamentos realizados no *site* da *Amazon*, encontramos 1.527 avaliações do livro *Nunca desista de seus sonhos* e 28.012 avaliações do livro *Mais esperto que o diabo*. Adotamos como critério de seleção dos comentários *reviews* aqueles enquadrados no período de 2020 a 2022, período auge da pandemia da COVID-19, momento histórico de grandes angústias, privações, perdas, resignações e de constante busca por um equilíbrio em meio ao caos que se instaurou no mundo (mas não excluimos a possibilidade de agregar outros períodos, visto que o objetivo era analisar as enunciações desse leitor). O *site* de vendas, na seção disponível para a compra dos livros, organiza o modo de distribuição das avaliações.

A princípio, realizamos a extração dos comentários *reviews* referentes aos livros citados pelos participantes de pesquisa. Em virtude da grande quantidade de comentários dispostos no *site* comercial da *Amazon*, selecionamos aqueles que se enquadravam na categorização apresentada no modelo analítico de Paveau (2017), especificamente no que se refere aos comentários discursivos.

Os dados tecnodiscursivos nativos são aqueles produzidos *on-line* nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet. Optamos por apresentar essas unidades de análise na forma de captura de tela, pois segundo Paveau (2017) é o mínimo ecológico necessário. Extraímos e codificamos comentários *reviews* de todos os livros citados pelos participantes de pesquisa.

### 3.2.2 Coleta de dados sobre o perfil do leitor de autoajuda em Sergipe

Outrossim, antes da terceira etapa da pesquisa, com a finalidade de construirmos, preliminarmente, um perfil dos leitores de livros de autoajuda, realizamos alguns levantamentos junto a uma livraria de destaque no Estado de Sergipe. Tentamos incluir outras livrarias, inclusive uma da cidade de Lagarto (cidade com maior número de respondentes dos questionários), mas não obtivemos retorno das informações. Os contatos com esses estabelecimentos foram realizados por *e-mail* e via *whatsapp*. A partir das informações cedidas

pela livraria Escariz, por intermédio da diretoria, conseguimos respostas gerais sobre a profissão, faixa etária, sexo e escolaridade do público consumidor de tais obras.

**Quadro 4**-Levantamento de informações na livraria Escariz-Sergipe

Questões	Respostas
Quantos livros de autoajuda a livraria vendeu durante os anos de 2019 a 2021, aqui em Sergipe?	Sem resposta
Quais as categorias que mais se destacam? (Desenvolvimento pessoal, motivação, relacionamentos, educação financeira, espiritualidade ou outras?)	Todas têm sua importância. Com a pandemia houve uma busca maior pelo emocional e religioso
Para montarmos um perfil desse leitor, qual seria a faixa etária desses consumidores?	Mais ou menos entre 35 e 70
Profissões que mais aparecem?	Diversas
Quantos são do sexo masculino/feminino?	Feminino se destaca mais
Residem em área urbana ou rural?	Urbana
Níveis de escolaridade?	Segundo grau completo
Como a livraria avalia o lugar de destaque da literatura de autoajuda no mercado?	É bem visitado, então merece destaque.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

Posteriormente, entramos em contato com as editoras Sextante, Gente, Vozes, Planeta, Intrínseca, Grupo Editorial Record e Citadel. Esse contato com as editoras, via *e-mail*, foi realizado para a obtenção de dados representativos das compras de livros do gênero, notadamente, para o Estado de Sergipe. Obtivemos o retorno de algumas editoras com o informe de que não existia um controle desses dados. Segundo as informações repassadas, existiam apenas dados gerais sobre as vendas de livros, disponibilizados na plataforma do *PublishNews*. Apenas a editora Vozes conseguiu disponibilizar os números de livros de autoajuda vendidos para o estado de Sergipe, no período de 2019 até o mês de abril de 2022. Ademais, entramos em contato com a Associação Nacional do Livro (ANL). Pelas dificuldades em obtermos informações direcionadas ao consumo de livros por especificidade regional, concluímos que este critério não seria contemplado nos procedimentos de inclusão de participantes, por isso, demos prioridade a outros critérios de inclusão.

No que tange à terceira etapa da pesquisa, reservamos a próxima subseção para detalharmos os procedimentos de construção do questionário *on-line*.

### 3.2.3 A elaboração do instrumento de pesquisa

A terceira etapa abarcou a coleta de dados junto aos leitores de livros de autoajuda por meio de questionário *on-line*, elaborado no *google forms*.

Mediante Oliveira (2007, p. 83), “o questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo”. Em virtude da dimensão dos *corpora* e do nosso cronograma de pesquisa, optamos pela aplicação do questionário *on-line* dirigido a leitores de livros de autoajuda.

A ferramenta utilizada para a elaboração do instrumento foi o *google forms*, uma ferramenta de coleta de dados atuante na transição dos questionários em papel para a versão *on-line*. Conforme Marconi e Lakatos (2003), as vantagens desse instrumento consiste na economia de tempo, há possibilidades de abranger uma área geográfica mais ampla; há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.

O documento criado no *google forms* continha o convite para a pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>89</sup> e o questionário. Esse último foi organizado em duas seções: a primeira seção consistiu na coleta de alguns dados sociodemográficos; a segunda foi referente ao contato pessoal com o hábito da leitura e as experiências de leitura advindas dos livros de autoajuda. Para isso, recorreremos aos tipos de questões abertas, fechadas e de múltiplas escolhas (Marconi; Lakatos, 2003).

A estruturação do questionário buscou, inicialmente, conhecer o participante: *Qual o seu nome?* (Sem identificação na pesquisa). *Qual a cidade em que você mora? Qual o estado em que você mora? Qual a sua idade? Qual a sua profissão/ocupação atual? Qual a sua escolaridade?* Elencamos, a seguir, as questões abertas, correspondentes à segunda seção do instrumento, como forma de atendimento aos nossos objetivos de pesquisa:

1. *Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?*
2. *Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?*
3. *Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?*

---

<sup>89</sup> Em conformidade com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde -CNS 466/2012 e 510/2016, bem como da Carta Circular nº1/2021 CONEP/ SECNS/MS, elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No anexo 01 apresentamos os esclarecimentos da pesquisa, informações sobre o estudo, como os riscos e benefícios; relevância social da pesquisa; garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma; garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, garantia de uma via do TCLE e informações de contato com a pesquisadora para esclarecimentos de dúvidas que surgissem no decorrer da participação.

4. *Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?*

5. *Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?*

6. *Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.*

7. *Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.*

Tivemos por objetivo apresentar questões abertas que resgatassem um senso crítico e ao mesmo tempo opinativo sobre a leitura. A justificativa em escolher tais perguntas consiste no atendimento ao esclarecimento de nossa tese no que diz respeito aos atos de enunciações vergonhosas ou orgulhosas quando o leitor é interpelado sobre a leitura de livros de autoajuda. Com essas perguntas, conseguimos constatar como as emoções podem se apresentar como opostas e complementares, ou seja, há manifestações de orgulho e /ou vergonha em “ser visto” como leitor de livros de autoajuda. As emoções constatadas discursivamente passam ao lugar de qualificadoras ou desqualificadoras das práticas de leitura.

Uma vez elaborado o questionário, iniciamos o pré-teste. Encaminhamos o instrumento a um não-participante, leitor de livros de autoajuda. Nessa fase, conseguimos identificar possíveis falhas quanto à redação das questões. Constatamos que a extensão do instrumento estava dentro do estipulado por Oliveira (2007, p. 83): “questões precisas e em número razoável para não ocupar o pesquisado (a) por mais de trinta minutos”. O participante do pré-teste relatou dificuldades para acessar o *link*, dessa forma, reenviamos o convite e a situação foi resolvida. Ele informou ter dedicado cerca de vinte e cinco minutos para responder ao questionário por completo. Após essa etapa, submetemos o protocolo de pesquisa na Plataforma Brasil e solicitamos a autorização ao CEP-UFS<sup>90</sup> para o envio de vinte *e-mails*, os quais seriam encaminhados individualmente aos possíveis participantes de pesquisa. Iniciamos as coletas no mês de agosto de 2022, com o certificado de apreciação ética: 61091822.1.0000.5546, emitido pelo CEP-UFS.

---

<sup>90</sup> O processo de submissão do protocolo de pesquisa ocorreu em julho de 2022, por intermédio das inserções do projeto brochura, instrumento de coleta, termo de confidencialidade e compromisso, cronograma de pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do termo de anuência na Plataforma Brasil. É importante destacarmos que os procedimentos de coleta de dados só ocorreram após a aprovação do CEP, quando no mês de agosto de 2022 recebemos o parecer com a aprovação.

A primeira forma de alcançar esse público foi por divulgações prévias da pesquisa aos que se declaravam como leitores do gênero. A outra forma foi por meio de buscas em perfis da rede social *Instagram*, com a aplicação de descritores (leitor, leitores de autoajuda, autoajuda). Além disso, localizamos perfis de livrarias que foram úteis, pois por meio dos comentários nas postagens relativas aos livros mais vendidos ou lidos, encontrávamos um perfil de leitor que apresentava alguma vinculação com os livros de autoajuda. Esses usuários, com perfis públicos, disponibilizavam seus endereços de *e-mail* e, às vezes, de telefone. Catalogamos os endereços de *e-mail* para o envio do convite, individualmente. No total, construímos uma cota de vinte possíveis participantes.

Tendo em vista que o instrumento foi encaminhado por *e-mail*, Oliveira (2007, p. 84) orienta que nos casos de questionários enviados via internet “é indispensável que, preliminarmente, haja um contato direto entre o pesquisador (a) e o informante, ou simplesmente seja realizado um telefonema ou enviada uma mensagem virtual para os devidos esclarecimentos quanto aos objetivos de pesquisa”. Não conseguimos realizar esse procedimento com todos os participantes convidados, visto que em alguns casos só tínhamos o contato de *e-mail*. Apesar disso, disponibilizamos os nossos contatos de telefone e *e-mail* para casos de dúvidas e possíveis esclarecimentos quanto à pesquisa.

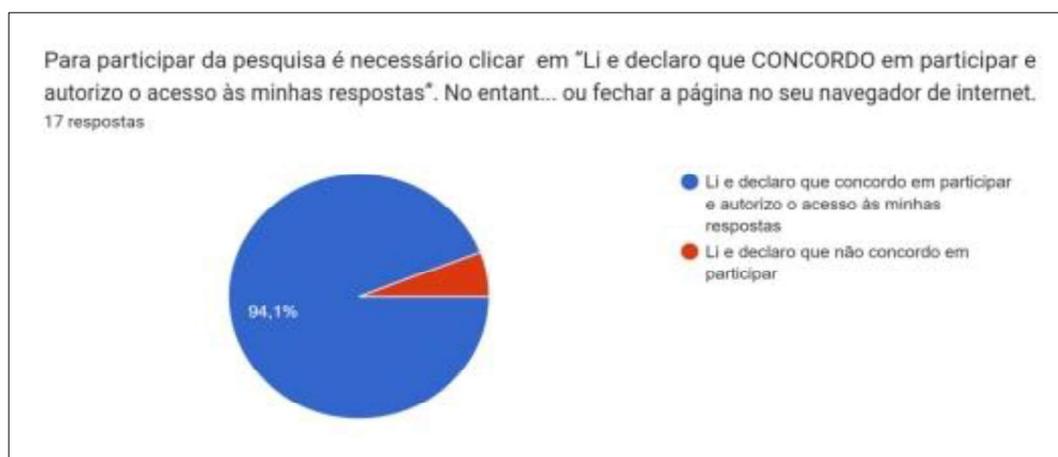
Após a obtenção das informações por meio do instrumental de pesquisa, os dados foram sistematizados para facilitar o processo de análise. De modo geral, essas etapas foram fundamentais para compreendermos quais são as experiências de leitura, como essas experiências criam a imagem do leitor e quais são os discursos que atravessam as práticas de leitura de livros de autoajuda, observando-se, portanto, se existem elementos que atestam a interdiscursividade como uma estratégia discursiva fundante da arquitetura multissêmica do discurso estudado e seus desdobramentos na compreensão do *ethos* de leitor.

#### 3.2.4 Participantes de pesquisa

Para a inclusão dos participantes de pesquisa levamos em consideração a faixa etária entre 18-70 anos, hábito da leitura e a diversidade de profissões. Adotamos como critério de exclusão a ausência de experiências de leitura por meio de livros de autoajuda e o não preenchimento do questionário. Após o encaminhamento do instrumento de pesquisa,

obtivemos dezesseis questionários respondidos e um questionário em branco. Conforme dados do seguinte gráfico:

**Gráfico 2-**Respostas de todo o *corpus* sobre a anuência para participar da pesquisa



**Fonte:** Instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *google forms* (2023)

Após a sistematização dos dados, confirmamos a faixa etária dos participantes entre 29 a 45 anos de idade. A nossa pesquisa abarcou, majoritariamente, participantes do Estado de Sergipe, no entanto, vale frisar que a seletividade desses participantes não ficou restrita à localização geográfica. De modo geral, tivemos a participação de leitores do Estado de Sergipe, com participantes das cidades de Lagarto (10), Aracaju (2) e Estância (1); Bahia (1), São Paulo (1) e Minas Gerais (1). A seguir, apresentamos o quadro de profissões dos participantes:

**Quadro 5-** Profissões dos leitores participantes de pesquisa

Profissão/ocupação	Total de participantes (16)	Idade aproximada
Advogado	01	45 anos
Arquivista	01	47 anos
Assistente administrativo	02	37 anos
Bibliotecária	01	31 anos
Consultora	01	29 anos
Contadora	01	32 anos
Empreendedora	02	38 anos
Empregada pública	01	30 anos
Professora	02	38 anos
Servidor(a) público(a)	02	31 anos
Técnico em Secretariado	01	34 anos
Vendas	01	29 anos

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

### 3.2.5 Recurso tecnológico

Tendo em vista a existência de um grande volume de dados para o processamento analítico, buscamos um recurso que nos auxiliasse na leitura e interpretação dos dados. Assim sendo, obtivemos o conhecimento do *software* WebQDA (<https://www.webqda.net/o-webqda/>). O WebQDA é um *software* específico destinado à investigação qualitativa em geral. (Souza; Costa; Moreira, 2011). A Universidade de Aveiro é a proprietária do serviço e disponibiliza uma licença gratuita durante os primeiros quinze dias de uso do *software*. Os benefícios do WebQDA residem, especialmente, na interface intuitiva, mecanismos de armazenamento, pesquisa e recuperação de dados em ambiente *on-line* e colaborativo, além de contribuir com o rigor e qualidade das investigações.

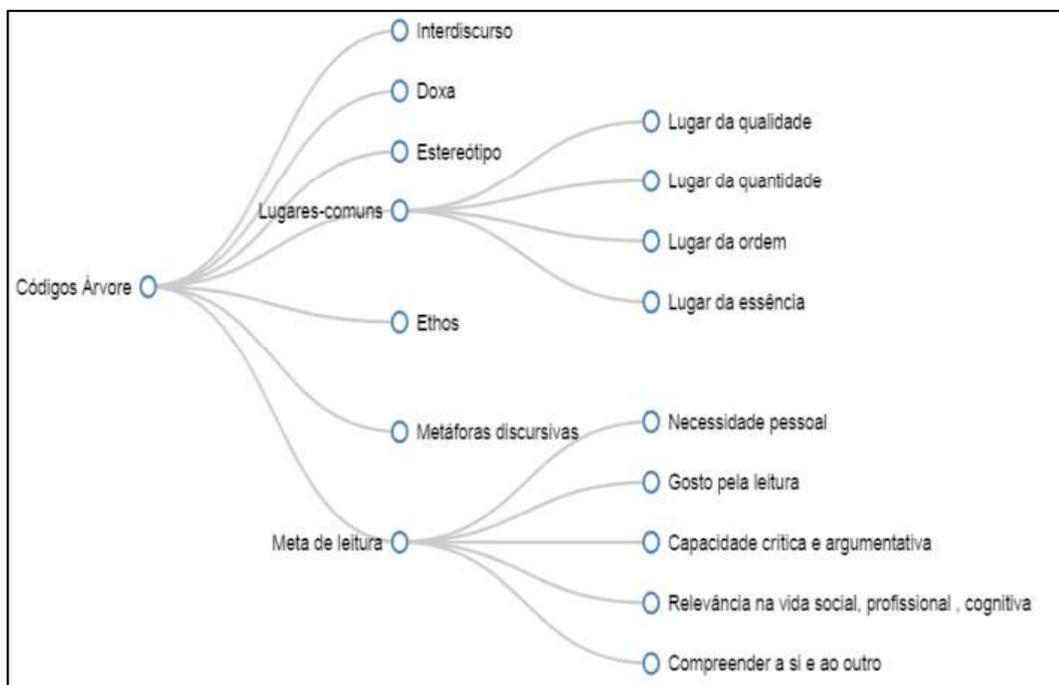
Consoante Bauer e Gaskell (2002, p. 397), os “pacotes de software são instrumentos para mecanizar tarefas de organização e arquivamento de textos, e se constituem em um software para ‘tratamento e arquivamento de dados’, mas não são instrumentos para ‘análise de dados’”. Essa tarefa cabe, exclusivamente, ao pesquisador, mediante o suporte da teoria de base. A funcionalidade dessa ferramenta consiste primordialmente na codificação, isto é, na “ação de relacionar passagens do texto a categorias que o pesquisador ou já desenvolveu anteriormente, ou irá desenvolver para o caso específico”.

A primeira versão do WebQDA foi lançada em 2010 e, atualmente, o *software* é composto por três sistemas: fontes, codificação e questionamento. As fontes correspondem aos materiais que o pesquisador dispõe, como livros, entrevistas, respostas obtidas por questionários, imagens ou vídeo.

A codificação, como o próprio nome já informa, refere-se ao processo de criação de códigos e categorias (códigos livres e códigos árvore). Em nosso processo de leitura e interpretação dos dados, o *software* nos auxiliou por intermédio dos seguintes códigos livres: representação do leitor virtual, valores, campos semânticos afetivos, técnicas argumentativas, relação texto-autor-leitor, discurso ajudador, narrador protagonista, perguntas e respostas, auditório, texto narrativo, texto injuntivo, teses, experiência de leitura, defesa de um ponto de vista, respostas em branco e comentário discursivo.

As categorias<sup>91</sup> mencionadas nos códigos árvore foram aquelas estabelecidas pelas teorias de base, conforme exposto a seguir:

**Figura 2-**Códigos árvore



**Fonte:** <https://app.webqda.net/Codification/CodesGraph?Tipo=5>

Por seu turno, o sistema de questionamento permite ao pesquisador questionar os dados, com base na configuração atribuída aos dois sistemas citados anteriormente, propiciando a triangulação e a construção de respostas às questões de investigação.

No primeiro acesso foi possível realizar a descarga de ficheiros ou arquivos, a começar pelo projeto de interesse. Nesse momento, o WebQDA estava vazio de conteúdo e de estrutura teórica ou categorial, logo, conseguimos configurá-lo de acordo com os objetivos da pesquisa. Por si só, o *software* é apenas um visualizador de informações. Caberá ao usuário conhecer o funcionamento do programa a fim de editar, visualizar, interligar e organizar documentos, bem como criar e aplicar as categorias e codificações que atendam aos objetivos de pesquisa. Posteriormente, realizamos as codificações e extrações dos enunciados que fizeram parte das análises. Lá, foi possível usar cores diferentes nas codificações, como também adicionar comentários prévios para o processo de interpretação e análise dos dados.

<sup>91</sup> Nesta pesquisa, a mesma categoria foi aplicada nas diferentes materialidades, assim, observamos de forma amplificada o funcionamento discursivo.

## Seção IV- ANÁLISE DOS *CORPORA*

Durante o período de leitura e escrita do trabalho de pesquisa existem várias etapas que precisam ser concluídas a fim de que o analista possa aterrissar de forma, parcialmente segura, em seu objeto de estudo. De acordo com Gil (2008, p. 177), a análise é uma atividade eclética. Desse modo, “não há uma única maneira de fazê-la. Embora se reconheça a importância de um arcabouço metodológico sólido, não se pode dispensar a criatividade do pesquisador. Cabe-lhes muitas vezes desenvolver a sua própria metodologia”. Dessa maneira, reservamos esta seção para as explanações das análises dos *corpora*. A princípio, temos as análises dos dados obtidos via questionários *on-line*, conforme a próxima subseção.

### 4.1 Análises dos dados obtidos via questionário *on-line*

Por intermédio do questionário *on-line* coletamos as respostas dos participantes de pesquisa. A seguir, apresentamos os levantamentos<sup>92</sup> sobre as cidades/estados dos participantes:

**Quadro 6-** Respostas de todo o *corpus* sobre a localização geográfica

Cidades	Estados	Total de participantes (%)
Lagarto	Sergipe	10 (63%)
Aracaju	Sergipe	02 (13%)
Estância	Sergipe	01 (6%)
Santo Antônio de Jesus	Bahia	01 (6%)
Juiz de Fora	Minas Gerais	01 (6%)
São Vicente	São Paulo	01 (6%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

Como foi dito em outro momento, o critério regional não foi prioritário na seleção dos casos. Dessa forma, à medida que encontrávamos sujeitos com características que atendiam aos critérios eleitos, realizávamos o procedimento de coleta. Contabilizamos 63% das respostas na cidade de Lagarto (10 participantes). Compreendemos que esse resultado corresponde ao motivo de divulgarmos e obtermos as primeiras manifestações de interesse pela pesquisa nessa cidade.

---

<sup>92</sup> Conforme Oliveira (2007, p. 88), em uma amostra não-probabilística o pesquisador determina a quantidade de elementos ou o número de pessoas aptas a responder um questionário.

De modo geral, a faixa etária dos participantes foi diversificada. Conforme dados coletados, tivemos:

**Quadro 7-** Respostas de todo o *corpus* sobre faixa etária e profissões

	<b>Profissão/ocupação</b>	<b>Idade</b>
1	Advogado	45 anos
2	Arquivista	47 anos
3	Assistente administrativo 1	37 anos
4	Assistente administrativo 2	35 anos
5	Bibliotecária	31 anos
6	Consultora	29 anos
7	Contadora	32 anos
8	Empreendedora 1	38 anos
9	Empreendedora 2	35 anos
10	Empregada pública	30 anos
11	Professora 1	38 anos
12	Professora 2	34 anos
13	Servidor(a) público(a) 1	31 anos
14	Servidor(a) público(a) 2	33 anos
15	Técnico em Secretariado	34 anos
16	Vendas	29 anos

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

Como pode ser verificado, há uma ascendência das idades registradas pelos participantes; as faixas etárias são: 29 (12,5%), 30 (6,3%), 31 (12,5%), 32 (6,3%), 33(6,3%), 34 (12,5%), 35 (12,5%), 37 (6,3%), 38 (12,5%), 45(6,3%) e 47 (6,3%). Em primeiro lugar, conseguimos constatar uma compatibilidade com os dados fornecidos pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020, p.40), realizada pelo Instituto Pró-Livro. Nesse caso, a amostra nacional foi equivalente a 4.270 leitores. Nesses levantamentos, os maiores quantitativos de leitores de autoajuda estavam enquadrados entre as idades de 18 a 49 anos. Ao retomarmos os dados fornecidos pela Livraria Escariz encontramos como estimativa as faixas etárias compreendidas entre 35 e 70 anos. Tendo em vista esse comparativo de informações, entendemos que a parcela representativa dos consumidores de livros de autoajuda engloba o público jovem e o adulto.

No tocante às profissões, encontramos uma heterogeneidade profissional, incluindo as seguintes áreas: educação, ciências humanas, jurídica, serviço público, comercial e administrativa. Mediante os estudos de Turmina (2014), o discurso de autoajuda é caracterizado como um propagador de ideologias que repercutem na formação de um trabalhador de novo tipo, ou seja, na estruturação desse discurso existe um efeito de homogeneidade cuja função é

disseminar a ideia de que cabe ao indivíduo desenvolver ações e mudanças de condutas para a sua inserção e evolução no campo profissional. Ainda na visão da autora, no âmbito do aperfeiçoamento profissional, a discursividade da autoajuda “educa para o desenvolvimento de uma participação cívica, um dos valores da nova sociabilidade forjada pelo neoliberalismo” (Turmina, 2014, p. 167). Entendemos que o neoliberalismo ultrapassa as esferas de um sistema econômico para se perpetuar no discurso de autoajuda por meio de condutas individualistas. Isso quer dizer que existe um investimento contínuo nos modos de aprender a pensar, sentir, ser e agir frente aos desafios sociais. Não tivemos acesso à informação de remuneração mensal dos participantes, todavia, inferimos que há uma mescla de estratos sociais, uma vez que ao consultarmos os pisos salariais<sup>93</sup> dessas profissões, constatamos uma variação salarial entre 1.550,00 a 4.580,64.

Dando seguimento, buscamos conhecer o nível de escolaridade desse leitor. Segundo os nossos resultados de pesquisas, dentre os níveis apresentados: ensino fundamental completo, fundamental incompleto, ensino médio completo, ensino médio incompleto, ensino superior completo, ensino superior incompleto ou outros, constatamos:

**Quadro 8-** Respostas de todo o *corpus* sobre o grau de escolaridade

Nível	Total (%)
Graduação	11 (69%)
Pós-graduação	05 (31%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

Conforme apontam os dados, a formação predominante foi o ensino superior completo. Dos dezesseis participantes, onze possuem formação nesse nível. Enquanto isso, cinco participantes possuem pós-graduação, sendo que um deles encontra-se em fase de doutoramento, conforme registrado pelo participante na opção outros. Em relação à escolaridade, encontramos compatibilidade com os resultados emitidos pela Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020, p. 39), pois o quantitativo de livros do gênero autoajuda foi evidenciado no nível superior com o quantitativo de 17 respondentes, enquanto no fundamental I foi apenas 01, no fundamental II foram 03 e no ensino médio foram 12 participantes.

---

<sup>93</sup> Os dados salariais disponibilizados no endereço <https://www.salario.com.br/busca-salarial/> são tabelados em conformidade com as informações publicizadas pela Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia.

No tocante aos formatos e quantitativos de livros lidos, os dados indicam que as práticas de leitura dos leitores participantes são pautadas pela mesclagem do livro digital e impresso, 62,5% afirmam usar os dois formatos e 37,5% afirmam usar apenas o formato impresso. No que tange ao quantitativo de livros lidos, obtivemos os seguintes resultados:

**Quadro 9-** Respostas de todo o *corpus* sobre o quantitativo de livros lidos

Quantitativo de livros lidos	Total (%)
1	2 (12,5%)
2 a 5	3 (18,8%)
6 a 10	6 (37,5%)
Mais de 10	5 (31,3%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

Em prol de ampliarmos as investigações acerca do comportamento desse leitor, realizamos três questões de múltiplas escolhas que contemplavam os objetivos, ambientes de leitura e os critérios de escolha/aquisição dos livros. Dando continuidade, indagamos sobre quais locais esse leitor costuma ler. Os participantes responderam:

**Quadro 10-** Respostas de todo o *corpus* sobre os locais de leitura

Locais	Total (%)
Casa	16 (100%)
Trabalho	7 (43,8%)
Livrarias	2 (12,5%)
Escola/Faculdade/Universidade	6 (37,5%)
Clínicas	5 (31,3%)
Bibliotecas	3 (18,8%)
Clubes de leitura	3 (16,8%)
Táxi	2 (12,5%)
Igreja	2 (12,5%)
Outros (cursos, ônibus e viagens)	3 (18,8%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

No que concerne aos ambientes dedicados à prática da leitura, captamos uma unanimidade no tocante à leitura praticada em casa. Outros espaços mais destacados foram o trabalho, escola/faculdade/universidade e clínicas. Nessa direção, 18,8% dos leitores afirmam que a biblioteca e os clubes de leituras também são espaços para essa prática. Em relação a outros espaços, os leitores citaram cursos, ônibus, viagens, Febracis<sup>94</sup> e escritório de sessão.

---

<sup>94</sup> É uma escola de negócios, atua por meio do *coaching* integral sistêmico cuja finalidade é oferecer possibilidades e estratégias para que os participantes alcancem um estilo de vida abundante. A empresa é presidida pelo escritor Paulo Vieira, *Phd* e mestre em *coaching*, autor dos livros *o Poder da Ação* e *o Poder da autorresponsabilidade*.

Com relação à unanimidade da prática da leitura em casa, podemos afirmar que a leitura de autoajuda carrega em si fortes atributos da leitura cursiva, não institucionalizada (leitura pessoal, autônoma e livre de coerção avaliativa). Por se tratar de um ambiente que não exige um ritual de formalidade para essa prática, nessas circunstâncias, a leitura pode ser vista sob uma esfera íntima, particularizada, individualizada (leitura doméstica), com vistas à busca de informação prioritariamente sobre as necessidades particulares, “livre” de qualquer obrigatoriedade. Diante desses dados, confere-se ao sujeito a tarefa de construir “livremente” sua história de leitura. O leitor constrói a própria história de leitura, por sua vontade e liberdade (Nunes, 2003). Porém, não nos esqueceremos de que os livros de autoajuda são atravessados por enunciações que subordinam esse leitor a um lugar de necessidade constante, logo, esse conceito de liberdade é problemático por nos reconduzir aos valores do liberalismo<sup>95</sup>.

A seguir, apresentamos os resultados acerca dos objetivos de leitura sinalizados pelos participantes:

**Quadro 11-** Respostas de todo o *corpus* sobre os objetivos de leitura

<b>Objetivos de leitura</b>	<b>Total (%)</b>
Autoconhecimento	15 (93,8%)
Entretenimento	09 (56,3%)
Definir objetivos e metas	14 (87,5%)
Mudanças de cunho emocional, econômico, espiritual e físico	15 (93,8%)
Aprimorar conhecimentos	12 (75%)
Outros	1 (6,3%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

Na sequência dos questionamentos, quinze leitores (93, 8%) afirmaram que os objetivos de leitura correspondem ao autoconhecimento, mudanças de cunho emocional, econômico, espiritual e físico. Outros objetivos acentuados foram a definição de metas, entretenimento, aprimorar conhecimentos e melhorar a escrita e o diálogo. Acerca disso, Chartier (2011, p. 20) afirma: “[...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”. Estamos diante de uma base de valores que sustém a história de leitura por meio da liberdade e do ato formativo. Como afirmou Nunes (2003, p.42-23), “forma-se a

---

<sup>95</sup> De acordo com Figueiredo (2007, p. 131), o valor da liberdade foi constitutivo do liberalismo clássico. A descaracterização dessa doutrina se deu pelo surgimento do utilitarismo, com Jeremy Bentham (1748- 1832). “O utilitarismo irá substituir a crença e a defesa intransigente dos direitos naturais dos indivíduos pelo cálculo racional da felicidade.”

imagem de um ‘leitor heróico’, que por iniciativa própria, e sem as limitações de censura ou de condições financeiras, pode tudo ler e interpretar”. A busca pelo autoconhecimento autoriza o discurso do fazer individual, portanto, retoma-se o discurso sobre o (neo)liberalismo na leitura.

**Quadro 12-** Respostas de todo o *corpus* sobre os critérios de escolha dos livros

<b>Critérios de escolha</b>	<b>Total (%)</b>
Capa	7 (43,8%)
Título	10 (62,5%)
Autor	12 (75%)
Relevância do conteúdo	12 (75%)
Indicações de amigos/ <i>booktubers</i>	10 (62,5%)
Divulgação realizada por livrarias	1 (6,3%)
Sinopse	7 (43,8%)
<i>Ranking</i> de vendas	2 (12,5%)
Outros	1 (6,3%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no instrumento de pesquisa (2023)

No que se refere ao processo de aquisição do livro, os critérios elegíveis por 75% dos leitores foram a autoria e relevância do conteúdo. Em seguida, temos o título e as indicações de amigos/ *booktubers* (62,5%). Solomon (2016, p. 275) afirma que “escolhemos produtos quando seus atributos correspondem a algum aspecto do eu”. Nesse caso, a correspondência ou identificação são autenticadas pela relação autor e texto (relevância do conteúdo).

A seguir, detalhamos a triangulação dos dados.

#### 4.2 Triangulação dos dados

Dando seguimento às análises, realizamos a triangulação dos dados. Nesse percurso, seguindo o esquema geral do processo enunciativo/argumentativo de Galinari (2009), iniciamos as análises com uma contextualização das condições de produção do discurso e fatores sócio-históricos referentes ao ano de emissão das respostas por parte dos leitores participantes da pesquisa.

No ano de 2022, após percorrermos um contexto de grave crise sanitária iniciada nos fins de 2019, permanecia a imensa necessidade de se lidar com as perdas, distanciamentos e negligências estatais. Era um período de contínuo cuidado com as novas fases da doença (COVID-19), afinal, mesmo após as liberações das vacinas ainda existia o medo. O ano de 2022 estava cotado como o ano de retomada do “novo normal”.

No âmbito econômico, o Ministério da Economia<sup>96</sup> publicou o crescimento do produto interno bruto e estipulou a redução dos preços dos combustíveis, estabilização da inflação de serviços e alimentos. Enquanto isso, os resultados do II Inquérito Nacional da Insegurança Alimentar no Brasil<sup>97</sup> apontavam que a maior proporção daqueles que convivem com a fome envolvem moradores da região Norte e Nordeste.

Enquanto no Brasil tínhamos uma tensa corrida eleitoral, do outro lado do mundo, Leste Europeu, havia uma guerra acirrada entre potências econômicas. Ainda em 2022, os brasileiros lutavam para enfrentar o déficit deixado pela escassez de investimentos estatais, pelas crises institucionais e desemprego.

No cenário educacional travava-se uma luta contra os contingenciamentos na educação e em defesa da ciência. Diante de todo esse cenário, o discurso “vendido” era o de que o Brasil estava em boas condições porque ocupava o 12º lugar no *ranking* das maiores economias do mundo.

A economia é um assunto de importância social, mas em determinados contextos ela passou a compor as teses e defesas que aludem aos interesses de uma determinada formação discursiva, associada aos valores de uma lógica neoliberal. E no âmbito dessa pesquisa, a relação entre economia e leitura atinge o crivo do mercado editorial<sup>98</sup>. Na visão de Nunes (2003),

o livro, enquanto um bem de consumo, está sujeito às influências e às regulamentações do mercado, às estratégias de comércio, aos modos de circulação de mercadoria, etc. [...] o leitor é localizado em nossos dias em meio a palavras de ordem que marcam as relações de produção do modo capitalista: “produtividade”, “rendimento”, “organização”, “competência”, “eficiência”, “rapidez” (Nunes, 2003, p. 36).

Nessa vertente, os discursos neoliberais perpetuam uma *doxa* firmada no potencial do indivíduo. Defende-se a resolução dos problemas sociais por meio do empreendedorismo de si, da meritocracia<sup>99</sup>, o sucesso como resultado exclusivo do desempenho pessoal.

---

<sup>96</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/ministerio-da-economia-eleva-estimativa-do-pib-de-2022-para-2-7>. Acesso em: 27 de maio 2023.

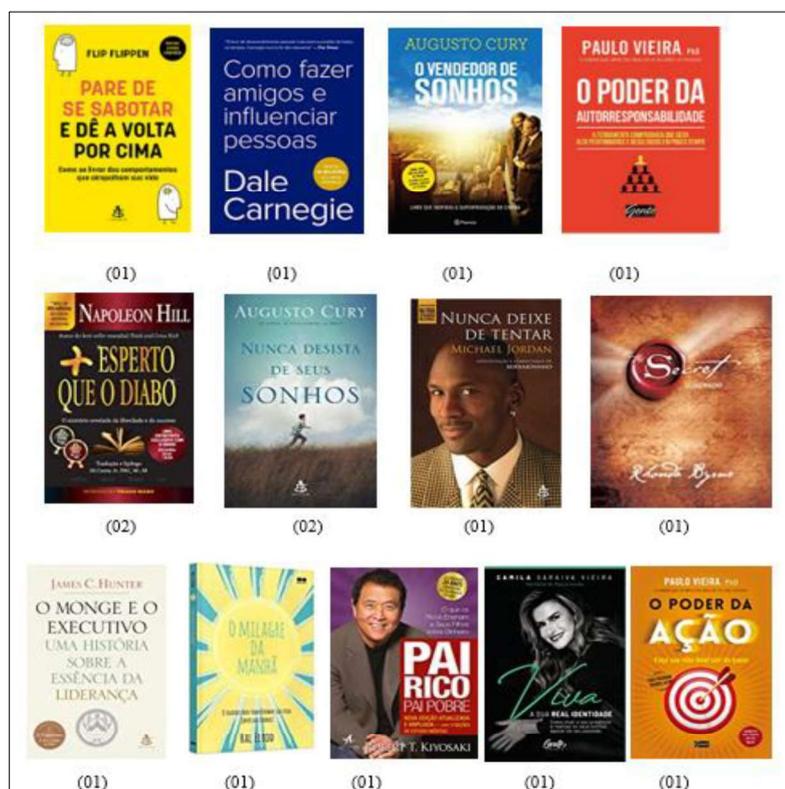
<sup>97</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/10/14/olheestados-diagramacao-v4-r01-1-14-09-2022.pdf>. Acesso em: 27 de maio 2023.

<sup>98</sup> O 11º Pannel do Varejo de Livros no Brasil em 2022, pesquisa realizada pela Nielsen Book do Brasil e divulgada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), mostra que no acumulado foram vendidos 47,65 milhões livros em 2022, com uma arrecadação de R\$ 2,06 bilhões, valores superiores em relação ao ano anterior em 4,06% e 8,59%, respectivamente. Em 2021, o mercado editorial já celebrava uma performance que era superior ao ano inteiro de 2020. Disponível em: <https://snel.org.br/mercado-editorial-alcanca-r-2-bi-em-faturamento-antes-mesmo-da-black-friday/>. Acesso em: 27 de maio 2023.

<sup>99</sup> Nessa direção, o apelo ao lugar do vencedor e perdedor cria maiores polarizações sociais e desigualdades.

Após a apresentação desse contexto situacional, a figura 3 e o quadro 13 apresentam os livros<sup>100</sup> do gênero autoajuda mais citados pelos participantes de pesquisa:

**Figura 3-** Livros mais citados pelos participantes de pesquisa



Fonte: <https://www.amazon.com.br>

**Quadro 13-** Lista de livros citados pelos participantes de pesquisa

Títulos dos livros citados pelos participantes	Autor	Citado pelo/a leitor/a
Pare de se sabotar e dê a volta por cima	Flip Flippen	Leitora 01
Como fazer amigos e influenciar pessoas	Dale Carnegie	Leitora 02
O vendedor de sonhos	Augusto Cury	Leitora 03
O poder da autorresponsabilidade	Paulo Vieira	Leitora 04
Nunca desista de seus sonhos	Augusto Cury	Leitor 05
Nunca deixe de tentar	Michael Jordan	Leitora 06
Nunca desista de seus sonhos	Augusto Cury	Leitora 07
+ Esperto que o diabo	Napoleon Hill	Leitora 08

<sup>100</sup> (01) = indicação de apenas um leitor; (02) = indicação de dois leitores.

O monge e o executivo	James C. Hunter	Leitor 09
Pai rico, pai pobre	Robert T. Kiyosaki	Leitor 10
Nunca desista de seus sonhos	Augusto Cury	Leitora 11
O segredo	Rhonda Byrne	Leitora 12
Viva a sua real identidade	Camila Saraiva Vieira	Leitora 13
O milagre da manhã	Hal Elrod	Leitora 14
+ Esperto que o diabo	Napoleon Hill	Leitora 15
O poder da Ação	Paulo Vieira	Leitora 16

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

Dentre os 16 livros citados pelos participantes somente 05 são de autores brasileiros. *O vendedor de sonhos* (Augusto Cury), *O poder da autorresponsabilidade* (Paulo Vieira), *Nunca desista de seus sonhos* (Augusto Cury), *Viva sua real identidade* (Camila Vieira) e o *Poder da ação* (Paulo Vieira).

Por meio da triangulação dos dados empreendemos análises concernentes às duas obras selecionadas pelos critérios metodológicos.

Nessa empreitada, vale retomar o pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) quando explicam como nos campos jurídicos, político e filosófico os valores intervêm como base de argumentação. “Recorre-se a eles para motivar o ouvinte a fazer certas escolhas em vez de outras e, sobretudo, para justificar estas, de modo que se tornem aceitáveis e aprovadas por outrem” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 85). Fazer a escolha de um livro, por exemplo, pode incluir uma hierarquia de valores.

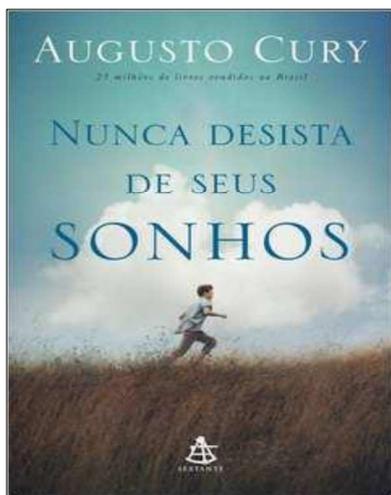
A seguir, realizamos a triangulação dos dados, visto que conjugamos análise dos enunciados dos livros, os argumentos de leitores empíricos (obtidos por intermédio de questionários *on-line*) e os comentários *reviews* (avaliações de compra).

#### 4.3 A rede interdiscursiva em *Nunca desista de seus sonhos* (Cury, 2007) e as codificações das experiências de leitura

No decorrer de um trajeto metodológico o analista pode se deparar com o seu objeto e em algumas circunstâncias, timbrar um olhar silencioso sobre ele. Criar intimidade e domínio sobre o que é tratado e interpretado é parte fundamental desse processo. Mesmo tendo ao nosso lado muitos estudiosos da linguagem, ainda assim, nos é imputada a responsabilidade pessoal de aferir um olhar renovado sobre as materialidades discursivas selecionadas.

Apresentamos, a seguir, a capa do livro *Nunca desista de seus sonhos*, do psiquiatra Augusto Cury (autor brasileiro com mais de 25 milhões de livros vendidos no Brasil). Nesse primeiro momento, podemos observar o caráter argumentativo da imagem, no sentido de apresentar uma pessoa que corre em direção a algum lugar (não é uma pessoa qualquer, é um jovem, com representações do sexo masculino, branco).

**Figura 4-** Ilustração da capa



**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Nunca-desista-seus-sonhos-Augusto/dp/8543102553/>

Na cena genérica exposta encontramos um lugar específico da autoajuda: a motivação. Incentiva-se a corrida em busca dos objetivos mesmo diante de uma vegetação seca, ou seja, diante da “escassez”. A corrida está para a persistência assim como a paisagem celeste está para a liberdade e ausência de limites para lutar pelos sonhos. A retórica do aconselhamento já começa na capa. O livro em tela é composto por cinco capítulos: 1) O maior vendedor de sonhos; 2) Um sonhador que coleciona derrotas; 3) O sonho de um pacifista que enfrentou o mundo; 4) Um sonhador que desejou mudar os fundamentos da ciência e contribuir com a humanidade; 5) Nunca desista de seus sonhos.

O ponto de abertura da argumentação sustenta-se nos valores abstratos da resiliência e disciplina, estabelecidos por intermédio de uma relação verossímil entre as vivências dos supostos leitores que enfrentam crises, caos e decepções<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> Nessa direção, Lypovetsky (2007) alega que a decepção é uma experiência extremamente forte como resultado das ditaduras neoliberais e pelos sistemas moralizadores da felicidade.

Diante dos cinco capítulos que compõem a obra, selecionamos enunciados dos três primeiros capítulos para as análises que atestam a nossa tese. Em tais capítulos, constatamos a predominância dos argumentos que se baseiam na estrutura do real, em especial, o argumento pelo modelo. A seguir, apresentamos a primeira codificação referente ao primeiro capítulo:

**Figura 5-** Metáforas

O que é a resiliência? É a capacidade de preservar a integridade diante das adversidades. É, acima de tudo, aprender a proteger a própria emoção. Sem filtro, a mente se torna terra de ninguém, facilmente se aprisiona dentro de si mesma. A segurança de um ser humano não se mede pela inteligência, pelo dinheiro, pelo poder político ou pelos guarda-costas que ele tem. Mas pela capacidade do Eu em proteger sua emoção. Protegê-la é usar a dor para lapidar a paciência, usar a angústia para refinar a tolerância, usar as falhas para corrigir as rotas.

Mas como ser resiliente se nosso Eu, que representa a consciência crítica e a capacidade de escolha, não é treinado e equipado para lidar com as intempéries da vida? Profissionais em todo o mundo se formam nas mais diversas universidades, mas estão despreparados para os desafios socioprofissionais e existenciais, não sabem o que fazer com seus fracassos, suas crises, seu caos e suas decepções. Foram preparados para navegar em céu de brigadeiro, mas não para enfrentar os terremotos emocionais.

Você verá neste livro histórias de personagens incríveis como o Mestre dos mestres, Abraham Lincoln, Martin Luther King, Beethoven que foram feridos, desprezados, incompreendidos, atravessaram os vales sórdidos das perdas, dos vexames, do escárnio e dos deboches. Se não tivessem aprendido a ter resiliência, não sobreviveriam, teriam não só desenvolvido doenças

Fonte: (Cury, 2007, p. 10)

Realizamos a leitura desse excerto no código livre referente às metáforas. Previamente, notamos o procedimento de aproximação com o leitor por intermédio da figura de interrogação. O locutor dá a definição de resiliência e investe no *ethos* interdiscursivo<sup>102</sup>. Apela para os discursos advindos da psicologia, *A segurança de um ser humano não se mede pela inteligência, pelo dinheiro [...], mas pela capacidade do Eu em proteger sua emoção*. Além disso, recorre à exploração de virtudes morais<sup>103</sup> cultivados por figuras históricas, como: Jesus, Abraham Lincoln, Martin Luther King e Beethoven. Com um tom terapêutico e de teor persuasivo, o

<sup>102</sup> Galinari (2012, p.55) ao defender que o *ethos* está ligado a uma “moldura sócio-histórica” propõe a categoria do *ethos* interdiscursivo. O funcionamento desse *ethos* abrange a esfera dos dados “situacionais, históricos e psicológicos que dizem respeito à instância de produção do discurso, reconstituíveis pelo acesso do pesquisador a um interdiscurso particular”.

<sup>103</sup> Para Aristóteles (2015), as virtudes podem ser de dois tipos: as intelectuais e as morais. A primeira cresce por intermédio do ensino, por isso requer experiência e tempo. Enquanto a virtude moral é adquirida pelo hábito e exercício.

enunciador cria uma proximidade e emite confiança por intermédio dos conselhos direcionados ao leitor virtual (formulado). A primeira metáfora, *céu de brigadeiro*, refere-se à inexistência de dificuldades para parte de uma determinada classe social, visto que a expressão impõe uma distinção. Enquanto a expressão *-os terremotos emocionais-* faz alusão aos problemas enfrentados internamente pelos sujeitos pós-modernos, ao suposto leitor que está enfrentando uma perda pessoal/financeira, um problema de saúde, vícios, problemas de ordem física e/ou emocional. No contexto situacional, estamos diante de um leitor virtual (formulado) que, em pleno século XXI, se depara com dificuldades na vida, sobre as quais não tem domínio e, por isso, precisa encontrar soluções. Dessa maneira, o enunciador faz um acolhimento e pelas metáforas consegue tornar o discurso mais agradável.

De acordo com Figueiredo e Ferreira (2016) é no exórdio que o locutor apresenta as bases da argumentação a fim de tornar os interlocutores dóceis, benevolentes e atentos. No capítulo em discussão, o locutor cria uma cenografia baseada nos valores da resiliência e constância (sonhos) e no regime disciplinar (preservação da integridade e proteção das emoções). Identificamos a seguinte tese inicial: o êxito reside na junção entre sonhos, disciplina e saúde emocional.

Ao lançarmos mão do conceito de leitor virtual (Orlandi, 2008), doravante leitor formulado, identificamos a imagem de uma pessoa despreparada, insatisfeita e dependente de um modelo utilitário-comportamental. Consoante Rudiger (2010), o horizonte de projeção social dessa ajuda limita-se cada vez mais à esfera íntima e privada.

Dando seguimento, observamos como se deu a estratégia discursiva por intermédio do argumento pelo modelo. O locutor usa esse argumento para estabelecer casos particulares, como exemplares e modelos a serem imitados, comportamentos particulares. Como dito por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 414-417), “não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio [...], a referência a um modelo possibilita promover certas condutas”. Vejamos a próxima codificação:

**Figura 6-** Técnicas argumentativas

Este livro foi escrito para todos os que precisam sonhar (crianças, jovens, pais, profissionais) e não apenas para psicólogos e educadores. Ele fala sobre a ciência dos sonhos, a mente dos sonhadores, a personalidade dos que nunca desistiram dos seus sonhos. Acima de tudo, ele ensina a pensar. Provavelmente, ao lê-lo, você vai repensar a sua vida. Uma mente saudável deveria ser uma usina de sonhos. Pois os sonhos oxigenam a inteligência e irrigam a vida de prazer e sentido.

Você também verá parte da minha história nesta obra: crises, rejeições, dificuldades, algumas lágrimas que chorei e outras que não tive coragem de chorar. Mas acho que lágrimas são vírgulas invertidas. Quando o mundo desabou sobre mim precisei ser um comprador de vírgulas para continuar a compor minha história... Todos os sonhadores escreveram seus melhores capítulos nos dias mais dramáticos... Espero que você faça parte desse time.

**Fonte:** Cury, 2007, p. 11

O locutor baseia-se no argumento pelo modelo: *você também verá parte da minha história nesta obra: crises, rejeições, dificuldades, algumas lágrimas que chorei e outras que não tive coragem de chorar* a fim de propor uma identificação com o auditório; ele mesmo uma pessoa formada, com uma profissão de destaque, o que talvez já direcione para um auditório com características em comum com o orador. Na sequência, ele sinaliza alguns problemas psicológicos, digamos, que impedem a ação e foram experienciados por ele. Como psiquiatra, ele assume para o leitor a imagem de um orador autorizado<sup>104</sup>, apropria-se do discurso terapêutico/clínico e assume o poder discursivo por intermédio de um estatuto profissional, o que valida a confiança<sup>105</sup> no fiador, investido de uma corporalidade (médico), como exposto por Maingueneau (2016).

O locutor continua com as operações metafóricas quando menciona: *Mas acho que lágrimas são vírgulas invertidas. Quando o mundo desabou sobre mim precisei ser um comprador de vírgulas para continuar a compor minha história*. Ele busca provas no lugar do forte e do persistente. A argumentação visa convencer o leitor de que a falta de perspectivas no

<sup>104</sup> Tenta demonstrar prudência e razoabilidade (*phónesis*).

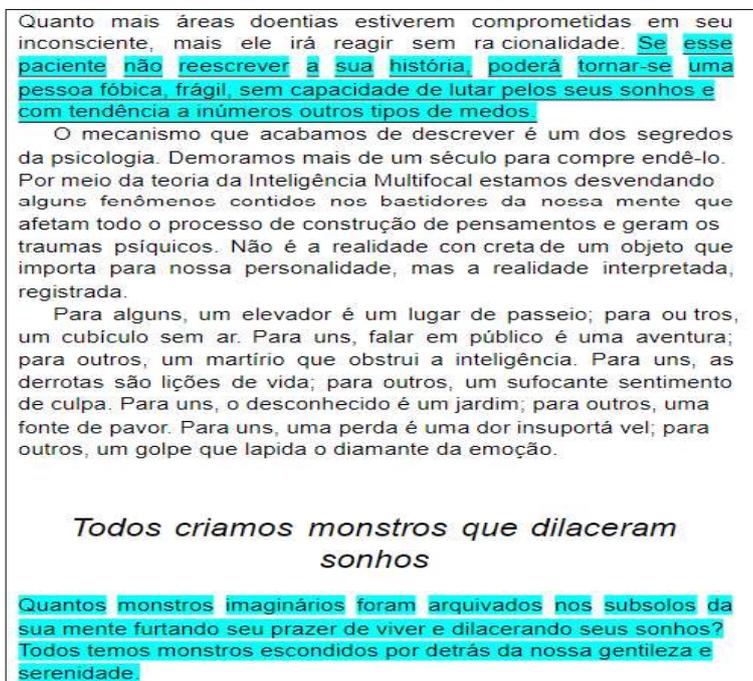
<sup>105</sup> Apreendida por intermédio de um fiador que se coloca como sincero e honesto (*areté*) e solidário (*eúnoia*).

futuro (sonhos) se reflete na fragilidade da condição humana. É o livro que aparece como chave solucionadora desse conflito, a partir dele se instaura a identificação por meio da lógica da predação (Meyer, 1993). Seria um discurso mobilizador do *pathos* (favor e confiança) e da virtude da coragem<sup>106</sup>. E, com isso, podemos suscitar a existência de uma estratégia argumentativa patêmica nos dois códigos analisados. Sendo o *pathos* uma das três provas de persuasão (Aristóteles, 2011), ele é responsável por incitar o auditório/destinatário a sentir emoções por meio do discurso e, com isso, angariar a adesão das teses apresentadas. Nesse caso, estamos tratando de palavras/discursos que podem suscitar emoções diretas ou indiretas.

Nessa conjuntura, a perspectiva racional da emoção (Amossy, 2020) nos interessa à medida que, no quadro comunicacional e sócio-histórico dos discursos de autoajuda, temos aquele sujeito sem direção, repleto de dilemas pessoais, em busca de superar perdas, medos, frustrações, dificuldades financeiras, autossabotagem, crenças limitantes, que não conhece “o poder da mente” e por aí segue uma lista imensa. É possível observar como essas necessidades agregam uma semântica global que universalizam o comportamento humano e perpassam pelas paixões. Dessa maneira, traça-se uma linha tênue entre a manipulação e o apelo aos sentimentos. Nessa esfera, o processo de identificação pode se distanciar da razão e conquistar o destinatário “pela via do desejo e da adesão passional” (Amossy, 2020, p. 201). Examinemos o próximo código:

---

<sup>106</sup> Aristóteles (2015, p. 76) concebeu a coragem como uma virtude. Segundo o estagirita, ela “é o meio-termo em relação ao medo e à temeridade”. Outrossim, Aristóteles (2015, p.61) afirmou que “a virtude tem relação com as paixões e com as ações”. Nesse sentido, em alguns momentos de nossas análises, concebemos a coragem como um desdobramento da paixão da confiança.

Figura 7- *Doxa*

Fonte: Cury, 2007, p. 13

O locutor faz uma espécie de diagnóstico por meio do discurso terapêutico. *Se esse paciente não reescrever a sua história poderá tornar-se uma pessoa fóbica, frágil*, além disso, constrói um *ethos* de pesquisador ao se reconhecer como criador da teoria multifocal e usa a técnica discursiva da contradição (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005), ao colocar sentimentos contrários a partir de um mesmo acontecimento: *para uns, as derrotas são lições de vida; para outros, um sufocante sentimento de culpa[...]* *para uns, uma perda é uma dor insuportável, para outros, um golpe que lapida o diamante da emoção*. Ao usar essa estratégia ele parece buscar ampliar seu auditório, já que todos podem se encaixar dentro dos pólos apresentados. Ou seja, o livro dele é para todos. Outrossim, a repetição das expressões *para uns* e *para outros* gera um efeito de presença, denominada como anadiplose (Ferreira, 2010), a repetição das palavras no início ou final da oração gera um efeito estilístico e de presença. Essa estratégia é usada para enaltecer os clichês (Amossy e Pierrot, 2022) que constituem a argumentação em pauta: “as derrotas são lições de vida”; “um golpe que lapida o diamante da emoção”. O efeito metafórico faz referência ao lugar-comum do forte e do fraco e resgata estereótipos de um discurso ajudador cuja função é a formação de um indivíduo “dono de si”, “independente”, com uma personalidade aprimorada. É um recurso estético, poderíamos cogitar, no espaço da

autoajuda<sup>107</sup>. Portanto, quando o locutor enfatiza os clichês como ferramenta de conexão emocional, concordamos com o pensamento de Citelli (2002, p. 14) quando afirma que “persuadir não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor”.

Observamos que a escolha linguística (*monstros imaginários*) realiza uma aproximação ao que se conhece por perturbação psíquica e pensamentos negativos. Observamos que a força argumentativa do enunciado reside no caráter metafórico. *Se todos temos monstros escondidos*, existe um ponto de acordo e de comunhão entre esse locutor e o destinatário, estamos diante de um valor abstrato da igualdade. Essa comunhão é estabelecida por intermédio de uma memória dóxica<sup>108</sup> que suscita a construção do sujeito pelo próprio sujeito, uma tendência à crença no valor absoluto do próprio eu.

No primeiro capítulo, intitulado como “O maior vendedor de sonhos da história”, o locutor usa a cenografia do espaço bíblico. Vejamos:

---

<sup>107</sup> Ao mesmo tempo, percebemos um discurso contraditório na própria construção de si, que se diz pesquisador e profissional, ligado à racionalidade – para mostrar-se um orador autorizado –, mas abusa das metáforas, lugares-comuns e clichês, alguns que beiram à emotividade excessiva.

<sup>108</sup> Refere-se a uma memória ontológica que dentro do espaço discursivo da autoajuda representa os valores existenciais comuns a esse auditório.

Figura 8- Interdiscurso

*Um convite perturbador*

Naquelas bandas algo novo quebrou a mesmice. Havia um homem que morara por trinta anos num deserto. Seus discursos eram estranhos, seus gestos bizarros. Parecia delirar em seu modo estranho de viver. Estava perturbado com a ideia fixa de que era o precursor do homem mais importante que jamais pisaria na Terra.

Seu nome era João, cognominado de Batista. O que parecia estranho é que ele não convivera com a pessoa que anunciava, mas ela havia ocupado o seu imaginário. Ele fazia discursos eloquentes às margens de um rio, descrevendo aquele homem com a precisão de um cirurgião.

Multidões se aproximavam para ver o espetáculo das suas ideias. Ele teve a coragem de dizer que o homem que aguardava era tão grande que ele mesmo não era digno de desatar-lhe as correias das sandálias. As pessoas ficavam perplexas com essas palavras.

Como podia um rebelde aos padrões sociais, que não tinha papas na língua, que não tinha medo de dizer o que pensava, elevar tão alto alguém que não conhecia? Que homem seria esse que João anunciava em seus discursos?

Esses discursos desenhavam no anfiteatro da mente dos ou vintes os mais diferentes quadros. Alguns achavam que o homem anunciado apareceria como um rei, com vestes talares. Outros imaginavam que ele apareceria como um general acompanhado por grande escolta. Outros ainda pensavam que ele era uma pessoa riquíssima que viria numa elegante carruagem, com uma equipe inumerável de serviçais. Todos o aguardavam ansiosamente.

**Fonte:** Cury, 2007, p. 20-21

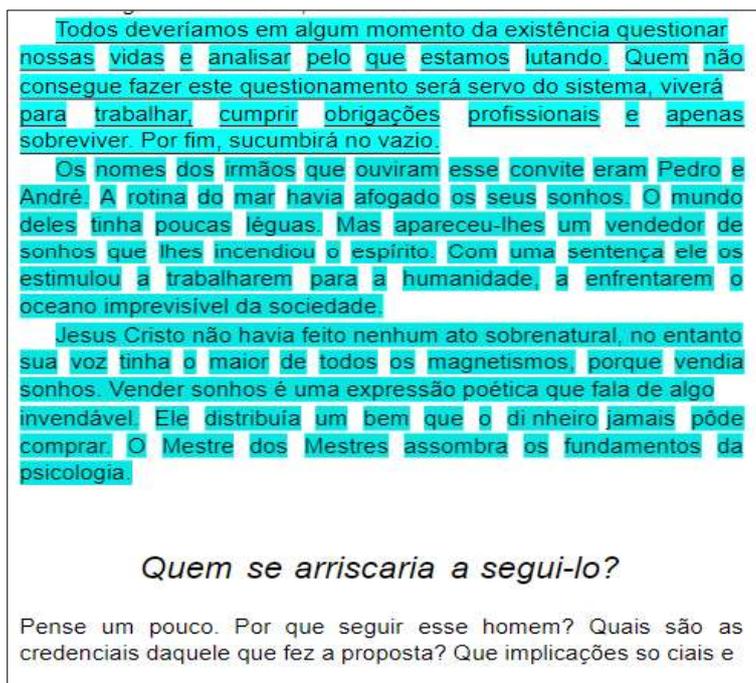
O interdiscurso é compreendido como um conjunto de discursos que mantém relações discursivas entre si. Na concepção de Maingueneau (2008b), essa categoria é tridimensionada em universo, campo e espaço discursivo. Na referência acima, realizamos as codificações na categoria de interdiscurso, campo semântico afetivo e texto narrativo. O enunciador, sustentado pelo *ethos* de psiquiatra, ancora a argumentação a partir de um corpo (que não é o do autor, mas se refere ao modo de se mover no espaço social) investido em valores que apelam ao cristianismo. O vendedor de sonhos se refere a Jesus Cristo. Nessa direção, o espaço discursivo perpassa pelo discurso literário, terapêutico e religioso. O locutor conduz o suposto leitor a uma cenografia bíblica quando traz para a cena enunciativa as figuras de Jesus e de João Batista.

No excerto: *Ele tem a coragem de dizer que o homem que aguardava era tão grande que ele mesmo não era digno de desatar-lhe as correias das sandálias. As pessoas ficavam perplexas com essas palavras*, o campo semântico afetivo é mobilizado de forma direta pela explicitação da virtude da coragem. A disposição dos argumentos suscita a paixão do amor e a reverência.

Nessa direção, verificamos uma multissemia na forma de reescritura do discurso de autoajuda, em conformação com o discurso religioso e da “psicologização”<sup>109</sup>. Conforme Porto (2023), a noção de psicologização ganha impulso desde os estudos foucaultianos. Na visão do mesmo autor, a democratização da linguagem das ciências psicológicas contribuiu para o estudo das perspectivas modernas do eu.

A seguir, apresentamos outro excerto do primeiro capítulo:

**Figura 9- Ethos**



**Fonte:** Cury, 2007, p. 22-23.

Segundo Galinari (2012), o *ethos* pode ser entendido como uma figuração subjetiva elaborada por intermédio de atributos morais e intelectuais. Essa construção é decorrente de uma performance discursiva, em que ocorre a atuação particular de um locutor em um cenário enunciativo. Dessa maneira, encontramos um locutor que assume o tom evangelizador, observador e analista do comportamento humano. Nos trechos: *A rotina do mar havia afogado*

<sup>109</sup> Porto (2023) assume uma perspectiva foucaultiana para compreender a “emergência do eu” e analisar como as “ciências psi” tornam-se as tecnologias do *self*, favorecendo, por exemplo, o engendramento da literatura de autoajuda e aconselhamento. Tendo por base a liberdade individual, uma liberdade como atividade de apropriação, o indivíduo como proprietário de si e independente dos vínculos sociais, as tecnologias de subjetivação, portanto, passam a se sustentar nas ciências psicológicas e dão o “poder” aos indivíduos para formatar seus corpos, opiniões e comportamentos.

os seus sonhos; [...] um vendedor de sonhos que lhes incendiou o espírito; [...] a enfrentarem o oceano imprevisível da sociedade; Sua voz tinha o maior de todos os magnetismos, a tópica do *pathos* é explorada por meio das analogias (a rotina do mar, oceano imprevisível da sociedade; incendiou o espírito) e sinestesia (sua voz tinha o maior de todos os magnetismos). O enunciador apresenta dois personagens bíblicos como antimodelos (exige distinção das condutas), Pedro e André, pois deixaram de sonhar em virtude das lutas diárias, necessitaram de um modelo de encorajamento e prudência (o modelo de ser perfeito-Jesus) para o enfrentamento das crises, medos, inseguranças e não desistir dos sonhos. O apelo à discursividade religiosa é uma estratégia persuasiva útil para mostrar que esse leitor formulado está em falta, “em queda”.

No decorrer do capítulo, o discurso pedagógico, o religioso e o discurso terapêutico balizaram a argumentação do locutor, tendo em vista os processos de escolha dos discípulos, as práticas pedagógicas utilizadas por Jesus para ensinar os discípulos a vencer os medos, timidez, tristeza e transformar “as zonas doentias do inconsciente dos discípulos”. (Cury, 2007, p. 40). Há uma memória discursiva que aponta para a burocratização das relações (inter) pessoais. A partir desse momento, seguimos para as análises referentes às codificações do segundo capítulo.

**Figura 10-** Um sonhador que colecionava derrotas (lugar-comum)

**Um sonhador que colecionava derrotas**

Prepare-se para conhecer a trajetória fantástica de um sonhador que extraiu coragem dos seus fracassos, sabedoria das suas frustrações e sensibilidade das suas perdas. No final, ao saber o nome do personagem, você vai ficar absolutamente surpreso.

A.L. era um jovem simples, filho de lavradores. Não teve privilégios sociais, não viveu em palácio, raramente ganhava presentes. Mas tinha uma característica dos vencedores: reclamava pouco. Nada melhor para fracassar na vida do que reclamar muito. Não sobra energia para criar oportunidades.

Desde a juventude A.L. conheceu as dificuldades da existência. Perdeu a mãe aos 9 anos. O sabor amargo e cruel da solidão penetrou nos becos da sua emoção. O mundo desabou sobre ele. Perder a mãe na infância é perder o solo onde caminhar. É o último estágio da dor de uma criança.

Um ser humano pode ser rico mesmo sem dinheiro se tem ao seu lado pessoas que o amam; mas pode ser miserável ainda que milionário se a solidão é sua companheira.

Nosso jovem poderia ser controlado pela perda, mas sobreviveu.

Havia algo nele digno de elogiar: sua capacidade enorme de viajar. Viajava muito. Transportava-se para lugares longínquos e de difíceis acessos. Mas como viajava, se não tinha dinheiro? Viajava pelo

Fonte: Cury, 2007, p. 40

No primeiro capítulo do livro mostrou-se ao leitor formulado como alinhar pensamentos e comportamentos para se assemelhar ao maior vendedor de sonhos da história. No segundo capítulo, a argumentação se sustentou no lugar-comum do vitorioso e do perdedor; lugar do sucesso. Fracassos, frustrações e perdas servem de alicerce para o personagem nomeado como A.L. (Abraham Lincoln).

As codificações apontam para os ecos imitativos na estrutura narrativa dos capítulos, ou seja, uma forma de “facilitar” a compreensão do esquema argumentativo, gerar a presença na consciência virtual; o fazer persuasivo pretende levar esse leitor formulado a assumir certos comportamentos, por isso, apoia-se no fazer-fazer (assumir condutas) e no fazer-criar (reconhecimento do modelo). Outrossim, constatamos a amplificação e a hipotipose<sup>110</sup>: *A.L era um jovem simples, filho de lavradores. Não teve privilégios sociais, não viveu em palácio, raramente ganhava presentes. Mas tinha uma característica dos vencedores: reclamava pouco. [...] Perdeu a mãe aos 9 anos; o mundo desabou sobre ele.* Temos a amplificação da paixão da dor quando o locutor menciona que Abraham Lincoln ficou órfão aos 9 anos, uma criança.

Com base nas análises, constatamos que a enunciação biográfica é um recurso estilístico e persuasivo do discurso de autoajuda, visto que a narrativa de vida é elemento de consumo cultural e de entretenimento.

Na próxima codificação constatamos o jogo integrativo das emoções.

---

<sup>110</sup> Hipotipose: Segundo Ferreira (2010), o argumento cria um efeito de presença quando os elementos são descritos de modo tão vívido que parecem passar-se sob os nossos olhos. Enquanto isso, a amplificação consiste na divisão do todo em partes, no realce de uma ideia.

Figura 11- Emoções

*Aprendendo a não ser controlado pelos fracassos*

Você já enfrentou a dor de uma derrota? A L. viveu-a e ficou abalado, mas não se submeteu ao controle dela. Assumi-a, enfrentou-a e enxergou-a por outros ângulos. Seu enfrentamento impediu que o fenômeno RAM gerasse um conflito, uma área doentia da memória, uma janela de tensão.

Ele levantou a cabeça e voltou a sonhar. Saltou do mundo dos negócios para o mundo da política. Mas era ingênuo, não conhecia os enigmas desse terreno. Candidatou-se a um cargo. Estava muito animado, queria ser um político diferente. Teve muitas inspirações. Sentia que poderia ser um grande homem. O resultado das urnas? FOI DERROTADO!

“Não é possível!”, exclamava. “O que fiz de errado??” Muitas perguntas, muitas respostas, mas nenhuma apaziguava a sua emoção. A razão tenta se preparar para as derrotas, mas a emoção nunca se submete a elas.

No dia seguinte, o “eu” do nosso jovem, que representa sua capacidade de decidir, controlar seu mundo, ser consciente de si mesmo, estava abatido. Não tinha ânimo para conversar com ninguém.

Olhar os vencedores desse pleito detonava um fenômeno inconsciente que atua em milésimos de segundo, chamado gatilho da memória ou fenômeno da autochecagem. Esse gatilho abria uma janela da memória que continha a experiência do fracasso nas urnas e, desse modo, checava a sua condição de derrotado. A consequência?

Fonte: Cury, 2007, p. 41-42

O constructo discursivo sustentou-se, no primeiro capítulo, em um modelo de líder religioso e, no segundo, suscita-se a compaixão e a virtude da coragem por intermédio de um modelo de líder político. De acordo com os autores do *Tratado da Argumentação*:

[...] quando se trata de conduta, um comportamento particular pode não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular a uma ação nele inspirada. Existem condutas espontâneas de imitação [...], mas a imitação de uma conduta nem sempre é espontânea. [...] O modelo indica a conduta a seguir; serve também de caução a uma conduta adotada (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 413-415).

Por conseguinte, observamos que as teses usadas pelo locutor buscam angariar a adesão desse suposto leitor por intermédio do argumento pelo modelo e das emoções suscitadas diretamente pelo discurso, como mostra o excerto: *Você já enfrentou a dor de uma derrota? AL viveu-a e ficou abalado, mas não se submeteu ao controle dela. [...] Estava muito animado, queria ser um político diferente. Teve muitas inspirações. Sentia que poderia ser um grande homem. O resultado das urnas? Foi derrotado.* Para Aristóteles (2000, p. xlvi), “tudo o que diz respeito às desventuras dos homens, forçosamente não-voluntário, excita a piedade”. E, assim como o amor, a compaixão cria uma proximidade. Acredita-se que todo ser humano já enfrentou

alguma dor, nesse caso, com base nas tópicas mobilizadas, temos o despertar da compaixão. Ao considerarmos que o *pathos* reflete-se discursivamente por intermédio das paixões, emoções e afetos, concordamos com Amossy (2020) quando diz que as paixões contribuem para a ação sobre o público leitor e atuam como adjuvantes da persuasão.

A imagem discursiva delegada a Abraham Lincoln é a de um modelo de perseverança, assim, a identificação<sup>111</sup> com esse valor (coragem/perseverança) é ativada pelo locutor por meio do discurso. O leitor formulado deve se amoldar aos comportamentos de insistência, confiança, superação e, por isso, essas práticas de si são regulamentadoras das maneiras de pensar e agir, almejando a ação por meio de uma pedagogia restritiva e coercitiva. Nessa direção, retomamos o posicionamento de Penzim (2016), quando observou que o pacto com o leitor se funda em pressupostos universalistas, de naturalização e objetivação da vida, a certeza e os conselhos ofertados impõem-se de modo sentencioso. Na sequência, damos seguimento às análises empreendidas em enunciados do terceiro capítulo:

**Figura 12**-Técnicas argumentativas

M.L.K. ia além da fina camada da cor da sua pele negra e não entendia por que os brancos se diferenciavam dos negros. Po dem as cores zombar uma da outra e uma delas dizer ?eu sou superior?? Pode a embalagem reivindicar o direito de ser mais importante do que o conteúdo? Para ele, brancos e negros ti nham os mesmos sentimentos, a mesma capacidade de pensar, a mesma necessidade de ter amigos, de ser amados e de supe rar a solidão.

Ao repousar sua cabeça no travesseiro, o jovem M.L.K. viajava no mundo de suas ideias e questionava: por que os negros não podiam frequentar as mesmas escolas, os mesmos clubes, os mesmos bancos das igrejas, o mesmo transporte público que os brancos? Por que não podiam ter amigos brancos e abraçá-los? Não somos todos seres humanos?

Nosso jovem conheceu de perto a indecifrável dor da humilhação. Nada esmaga tanto a autoestima. Quando um adolescente branco virava-lhe o rosto, machucava-lhe a alma. Quando davam risadas irônicas, ele penetrava nas grutas geladas da agonia.

<sup>111</sup> Figueiredo (2019), por sua vez, propôs uma releitura das emoções (paixões) no *corpus* aristotélico e discutiu como as paixões assumem o controle da psique humana levando os homens à ação. Concomitante a isso, ela propôs um esquema sobre o funcionamento das emoções da alma humana nos contextos discursivos-argumentativos. Esse esquema abrange cinco etapas: disponibilidade, identificação, alteração psicofísica, mudança de julgamento e ação.

Fonte: Cury, 2007, p.62

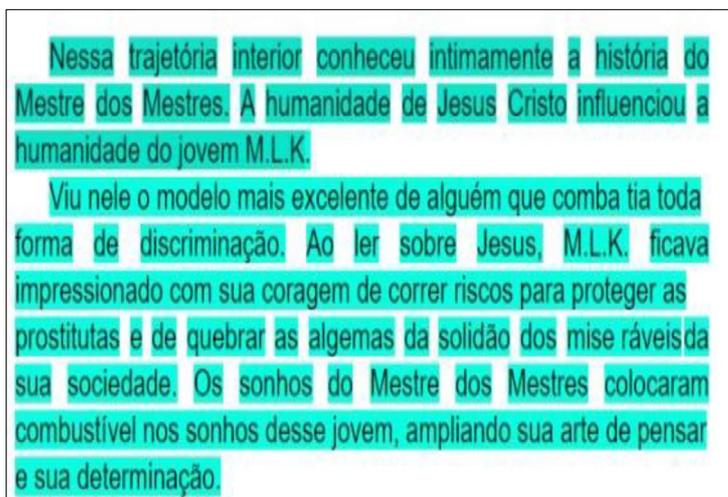
No terceiro capítulo do livro temos a narrativa da história de vida de Martin Luther King, ativista norte-americano, cuja trajetória foi marcada pela incessante luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. A técnica da pergunta retórica serve como premissa para o enunciador apresentar o valor da igualdade entre os seres humanos, como demonstram os seguintes questionamentos: *podem as cores zombar uma da outra e uma delas dizer “eu sou superior”?* *Pode a embalagem reivindicar o direito de ser mais importante do que o conteúdo?* E essa técnica é sustentada por meio de um raciocínio analógico (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005). As cores (foro<sup>112</sup>) são comparadas aos seres humanos (tema), bem como a embalagem (foro) para representar os aspectos fenóticos dos seres humanos (tema). Em seguida, ele apela para a emoção da compaixão: *Quando um adolescente branco virava-lhe o rosto, machucava-lhe a alma*. O enunciador traz para a cena enunciativa uma temática de relevância social, a discriminação racial. No caso em destaque, temos a aversão pública sofrida por Luther King. Essa cena serve de espelhamento para os leitores, em especial aos brasileiros, que costumeiramente podem acompanhar, ou não, casos cotidianos de discriminação em razão da religião, etnia, idade, costumes, gênero entre outras. A estratégia discursiva utilizada pelo enunciador consistiu na mobilização de discursos sobre a biografia do ativista norte-americano juntamente com as análises realizadas sob a ótica de um psiquiatra, a fim de “ensinar ao leitor” formas de superar os traumas emocionais. Nesse sentido, Figueiredo (2019, p. 7) nos dirá que o campo emotivo é, portanto, “lugar para angariar o convencimento e persuasão do outro”.

No próximo excerto, recortado do mesmo capítulo, encontramos a interdiscursividade operante a partir das relações entre os valores que remetem ao discurso religioso:

---

<sup>112</sup> Para Perelman e Olbrecht-Tyteca (2005, p. 447), a analogia consiste “no confronto de estruturas semelhantes, embora pertencentes a áreas diferentes”. Os termos de uma analogia podem ser representados pelo foro e pelo tema. Para Perelman e Olbrecht-Tyteca (2005), a forma mais genérica para representá-los é: A está para B assim como C está para D. O tema seria o conjunto dos termos A e B, enquanto o foro seria o conjunto dos termos C e D. O foro cumpre a função de esclarecer o tema, pois, costumeiramente, o foro é mais bem conhecido que o tema.

**Figura 13-** Interdiscurso



Fonte: Cury, 2007, p. 63

As codificações realizadas nesses excertos apontam para os valores do cristianismo por intermédio da amplificação das condutas de Jesus Cristo, ao promover a coragem, altruísmo, igualdade e determinação. Detectamos a interpelação ao modelo de ser perfeito nos três capítulos analisados e a reincidência de discursos que apontam para a formação discursiva do campo religioso.

A *doxa* global que envolve o discurso desse capítulo consiste no estereótipo da perfeição moral, baseando-se em seres que estão no lugar da sacralidade e representam valores como solidariedade, alteridade e harmonia. Como bem afirmou Meyer (1993, p. 140-141), “o carácter sagrado, não apenas do discurso, mas da pessoa que enuncia a identidade (e que enuncia, portanto, os valores e a ideologia que fazem o grupo), impôs-se sempre como o fruto, ou o facto, da diferença”. Dessa forma, o locutor se apropria do carácter sagrado do discurso (para os cristãos) e institui um *ethos* de credibilidade.

Nesse momento, expomos o entrelaçamento dessas análises com os dados coletados via questionário *on-line* e comentários *reviews*. Emitimos, na sequência, as codificações referentes às experiências de leitura descritas pelo leitor (5), advogado; leitora (7), assistente administrativa e pela leitora (11), arquivista. Ao responder à pergunta (2)<sup>113</sup> esses leitores citaram o livro *Nunca desista de seus sonhos*.

---

<sup>113</sup> Pergunta 2: Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

**Figura 14-** Experiência de leitura (leitor 5)

Experiência de leitura		3 Referências	3,85%
Referência 1	1,40%	a leitura transforma, ensina, edifica, lapida o caráter e agrega conhecimento	
Referência 2	0,31%	a melhor possível	
Referência 3	2,13%	a leitura influencia no caráter do cidadão e o modo pelo qual ele enxerga e percebe o mundo e as pessoas ao seu redor	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

**Figura 15-** Experiência de leitura (leitora 7)

Experiência de leitura		1 Referências	6,77%
Referência 1	6,77%	Maravilhosa, lendo esses livros aprendi a ser mais tolerante, a sempre tentar entender que todos nos temos nosso tempo de tristeza, de felicidade, de alegrias e frustrações. Aprendi que desistir não é o caminho mais fácil. Aprendi que todos sentimos a dor ou tristeza, de forma diferente e isso tem que ser respeitado. Hoje aplico muito da minha experiência no meu dia a dia e incentivo as pessoas ao meu redor entender cada situação em sua vidas. Hoje sei que tudo passa, tudo é momentos, e devemos aproveitar a vida e ser feliz nos pequenos detalhes.	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

**Figura 16-** Experiência de leitura (leitora 11)

Defesa de um ponto de vista		2 Referências	3,58%
Referência 1	1,93%	A leitura desses livros faz repensar as ações do dia a dia, desenvolvendo a imaginação e ensinando como lidar com o emocional	
Referência 2	1,65%	Sim. A diversidade de leituras tendem a ajudar em diferentes áreas da vida, principalmente na saúde mental.	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Após a codificação da resposta referente à pergunta (1)<sup>114</sup>, entendemos que o leitor (5), um advogado, vê a leitura como coadjuvante na formação do caráter, pois defende uma concepção do leitor como um agente, sujeito ativo e participativo. Segundo ele, na vida pessoal

<sup>114</sup> Pergunta 1: Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

e profissional essa prática *ensina, edifica, lapida o caráter e agrega conhecimento*. Ele recorre aos conceitos comuns emergentes nos lugares do ensino e da religião. No tocante à descrição da experiência de leitura, esse leitor diz ter sido *a melhor possível*, mas não traz detalhes para fundamentar a resposta. Quanto às metas de leitura, codificamos a compreensão de si e do outro, visto que essa leitura influencia no modo do *cidadão enxergar as pessoas e o mundo*.

O relato da leitora (7) enaltece o caráter pedagógico dos livros de autoajuda, portanto, recorre ao lugar do ensino e ressalta o utilitarismo dessa leitura no ensino-aprendizagem da tolerância, felicidade e empatia. A experiência de leitura é transcrita como um ato de aprendizagem e quando ela utilizou o qualificador *maravilhosa* depreendemos um *ethos* orgulhoso. Transparece discursivamente a identificação com uma literatura que interfere na realidade social do leitor, pois permiti-lhe o cultivo de valores e virtudes.

De acordo com Sodré (1985), a literatura de massa é tomada por algumas características, como o mítico<sup>115</sup> e o pedagogismo. Esse pedagogismo refere-se a uma tentativa de respostas a questões reais. No discurso da leitora, essas questões são atreladas ao desenvolvimento de competências “aprendi a ser mais tolerante”, “aprendi que desistir não é o caminho mais fácil”, tolerância e persistência são os dois valores destacados pela leitora. Além disso, o mítico do livro manifesta-se nas respostas da leitora<sup>116</sup> por intermédio da assimilação de condutas delegadas ao Mestre dos Mestres (tolerância), Abraham Lincoln (persistência) e Martin Luther King (respeito às diferenças). Ainda segundo Sodré (1985, p.15), na literatura de massa o que importa é mobilizar a consciência do leitor, “exasperando a sua sensibilidade”. As postulações dessa leitora apontam para o lugar da pessoa<sup>117</sup>.

Nesse cenário, a leitora 11, arquivista, estabeleceu os seguintes critérios de escolha dos livros de autoajuda: título, autor, relevância do conteúdo, divulgação em livrarias, sinopse e indicações de amigos. Diante dos pontos de vistas apresentados, notamos que há o apelo aos lugares da psicologia (repensar ações, ensinar a lidar com o emocional) e ao espaço da saúde (emoções). Ela recorreu a uma cadeia discursiva que alude à importância da saúde mental e ao modo de lidar com as emoções ao responder acerca das temáticas que perpassam os livros de

---

<sup>115</sup> “A narrativa contém diversos arquétipos míticos, que transformam muitos dos personagens em verdadeiros tipos modelares” (Sodré, 1985, p.8).

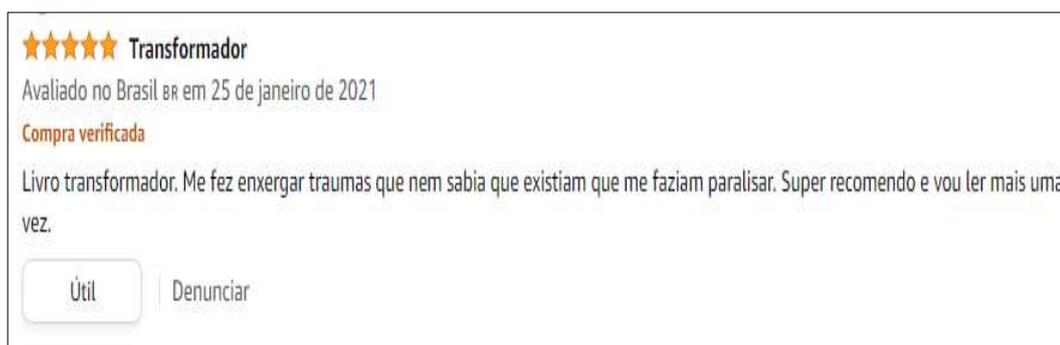
<sup>116</sup> As características “aprendidas” pela leitora são a dos mitos apresentados como modelo.

<sup>117</sup> É aquele que procura estabelecer uma valorização, o valor da pessoa. Conforme Ferreira (2010), “o argumento incide sobre o mérito de um ato realizado por uma pessoa para ressaltar a dignidade, a autonomia, a coragem, o senso de justiça. [...]. Nesse lugar, o humano é ressaltado sobre todas as coisas”.

autoajuda. Constatamos, como afirmou Canavire (2014), um ato de leitura que ensina, mobiliza e gera afetividade. E, quando se trata do discurso remissivo à saúde, a autoajuda é um campo discursivo que, segundo Castellano (2012, p. 4), “cria uma espécie de moralidade a partir da dinâmica circunscrita à vida privada, em que o sujeito passa a ser responsável por um enorme espectro de questões, a começar por sua integridade física e pela manutenção de sua saúde”. Sob esse viés, os tópicos direcionados aos cuidados com a saúde física e mental tornam-se lugares específicos do discurso de autoajuda.

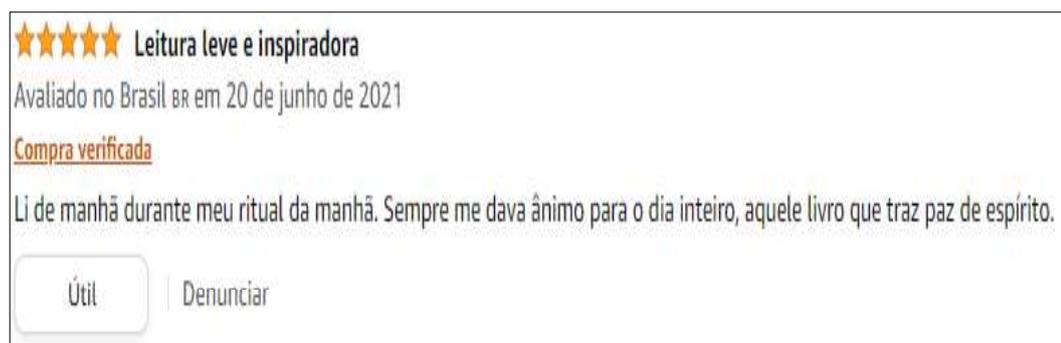
Ao observarmos outras experiências de leitores do livro *Nunca desista de seus sonhos* (Cury, 2014) temos algumas imagens discursivas sobre os efeitos dessa leitura, como mostram os comentários *reviews* extraídos do site da *Amazon*:

**Figura 17-** Comentário *review* 1



**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/gp/product/B00A3D9PUU/ref=dbs>

**Figura 18-** Comentário *review* 2



**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/gp/product/B00A3D9PUU/ref=dbs>

Para esses leitores, a leitura promove efeitos no desenvolvimento pessoal e atende a um desejo ou motivação individual. De acordo com Lysardo-Dias (2011, p.30), “qualquer leitura pode, ou não, promover ou contribuir para uma visão crítica e ampliar a formação do cidadão, dependendo da maneira como o leitor se insere no texto e do impacto que esse último gera”.

Na declaração do comentário *review 1: Me fez enxergar traumas que nem sabia que existiam que me faziam paralisar*, retoma-se um traço característico do discurso de autoajuda, mostrar a esse outro que ele é capaz de praticar a autocura, por meio de enunciações terapêuticas. Segundo Sobral (2005), esse é um aspecto sobremodo relevante do ponto de vista das relações interlocutivas vinculadas com o gênero (ser agente de cura). No tocante ao *ethos* de leitor, podemos resgatar índices que constroem um leitor esperançoso, sem autoconhecimento, dependente. No comentário *review 2*, quando a internauta relata: *aquele livro que traz paz de espírito*, há uma interligação com os sentidos do campo religioso e com o Novo Individualismo (Elliott, 2018) ao se propagar a autorrealização. No mesmo comentário há a modalização: *sempre me dava ânimo para o dia inteiro*. A certeza resgata um grau de intensidade patêmica relativa à autoajuda e o estado de ânimo pode se desdobrar na paixão da confiança em junção com a virtude da coragem. É um comentário *review* que surte a ampliação discursiva, como estabelecido por Paveau (2017), visto que são capazes de suscitar impacto semântico na escolha do livro. Essa internauta avaliou o livro com cinco estrelas. Os resultados descritos nesses discursos reforçam o estereótipo de leitura para a transformação, como um valor fundante do discurso de autoajuda. Nos dois comentários *reviews* constatamos um *ethos* de leitor orgulhoso, em virtude dos benefícios físicos e emocionais advindos da prática da leitura.

Nesse contexto, os comentários *reviews* permitem o compartilhamento de experiências de leitura e atuam como mecanismos persuasivos sobre a compra do produto. Nesse ínterim, seguimos com as análises de outras respostas relativas à imagem pública da literatura de autoajuda:

**Figura 19-** *Ethos* (leitor 5)

Ethos	1 Referências	0,29%
Referência 1	0,29%	
acredito que não		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

**Figura 20-** *Ethos* (leitora 7)

Ethos		1 Referências	2,22%
Referência 1	2,22%	"Desfavorável", não. A leitura de autoajuda é um aprendizado sobre como entender o outro e se entender, saber se colocar no lugar do outro e principalmente respeitar a opinião alheia	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

O leitor (5) ao responder às perguntas referentes à experiência de leitura (pergunta 3)<sup>118</sup> e à imagem pública da literatura de autoajuda (pergunta 7)<sup>119</sup> foi bastante conciso, informou que a experiência foi a *melhor possível* e quanto à imagem ser desfavorável, respondeu: *acredito que não*. Ao ser perguntado sobre ter percebido diferentes pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda (pergunta 5)<sup>120</sup>, afirmou que sim, contudo não fez justificativas. Destacamos a não obrigatoriedade em fazer as justificativas das respostas, entretanto, ao relacionar as respostas dadas no tocante à relevância da leitura na vida pessoal e profissional e a importância da leitura de autoajuda na trajetória de vida, as análises apontam para um *ethos* que pode ser vergonhoso, visto que não há interesses em emitir detalhes sobre o relacionamento com esse gênero. Inclusive, o leitor, ao responder sobre a importância da leitura de autoajuda na trajetória de vida, declara: *a leitura influencia no caráter do cidadão e o modo pelo qual ele enxerga e percebe o mundo e as pessoas ao seu redor*. Não faz apropriação direcionada ao gênero (inclusive, utiliza a terceira pessoa (o cidadão, ele), como se ele mesmo não fosse o leitor do gênero). Quando respondeu às perguntas abertas não deixou indícios emotivos com o gênero autoajuda. Na pergunta fechada e de múltipla escolha, ele assinalou a marca de dez livros lidos, além disso, sinalizou que o objetivo da leitura é para o autoconhecimento e mudanças de cunhos: emocionais, econômico, espiritual e físico. Durante as respostas discursivas há um apagamento desse lugar de leitor atuante (assíduo), visto que optou por não explicar detalhes e argumentos sobre o assunto.

<sup>118</sup> Pergunta 3: Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

<sup>119</sup> Pergunta 7: Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

<sup>120</sup> Pergunta 5: Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

A leitora 7 ao responder à pergunta sobre a imagem pública da literatura de autoajuda (pergunta 7) traz à tona uma imagem discursiva da leitura como instrumento de socialização; a leitura como mediadora das relações. Na codificação das respostas da leitora 7, temos:

**Figura 21-** Interdiscurso (leitora 7)

Interdiscurso		2 Referências	4,89%
Referência 1	1,98%		
Sim. Pois os livros de autoajuda nos ajudam a compreender vários lados da vida seja, em casa com a família, no trabalho com os amigos, na rua com diversas pessoas			
Referência 2	2,91%		
Sim, pois lá encontramos muitos conhecimentos a cerca de família, filhos, maridos, esposas. Também temos assuntos a cerca de religião, trabalho, enfim, muitos temas que deveríamos ter um pouco ler para entender um pouco da vida e do OUTRO.			

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

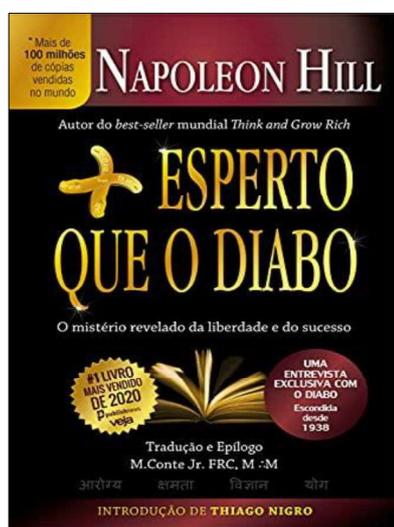
Ela faz menção às temáticas exploradas no gênero autoajuda. Segundo a leitora (7), a ajuda promulgada por esses livros abrange conhecimentos sobre a família, filhos, maridos, esposas, isto é, sobre as relações afetivas. Além disso, ela destaca o tratamento de assuntos sobre religião, trabalho e temáticas *para entender um pouco da vida e do OUTRO*. O ponto de vista defendido pela leitora está de acordo com uma série de crenças admitidas por outros leitores. Nas considerações de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), “[...] aquilo a que chamamos habitualmente *senso comum* consiste numa série de crenças admitidas no seio de uma determinada sociedade, que seus membros presumem ser partilhadas por todo ser racional”. O discurso da leitora é demarcado pela confiança, satisfação e orgulho. Nessas circunstâncias, corroboramos com Charaudeau (2007) quando afirma que emoções e crenças estão indissolivelmente ligadas.

Na sequência, pretendemos analisar os enunciados extraídos do livro *Mais Esperto que o Diabo* e as respostas emitidas pelos leitores nos comentários *reviews* e nos questionários.

#### 4.4 Os entrecruzamentos discursivo-argumentativos do livro *Mais esperto que o diabo* (Hill, 2014) e as codificações do *ethos* leitor

O livro + *Esperto que o diabo* é composto por doze capítulos, com autoria atribuída a Napoleon Hill<sup>121</sup>, escritor estadunidense. Em sites comerciais, constatamos outras obras sob autoria dele, a saber: *As regras de Ouro de Napoleon Hill*, *A lei do triunfo*, *Pense e Enriqueça*, *Como aumentar seu próprio salário*, *A ciência do sucesso*, além da obra póstuma, *Mais Esperto que o diabo*, com edição brasileira publicada pela editora Citadel, em 2014. Em consonância com os nossos procedimentos metodológicos faremos a análise de enunciados pertencentes aos três capítulos iniciais do livro e da imagem de capa apresentada a seguir:

**Figura 22-** Ilustração da capa (esperteza)



**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Mais-esperto-que-Diabo-liberdade/dp/8568014003>

A era moderna atribuiu ao livro o lugar de objeto de consumo<sup>122</sup>. No contexto em que se insere este trabalho, o comércio de livros é afetado por procedimentos que reforçam as características constituintes do discurso publicitário. Na capa supramencionada aparece a referência ao Thiago Nigro, criador do canal Primo Rico, no *Youtube*. É uma estratégia de

<sup>121</sup> Napoleon Hill (1883/1970) representou uma figura de destaque não apenas pelos seus êxitos e realizações empresariais, mas por encarnar as mutações em curso no campo da autoajuda, em meados do século passado. Sonhava com o projeto de construir um conglomerado de empresas totalmente voltado para o ensino e a difusão da autoajuda. Durante a Depressão de 1929, Hill tornou-se conselheiro de propaganda do governo norte-americano, concebendo um programa de relações públicas que, tendo em vista restituir a confiança popular no país, difundiu o conhecido slogan “Um por todos e todos por um”. (Rudiger, 2010).

<sup>122</sup> “A fabricação de livros tornou-se um fato industrial, submetido a todas as regras da produção e do consumo; daí uma série de fenômenos negativos, como a produção de encomenda, o consumo provocado artificialmente, o mercado sustentado com a criação publicitária de valores fictícios” (Eco, 2000, p. 49).

manter aproximação com aqueles leitores adeptos de livros relacionados ao campo da educação financeira. Conforme assinala Mateus (2018), a retórica publicitária pauta-se por lugares do preferível.

Dentre os diferentes componentes de um livro, entendemos que o autor, título e a capa são elementos propícios para a negociação inicial com o leitor. Verificamos que a capa da obra mais vendida na categoria autoajuda, durante os anos de 2020 a 2022, explora o lugar da quantidade para dar visibilidade ao produto: *Mais de 100 milhões de cópias vendidas no mundo e # 1º livro mais vendido de 2020* (o uso da *hashtag* também corrobora com esse lugar do consumo, do moderno e da ‘viralização’). Esses enunciados retomam a função propagandística intrínseca ao discurso analisado, com representações do consumo de autoajuda em âmbito mundial. Além disso, os índices de vendas atestam a ‘excelência’ do produto para o grande público. Nessa perspectiva, Góis (2015, p. 434) afirma que “o discurso publicitário é aquele que, nas sociedades modernas, não apenas vende produtos, serviços ou ideias isoladas, mas desejos, sonhos, ilusões, não raramente a partir de polêmicas”. O discurso publicitário consegue agregar valor aos livros de autoajuda por meio da legitimação de consumo no mercado, dessa forma, essa literatura assume características de uma literatura de entretenimento<sup>123</sup>.

Durante a seleção dos livros de autoajuda foi imprescindível adotarmos um método de análise que articulasse os recursos verbais e os não verbais encontrados nas capas dos livros pertencentes aos *corpora*. Consideramos que as capas de livros de autoajuda, assim como ocorrem em outros gêneros, visam a uma diversificação determinante para a arquitetura de sentidos. Dessa forma, é necessário lê-las não apenas como um elemento funcional (proteger o interior do livro), tampouco como mero vislumbre mercadológico (vender a obra). Góis (2015) propõe uma leitura de cunho estético-discursivo, e, nessa direção, propomos uma leitura de cunho interdiscursivo.

O segundo livro analisado apresenta a predominância da cor preta na primeira capa. O nome do autor aparece em caixa alta, em cor branca. O título + *Esperto que o diabo é* acompanhado do subtítulo *o mistério revelado da liberdade e do sucesso* O símbolo + no lugar da palavra “mais” também inscreve o livro no lugar da quantidade de forma mais explícita, ao recuperar um sinal de soma, de quantidade financeira. Observamos a presença do dourado,

---

<sup>123</sup> Um bem de consumo, conforme Eco (2000).

levando à ideia de riqueza. Nesse lugar, já se coloca em pauta alguns dos valores regentes das pautas do gênero: liberdade e sucesso financeiro.

O título do livro conjugado ao uso das cores de capa traz uma analogia superada do diabo como símbolo de sagacidade, perspicácia e, por isso, alude a uma iconização do leitor/consumidor como alguém sagaz, no sentido de ser capaz de superar o diabo. Resgata-se o lugar-comum de que “o diabo é um esperto”. E, por esse ângulo, podemos afirmar, com base em Almeida (2010), que, desde os séculos finais da Idade Média, a produção artística de bens simbólicos sobre o diabo alcançou diversos contornos e por intermédio da Indústria Cultural, nos séculos XIX e XX, o imaginário sobre o diabo passou a ser utilizado pela indústria do entretenimento e pela sociedade de consumo como um artefato capaz de satisfazer os gostos das sociedades e culturas contemporâneas.

Do ponto de vista etimológico, a palavra diabo<sup>124</sup> origina-se do latim, *diabólus*, entendido como negador e acusador. Para Almeida (2010), no século XIV, a visão teológica desencadeou o fortalecimento dessa imagem/figura do diabo como fundante do processo moralizador de uma sociedade pecadora. Seria uma imagem representacional do símbolo mítico do mal, em sua essência. Posteriormente, enfrentou o enfraquecimento de sua função religiosa e ficou a serviço da indústria capitalista.

Ainda nos estudos elencados por Almeida (2010), entendemos que o espaço discursivo acolhedor da concepção de diabo passou por um processo de sistematização e unificação conceitual durante os séculos XII ao XVI. Com a era das Luzes, entre os séculos XVII e XVIII houve um enfraquecimento do “mito do diabo<sup>125</sup>”. Almeida (2010, p. 3) alega que o conceito foi “apropriado, distorcido e fragmentado pelas engrenagens da Indústria Cultural no século XX”. Passou por um processo de banalização no decorrer dos anos 50 e 60; o avanço da secularização nas sociedades ocidentais possibilitou uma transformação no enquadramento dado a essa figura, vista a partir disso como uma mercadoria descartável para as sociedades de consumo.

---

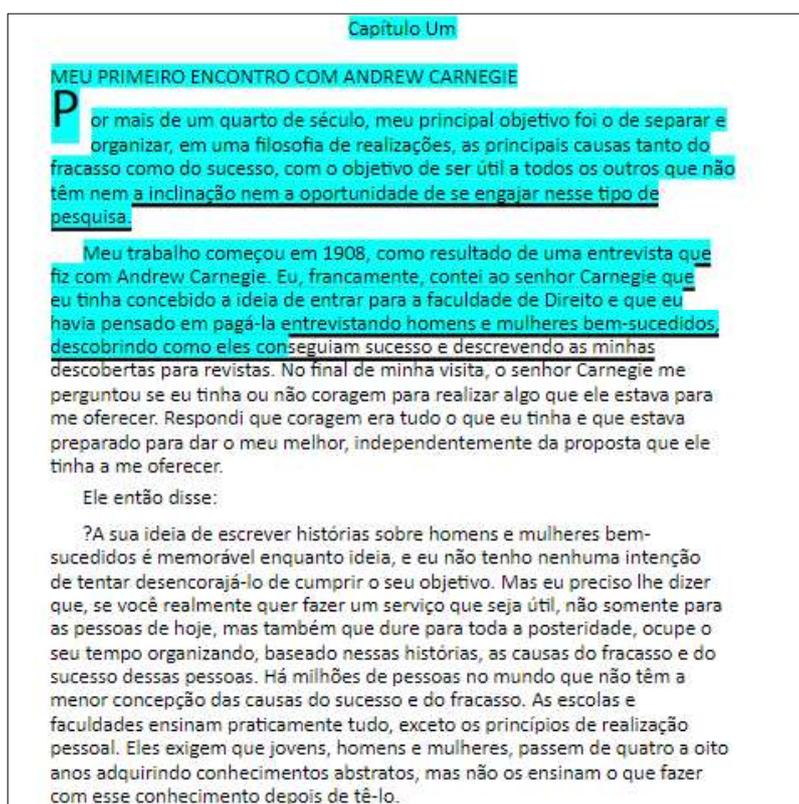
<sup>124</sup> Na mitologia grega é herdeiro direto do Hades (Deus dos mortos). Uma entidade de tradição cristã. É resultado da fusão de muitas crenças e diferentes culturas; recebeu diversas definições, as quais dialogam com a mentalidade cultural de cada época (Almeida, 2010).

<sup>125</sup> “As principais características iconográficas do Diabo que se fixaram na imaginação popular são a de um Diabo carregando um tridente, com chifres na testa, pele avermelhada, cascos fendidos, rabo e barbicha de bode, meio-humano e meio-besta” (Almeida, 2010, p.9). Essa é a imagem prévia consolidada pelas diferentes tradições alusivas a um imaginário social sobre o diabo.

Vejamos que o campo semântico alusivo às significações sobre o diabo funciona como um molde discursivo, um lugar revisitado pelas telas do cinema, jogos de *videogames*, publicidade, letras de músicas, histórias de quadrinhos, enfim, por uma variedade de nichos da indústria do entretenimento.

Segundo Almeida (2010, p. 11), “como a ideia de diabo provinha da Igreja, era ela que definia as diretrizes de como ele deveria ser representado nas artes”. O autor relata que o domínio hegemônico do diabo no imaginário popular foi outorgado pelas obras de artes, quando exprimiam o incrível poder do maligno, em obediência às orientações dos dirigentes da Igreja. Como o objetivo era mostrar o lamentável destino das almas que chegassem ao inferno, nesse contexto, desenvolveu-se a pedagogia do medo. Uma pedagogia que, em níveis diferentes, ainda é atuante como política cultural imposta por diferentes setores sociais. Os reflexos dessas atuações, no sentido de resolver os problemas que afetam os indivíduos, colaborou com o fomento da produção livresca da autoajuda nos séculos XIX e suas reminiscências reinam até os dias atuais. A seguir, apresentamos algumas codificações realizadas no primeiro capítulo do livro:

**Figura 23-** Narrador protagonista



Fonte: Hill, 2014, p.13-14

A fim de investigarmos como a interdiscursividade opera nos discursos dos livros de autoajuda e como se dá o processo de construção da imagem do leitor formulado, selecionamos o código referente ao narrador protagonista, pois como disse Barthes (2011, p. 16): “a característica principal dos discursos que nossa cultura denomina literários (englobando aqui as literaturas do consumo de massa, não valorizadas esteticamente por essa mesma cultura) é justamente esta tendência à animização, à narrativização”. Para Barthes, o problema que se impõe é descrever as significações concebidas ao narrador e leitor no decorrer da própria narrativa.

Ao entrelaçarmos os níveis narrativos e discursivos na obra em questão, entendemos que o locutor constrói uma cenografia baseada no desenvolvimento de uma filosofia de realização prática para o estudo dos casos de fracassos e sucesso dos homens. Dessa forma, lança mão da narrativização para disseminar conselhos e orientações “exitosas” ao leitor formulado. Quando o locutor alega: *respondi que a coragem era tudo o que eu tinha e que estava preparado para dar o meu melhor, independentemente da proposta que ele tinha a me oferecer*. Ele assume um *ethos* de um homem seguro, autocentrado e determinado, como Bruneli (2004) apontou ao tratar das projeções de *ethos* na autoajuda. Outrossim, identificamos que o locutor impõe uma ligação causal (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005) entre o sucesso/fracasso das pessoas e a ausência do ensino dos princípios de realização pessoal nas escolas e faculdades. Esse argumento pode ser um propulsor da desvalorização dessas instituições. Vejamos a próxima codificação:

**Figura 24-** Narrador protagonista

Gostaria que fosse possível descrever essa descoberta sem o uso do pronomes pessoais "eu", mas isso é impossível, visto que ela ocorreu através de experiências pessoais que não podem ser separadas. Para dar uma visão completa da descoberta, terei que voltar ao primeiro desses dois pontos marcantes da minha vida e mostrar, passo a passo, essa descoberta.

Para realizar a pesquisa, com a compilação de dados, foram necessários anos de trabalho. Eu tinha chegado à falsa conclusão de que minha tarefa de organizar uma filosofia completa de sucesso pessoal havia terminado. Longe de estar completo, meu trabalho havia apenas começado. Eu havia erigido o esqueleto de uma filosofia, organizando os dezessete princípios do sucesso e as trinta maiores causas do fracasso, mas aquele esqueleto tinha que ser coberto com a carne da realização e da experiência. Além disso, tinha que ser dada ao trabalho uma alma que inspirasse homens e mulheres a não somente transporem obstáculos, mas também a não se deixarem abater por eles.

A "alma", que ainda teria que ser adicionada, como eu descobri depois, somente se tornaria disponível após aparecer o meu "outro eu", através dos dois pontos cruciais da minha vida. Resolvendo focar a minha atenção e quaisquer talentos que eu por ventura tivesse em retornos monetários através de canais de negócios, decidi dedicar-me à profissão de publicitário. Tornei-me, então, o gerente de publicidade do curso de extensão La Salle da Universidade de Chicago. Tudo correu maravilhosamente bem durante um ano. Entretanto, no final desse ano, fui tomado por um violento desgosto pelo meu trabalho e, então, me demiti.

Posteriormente, ingressei no ramo de cadeias de lojas, juntamente com o ex-presidente da Universidade de Extensão La Salle. Logo me tornei presidente da Cia. de Doces Betsy Ross. Porém desacordos com os sócios desse negócio fizeram com que eu saísse do empreendimento. A atração pela propaganda ainda estava em meu sangue, e tentei novamente dar expressão a ela. Organizei uma escola de propaganda e vendas, como uma parte da Escola de Negócios Bryant & Stratton.

O empreendimento navegava em águas tranquilas e muito dinheiro entrava rapidamente. Foi então que os Estados Unidos tomaram parte da Primeira Guerra Mundial. Em resposta a um chamado interior, que palavras não conseguem descrever, saí da Escola e entrei para o serviço do governo dos Estados Unidos, sob a direção pessoal do presidente Woodrow Wilson, deixando um negócio fantástico desintegrar-se.

**Fonte:** Hill, 2014, p. 15-16

O locutor inicia a comunhão com o leitor formulado por meio de enunciações biográficas acerca das experiências profissionais. No decorrer do ato enunciativo concebe-se a imagem de um pesquisador que passou por inúmeras experiências frustradas, como o desemprego e perdas de rendimentos. O locutor organiza o discurso enfatizando o lugar da pessoa que enfrentou o cenário de crise financeira com coragem para empreender.

De acordo com Brunelli (2004), uma das modalidades epistêmicas constitutivas do discurso de autoajuda é a manifestação da certeza. Para ela, os autores de autoajuda, enquanto sujeito-enunciadores, manifestam a mesma crença/ confiança que pregam aos seus leitores. Nessa constância, os enunciados apresentados conduzem o leitor formulado para a certeza do sucesso, um lugar-comum explorado no discurso de autoajuda.

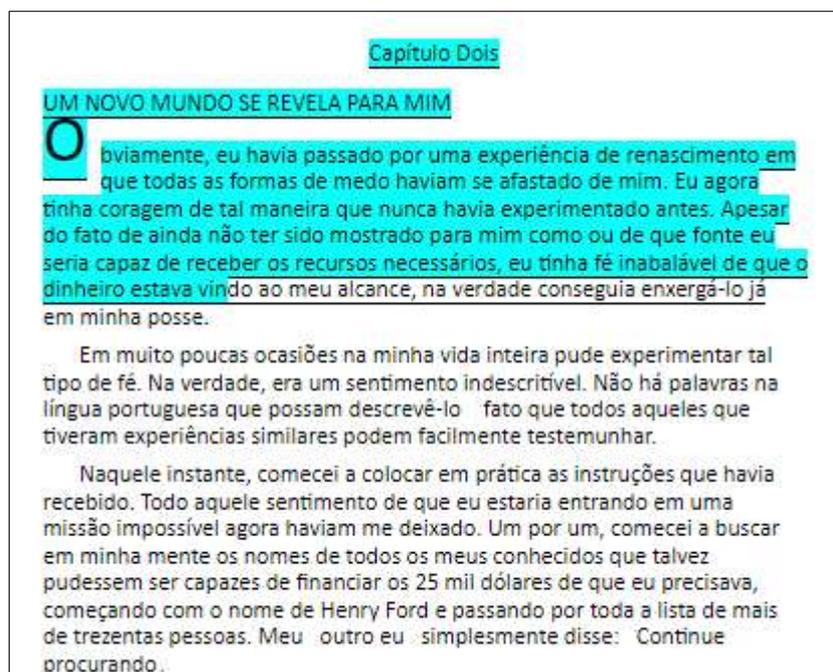
Estamos diante de um discurso que enfatiza a escalada de sucesso por meio do domínio da mente e superação dos medos<sup>126</sup>. Dessa maneira, opera-se com o discurso da psicologização,

<sup>126</sup> Segundo Mosca (2015, p. 137), "Em tempos de mudanças tão significativas nas formas de produção, nas formas de organização e comportamentais, gerando novos paradigmas no que toca aos valores, às atitudes e ações a serem

o “eu” / “outro eu” torna-se a fonte de “poder” para a transformação da vida e superação dos medos.

No segundo capítulo, realizamos uma codificação demonstrativa do discurso ajudador:

**Figura 25-** Discurso ajudador



**Fonte:** Hill, 2014, p. 33

Nesse momento, quando ele diz ter superado todos os medos e afirma que o dinheiro chegará até ele por meio da fé reforça os padrões de condutas para alcançar a prosperidade econômica e, concomitantemente, prega-se a instauração de uma nova personalidade.

De acordo com Rudiger (2010, p. 147), Napoleon Hill foi um pregador da autoajuda que defendeu a ética da personalidade. “A personalidade constituiria uma categoria fundamental na prossecução dos negócios e na consecução do sucesso”. Dessa maneira, para a consecução dos negócios pensava-se no cultivo das relações humanas dentro e fora do ambiente de trabalho; era importante fazer o emprego sinérgico do poder da mente, o chamado *mind-master*. Uma forma de promover o discurso da cooperação e sujeição ao sistema capitalista. Além disso, Rudiger (2010) destaca que a ressonância dos escritos de autoajuda não se resume “à condição

---

implementadas, é natural pairar a incerteza, mesclar-se o receio e, em decorrência, a forma mais acentuada, o medo propriamente dito, o temor ao que se delinea no horizonte da contemporaneidade”.

de panaceia ideológica preparada para consumo de massa” ou que se restrinjam ao gerenciamento do eu com vistas ao ajustamento “acrítico, automático e harmonioso”, é preciso considerá-lo sob um ângulo histórico-social mais abrangente, em que se contempla um “novo” governo de si, ao se cultivar os poderes mentais, recursos interiores e uma supraconsciência espiritual.

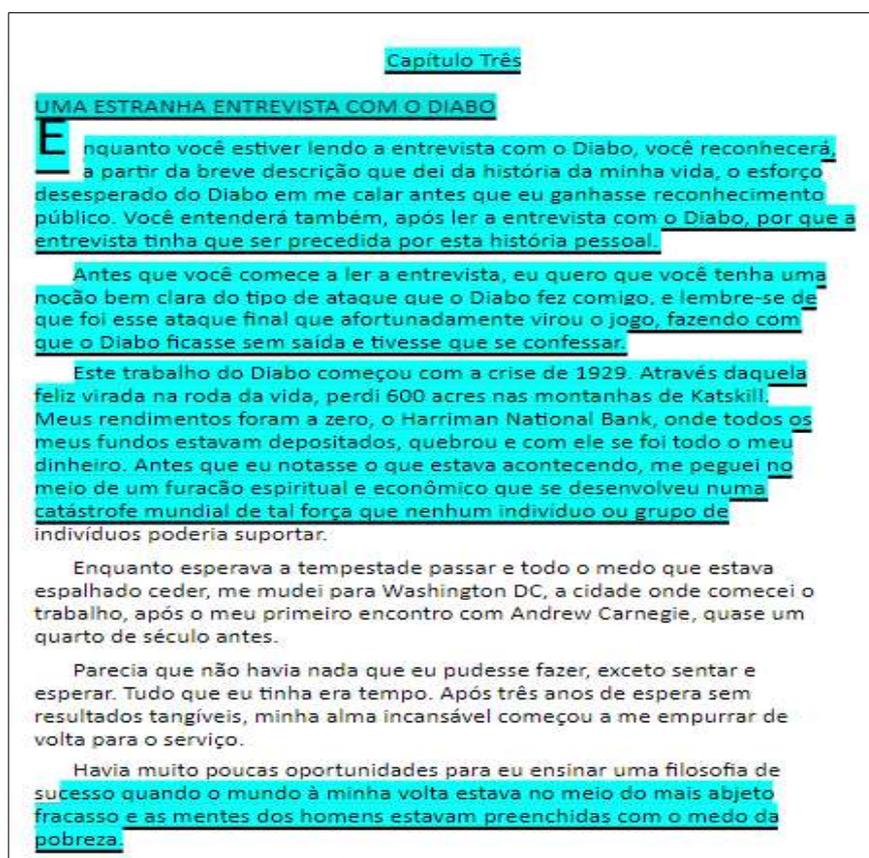
Voltando ao trecho em análise: *meu outro eu simplesmente disse: continue procurando*, notamos que o locutor defende a doutrina na qual possuímos um eu superior instalado no centro do universo, fonte de todo poder e bem individual; um eu ilimitado e ávido a usufruir de seu potencial humano. Entendemos em conformidade com as reflexões empreendidas por Rudiger (2010) que a doutrina do pensamento positivo, a crença no poder da mente, os princípios para o sucesso e para o crescimento pessoal sustentaram as transformações sociais e econômicas nas primeiras décadas do século XX e representaram a mutabilidade de uma sociedade liberal burguesa para a sociedade de massas capitalistas, formatando um novo sujeito social<sup>127</sup>.

É no terceiro capítulo que atestamos a estruturação narrativa baseada no maniqueísmo, mesclada com discursividades relativas à educação financeira.

---

<sup>127</sup> Os profissionais eram/são impulsionados por novas técnicas motivacionais, como: atitude, liderança, comunicação e proatividade (automobilização). Nesse sentido, a pregação da autoajuda passa a ser disseminada por especialistas em recursos humanos, equipes de vendas e por livros com técnicas motivacionais. (Rudiger, 2010).

Figura 26- Entrevista com o diabo



Fonte: Hill, 2014, p. 45-46

Nesses excertos, constatamos um apelo à memória histórica. Conforme Sharon Lechter<sup>128</sup> (2012), em notas ao leitor na versão inglesa, o livro foi escrito em uma máquina de escrever pelo próprio Napoleon Hill, em 1938, e ficou trancado e escondido pela família de Hill por setenta e dois anos. Por um lado, o livro é posto como um catálogo de respostas para a resolução dos medos e problemas enfrentados por uma sociedade que havia vencido a grande depressão de 1929, a maior crise do capitalismo financeiro dos Estados Unidos. Por outro, no Brasil, o sucesso de vendas desse livro pode ter encontrado respaldo no contexto de crise dos anos de 2020 a 2022, com o enfrentamento das crises sanitárias, econômicas e políticas. Essa pressuposição decorre da própria história de implantação desse nicho no mercado editorial brasileiro, nos anos 80.

<sup>128</sup> No original: “Written on a manual typewriter in 1938 by the Master himself, Napoleon Hill, this manuscript had been locked away and hidden by Hill’s family for seventy-two Years”. (Lechter, 2011, p.XI).

A personificação do diabo aparece em fragmentos como: *enquanto você estiver lendo a entrevista com o Diabo; eu quero que você tenha uma noção bem clara do tipo de ataque que o Diabo fez comigo; esse trabalho do Diabo começou com a crise de 1929*; logo, podemos alegar que a forma do discurso produz efeitos argumentativos. Os efeitos do pré-construído operante no discurso religioso, especificamente, para um grupo de leitor que poderá compartilhar<sup>129</sup> ou já compartilha a crença no diabo.

De acordo com Meyer (2000, p. xxxii), na *Retórica das paixões*, não há sujeito que não seja afetado pelo *páthos*. Sendo o *pathos* associado às paixões, emoções e afetos. Para o filósofo belga, o *pathos* conduz à oscilação: torna-se o lugar da alternância, da inversão, sendo grande o risco de que o sujeito se dissipe e seja alvo de uma lógica predadora.

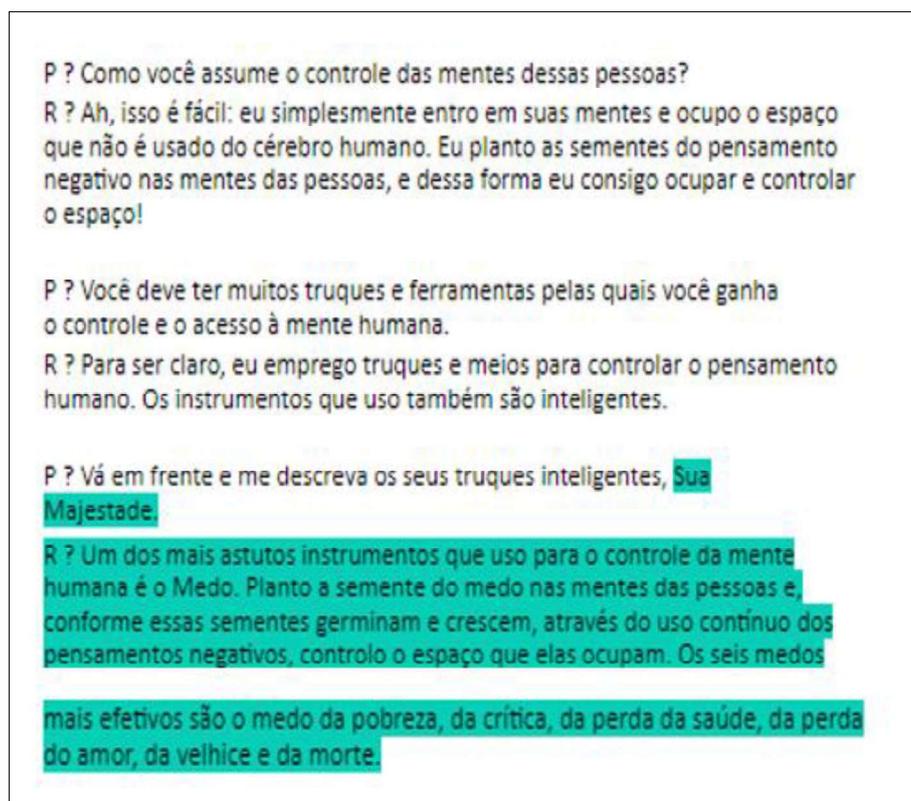
Nos seguintes trechos: *Enquanto esperava a tempestade passar e todo o medo que estava espalhado ceder, [...] quando o mundo à minha volta estava no meio do mais abjeto fracasso e as mentes dos homens estavam preenchidas com o medo da pobreza*. Nesses excertos, considerando as vendas desse livro no período da pandemia de COVID 19, se tomássemos por base a demarcação da memória retórico-argumentativa, teríamos uma condição de similaridade com a condição de esperar o medo da COVID-19 amortecer.

A seguir, analisamos algumas perguntas e respostas apresentadas no decorrer do terceiro capítulo.

---

<sup>129</sup> Ao retomarmos o percentual de vendas em *sites* como o do *Publishnews*, esse livro ainda permanece no *ranking* de mais vendido durante o ano de 2023, o que promove a representação de um auditório que se abastece desses esquemas argumentativos.

**Figura 27-** Perguntas e respostas



**Fonte:** Hill, 2014, p. 51

Jarbas (2015, p. 145) destacou que a autoajuda, como um evento interdiscursivo, “permite observar as orientações pedagógico-educacionais para a construção de um percurso de vida positiva e suas relações com o medo, constitutivo da vida humana”. Nessa perspectiva, a personificação atribuída à figura do diabo permite ao enunciador uma aproximação com os destinatários que compartilham desse saber comum, ou como bem estabeleceu Charaudeau (2007), compartilham os saberes de crença, criados por intermédio da subjetividade. Dentro do lugar-comum da religião compartilha-se a relação paradoxal entre o bem e o mal. E, dentro da discursividade religiosa, a figura do diabo ou como afirmou Almeida (2010) o “mito do diabo” é, também, um símbolo que permite o estabelecimento das relações de poder. Dessa forma, o enunciador usa uma relação dialogal para ensinar e orientar o leitor formulado a se distanciar do medo; busca ensiná-lo a ter um comportamento reativo diante de situações que suscitam o temor, como: pobreza, velhice, morte, críticas e perda da saúde. O locutor se apropria de uma postura pseudocientífica para mobilizar um conceito pertinente no campo da autoajuda, o pensamento positivo, que, na concepção de Rudiger (2010, p. 100), constitui-se como uma técnica de cuidado mental, referendado pelo controle de si e por uma satisfação da subjetividade.

Ainda segundo o autor, “a transformação do conceito moral de autoajuda em princípio prático de cultivo do poder da mente coincide com a subsunção deste cultivo no moderno culto do sucesso e da personalidade”. Desse modo, na contemporaneidade, são constatadas as proliferações dos valores que permeiam esses discursos e suas interferências na construção da autonomia assistida. Diante dessa codificação, identificamos como discursivamente existem as “cláusulas contratuais” com os campos discursivos da religião e da psicologia.

Após as análises relativas aos capítulos do livro, realizamos a triangulação das respostas obtidas via questionário *on-line* e dos comentários *reviews*. A seguir, examinamos as codificações realizadas nas respostas das leitoras (8) e (15) às perguntas: 1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional? 3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura? 4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida? 7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

**Figura 28-** *Doxa* (leitora 8)

<i>Doxa</i>		3 Referências	10,75%
Referência 1	2,08%	Além de aumentar o vocabulário, melhorar a memorização e atenção, nos deixa com mente aberta para sabermos lidar com diversos assuntos e problemas do cotidiano	
Referência 2	3,26%	O livro nos orienta sobre as forças do bem (a força positiva do mundo) e do mal (a força negativa), que diversas vezes são fruto da nossa mente. Orienta a sabermos aproveitar nosso tempo e nos ensina como enfrentar diversos problemas de forma positiva	
Referência 3	5,41%	A mente humana é uma caixinha de surpresas, às vezes temos potencial para fazer algo, agir e não tomamos a iniciativa por medo. Os livros de auto ajuda nos dá uma nova visão de mundo, impulsiona para enfrentarmos diversos problemas da vida, fazermos quebradores de ciclos, orienta como agir na vida pessoal, profissional e a forma como lidamos com as pessoas e com nós mesmos, além de nos levar a mudança de hábitos.	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

**Figura 29- Doxa** (leitora 15)

Doxa		3 Referências	9,73%
Referência 1	1,90%		
Através da leitura eu percebo que melhoro meu comportamento com relação as pessoas, e comigo mesma, além de me proporcionar novos conhecimentos agregando mais valores.			
Referência 2	4,77%		
Eu sempre soube que a leitura iria me proporcionar mais conhecimentos, mas depois que eu comecei a ler livros de autoajuda eu percebi que eles transformaram minha vida como um todo e hoje eu sou outra pessoa, mais paciente, atenciosa, decidida, melhora no cuidado e atenção comigo e com o próximo, principalmente com minha família. E sempre tenho algum livro desses comigo porque sei o quanto é gratificante pra mim.			
Referência 3	3,06%		
Não, pelo contrário todos nós precisamos está sempre em busca de melhorar nossos hábitos em prol a sociedade e através desses livros eu pude perceber que não estava agindo de maneira correta, e que poderia de alguma forma interferir no desenvolvimento dos meus filhos.			

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

A leitora (8), servidora pública, ressalta os seguintes benefícios advindos da prática da leitura: memorização, aumentar o vocabulário, atenção e lidar com os problemas. Notamos que a imagem discursiva da leitura é relacionada às perspectivas cognitivas e sociais. Retoma-se a ao maniqueísmo e o pensamento positivo postulados no livro quando a leitora (8) afirma: *o livro nos orienta sobre as forças do bem (a força positiva do mundo) e do mal (a força negativa); orienta a sabermos aproveitar o nosso tempo e nos ensina como enfrentar diversos problemas de forma positiva.*

Segundo Amossy (2020), os elementos dóxicos<sup>130</sup> podem ser representados por palavras preexistentes, repetidas e moduladas que podem denotar um já dito. Podemos identificar uma opinião comum compartilhada no discurso da leitora e no livro: *às vezes temos potencial para fazer algo, agir e não tomamos a iniciativa por medo.* O enfrentamento do medo é uma questão intrínseca ao ser humano e, como relatamos anteriormente, a ‘retórica do medo’ é fundante das pautas exploradas pelos manuais de autoajuda. Para Jarbas (2015, p. 145) as determinações comportamentais advindas do discurso de autoajuda “podem contribuir para a construção do medo, na medida em que propõem mudanças de atitudes urgentes, com o intuito de alcance de soluções imediatas para questões vitais”.

---

<sup>130</sup> Nessa pesquisa, usamos a nomenclatura de elementos dóxicos para nos referirmos aos estereótipos, clichês e lugares-comuns.

Por conseguinte, a leitora 15, assistente administrativa, ao responder à pergunta 4 destacou o seguinte: *depois que eu comecei a ler livros de autoajuda eu percebi que eles transformaram minha vida como um todo e hoje eu sou outra pessoa, mais paciente, atenciosa, decidida, melhorei no cuidado e atenção comigo e com o próximo*. É possível observar a força do governo de si (lugar da pessoa) por intermédio da prática da leitura. A gestão da mudança e da resolução dos problemas são pilares referentes a um discurso da psicologização. A leitura como modos de ser e viver. Nessa direção, Penzim (2016, p.5) alega que tal literatura corresponde a uma tecnologia de poder- “de calibre microscópico e íntimo, porém de vasta disseminação”. Na sequência, a leitora diz: *e sempre tenho algum livro desses comigo porque sei o quanto é gratificante para mim*, ela afirma ser *gratificante* ter um livro desse gênero, há satisfação e prazer em possuir o livro. Nesse caso, encontramos semelhanças com discursos de sacralização do objeto livro em outras esferas literárias. Temos um *ethos* leitor orgulhoso e a apropriação do lugar de leitora perpassa pelas dimensões individual e coletiva (sociedade, com o próximo, família, filhos)<sup>131</sup>. *Através da leitura eu percebo que melhorou meu comportamento com relação as pessoas, todos nós precisamos está sempre em busca de melhorar nossos hábitos em prol a sociedade, melhorei no cuidado e atenção comigo e com o próximo, principalmente com minha família*, esses posicionamentos não se limitam a um discurso meritocrático, assumem uma posição de alteridade, de um agente social autônomo e reflexivo. Tendo em vista esse resultado, entendemos que há aqui uma intercorrência sêmica, não há como manter controle sobre os efeitos de sentidos desse perfil de leitor. Encontramos nesses argumentos a representação de uma posição entre indivíduo e o outro<sup>132</sup>; a leitora se coloca como construtora da própria transformação e, conseqüentemente, da transformação do mundo social.

A próxima codificação foi alusiva às respostas dadas à questão 5 (Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?). Observemos:

---

<sup>131</sup> Rudiger (2020, p.13) afirma que a modernidade desintegrou “as representações coletivas e os simbolismos comuns que recomendavam a salvação do eu por meio da fusão dos propósitos pessoais com os propósitos da comunidade”.

<sup>132</sup> Não atende ao modelo de uma subjetivação fixada pela autoajuda, de um sujeito de certo tipo (não-social).

**Figura 30-** Interdiscurso (leitora 8)

Interdiscurso	1 Referências	2,17%
Referência 1	2,17%	
Sim. Pessoal, profissional, emocional, financeira. Nós problematizamos algumas áreas desafiadoras, mas é bem mais tranquilo quando aprendemos a lidar com cada uma delas.		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

**Figura 31-** Interdiscurso (leitora 15)

Interdiscurso	2 Referências	6,25%
Referência 1	3,20%	
Sim até porque nós somos seres humanos e dependemos uns dos outros, precisamos está em busca de uma melhor conexão com as pessoas e com o ambiente que estamos inseridos, para que isso aconteça devemos aprimorar nossos conhecimentos e buscar entender e respeitar a opinião do outro		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Os objetivos dos leitores com relação a um texto são variados, a leitora (8), por exemplo, observa a importância formativa dos livros de autoajuda em diferentes áreas, como: profissional, emocional, financeira e pessoal.

A leitora (15) ao responder à pergunta (5) trouxe a relevância do aperfeiçoamento nos relacionamentos interpessoais, o que nos remete ao lugar da pessoa. O que está em questão no discurso dessa leitora é a busca por conhecimentos que atendam às necessidades coletivas, ou seja, a prática da leitura, assim como afirmam Manfrin e Curcino (2020), não é vista como uma questão meramente de interesse e competência individual. Mediante a resposta apresentada, entendemos que o gesto de leitura atua na conformação da racionalização ética de uma conduta: *dependemos uns dos outros, conexão com as pessoas, aprimorar conhecimentos, entender e respeitar as opiniões*. Coadunamos com Rudiger (2020), quando alega que as práticas de si são moduladas pela “cultura de massa” e, nesse caso, pelos valores incorporados pelos leitores de livros de autoajuda.

Ademais, conjugamos a esses diagnósticos os resultados das análises relativas aos comentários *reviews* daqueles que adquiriram a obra em questão por meio da *Amazon*. Vejamos:

**Figura 32-** Comentário *review* 3

★★★★☆ **Interessante** – A introdução da literatura motivacional para empreendedores  
 Avaliado no Brasil BR em 24 de julho de 2022  
 Compra verificada

Napoleon Hill é autor de uma série de livros que são reiteradamente recomendados para pessoas que buscam empreender e prosperar no mercado de trabalho. São textos que em regra procuram relacionar princípios, condutas recomendadas, hábitos a serem cultivados ou evitados, além de narrativas que conseguem prender a atenção do leitor para a exposição deste conteúdo.

Neste "Mais esperto que o Diabo", o autor apresenta uma narrativa que supostamente envolveria uma entrevista com o próprio diabo. O entrevistador busca obter do diabo algumas respostas sobre a sua forma de atrair e cooptar as pessoas, além de cultivar uma vida com propósito.

O conjunto de ponderações e respostas obtidas aponta para a influência de leis naturais sobre todos os homens e mulheres, a possibilidade de pensamento próprio e afugentamento de um estado de alienação, a consideração dos fracassos como circunstâncias momentâneas que podem oferecer aprendizado e etc.

Trata-se, portanto, de literatura motivacional que busca apresentar ao leitor alguns princípios de conduta que podem ser utilizados para se trilhar um caminho de prosperidade, assim entendido aquele que leva à realização pessoal, ao bom convívio com os outros e a ação pautada por um propósito bem definido.

Entendo que os leitores mais experientes vão encarar este livro como "mais do mesmo" na literatura dessa natureza. E, de fato, é um pouco de "mais do mesmo".

No entanto, deve ser considerada a circunstância em que o texto foi escrito (ou supostamente escrito) e o leitor que poderá tirar maior proveito do seu conteúdo.

É inegável que o texto é **interessante** e consegue bem apresentar as questões relevantes para a vivência, convivência e motivação para ação. Por isso, é necessário que o leitor esteja disposto a absorver o conteúdo da obra e compreender as possibilidades de aplicar o seu ensinamento.

O livro é **interessante** para leitores iniciantes e realmente apresenta um texto motivador. Recomendo para este público a leitura deste livro.

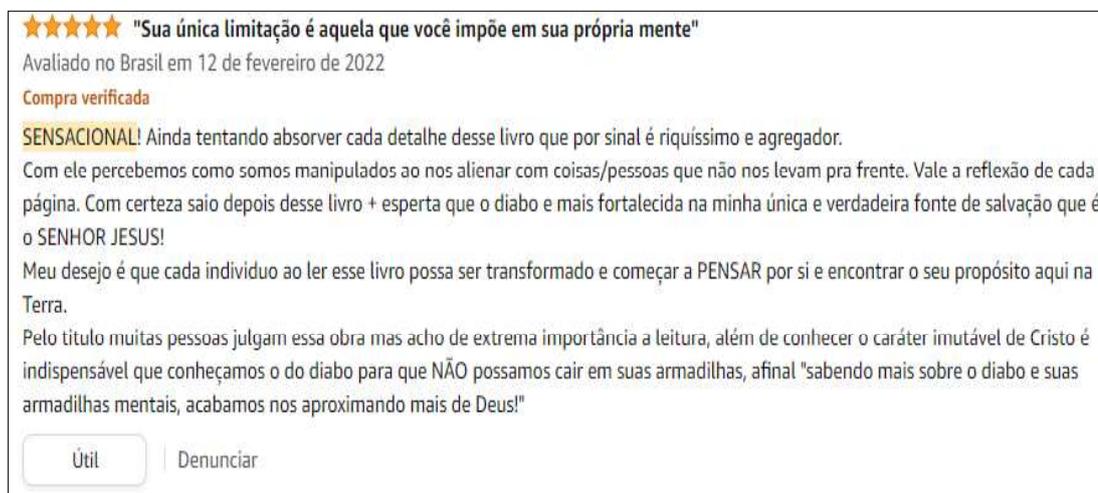
3 pessoas acharam isso útil

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Mais-esperto-que-Diabo-liberdade/product-reviews/8568014003>

Temos um comentário *review* de cunho discursivo (Paveau, 2017). O leitor adota uma postura analítica em relação à obra, por isso essa avaliação pode ser vista como uma resenha crítica. Inicialmente, ele traz um resumo do assunto do livro, em seguida, defende o ponto de vista de que existem dois grupos de leitores para essa categoria de livros: os experientes e inexperientes. Há indícios de um *ethos* leitor flutuante quando declara a afeição pelo livro e, em seguida, defende que os leitores experientes considerarão o livro como *mais do mesmo*. O alicerce dóxico remissivo à autoajuda baseia-se em questões para a vivência, convivência e motivação, assim como foi verificado nas respostas das leitoras 8 e 15. O livro e o autor são apresentados como modelos para os aperfeiçoamentos pessoais e profissionais. O avaliador em tela declara: *Por isso, é necessário que o leitor esteja disposto a absorver o conteúdo da obra e compreender as possibilidades de aplicar o seu ensinamento*. Há uma argumentação que

mobiliza bons traços de carácter desse leitor, fortalece, assim, a confiança no produto em questão. A seguir, analisamos outro comentário:

**Figura 33:** Comentário *review* 4



**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Mais-esperto-que-Diabo-liberdade/product-reviews/8568014003/>

Essa leitora definiu a experiência de leitura como sensacional, visto estar tomada por descobertas que a tornaram “mais esperta que o próprio diabo”, logo, depreendemos um *ethos* leitor orgulhoso por essa conquista. A leitora alude ao conceito de diabo outorgado no âmbito religioso, diante disso, detectamos uma memória dóxica. Ao relatar que, *pele título muitas pessoas julgam essa obra [...]. Meu desejo é que cada indivíduo ao ler esse livro possa ser transformado e começar a PENSAR por si. [...]. Além de conhecer o carácter imutável de Cristo é indispensável que conheçamos o do diabo [...]*”, detectamos evidências comuns compartilhadas no discurso da leitora 8 (orienta como agirmos na vida pessoal; vencer os medos). As designações sufixais dos verbos “conheçamos”, “possamos”, “acabamos” atuam de forma a interpelar outros leitores por intermédio de uma *doxa* que remete ao aperfeiçoamento religioso (edificação moral).

Após a triangulação dos dados correspondentes aos livros selecionados pelos critérios metodológicos, apresentamos, a seguir, outras análises correspondentes às respostas discursivas obtidas via questionário *on-line* e comentários *reviews*.

#### 4.5 As codificações em outras respostas dos questionários *on-line* e dos comentários *reviews*

Nesta seção, seguimos com as análises das respostas discursivas obtidas via questionário *on-line* e comentários *reviews* correspondentes aos leitores que citaram outros títulos de livros<sup>133</sup>. Dessa forma, a fim de atendermos aos nossos objetivos de pesquisa e ampliarmos as análises sobre os desdobramentos das estratégias interdiscursivas na compreensão do *ethos* leitor orgulhoso/vergonhoso, retomamos as investigações por meio das respostas às perguntas: 3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura? 4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida? 7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem. As duas participantes em pauta são profissionais da educação, professoras.

##### 4.5.1 Leitoras 1 e 4

Em relação às perguntas 3 e 4, obtivemos as seguintes respostas:

**Figura 34-** Experiência de leitura (leitora 1)

Necessidade pessoal	1 Referências	1,07%
Referência 1	1,07%	
Gerou-me grandes oportunidades de mudar o que eu achava que poderiamudar por mim		
Gosto pela leitura	1 Referências	0,87%
Referência 1	0,87%	
Eu gosto bastante, porque proporciona reflexões sobre nós mesmos,		

No tocante às perguntas 3 e 7, ela informou:

**Figura 35-** Campo semântico afetivo (leitora 1)

<sup>133</sup> Em virtude da extensão do trabalho não analisamos os enunciados dessas obras.

Campos semânticos afetivos	2 Referências	4,67%
Referência 1	0,29%	
Fiz bastante reflexões		
Referência 2	4,37%	
Sim. O marketing, às vezes, apelativo pode criar resistência em muitos leitores, no sentido de parecer uma receita de bolo. Passa a impressão de que seguindo aquelas instruções tudo se resolverá como num passe de mágica. Isso não acontece, tem muita coisa envolvida entre o processo de leitura do livro de autoajuda e o leitor		

A leitora 4 descreveu a experiência de leitura da seguinte forma:

**Figura 36-** Experiência de leitura (leitora 4)

Experiência de leitura	
Referência 1	0,66%
Nele aprendi que tudo que acontece na minha vida é autorresponsabilidade minha.	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Diante das codificações realizadas nos discursos das leitoras (1) e (4), detectamos um *ethos* partilhado e orgulhoso. Nessas respostas, mesmo sendo curtas, podemos observar os movimentos de incorporação das práticas de si.

O livro citado pela leitora (1) foi *Pare de se sabotar e dê a volta por cima*, do psicoterapeuta Flip Flippen. No *site* da *Amazon*, o livro é enquadrado nas categorias: motivacional, felicidade e autoajuda. O título, constituído pelos verbos no modo imperativo, faz o chamamento para uma “mudança de vida”. Segue a imagem de capa do livro:

Figura 37- Livro citado pela leitora (1)



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Pare-sabotar-volta-cimacomportamentos /dp/6555642572/ref=as>

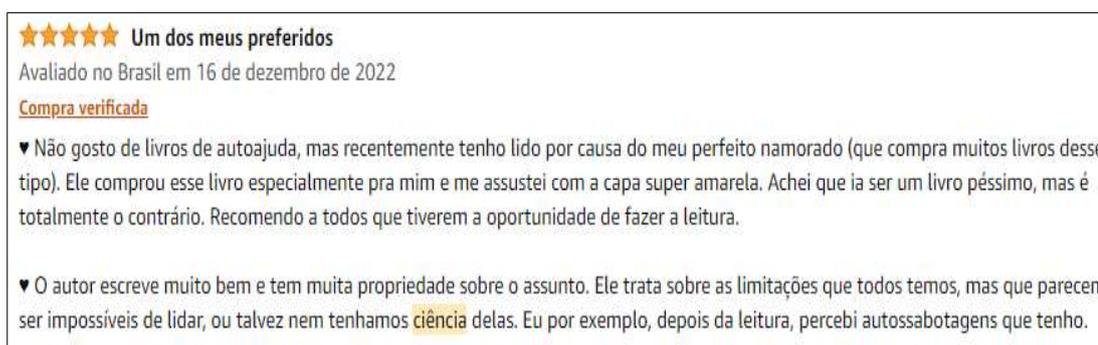
Ao retomarmos as respostas apresentadas pelas leitoras, identificamos o viés pedagógico dos livros de autoajuda: *Fiz bastante reflexões; gerou-me grandes oportunidades de mudar o que eu achava que poderia mudar por mim; nele aprendi que tudo que acontece na minha vida é autorresponsabilidade minha*. Temos uma alusão ao poder da consciência reflexiva. A percepção de si, a identidade (de um eu profundo) é desconstruída e reconstruída sob esse “novo olhar” após a leitura dos livros citados: *a forma como eu enxergava as coisas ao meu redor e a mim mesma*. A leitura de autoajuda tende a desintegrar a personalidade e mostrar a necessidade de mudança. Dessa maneira, a leitora 1 afirma que as reflexões geradas proporcionaram a oportunidade de mudança por ela mesma: *“gerou-me grandes oportunidades de mudar o que eu achava que poderia mudar por mim*. A “tomada de consciência” da leitora (1) comprova o movimento da consciência individual, tudo passa a ser orientado pelo indivíduo e de seu lugar (Porto, 2023). Há uma configuração discursiva direcionada ao conceito de pessoa<sup>134</sup> e ao lugar da pessoa (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005).

Ao selecionarmos um comentário *review* sobre o livro em tela, encontramos os seguintes resultados:

---

<sup>134</sup> Para Porto (2023) é uma noção que dará origem à concepção do eu enquanto indivíduo. A definição do termo é variável, pois acompanha as transformações culturais. O estudioso baseou as suas leituras em Marcel Mauss e afirma que a noção de pessoa como ser individual e psicologizado foi desenvolvida apenas entre os ocidentais.

**Figura 38-** Comentário *review* 5



**Fonte:** [https://www.amazon.com.br/Pare-sabotar-volta-cima-comportamentos/dp/6555642572/ref=asc\\_](https://www.amazon.com.br/Pare-sabotar-volta-cima-comportamentos/dp/6555642572/ref=asc_)

De acordo com esse comentário *review*, identificamos o lugar da psicologização. *Percebi autossabotagens que tenho; ele trata sobre a limitação que todos temos.* A autossabotagem é um comportamento que contraria a governança de si e a transformação interior, logo, temos uma regularidade discursiva sobre temáticas que aludem ao comportamento humano.

Na continuidade, o livro citado pela leitora (4) foi *O poder da autorresponsabilidade*, do escritor Paulo Vieira. Esse livro, em 2022, foi o primeiro livro mais vendido da categoria de negócios, de acordo com dados do *Publishnews*. Inicialmente, apresentamos a leitora (4) de acordo com a sua profissão informada, professora. Mediante esse dado já se constrói um *ethos* prévio de alguém dotado de credibilidade. Veremos, portanto, como esse *ethos* é mostrado nas respostas analisadas.

A leitora (4) ao mencionar a experiência de leitura, declarou: *nele aprendi que tudo que acontece na minha vida é autorresponsabilidade minha.* Identificamos a incorporação dos valores associados à autoajuda quando ela se põe como soberana de seu “destino”, independentemente das circunstâncias históricas, políticas e sociais, a responsabilidade é da pessoa (eu), não há uma reflexão crítica das condições sociais<sup>135</sup>. Logo, perpetua-se o *ethos* paradoxal<sup>136</sup> da autoajuda. Seguimos para a próxima codificação referente à pergunta 1: Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

<sup>135</sup> É uma literatura voltada para um auditório compósito, encontramos alguns títulos que versam sobre violência sexual, classificados pela *Amazon* como autoajuda: *A dor da vítima da violência sexual* de Menezes S.A.S e *Abuso sexual em crianças* de Christiane Sanderson.

<sup>136</sup> Busca a transformação de um ser social sem abarcar as reais condições sociais.

**Figura 39-** *Doxa* (leitora 4)

Doxa		3 Referências	14,07%
Referência 1	7,97%		
<p>Estou curada de uma alergia que as mais de 20 anos vinha buscando a cura. Fui para vários médicos alopáticos e homeopáticos. Depois de várias leituras e cursos venho me aprofundando a minha espiritualidade e tendo mais harmonia emocional e também a cura. Além de resultados significativos na minha relação comigo mesma, com Deus, família, trabalho etc. No ano 2020 ia 2 vezes por semana ao médico, chegando a gastar mais de R\$ 10 mil. Com o aprofundamento nas leituras e cursos fez um ano que não vou mais para médico e a cada dia minha vida só melhora. Estou saudável, mais feliz, alegria... Continuo fazendo cursos, vídeos e livros, pois sei que posso viver a cada dia uma vida cada vez mais extraordinária. O coach integral sistêmico está sendo uma ferramenta muito eficaz para o meu processo. Aprendi que precisamos cuidar do espírito, emocional, cognitivo e do físico ao mesmo tempo e assim termos resultados extraordinários em todos pilares da vida.</p>			

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

A leitora (4) apresenta uma enunciação baseada em sua experiência de cura. Sustenta a defesa do ponto de vista de que a leitura e os cursos realizados trouxeram a cura para a vida dela. Inicialmente, temos uma resposta que se configura como uma espécie de “testemunho”. No nível discursivo, podemos observar como a situação da enunciação retoma crenças, valores e ideologias. E assim começa: *“Estou curada de uma alergia que as mais de 20 anos vinha buscando a cura. Fui para vários médicos alopáticos e homeopáticos”*.

O “estou curada” remete a um fazer-criar na transformação e mudança de estado mórbido para um estado sadio, permanente. E faz alusão a uma discursividade da religião e da medicina. Nessas condições, a argumentação pretende comprovar o encaminhamento da vida com o auxílio da leitura. Além desse preâmbulo testemunhal, ela faz uma constatação dos benefícios na espiritualidade, também obtidos pela prática da leitura: *“Depois de várias leituras e cursos venho me aprofundando a minha espiritualidade e tendo mais harmonia emocional e também a cura”*. Vejamos que há uma remissão dos benefícios da leitura nas performances física (cura da alergia), espiritual e emocional (harmonia). Há uma intensidade de adesão à leitura de autoajuda por intermédio desses benefícios. Nesse caso, essa cura não se refere apenas à alergia, o discurso do leitor traz à tona um tom utilitarista terapêutico. *Além de resultados significativos na minha relação comigo mesma, com Deus, família, trabalho etc. No ano 2020 ia 2 vezes por semana ao médico, chegando a gastar mais de R\$ 10 mil.* Quando remontamos às práticas de si (Foucault, 2006) temos aqui um sujeito que observa a si mesmo, monitora seu próprio fazer por um ato de memória, a ponto de criar a sua verdade, verdade conhecida na forma do reconhecimento do valor da leitura. O relato da leitora suscita a compaixão e a alegria pela

conquista da cura. Contudo, a descrição da aplicabilidade da leitura na vida profissional não foi detalhada.

A leitora mencionou a importância do *coach* integral sistêmico no processo de cura. Essa ferramenta, como a própria leitora destaca, é uma espécie de corrente que se desdobra do *Coaching* tradicional, com o objetivo de tratar os dilemas pessoais. Ao consultarmos o *site* da Febracis<sup>137</sup>, fundação criada pelo autor do método *Coaching* sistêmico integral, Paulo Vieira, observamos que a principal função desse método é promover o bem-estar, identificar e corrigir todos os problemas enfrentados pelo indivíduo.

Diante das constatações apresentadas pelas respostas da leitora, a imagem discursiva da leitura é a de uma ferramenta essencial para a modificação de crenças, comportamentos e promotora de saúde. A operação discursiva nos enunciados *pois sei que vou viver a cada dia uma vida mais extraordinária [...], termos resultados extraordinários em todos os pilares, [...] estou saudável, mais feliz, alegria, [...] além de resultados significativos na minha relação comigo mesma, com Deus, família, trabalho etc* comprova a difusão de capacidades subjetivas e nos encaminha ao entendimento das ações, sentimentos e comportamentos que perpassam o *ethos* desse leitor orgulhoso que dá sinais de uma voz, corpo e mente moldados pelos ditames estabelecidos pelo discurso de autoajuda, pois esse é o motivo de sua cura, como foi descrito pela leitora.

De acordo com Amossy (2020, p. 113), a *doxa* é feita de “camadas ligadas a estatutos diferentes, na medida em que dependem de uma doutrina articulada, ou de uma tradição, ou de um conjunto impreciso de posições difundidas por boatos ou pela mídia”. A essa doutrina está associada a gestão de si, como esse indivíduo age, pensa e enxerga. Há nesses recortes o depósito da confiança nas técnicas ensinadas pelo método sistêmico integral que possibilitou o fazer-sentir e o fazer-creer na mudança de vida almejada. Os valores predominantes em seu relato estão atrelados ao bem-estar (saúde) e autorresponsabilidade.

A autorresponsabilidade vista como uma habilidade está relacionada ao sucesso. Ainda segundo dados obtidos no portal da Febracis, o conceito desse valor é descrito da seguinte forma: “a autorresponsabilidade<sup>138</sup> está associada à nossa capacidade de responsabilizarmos a nós mesmos por tudo aquilo que acontece em nossas vidas. Aquilo que é positivo ou negativo, e também o que nos influencia direta ou indiretamente”. Do ponto de vista dos valores

---

<sup>137</sup> Escola de negócios, pessoas, lideranças e gestão. Cf. <https://febracis.com/autorresponsabilidade/>.

<sup>138</sup> Disponível em: <https://febracis.com/autorresponsabilidade/>. Acesso em 18 de maio 2023.

estabelecidos por essa leitora, aflora a hierarquia dos valores concernentes à pessoa (espírito, emocional, cognitivo e físico).

No discurso da leitora em tela há fortes indícios de uma *doxa* moldada pela enunciação terapêutica, a qual consegue acionar o sistema de crenças: *a leitura de livros, vídeos e cursos me deram uma nova consciência*, como uma dimensão racional da adesão, conforme resposta à pergunta (4):

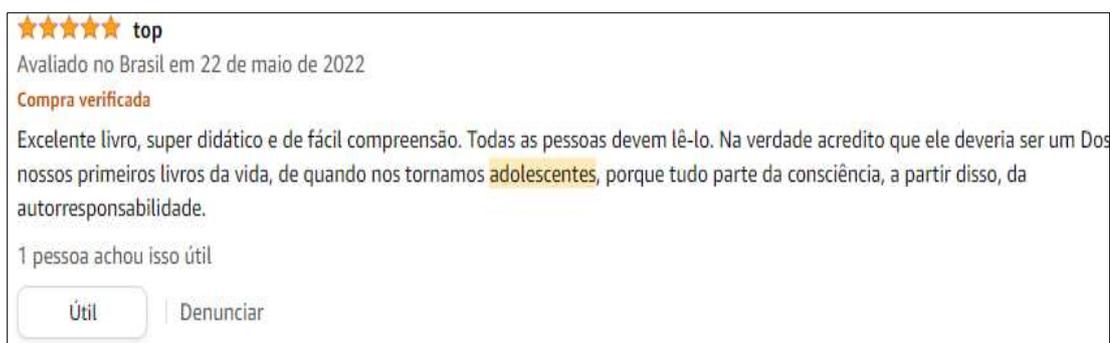
**Figura 40-** Lugar da qualidade (leitora 4)

Lugar da qualidade		1 Referências	5,44%
Referência 1	5,44%	<p>A leitura de livros, vídeos e cursos me deram uma nova consciência, a qual é o primeiro passo para mudar comportamentos, hábitos e atitudes. A partir do momento que comecei a por na prática estes comportamentos, hábitos, atitudes no meu dia a dia com consistência meu cérebro começa a produzir hormônios e neuro- hormônios diferentes dos quais vinham sendo produzidos e, com estímulos de hormônios e neuro - hormônios diferentes meu emocional passa a sentir novas emoções e sentimentos, os quais vão enviar mensagens também novas para meus órgãos, chegando até ao meu físico e, conseqüentemente a cura das doenças, dos relacionamentos, do financeiro etc.</p>	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

A leitora (4) ressaltou a importância desse tipo de leitura como uma ferramenta de cura e os livros, vídeos e cursos são postos como instrumentos determinantes para o desenvolvimento. Nesse ínterim, além de discorrer sobre as imbricações entre os fenômenos fisiológicos e mentais, ela recorreu ao lugar da neurociência para explicar os processos que aconteceram no cérebro dela. Há confiança no poder curativo por meio da leitura e essa leitora demonstra isso com veemência. Temos, assim, uma argumentação que traz à tona uma prática de si pautada por uma racionalidade, que segundo Rudiger é fundamentada na “figura típico-ideal de um indivíduo que não busca o sucesso social, nem a salvação coletiva, mas a consecução de um sentimento de bem-estar consigo mesmo, o suprimento de suas necessidades imediatas e a resolução dos conflitos íntimos que perturbam o funcionamento regular e cotidiano de sua subjetividade (Rudiger, 2010, p. 19).

A seguir, apresentamos um comentário *review* sobre o livro *O poder da autorresponsabilidade*, do autor Paulo Vieira:

**Figura 41-** Comentário *review* 6

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/poder-autorresponsabilidade-ferramenta-comprovada-performance/product-reviews/8545202210/ref=cm>

Mediante esse comentário, observamos como a argumentação se fundamentou no lugar da ordem: *Ele deveria ser um dos nossos primeiros livros da vida*. Há o estabelecimento de uma memória dóxica em relação às respostas emitidas pela leitora (4) quando alegou que *tudo parte da consciência, da autorresponsabilidade*. Estamos diante de argumentos que se reportam ao aperfeiçoamento pessoal.

Após as análises das respostas emitidas pelas leitoras (1) e (4), continuamos com as verificações das respostas enviadas pelos demais leitores, cujas profissões são: empregada pública, consultora, vendedora, servidor público (2), técnico em secretariado, bibliotecária, empreendedora (2) e contadora.

#### 4.5.2 Leitora 2

A leitora 2, empregada pública, leu acima de dez livros de autoajuda, adota o suporte impresso e costuma ler em casa e em clubes de leitura. Ao responder sobre a relevância da leitura de livros de autoajuda na trajetória de vida afirmou que já leu muitos livros do gênero, o que denota um *ethos* leitor por intermédio do lugar da quantidade. Segundo ela, foi uma experiência positiva, com reflexões, conhecimentos e aprendizados. A seguir, temos as codificações aplicadas às respostas emitidas para as perguntas 1 e 4:

**Figura 42-** Gosto pela leitura (leitora 2)

Gosto pela leitura		2 Referências	5,26%
Referência 1	3,14%	As leituras de livros autoajuda não são minhas preferidas e nem as mais empolgantes, mas já li muitos livros do gênero porque sempre quero melhorar como pessoa, como profissional, como amiga, como esposa, etc.	
Referência 2	2,12%	Sou apaixonada pelos livros. Desenvolvo projetos sociais literários e considero a leitura fundamental para minha vida pessoal e profissional.	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Embora essas leituras não sejam postas como as preferidas da leitora, ainda servem e aludem aos aperfeiçoamentos (inter) pessoal e profissional: *sempre quero melhorar como pessoa, como profissional, como amiga [...]*. Em matéria de *ethos* podemos constatar que ela se enuncia enquanto uma pessoa apaixonada pelos livros e organizadora de projetos sociais literários. Segundo ela, as leituras dos livros de autoajuda contribuem para o autoconhecimento, entretenimento, definir objetivos e metas, mudanças de cunho emocional, econômico, espiritual e físico, além de aprimorar conhecimentos. Essa leitora afirmou que para a escolha e aquisição do livro considerou a capa, título e sinopse. Ao responder sobre o livro que ela mais gostou de ler, citou a obra *Como fazer amigos & influenciar pessoas* de Dale Carnegie.

No tocante ao modo de se enunciar enquanto leitora de livros de autoajuda temos um *ethos* flutuante, aquele que apresenta justificativas e tenta negociar ao longo da enunciação para mostrar uma identificação e um senso crítico quanto aos discursos “repetitivos e fantasiosos”. Na sequência, temos as respostas direcionadas às perguntas<sup>139</sup> 3, 6 e 7.

**Figura 43-** Experiência de leitura (leitora 2)

---

<sup>139</sup> Perguntas: 3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura? 6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique. 7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

Experiência de leitura	1 Referências	1,13%
Referência 1	1,13%	
Minha experiência foi positiva, com reflexões, conhecimento e aprendizados.		
Defesa de um ponto de vista	2 Referências	2,78%
Referência 1	1,16%	
Sim! Cada segmento tem seu público, sua "utilidade", e todos são importantes!		
Referência 2	1,62%	
Sim. Percebo que muitos livros são repetitivos e fantasiosos. Vendem "soluções fáceis" e "receitas de bolo".		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Ao observarmos os entrelaçamentos discursivos, identificamos entre os argumentos típicos, citados pela leitora 1 e 2, o comparativo dos livros com uma “receita de bolo”; o que pode ser visto como um estereótipo perpetuado pela forma composicional dos livros. No caso da leitora 2, ao responder sobre a imagem pública da leitura de autoajuda alegou que todos os segmentos são importantes, mas os livros de autoajuda apresentam “*soluções fáceis*” e, portanto, possuem imagem desfavorável na sociedade.

Com a finalidade de estendarmos as redes discursivas acerca das necessidades de leitura, recortamos um comentário *review*, postado no ano de 2020, sobre o livro citado pela leitora 2:

**Figura 44-** Comentário *review* 7

★★★★★ **O LIVRO QUE IRÁ MELHOR SUA VIDA EM RELAÇÃO A AMIZADES**  
 Avaliado no Brasil em 6 de julho de 2020

Desde criança sempre ouvi falar sobre esse livro, todos falavam que era um ótimo livro, que realmente fazia diferença na vida das pessoas que o liam e realmente utilizavam-se dos conselhos descritos nele. Porém sempre tive um pé atrás com o livro, é aquele velho ditado: "Nunca julgue um livro pela capa" entretanto era o que eu fazia com esse. Só agora em 2020, em plena quarentena, resolvi comprar esse livro, comecei a ler e achei tão interessante e envolvente que li em apenas uma noite e uma manhã. E mesmo sendo lançado em meados de 1938 essa obra ainda é MUITO atual, revelando que as interações humanas não se modificam com o passar do tempo, tanto é que se você ler o livro e interpreta-lo no contexto atual, você terá a impressão que ele foi escrito recentemente. Portanto, se a pessoa comprar no intuito de ter uma relação interpessoal melhor, é certeza que irá conseguir, desde que utiliza-se dos princípios nele descrito. A parte inicial dos 6 primeiros princípios em relação a amizade são coisas tão comuns que você já até imagina mas talvez nunca tenha dado total importância a isso, e ao ler você nota que realmente são coisas que fazem a total diferença, basta ler e interpretar como se alguém estivesse fazendo esses princípios com você. Se após a leitura, você realizar ao menos 50% dos princípios, pode ter certeza que sua vida em relação a amizades irá melhorar e muito. Não é à toa que esse livro, mesmo após mais de 80 anos do lançamento, ainda seja um dos mais vendidos do mundo. O único arrependimento que eu tenho é de ter lido antes, quando eu era bem mais novo.

1 pessoa achou isso útil

|

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Como-fazer-amigos-influenciar-pessoas/product-reviews/8543108683>

Nesse comentário, conferimos como esse leitor incorpora as enunciações típicas da retórica publicitária e faz referência ao lugar da ordem. Defende-se a relevância da obra sobre o ângulo da historicidade, da trajetória das práticas leitoras reconhecidas por ele: *Desde criança sempre ouvi falar sobre esse livro*, ou seja, a atuação retórico-argumentativa do discurso de autoajuda no percurso desse leitor remonta ao espelhamento, ao lugar do outro (alteridade); foi em plena quarentena que ele obteve interesse pela leitura desse livro. O enunciador declara: *sempre tive um pé atrás com o livro*, um argumento que também é apresentado por outros leitores no que se refere aos estereótipos constitutivos do gênero (receita de bolo e fórmula mágica). Os objetivos desse leitor coadunam com os objetivos da leitora 2 no que se refere ao valor da amizade e, também, nos remontam aos argumentos apresentados pela leitora 15 no que se refere aos relacionamentos interpessoais. Por conseguinte, esses leitores ao se identificarem com a discursividade referente aos princípios da amizade (como fazer amigos), buscam respaldo para o aperfeiçoamento pessoal em obras que estão atreladas a um espaço discursivo da transformação pessoal.

## 4.5.2 Leitora 3

A leitora 3 é uma consultora, leu um livro de autoajuda e informou que a prática da leitura do gênero contribui para o autoconhecimento, mudanças de cunho emocional, econômico, espiritual e físico. A escolha do livro ocorreu em virtude da capa, autor e da relevância do conteúdo. O livro lido por ela foi o *Vendedor de Sonhos*, de Augusto Cury. Para essa leitora, o ato de ler é importante porque desenvolve o intelecto, um aperfeiçoamento comum na instância do ensino, além disso, ela descreveu a experiência de leitura da seguinte forma: ótima, fascinante, de fácil linguagem. Vejamos as respostas concedidas às perguntas<sup>140</sup> 4 e 7, respectivamente:

**Figura 45-** *Ethos* e gosto pela leitura (leitora 3)

Gosto pela leitura	1 Referências	2,11%
Referência 1	2,11%	
Acho importante e interessante ,pois para mim não se trata apenas de autoajuda, mas sim ampliação da visão sobre o mundo, as pessoas.		
Ethos	2 Referências	3,96%
Referência 2	2,63%	
Às vezes. Muitas vezes há rótulos designado ao público deste tipo de literatura. Visão de ser fracassado, desequilibrado ou está passando por algum conflito interior.		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

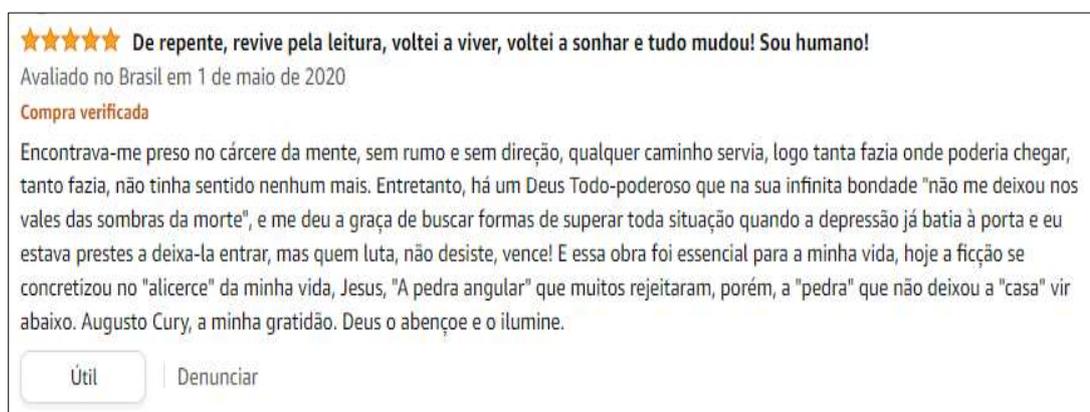
Conforme a leitora 3, há uma rotulação para o leitor de livros de autoajuda como sendo *fracassado, desequilibrado ou até está passando por algum conflito interior*, o que nos remete às evidências comuns compartilhadas socialmente sobre o estado emocional de quem recorre a esse gênero discursivo. A partir disso, podemos designar essas rotulações como estereotipagem ou estereotipização, que segundo Amossy e Pierrot (2022), é um processo individual moldado pelo vínculo social, o que faz decorrer em correntes generalizações. A leitora apresentou respostas concisas e breves. No momento enunciativo em questão, conseguimos depreender um

<sup>140</sup>4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida? 7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*ethos* dicotômico (orgulhoso/vergonhoso). Configura-se o *ethos* orgulhoso quando encontramos uma interlocução que pretende defender a prática da leitura não apenas como um produto de entretenimento, mas como uma norma de conduta, visto que influencia na constituição da visão de mundo e não apenas na comercialização da autoajuda. E um *ethos* vergonhoso quando afirmou que, às vezes, essa literatura apresenta uma imagem pública desfavorável e que *muitas vezes há rótulos designado ao público deste tipo de literatura*.

No que tange à leitura do livro *O vendedor de sonhos* encontramos um comentário *review* que retrata a importância da leitura da obra para a superação da depressão:

**Figura 46-** Comentário *review* 8



**Fonte:** [https://www.amazon.com.br/vendedor-sonhos-chamado-Augusto-Cury/productreviews/65996223\\_80](https://www.amazon.com.br/vendedor-sonhos-chamado-Augusto-Cury/productreviews/65996223_80)

Observamos que os sentidos extraídos da obra, em contato com os valores associados à espiritualidade e à psiquiatria, compõem um horizonte de expectativas do alcance da cura de um transtorno mental por meio da leitura. Diante da recepção da obra de Augusto Cury, o leitor faz a transmutação de um lugar de derrota para um lugar de vitória, nessa direção, nos remetemos ao que Jauss (2011) discorreu sobre o movimento de autonomia do leitor. O leitor criou interpretações e sentidos sobre a leitura do livro que o ajudou a se distanciar da depressão. Consideramos que o valor da cura, a busca pela saúde mental, nesse caso, forma uma base dóxica que dialoga com a biblioterapia, uma estratégia terapêutica que utiliza a leitura como instrumento para alcançar a saúde mental. Dessa maneira, as enunciações terapêuticas, lugar específico da psicologia, passam a compor os discursos de leitores que alcançam a cura por intermédio do campo discursivo da leitura de autoajuda. Depreende-se, portanto, um *ethos*

orgulhoso, reforçado por um fiador que enaltece a figura do autor Augusto Cury como um “salvador”.

#### 4.5.3 Leitora 6

Para a leitora 6, vendedora, os critérios adotados na aquisição dos livros de autoajuda consideram a capa, o título, o autor, a relevância do conteúdo, a sinopse e /ou a situação emocional atual. Ela informou que leu entre 6 a 10 livros. A obra citada por ela foi: *Nunca deixe de tentar*, de Michael Jordan. No que se refere à relevância da leitura (pergunta 4), ela faz a seguinte justificativa:

**Figura 47-** Experiência de leitura (leitora 6)

Experiência de leitura		5 Referências	21,14%
Referência 1	7,34%		
Ironicamente não achava que iria fazer grande coisa, pois eu pensava: é apenas um livro. Mas hoje, adulta e com a cabeça às claras, os livros de autoajuda me ajuda bastante a enxergar o mundo de uma forma mais real, de uma forma mais sincera. Me ajuda a não querer desistir da realidade tão às claras.			

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Nesse relato, observamos que o livro de autoajuda passou a ocupar o valor do único<sup>141</sup>, (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005), assume um valor qualitativo: *Me ajuda a não querer desistir da realidade tão às claras; me ajuda bastante a enxergar o mundo de uma forma mais real, de uma forma mais sincera*. O livro tornou-se algo precioso. No campo discursivo da autoajuda é edificante para o indivíduo encontrar essa conexão, a força para continuar a traçar uma rota de vida por meio da disciplina e do encorajamento perpetuados pela leitura. Assim, apresentamos as respostas direcionadas às perguntas<sup>142</sup> 3 e 7:

<sup>141</sup> “O valor do único pode exprimir-se por sua oposição ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 102).

<sup>142</sup> 3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura? 7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

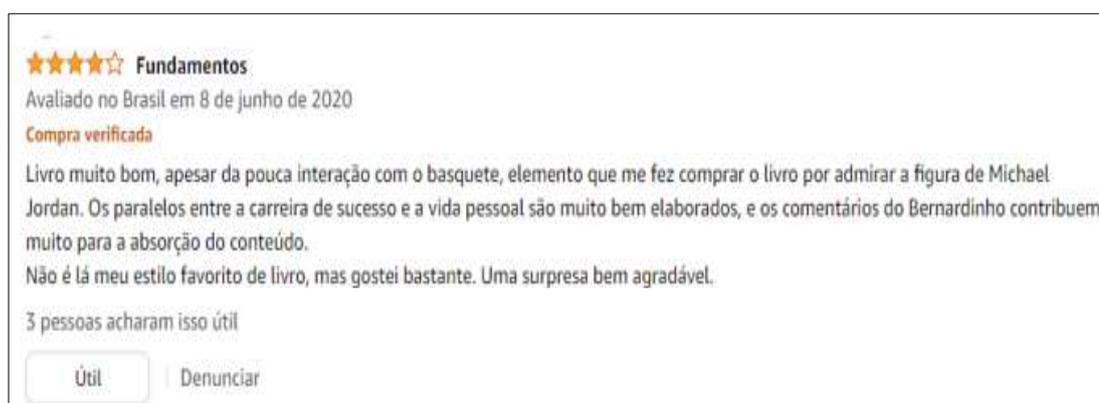
**Figura 48**-*Ethos e doxa* (leitora 6)

Ethos	1 Referências	3,32%
Referência 1	3,32%	
Não acredito nisso. Pois ela é capaz de transformar as pessoas de forma positiva. Tornando-as mais corajosas, firmes, capazes, pés no chão, mente às claras, e entretantas outras emoções de ajuda interna que faça qualquer ser humano seguir a vida em frente		
Doxa	2 Referências	4,47%
Referência 1	1,34%	
Me incentivou na época a ter coragem para fazer o que eu queria... Me sentia capaz de realizar o mundo!		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Em oposição ao medo, a coragem permite a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação de traços deflagrados em comum, como bem aponta Figueiredo (2019). O processo de subjetivação, nesse caso, ocorre pela deflagração da liberdade de escolha, da autonomia. A leitora 6 afirmou não acreditar na existência de uma imagem desfavorável socialmente para a literatura de autoajuda. Segundo essa leitora: *ela é capaz de transformar as pessoas de forma positiva* e proporcionou aperfeiçoamentos, como: ser mais corajosa, firme, capaz, pés no chão e mente às claras.

Nessa conjuntura, encontramos um comentário *review* que retrata o argumento de autoridade exercido na capa do livro por meio da figura de Michael Jordan, basquetebolista estadunidense.

**Figura 49**-Comentário *review* 9

**Fonte:** [https://www.amazon.com.br/Nunca-deixe-tentar-Michael-Jordan/dp/8575424610/ref=asc\\_df\\_8575424610/](https://www.amazon.com.br/Nunca-deixe-tentar-Michael-Jordan/dp/8575424610/ref=asc_df_8575424610/)

Diante desse comentário discursivo, entendemos que a foto do basquetebolista na capa do livro surte o efeito da retórica publicitária, criando-se possibilidades de identificação, inclusive, em outros comentários encontramos afirmações que alegam a compra por intermédio da capa. Além disso, mobiliza-se a expectativa pelas produções biográficas. O comentário intitulado como *Fundamentos* traz para a cena enunciativa um vínculo entre esporte e leitura. Temos um *ethos* dicotômico (orgulhoso/vergonhoso) quando o leitor salienta: *não é lá meu estilo favorito de livro, mas gostei bastante. Uma surpresa bem agradável.* O comentário não ficou restrito ao ato de consumo, promoveu a identificação por intermédio de uma discursividade acerca do sucesso e do aperfeiçoamento pessoal.

#### 4.5.4 Leitor 9

O leitor 9, técnico em secretariado, costuma ler em casa, no trabalho e na escola/faculdade/universidade. A prática de leitura contribui para o autoconhecimento e nas mudanças de cunho emocional, econômico, espiritual e físico. Quanto à pergunta sobre a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida, ele respondeu:

**Figura 50-** *Doxa* (leitor 9)

Doxa	1 Referências	1,80%
Referência 1	1,80%	
Sua mensagem traz a proposta e me fez refletir sobre liderança, sonhas, modelos de pessoas e líderes que desejamos ser e àqueles que não devemos imitar		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Na resposta supramencionada, o leitor mobilizou evidências de que a partir da leitura é possível alcançar o aperfeiçoamento profissional. A leitura é posta como ferramenta para a produção de condutas, para formatar uma personalidade de líder. Temos um indivíduo capaz de fazer-se por si mesmo, visto que esse aprendizado decorreu do modelo de liderança perpetuado no livro *O monge e o executivo*, cujo autor é James C. Hunter. No excerto referente à resposta emitida à pergunta 4, ele destacou: *me fez refletir sobre liderança [...] líderes que desejamos ser e àqueles que não devemos imitar*, remontou-se aos ensinamentos difundidos pela autoa-

juda, em especial, aqueles que versam sobre o cultivo de virtudes morais no trabalho. As práticas difundidas pela autoajuda assumem uma dóxica baseada nos valores da autonomia, liberdade e responsabilidade individual. No discurso do leitor há uma alusão ao aprendizado do que seria moralmente bom (edificação moral), portanto, replicável e o que seria ruim, não deve ser imitado. Na próxima codificação, temos:

**Figura 51-** Interdiscurso (leitor 9)

Interdiscurso		1 Referências	6,58%
Referência 1	6,58%		
Os livros de autoajuda transitam entre a escrita do imaginário, ou a fabulação da vida real, com alguns exemplos de textos autobiográficos ou memórias de superação. Aspectos espirituais, exemplos de empreendedorismo, culturas e lugares diversos, etc. Para mim, a possibilidade de ler sobre exemplos de pessoas que como eu, estão dispostas a se exaurir em seus limites, em busca de uma causa, ou apenas demarcarem sua existência positivamente, é o que classifica esse tipo de livro não apenas como autoajuda, mas diria como uma leitura para a autorreflexão			

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Ao responder à pergunta<sup>143</sup>, verificamos que o leitor 9 demonstrou a disponibilidade para recepcionar tais textos em virtude da necessidade de se ultrapassar limites. [...] *Para mim, a possibilidade de ler sobre exemplos de pessoas que como eu, estão dispostas a se exaurir em seus limites*[...]. Na descrição experiencial desse leitor, constatamos a disponibilidade<sup>144</sup> e identificação, dois estágios iniciais na trajetória das paixões (Figueiredo, 2020). No discurso desse leitor é possível apreender uma memória de leitura que indica um lugar discursivo marcado pela atuação individual e pela demonstração de resultados para a sociedade, mostrar resultados que sejam positivos, pois o que é de valor negativo não atende a essa formação.

Segundo Rudiger (2010, p. 226), os sistemas de autoajuda se caracterizam como “uma mediação através da qual o indivíduo contemporâneo procura se construir como sujeito moralmente legítimo no âmbito do capitalismo avançado”. O sujeito precisa pensar em si, pleitear

<sup>143</sup> Pergunta 5- Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

<sup>144</sup> Para Figueiredo (2020, p.42), “o estágio da ‘disponibilidade’, portanto, refere-se à disposição emocional do auditório e à sua acolhida em relação às emoções propostas em um determinado discurso”. No tocante à identificação, Figueiredo (2020, p.43) destaca que “a identificação ocorre quando o ser humano se sente interpelado na alma, seja por uma percepção sensível (*aisthesis*), uma memória (*mneme*) ou uma imaginação (*phantasia*)”.

suas causas para mostrar resultados, adotar uma postura livre e categórica. Temos, assim, imagens discursivas que preservam uma memória consolidada na leitura individual, sem desprezar o valor coletivo. A próxima codificação foi realizada na categoria de *ethos*. Examinemos:

**Figura 52-** *Ethos* (leitor 9)

Ethos		6 Referências	17,33%
Referência 1	3,40%	A leitura é fundamental para acessar os conhecimentos produzidos e que foram registrados pela humanidade através da escrita, nos diferentes formatos que o texto se apresenta. Através dela é possível transcender e refletir sobre a própria realidade, numa perspectiva intra e interpessoal.	
Referência 2	0,74%	Enquanto texto, o livro tem uma leitura fluida e escrita clara	
Referência 5	2,37%	Acredito que o importante o acesso a qualquer tipo de livro. É fundamental ler, é urgente. Porque todo o conhecimento emana da interação entre autor-texto-leitor, isso independe do tipo ou do suporte.	
Referência 6	2,44%	Há na academia certas críticas sobre esse tipo de leitura. No meu caso, pelo fomento do ato de ler em si, acredito que se alguém encontra prazer nos livros de autoajuda, quemodule mais pessoas para fazê-lo	

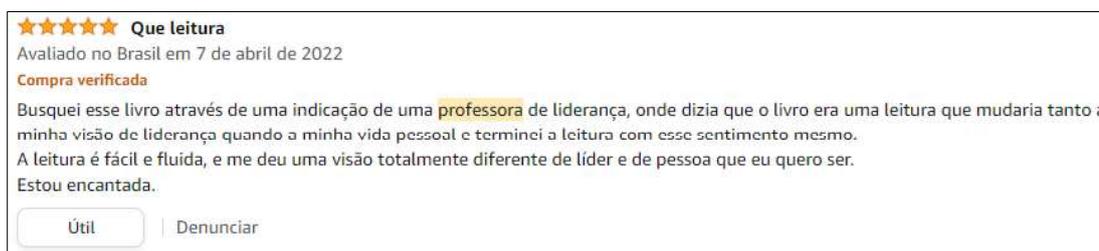
**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

A análise das respostas emitidas pelo leitor (9) nos conduz à apreensão de um *ethos* crítico. Essa constatação é atestada pelos enunciados que defendem um ponto de vista sobre a leitura. O planejamento textual e os discursos constitutivos mobilizaram um *ethos* orgulhoso, em especial, quando explicitou os seguintes comportamentos: *Há na academia certas críticas sobre esse tipo de leitura*. Em seguida, ele afirma: *No meu caso, pelo fomento do ato de ler em si, acredito que se alguém encontra prazer nos livros de autoajuda, que module mais pessoas para fazê-lo; Todo o conhecimento emana da interação entre autor-texto-leitor, isso independe do tipo ou do suporte*. O leitor em tela denotou inquietação com a formação leitora, é tomado por um valor eufórico<sup>145</sup>, representado pelo orgulho e pelas imagens da leitura em três dimensões: formativa, política e pedagógica. Dessa forma, ele se comporta na cena enunciativa como um leitor orgulhoso, atuante e discorre com propriedade sobre a importância da leitura.

No que se refere ao comentário *review*, temos:

---

<sup>145</sup> De acordo com Gregolin (1995), os valores fundamentais podem ser tomados como positivos (eufóricos) ou negativos (disfóricos).

**Figura 53-** Comentário *review* 10

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/monge-executivo-James-C-Hunter/product-reviews/8575421026/r>

O efeito utilitário da leitura é destacável quando a leitora declarou: *me deu uma visão totalmente diferente de líder e de pessoa que eu quero ser*. Nessa direção, a argumentação se insere dentro do espaço discursivo do aperfeiçoamento pessoal e profissional. O *ethos* leitor orgulhoso é reforçado quando ela afirma: *estou encantada*. Além disso, temos o alinhamento com lastros discursivos alusivos à psicologização.

#### 4.5.5 Leitor 10

O leitor 10, servidor público, leu um livro de autoajuda, intitulado como *Pai rico, pai pobre*, de Robert T. Kiyosaki, escritor estadunidense. Ao responder sobre os critérios de escolha do livro destacou apenas um: o autor; costuma ler em casa, no suporte impresso. No tocante às contribuições dessas leituras, ele assinalou as opções referentes aos objetivos e metas. Ao responder à pergunta 1, ele relatou que a leitura proporciona uma visão ampla em todos os aspectos da vida. Além disso, no decorrer das emissões das respostas às perguntas abertas, observamos que esse leitor adotou um viés de respostas concisas. Averiguemos:

**Figura 54-** Experiência de leitura (leitor 10)

Experiência de leitura	1 Referências	0,37%
Referência 1	0,37%	
Não influencia muito		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Quando discorreu sobre a experiência de leitura, ele afirmou que a experiência foi boa e as respostas direcionadas às perguntas 6 e 7 foi o advérbio de negação. Vejamos:

**Figura 55-** *Ethos* (leitor 10)

Ethos		4 Referências	0,22%
Referência 1	0,06%		
Boa			
Referência 2	0,06%		
Nao			
Referência 3	0,06%		
Nao			
Referência 4	0,06%		
Nao			

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Nesse caso, entendemos que em virtude da quantidade de livros lidos e da concisão das respostas, esse leitor apresenta uma imagem de si supostamente distanciada do gênero autoajuda. Ainda assim, isso não nos impede de deprendermos a existência de um *ethos* dicotômico (orgulhoso/vergonhoso).

Ao recortarmos dois comentários *reviews* sobre o livro em destaque já identificamos a interdiscursividade com o lugar do econômico; nas codificações os leitores sinalizam:

**Figura 56-** Comentário *review* 11

★★★★★ **Um conto muito interesse sobre a vida de Robert tendo experiências de mentores com visões opostas**  
Avaliado no Brasil em 9 de novembro de 2022  
Compra verificada

Esse foi o livro que me fez ter vontade em continuar lendo mais.

Ele te faz perceber que o método tradicional em fazer **renda**, viver a vida (do ponto de vista econômico) é imposto a todos nós, e como sempre em tudo na vida, quando a maioria faz a mesma coisa, uma pequena parcela de pessoas questiona e vai por outra via.

Acredito que todos que acabem lendo esse livro até o fim, passarão a ter uma visão diferente sobre o trabalho e forma de fazer dinheiro.

2 pessoas acharam isso útil

|

---

★★★★★ **Mudança de vida!**  
Avaliado no Brasil em 18 de julho de 2021  
Compra verificada

Esse livro ampliou meus horizontes profissionais e de investimento como eu jamais imaginaria ser possível. Não apenas para pais, é para qualquer pessoa - independentemente de se ter filhos ou não.

O livro atua profundamente no mindset do rico e mostra como você também pode mudar o seu para se tornar uma pessoa próspera e não ter medo de realizar investimentos no **mercado** financeiro.

|

**Fonte:** [https://www.amazon.com.br/Pai-rico-pai-pobre-anos/product-reviews/8550801488/ref=cm\\_cr](https://www.amazon.com.br/Pai-rico-pai-pobre-anos/product-reviews/8550801488/ref=cm_cr)

Diante desses comentários *reviews* entendemos que os objetivos desse grupo de leitor consistem no aperfeiçoamento em educação financeira. No comentário referente ao ano de 2022, o leitor apresenta-se como aquele que incorporou uma nova visão sobre o gosto pela leitura, sobre o trabalho e a forma de “fazer dinheiro”. Em seguida, no comentário discursivo intitulado como *Mudança de vida*, identificamos um fazer-sentir confiança e credibilidade no que é dito, a fim de persuadir outros a vencerem o medo de investir no mercado financeiro, ou seja, o enunciador toma para si a responsabilização e gerenciamento de finanças pessoais por intermédio da formação pessoal, advinda de um espaço discursivo alusivo ao neoliberalismo. Nesses excertos encontramos argumentos que denotam o lugar do letramento financeiro<sup>146</sup>.

#### 4.5.6 Leitora 12

A leitora 12, bibliotecária, leu entre 2 a 5 livros de autoajuda, nos formatos impressos e digitais. Ela costuma ler nos seguintes locais: casa, escola, faculdade, universidade, clínicas e bibliotecas. Ao responder à pergunta 2, ela citou o livro *O segredo*, de Rhonda Byrne, escritora australiana. Em relação à experiência de leitura assegurou o seguinte:

**Figura 57-** *Doxa* (leitora 12)

Doxa	1 Referências	1,74%
Referência 1	1,74%	
Foi o primeiro livro do gênero e fiquei encantada com a forma que podemos exercitar onosso pensamento para a positividade		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Nessa conjuntura, a leitora (12) alude ao argumento típico do pensamento positivo. Resgata-se o caráter histórico-social de produções atreladas ao Novo Pensamento e a Nova

---

<sup>146</sup> De acordo com a Matriz de Referência de Análise e de Avaliação de Letramento Financeiro do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), o letramento não se restringe à reprodução de conhecimentos adquiridos, “envolve uma mobilização de habilidades cognitivas e práticas, bem como outros recursos, como atitudes, motivação e valores. A avaliação de letramento financeiro do Pisa baseia-se em um conjunto de conhecimentos e habilidades associados ao desenvolvimento da capacidade de lidar com as demandas financeiras da vida diária e dos futuros incertos na sociedade contemporânea” (PISA, 2020, p.24).

Era<sup>147</sup>(Rudiger, 2010). Nessa ótica, temos os procedimentos que retomam as tecnologias de subjetivação e a autorregulação, conforme as postulações de Castellano (2012); Elliott (2018); Oliveira e Mendes (2021); Porto (2023). Ao responder às perguntas 6 e 7, ela argumentou:

**Figura 58-** *Ethos e doxa* (leitora 12)

Ethos	2 Referências	5,73%
Referência 1	2,27%	
Sim. Toda leitura tem a importância de estimular a cognição do indivíduo e no caso de autoajuda, desenvolver habilidades de controlar os sentimentos e decisões		
Doxa	1 Referências	4,21%
Referência 1	4,21%	
Sim. Existem livros de autoajuda que abordam filosofias de várias culturas e religiões, deixando o leitor escolher por qual filosofia seguir.		

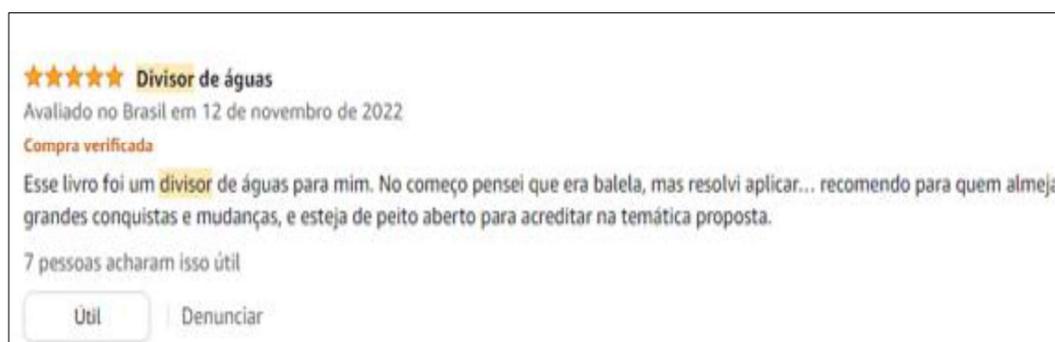
**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Captamos um *ethos* leitor orgulhoso quando a leitora assume o discurso do sujeito pós-moderno que revoluciona a própria forma de desenvolver as habilidades pessoais (lugar da pessoa), além disso, ela faz as seguintes enunciações: *fiquei encantada; no caso da autoajuda, desenvolver habilidades de controlar os sentimentos* (autocontrole); *deixando o leitor escolher por qual filosofia seguir* (autonomia). Encontramos entrelaçamentos discursivos que aludem à saúde mental e bem-estar.

Segue um comentário *review* a respeito do livro supramencionado:

---

<sup>147</sup> Segundo Rudiger (2010, p. 135), a nova era (*new age*) foi um movimento moldado pela consciência cultural ligada a “um conjunto desconexo de concepções cosmológicas e práticas espirituais”, mantido pela “doutrina do eu superior e pela crença na chegada de uma nova era para a humanidade”.

**Figura 59-** Comentário *review* 12

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Segredo-Rhonda-Byrne/product-reviews/8543101964/ref=cm>

Nesse comentário emerge o orgulho em ter praticado a leitura do livro e houve uma ampliação enunciativa do comentário (foi útil para sete pessoas). Segundo Foucault (2006), teríamos dois tipos de conhecimentos: o útil e o inútil. Os conhecimentos inúteis podem corresponder ao mundo exterior e os úteis tangenciam diretamente a existência humana. Nesse caso, o enunciador enaltece a prática da leitura por meio das metáforas “um divisor de águas” e “esteja de peito aberto”. Esses enunciados tentam fazer crer (Galinari, 2009) e fazer sentir confiança no poder transformador da leitura desse livro.

#### 4.5.7 Leitora 13

A leitora 13, empreendedora, leu entre 6 a 10 livros de autoajuda, utilizando ambos os formatos: impressos e digitais. Ela costuma ler em casa e nos cursos. Ao responder sobre as contribuições da leitura de autoajuda assinalou as questões referentes ao autoconhecimento, entretenimento, definir objetivos e metas, mudanças de cunho emocional, econômico, espiritual, físico e aprimorar conhecimentos. Sobre o livro que ela mais gostou de ler (pergunta 2), a leitora 13 citou o livro *Viva sua real identidade*, cuja autoria é de Camila Vieira, escritora brasileira. Ao descrever sobre a importância da leitura para o âmbito de vida pessoal e profissional (pergunta 1), afirmou:

**Figura 60-** Valores (leitora 13)

Valores	3 Referências	2,61%
Referência 1	0,91%	
SE VOCÊ QUER SER ALGUÉM NA VIDA, TEM QUE LER BASTANTE		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google)forms* (2023)

Ler bastante significa para essa leitora a determinação de “ser alguém na vida”. Impera o lugar da quantidade. A expressão mencionada é constatada, também, no discurso instituído e observado nas esferas discursivas do ensino, da família e da formação profissional. A leitora expressou valores referentes ao Novo Individualismo<sup>148</sup>. A leitura aparece como ferramenta para a autorreinvenção (Elliott, 2018). A leitora destacou as seguintes metas de leitura:

**Figura 61-** Meta de leitura (leitora 13)

Meta de leitura	3 Referências	3,51%
Referência 1	0,91%	
SE VOCÊ QUER SER ALGUÉM NA VIDA, TEM QUE LER BASTANTE		
Referência 2	1,56%	
AUTO CONHECIMENTO, DESENVOLVIMENTO NAS PALAVRAS, AJUDAR A OUTRASPESSOAS, MUITO CONHECIMENTO		
Referência 3	1,03%	
ESTÁ ME AJUDANDO BASTANTE NO MEU DESENVOLVIMENTO COMO PESSOA		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google)forms* (2023)

Ao relatar sobre a experiência de leitura, nas referências dois e três, ela registrou a contribuição para o autoconhecimento e desenvolvimento como pessoa, dimensões atreladas à psicologia e incorporadas pelo campo discursivo da autoajuda. Na sequência, apresentamos um comentário *review* sobre o livro supracitado:

**Figura 62-** Comentário *review* 13

★★★★★ IMPRESCINDÍVEL

Avaliado no Brasil em 2 de fevereiro de 2022

Compra verificada

Livro cheio de informações, autoconhecimento, direção divina de como transformar nossas vidas, nosso eu em uma vida extraordinária e livre de todas as crenças que nos fizeram não ir além até hoje. Livro totalmente necessário para todas as pessoas, acredito que quanto mais cedo ler, aprender com esse livro, mais cedo se alcançará já vida em plenitude. Aconselho a todos. Minha vontade é comprar e sair dando de presente a todo mundo que amo.

2 pessoas acharam isso útil

|

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Viva-sua-real-identidade-prop%C3%B3sito/dp/6555440759>

<sup>148</sup> Elliot (2018, p.467) desenvolveu a noção de ‘novo individualismo’ precisamente “para melhor capturar a confluência das mudanças interiores e exteriores na vida das pessoas hoje em dia”.

No gancho da verossimilhança, temos o desdobramento da cena enunciativa típica daqueles que constroem a prática da leitura como uma atividade terapêutica. Dessa forma, há um *ethos* leitor orgulhoso, que delinea modos de subjetivação por intermédio das práticas de si. De acordo com Porto (2023, p. 83), foi no espaço das ciências psi que se engendrou “um conhecimento positivo, uma forma singular e obsessiva de decifrar e falar a ‘verdade’ e de agir sobre o ‘homem’, concebendo um modo específico de entrevê-lo”. O leitor salienta que o livro é cheio de informações, autoconhecimento e direção divina. A comunhão dos valores ocorre por intermédio da aglutinação dos espaços discursivos da autoajuda, da psicologia (autoconhecimento) e da religião (direção divina). Além disso, ele ressaltou o valor da liberdade. Identificamos um *ethos* orgulhoso por intermédio dos resultados apresentados.

#### 4.5.8 Leitora 14

A leitora 14, contadora, leu entre 6 a 10 livros de autoajuda e na emissão da resposta sobre o livro que gostou de ler, ela citou três, a saber: *O milagre da manhã*, *As coisas que você só vê quando desacelera* e a *Bíblia*. Ao tratar sobre a importância da leitura na vida pessoal e profissional (pergunta 1) concedeu-nos uma resposta na forma de metáfora: é um divisor de águas. Essa forma de enunciar um *ethos* orgulhoso por meio de metáfora foi detectada no comentário *review* 12. Segundo a leitora 14, a relevância da leitura de autoajuda na trajetória de vida (pergunta 4) proporcionou-lhe mais disciplina e constância, conforme dados coletados:

**Figura 63-** Valores (leitora 14)

Valores	2 Referências	1,10%
Referência 1	0,37%	
É um divisor de águas		
Referência 2	0,73%	
Conseguir ter mais disciplina e constância		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google) forms* (2023)

**Figura 64-** Meta de leitura (leitora 14)

Meta de leitura	1 Referências
Referência 1	1,57%
Mudou muito minha forma de pensar sobre situações da vida. Minha qualidade de vida aumentou	

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Quando a leitora mencionou a qualidade de vida, notamos a mobilização de uma discursividade que remete às relações existentes entre a leitura e a saúde. De acordo com o glossário da Organização Mundial da Saúde (1998, p.28), o conceito de qualidade de vida reflete a condição de reconhecimento das necessidades individuais ou, ainda, a percepção de que “estão sendo negadas oportunidades de alcançar a felicidade e a autorrealização, com independência de seu estado de saúde físico ou das condições sociais e econômicas”. Nessa direção, a resposta da leitora alude a uma discursividade atrelada ao campo discursivo da saúde, somada ao aperfeiçoamento pessoal.

Seguimos, nesse momento, para a análise de um comentário *review* sobre o livro *As coisas que você só vê quando desacelera*, de Haemin Sunim, autor coreano.

**Figura 65-** Comentário *review* 14

★★★★★ **Desacelere...**  
 Avaliado no Brasil em 23 de julho de 2022  
 Compra verificada

Imagina você ter um ritmo de vida e trabalho acelerado e ler... “Como manter a calma em um momento frenético”

E tudo que precisamos é encontrar nosso ponto de equilíbrio. Então, esse livro proporciona um pouco disso (praticar a desaceleração).

(...) Olhando o livro pela capa, já causa interesse. Daí quando se abre, parece um pacotinho de presente de tão lindo que é, com imagens e frases curtas que nos faz refletir e desacelerar... ❤️

O autor recomenda ler o livro com pausas. Um capítulo por dia. Até tentei, mas teve dias que li dois ou três. Mas faz sentido, pois é um livro pra desacelerar, então praticar isso capítulo a capítulo já é em si, um treinamento...

Posso dizer que amei a leitura e por ser um livro pequeno e de leitura fácil, pretendo andar com ele e [re] ler sempre que possível...

Abaixo, um trecho do livro...

“QUANDO ESTIVER OCUPADO a ponto de se sentir constantemente perseguido, quando as preocupações tomarem sua mente, quando o futuro parecer sombrio e incerto, quando estiver magoado com algo que alguém falou, desacelere, mesmo que apenas por um momento. Traga toda a sua consciência para o momento presente e respire fundo.”

Recomendo a [re] leitura. Sendo assim, tenha o livro consigo. Se quiser doar, doe ou empreste, mas como citei é um livro pra ser relido.

2 pessoas acharam isso útil

|

**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/coisas-que-voc%C3%AA-quando-desacelera/dp/8543105293#>

Inicialmente, detectamos que o leitor ressaltou os benefícios do livro para a manutenção do equilíbrio em meio ao ritmo de trabalho frenético, uma pauta que abrange um auditório amplo. Dessa forma, retomamos o pensamento de Canavire (2014, p. 21) quando afirma que na autoajuda “é surpreendente que se tenha imposto como tema recorrente o projetar-se à interioridade emocional dos sujeitos”. No tocante à temática do trabalho, Turmina (2010) verificou que, no século XX, Carnegie tornou-se um autor representativo desse período com a publicação de obras que contemplavam as relações de trabalho. Enquanto isso, o livro citado pela leitora é de autoria de Haemin Sunim, escritor da Coreia do Sul que aborda técnicas de meditação, autocuidado, espiritualidade, em uma formatação linguística propícia a influenciar o leitor na busca dos cuidados interiores; pretende-se ensinar a ser, a criar uma pedagogia da personalidade. Em seguida, o leitor mencionou: *nos ajuda a refletir e desacelerar [...] O autor recomenda ler o livro com pausas[...] até tentei, mas teve dias que li dois ou três [...] pretendo andar com ele e (re)ler sempre que possível.* Os sentidos apontam para a paixão da calma. Segundo ela, o livro é composto por frases curtas e imagens que ajudam a refletir e desacelerar. De acordo com Figueiredo (2019, p. 9), a calma “recria a simetria entre os sujeitos”, ou seja, a similaridade e equiparação atuam nas “operações mentais da leitura” (Canavire, 2014, p. 23) e, com isso, desenha-se o fazer-sentir (senciência). Diante do exposto, constatamos a existência de uma argumentação prática, aquela que conduz à ação por meio do que é dito na obra e na relação com as experiências vivenciadas e /ou imaginadas pelos leitores. Diante dos excertos analisados, verificamos que a busca pelo equilíbrio e, conseqüentemente, pela saúde e qualidade de vida deflagra um *ethos* orgulhoso. Os espaços discursivos estão associados aos lugares utilitaristas com foco nos aperfeiçoamentos pessoal, espiritual e profissional.

#### 4.5.9 Leitora 16

A leitora 16, empreendedora, leu entre 2 a 5 livros de autoajuda. Ela costuma ler em casa, trabalho, bibliotecas, escola/faculdade/universidade e utiliza os suportes de livros impressos e digitais. Sobre a prática da leitura de livros de autoajuda ela declarou que contribui para o autoconhecimento, entretenimento, definir objetivos e metas, mudanças de cunhos emocional, econômico, espiritual e físico, além de aprimorar os conhecimentos. Na oportunidade, ela citou o livro *O poder da ação*, de Paulo Vieira (pergunta 2), em seguida,

informou que a experiência de leitura foi interessante e desafiadora (pergunta 3), haja vista a saída da zona de conforto, como mostram os seguintes enunciados:

**Figura 66-** Experiência de leitura (leitora 16)

Experiência de leitura	1 Referências	2,96%
<b>Referência 1</b>	2,96%	
Interessante e desafiadora, pois o livro nos leva a sair da zona de conforto, a tirar as ideias do papel, repensar metas e como podemos realiza-las.		
Doxa	2 Referências	6,22%
<b>Referência 1</b>	3,18%	
As vezes, porque dependendo do autor e tema, alguns temas ainda sofrem preconceito, Ex ansiedade, depressão, etc. Embora após a pandemia está mais normalizado.		
<b>Referência 2</b>	3,04%	
Com certeza, por ser livros de fácil leitura, com temas atuais e muitas vezes necessários, atrair muitos leitores, impulsionando crescimento desse ramo.		

**Fonte:** Dados extraídos do instrumento de pesquisa elaborado pela autora no *Google forms* (2023)

Ao responder sobre a imagem pública da literatura de autoajuda (pergunta 7) ela afirmou que após a pandemia alguns temas abordados no acervo da autoajuda estão sendo tolerados, a exemplo da depressão e ansiedade. De acordo com as respostas dela, os livros são de fácil leitura, apresentam temáticas atuais e necessárias e foram importantes para que ela encontrasse motivação diante dos momentos de desânimo e angústia. Quando a leitora expõe que após a pandemia alguns dos temas estão mais normalizados, podemos considerar, conforme Curcino (2020, p. 2), o seguinte: “aquilo que é consensualmente dito sobre a leitura impacta sobre as formas de identificação e de desidentificação dos sujeitos com essa prática”. Assim sendo, as respostas da leitora apontam para um *ethos* dicotômico orgulhoso/vergonhoso. Em seguida, temos um comentário *review* vinculado ao livro citado pela participante.

**Figura 67-** Comentário *review* 15

<p>★★★★★ <b>TUDO POSSO COM O PODER DA AÇÃO</b></p> <p>Avaliado no Brasil em 15 de agosto de 2022</p> <p>Compra verificada</p> <p>Livro muito interessante que motiva as pessoas estabelecerem metas e objetivos e, sair da zona de conforto/lugar comum. Desde melhorar a saúde e perder alguns quilinhos, até atingir grandes objetivos na vida pessoal, profissional, familiar e ser bem sucedido financeiramente; somos motivados a estabelecer objetivos bem definidos e, seguir métodos precisos de execução de <b>tudo</b> que temos em mente e, que foi previamente planejado (ELIMINANDO AÇÕES SEM IMPORTÂNCIA PARA ATINGIR O PLENO ÊXITO). LEITURA MUITO VÁLIDA PARA CRIAR PROPÓSITO E METAS NA VIDA E, POR CONSEQUÊNCIA ATINGIR UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL, PROVEITOSA, FELIZ E COM MAIOR LIBERDADE FINANCEIRA!! RECOMENDO A COMPRA E LEITURA!!</p> <p>2 pessoas acharam isso útil</p>
--

Fonte: <https://www.amazon.com.br/poder-a%C3%A7%C3%A3o-Paulo-Vieira/product-reviews/854520034X/ref>

Observamos que nesse comentário há a construção de um *ethos* orgulhoso, visto que o livro é recomendado pelas características motivacionais, “*motiva as pessoas*”, “*sair da zona de conforto*”, “*somos motivados a estabelecer objetivos bem definidos*”. Nesses enunciados o leitor faz o enaltecimento de aperfeiçoamentos estéticos, (inter) pessoais, profissionais e financeiros, os quais fundam clichês típicos da autoajuda<sup>149</sup> (seja dono de si mesmo, faça amigos, dinheiro é emocional, mente magra). Ademais, ocorre a captação de um estado anímico, envolvendo a coragem, a alegria e confiança por meio da leitura; o discurso propõe um letramento emocional. A alegria de viver, o crescimento pessoal, a satisfação, retoma o discurso promovido por uma psicologia humanista<sup>150</sup> que se inter-relaciona com os princípios do Novo Individualismo: criatividade e autorrealização.

O comentário enfatiza o sistema de crenças no poder da mente e no potencial humano. Além disso, o leitor retoma a importância dessa leitura para uma vida mais saudável. Ele põe em interação os campos discursivos da psicologia (*execução de tudo que temos em mente*), da economia (*maior liberdade financeira*) e da saúde (*atingir uma vida mais saudável*).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Abreu (2006, p. 112) a “literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política”. Isso significa dizer que ela é política mesmo quando não se mostra como tal, por isso, na seção primária desta pesquisa, afirmamos que a leitura é uma prática social, política, cultural e discursiva.

Em seguida, partimos de uma memória histórica sobre os processos evolutivos do livro e as repercussões nos trâmites de democratização da leitura e dos livros em âmbito nacional e internacional. Nessa etapa, compreendemos como o contexto sócio-histórico brasileiro, nos anos 80, delimitou o apogeu das produções alusivas ao campo discursivo da autoajuda.

---

<sup>149</sup> Clichês que aparecem em títulos, como: *Barriga negativa, atitude positiva: o método revolucionário que seu abdome e sua autoestima merecem*, de Verônica Motta; *Você pode curar a sua vida*, de Louise Hay; *Como vender valor no mercado jurídico*, de Bruno Strunz.

<sup>150</sup> De acordo com Rudiger (2010), a psicologia humanista foi uma doutrina criada pelo psicólogo americano Abraham Maslow e seus seguidores, os quais se propuseram a desenvolver uma concepção positiva do homem, ao valorizar as experiências pessoais, criatividade, autorrealização, experiências pessoais, o potencial humano e o crescimento pessoal.

Elucidamos a configuração desse campo quando apontamos as temáticas (subcategorias) e a distribuição de vendas nacionais por meio de dados gerais da CBL e do portal *Publishnews*. Ainda nessa seção, trouxemos respaldos teóricos para entendermos a leitura enquanto prática discursiva. Outrossim, com as contribuições de Paveau (2017) destacamos a importância dos tecnodiscursos para a compreensão do comportamento leitor. Nesse sentido, imputa-se ao indivíduo a responsabilidade pela construção de uma sociedade igualitária, livre e fraterna. Dessa maneira, o novo “cuidado de si” é deflagrado pelo investimento financeiro na compra dos manuais de autoajuda.

Na seção secundária, conseguimos apresentar um encadeamento evolutivo da Retórica Antiga à Nova Retórica, passando por alguns desdobramentos da Teoria da Argumentação. Nesse cenário, promovemos a relevância dialogal entre categorias teóricas abordadas pelos estudiosos da Retórica, Argumentação e da Análise de Discurso. Dessa forma, foi possível entrelaçarmos as interdiscursividades aos lugares específicos da autoajuda, desencadeando a identificação de argumentos que fundamentam a estrutura do real (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005), em especial, o argumento pelo modelo. Na seção terciária, transitamos pelas diretrizes metodológicas e, lá, descrevemos os procedimentos, instrumentos, recursos e técnicas de pesquisa.

Na seção quaternária, conseguimos nos debruçar sobre o trabalho de leitura, interpretação, descrição e análise dos dados. Realizamos a integração das análises de três fontes de dados: livros, comentários e questionários. Desse modo, conseguimos empreender uma abordagem qualitativa (com a identificação de valores, opiniões, crenças e emoções) nos *corpora* analisados.

Como resposta ao nosso problema de pesquisa (em meio à relevância epistemológica da temática leitura, como compreender as imagens discursivas da leitura e o *ethos* de leitores investidos por valores historicamente associados às (inter)discursividades dos livros de autoajuda?) e para fundamentar a defesa da nossa tese (a interdiscursividade é uma estratégia discursiva fundante da arquitetura multissêmica do discurso de autoajuda e essa estratégia repercute no desdobramento de um *ethos* leitor dicotômico (orgulhoso/vergonhoso)), apresentamos os seguintes resultados de pesquisa:

A prática da leitura de autoajuda desenvolve-se, prioritariamente, no contexto domiciliar (em casa). Essa leitura carrega em si fortes atributos da leitura cursiva, não institucionalizada, leitura pessoal, autônoma e livre de coerção avaliativa (Rouxel, 2012). Dentre os dezesseis

participantes de pesquisa, 93,8% afirmaram que os objetivos de leitura correspondem ao autoconhecimento e aos aperfeiçoamentos nas áreas: emocional, econômica, espiritual e física.

Os resultados obtidos mostraram como as obras de autoajuda se sustentam nos campos discursivos que aludem aos espaços: religioso, pedagógico, medicinal (saúde), capitalista (neoliberal), psicológico/terapêutico e publicitário, logo, encontra-se respaldo para se afirmar que a interdiscursividade é uma estratégia discursiva fundante da arquitetura multissêmica do discurso de autoajuda e essa estratégia repercute no desdobramento de um *ethos* leitor dicotômico (orgulhoso/vergonhoso). Após a triangulação dos dados, constatou-se como as tópicos ligadas ao *pathos* (processos patêmicos) foram cruciais para a compreensão do *ethos* leitor orgulhoso/vergonhoso/flutuante, identificados a partir de espaços e lugares que apontam para a edificação moral e aperfeiçoamentos múltiplos.

Na dimensão experiencial (Maingueneau, 2018), o *ethos* paradoxal da autoajuda gera confronto entre a imagem engendrada para esse leitor nas obras e a produzida pelo leitor real, por isso, consideramos que o *ethos* leitor perpassa por uma intercorrência sêmica (efeitos de sentidos inesperados) em virtude das estratégias interdiscursivas.

Tendo em vista que os participantes emitiram respostas aos questionários de uma pesquisa de doutorado, instrumentos que se referem a um âmbito institucional, compreendemos que a emergência do *ethos* orgulhoso apregoa-se como um contradiscurso a uma vergonha demandada por uma discursividade institucional. Por outro lado, o lugar da vergonha, o *ethos* vergonhoso, é uma tentativa de se manter alinhado a uma discursividade que estratifica, classifica e hierarquiza os bens culturais.

Alguns discursos coletados contrariam a imagem prévia do leitor de autoajuda associada aos estereótipos de *fracassado, desequilibrado ou até está passando por algum conflito interior* (conforme leitora 3). Por meio de discursos, como: *tem muito mais coisa envolvida entre o processo de leitura do livro de autoajuda e o leitor[...] não se trata apenas de autoajuda; [...] é o que classifica esse tipo de livro não apenas como autoajuda, mas diria como uma leitura para a autorreflexão. [...] [...] mas sei que existem pessoas que criticam[...] essas pessoas que criticam os livros de autoajuda não tem o hábito de ler nenhum outro gênero. [...]O nome autoajuda para quem tem uma visão clara das suas metas, objetivos não vai fazer diferença[...] através desses livros eu pude perceber que não estava agindo de maneira correta, e que poderia de alguma forma interferir no desenvolvimento dos meus filhos[...] livros de fácil leitura, com temas atuais e muitas vezes necessários, entendemos que o *ethos**

leitor é perpassado por uma identidade dupla resultante da diferença relativa ao outro e uma identidade grupal. Ao mesmo tempo em que essas identidades, individual e grupal, podem ser analisadas separadamente, há uma relação entre elas, de modo que a individual mantém características que a fazem parte do todo.

Esse leitor empírico quer ser reconhecido em uma posição leitora distanciada das características sociopsicológicas estereotipadas: dependente, fracassado, desequilibrado e acrítico.

Verificamos que as obras procuram corresponder a esses estereótipos, fornecendo “subsídios” para a formatação de uma nova subjetividade. Enquanto isso, nas respostas emitidas via questionários e nos comentários *reviews*, os leitores defenderam a importância desses livros para a edificação moral e para aperfeiçoamentos diversos, como: (inter) pessoal, espiritual, profissional, estético, intelectual e financeiro.

Por intermédio dos valores encontrados nos discursos analisados (resiliência, tolerância, persistência, liderança, autorresponsabilidade, respeito, coragem, liberdade, felicidade, alteridade, subserviência, competitividade/luta, individualismo) constatamos que a hierarquia dos valores desse grupo de leitor alude, antes de qualquer coisa, ao lugar da pessoa. Nessa vertente, entendemos que as estratégias interdiscursivas da autoajuda formam relações de poder que, muitas vezes, podem se configurar como instauradoras de violências simbólicas, pois existe o anseio (leitor) pela manutenção e aquisição desses valores perpetuados nos discursos dos livros de autoajuda.

Bauman (1998) afirmou que os escritores dos livros de autoajuda são os restauradores da personalidade, por isso, não podemos desprezar os efeitos de sentidos gerados por meio dos estilos de vidas propagandeados dentro da cadeia discursiva alusiva à autoajuda. E, nessa direção, reações afetivas demonstradas discursivamente pelos leitores participantes e aquelas representadas via comentários, mostraram como as emoções passam ao lugar de qualificadoras ou desqualificadoras das práticas de leitura (orgulho/vergonha). Esse resultado corrobora com a perspectiva da Argumentação no Discurso quando se aplica a buscar nas tramas dos textos/discursos a imbricação constitutiva do *pathos* e do *logos*, como bem salientou Amossy (2020). Em relação à imbricação das provas retóricas, constatamos que os discursos envolvem crenças comuns (*doxa*) e a justificação dessas, logo, o sujeito-leitor é posto diante de um saber-fazer a imagem de si, a formar um *ethos* de credibilidade e um *ethos* de identificação.

Entendemos que todo discurso se constitui na relação com outros discursos, logo, ao colocarmos em operação os espaços discursivos (Maingueneau, 2008b) da autoajuda observamos que certas formações discursivas são mais propícias a dar sustentação a esse campo, como aquelas que pretendem legitimar a totalidade da produção discursiva, dentre as quais destacamos os campos: religioso, literário e filosófico (cuidado de si) e a formação discursiva capitalista (com os valores neoliberais e a responsabilização individual como fonte de “sucesso”; instaurando o apagamento das condutas coletivas como resposta aos problemas de ordem social). Nesse panorama, entendemos que o discurso de autoajuda não carrega uma característica de discurso constituinte (Maingueneau, 2000), por isso, vale-se desses discursos para a fundação própria, como reorganização de uma memória, isso não significa que o discurso de autoajuda seja um campo fechado, posto que o discurso segundo mantém uma fase de constituição e conservação do discurso primeiro, por intermédio das relações interdiscursivas e redes semânticas (Maingueneau, 2008b).

Esta pesquisa contribuiu com os estudos sobre o perfil do leitor brasileiro contemporâneo quando abriu espaço para a enunciabilidade leitora e para a problematização de estereótipos, como o de que o “bom leitor” é aquele de obras relacionadas a uma “literatura culta”.

Foi um tema desafiador, pois lidamos com um objeto que provoca interferências na constituição dos percursos de leitura dos leitores brasileiros, como ficou constatado em discursos que proferem a cura de doenças, a conquista do equilíbrio, da competência leitora e da saúde mental por meio da leitura desses livros. Ademais, foi uma temática desafiadora em virtude das imagens prévias representativas da autoajuda: pseudofilosofia e charlatanismo. Com humildade científica, queremos reforçar as palavras de Eco (2008, p. 5) quando diz que: “trabalhando-se bem, não existe tema que seja verdadeiramente estúpido”. Nessa direção, ressaltamos a importância de pesquisas que continuem a trazer novas contribuições sobre esse objeto de estudo, possibilitando o aprofundamento nas relações existentes entre a formação leitora, cultura de massa, o *ethos* e as condutas humanas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.p.7-68.

ALVES, M. P. C.; ROJO, R. H. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, n. 2, p. 145–162, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/43116>. Acesso em: 15 fev. 2022.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Eduardo Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.

AMOSSY, Ruth. How to do things with doxa: toward an analysis of argumentation in discourse. **Poetics Today**. v. 23, n. 3, 2002b, p. 465-487. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/poetics-today/issue/23/3>. Acesso em: 15 fev. 2023.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2.ed. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz *et al.* São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-28.

AMOSSY, Ruth. Introduction to the study of Doxa. **Poetics Today**. v. 23, n. 3, p.369-394, 2002a. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/poetics-today/issue/23/3>. Acesso em: 15 fev. 2023.

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2022.

ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Sociedade e Estado**, v. 34, n.1 p. 211-239, 2019.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Trad. Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, p. 17-53, 2000.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Luciano F. de Souza. São Paulo: Martin Claret, p.41-59, 2015.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [p.21-60; p. 369-415], 2011.

BAKHTIN, Michael. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paula Bezerra. São Paulo: Editora 34, p.11-22, 2016.

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p.19-62.

BARTHES, Roland. A antiga retórica: apostila. In: **A aventura semiológica**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3-100.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guaresch. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 219-245, 1998.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1970, p.247-306.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.753 de 30 de outubro de 2003. **Política Nacional do Livro**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/cciv/il\\_03/leis/2003/110.753.htm](http://www.planalto.gov.br/cciv/il_03/leis/2003/110.753.htm) Acesso em: 15 de out. 2022.

BRUNELLI, Anna Flora. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de auto-ajuda.2004.164f. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2004.

BRUNELLI, Anna Flora. Confiança e otimismo: intersecções entre o ethos do discurso de auto-ajuda e do discurso de Amway. In: MOTTA, Ana R.; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p.133-148.

BURLAMAQUE, Arthur Verschoore. **Dilemas pessoais contemporâneos em contexto de trabalho imaterial na perspectiva do Life Coaching**. 2013.131f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração. Porto Alegre, RS.2013.

CALDAS, Waldenyr. **A literatura da cultura de massa: uma análise sociológica**. São Paulo: Lua Nova, 2000, p.8-40. Disponível em: <https://doceru.com/doc/8scnc0e>. Acesso em 30 jan.2024.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL). Produção e vendas do setor editorial brasileiro. São Paulo, 2021. Disponível em: [https://cbl.org.br/wpcontent/uploads/2022/06/apresentacao\\_imprensa\\_Final\\_1-1.pdf](https://cbl.org.br/wpcontent/uploads/2022/06/apresentacao_imprensa_Final_1-1.pdf). Acesso em 10 jun. 2022.

CANAVIRE, Vanina Belén. “Quando a leitura preenche a alma”: sobre a narrativa vivencial na literatura de auto-ajuda. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 11, n. 31, p. 13-36, 2014.

CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da argumentação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CASTELLANO, Mayka. Cultura da autoajuda: o “surto do aconselhamento” e a bioascese na mídia. **E-Compós**. v.15, n.1, p.1-13, 2012.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo, SP: Brasiliense. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**.3. ed. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. v.2. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p.23-56.

CHARTIER, Roger. Prefácio. *In*: CHARTIER, Roger *et al.* **Práticas de leitura**. 5.ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p.173-191, 1991.

CHIAVENATO, Idalberto. **Coaching & mentoring construção de talentos nas organizações: as novas ferramentas da gestão de pessoas**.3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017, p.1-70.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2002.

CORREIA, Ana Lucia Merege. O Livro Impresso, Trajetória e Contemporaneidade. *In*: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (org). **O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informação e comunicação**. Rio de Janeiro; Brasília, 2000.

COSTA, Ricardo da. A retórica na Antiguidade e na Idade Média. **Trans/Form/Ação**, v. 42, especial, p. 353-390, 2019.

CURCINO, Luzmara. Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: As emoções em discursos sobre a leitura. **Alabe Revista De Investigación Sobre Lectura Y Escritura**, n.25, p. 1-14, 2022.

CURY, Augusto. **Nunca desista de seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros cantos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846. Disponível em: [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4135/1/006342\\_COMPLETO.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4135/1/006342_COMPLETO.pdf). Acesso em: 25 nov.2023.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21.ed. Trad. de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.7-55.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. *In*: AMOSSY, R. (Org.).

**Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson F. da Cruz *et al.* São Paulo: Contexto, 2016. p. 29-52.

ELLIOTT, Anthony. A teoria do novo individualismo. **Sociedade e Estado**, v. 33, n.2, p. 465-486, 2018.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo: Edusp, 2017.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **A Invenção do Psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). 7.ed. São Paulo: Escuta, 2007, p. 129-150.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da “trajetória das paixões”. *In*: \_\_\_\_\_, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (orgs.) **Trajетória das paixões**: uma retórica da alma. Grupo PARE (Pesquisa em Argumentação e Retórica). Franca, SP: Unifran, 2020, p. 29-55.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões. **Revista Sinergia**, v. 20, p. 6-17, 2019.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luiz Antonio. A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. **ReVEL**, v. 14, n. 12, p. 44-59, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017, p.185-202.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2011.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-194.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5.ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p.279-295.

FURLAN, Marília Molina. **Cenas de enunciação e ethos discursivo**: análise do discurso de autoajuda para adolescentes. 2013. 152 f. Dissertação (mestrado em Letras) -Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2013.

GALINARI, Melliandro Mendes. Sobre ethos e AD: tour teórico, críticas, terminologias. **DELTA**, v. 28, p. 51-68, 2012.

GALINARI, Melliandro Mendes. A interação retórico-discursiva e suas múltiplas variáveis. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 161-188, 2009.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A política, sociologia e teoria social**: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. Trad. Cibele Saliba Rizek. São Paulo: UNESP, 1998, p. 103-119.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOSARIO. **Promoción de la salud**: Organización Mundial de la Salud, Ginebra, 1998, p. 28-29. Disponível em: <https://recs.es/wp-content/uploads/2017/05/glosario.-promocion-de-la-salud.pdf>. Acesso em: 20 set.2023.

GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. As faces de Bakhtin: uma análise discursiva de capas de livros. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 15, p. 431-448, 2015.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Prefácio. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO, Rubens Moraes (org.) **Introdução à análise da argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p.7-11.

GREGOLIN, Maria Do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa: Revista de linguística**, São Paulo, v.39, 1995, p.13-21.

GUIMARÃES, Elisa. Figuras de retórica e argumentação. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retóricas de ontem e de hoje**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p.145-160.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed.Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.07-47.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: Sua história. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HANSEN, João Adolfo. Nenhuma leitura é natural: o livro como signo. **Ensaio Geral**, n. 1, p. 11-22, 2021.

HILL, Napoleon. **Mais esperto que o diabo**: o mistério revelado da liberdade e do sucesso. Trad. M. Conte Jr. e FRC, M.M. Porto Alegre: CDG, 2014.

INSTITUTO Pró-Livro. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Ibope Inteligência, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 20 jan.2022.

INSTITUTO Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PISA 2021:** matriz de referência de análise e de avaliação de letramento financeiro. Brasília, DF, 2020, p.24. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>. Acesso em 16 set.2023.

IGLÉSIAS, Francisco. **A revolução industrial**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.48-69.

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção.2. ed. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 67-84.

JÚNIOR, Manoel Alexandre. Introdução. *In:* ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior *et al.* 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 15-40.

KOCH, I. G. V; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LETCHER, Sharon. Note to readers. *In:* HILL, Napoleon. **Outwitting the devil:** The secret to freedom and success. New York: Sterling, 2011.

LIMA, Helcira. Argumentação no discurso: problemáticas e perspectivas. *In:* AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO, Rubens Morais (org.) **Introdução à análise da argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p.163-191.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?** Política para a cultura/ política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Trad. Armando Braio Ara. Barueri-SP: Manole, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo** Trad. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p.98-126.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p.06-09.

LYSARDO-DIAS, D. Senso comum e estereotipia nas práticas de leitura. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 27–36, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico à noção de ethos. **Letras de hoje**, v. 53, n.3, p. 321-330, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. *In:* AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. Trad. Dilson F. da Cruz *et al.* São Paulo: Contexto, 2016. p. 68-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, Ana R.; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. 2. ed. Trad.S. Possenti. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Trad. Nelson Barros da Costa. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 1/2, p. 1-12, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, Marcia Regina Curado Pereira. **As figuras de argumentação como estratégias discursivas**. Um estudo de avaliações no ensino superior. 2007. 231f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: Labcom-ifp, 2018. p.59-73.

MEYER, Michel. Retórica e argumentação: a lei fundamental de unificação dos campos. *In*: \_\_\_\_\_, Michel. **A retórica**. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática. 2007, p. 62-78.

MEYER, Michel. Prefácio. *In*: PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.xix-xxi.

MEYER, Michel. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70, [p. 81-104; p. 135-154], 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: \_\_\_\_\_, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Sueli Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.9-29.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. O discurso do medo e o silêncio. *In*: MAGALHÃES, Ana Lúcia *et al.* **A retórica do medo**. 2. ed. Franca: São Paulo, Grupo ERA, 2015, p.137-144.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. A vitalidade da retórica: atravessando os séculos. **Língua e literatura**, São Paulo, n.27, p.149-169, 2003.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. *In*: \_\_\_\_\_, Lineide do Lago Salvador **Retóricas de ontem e de hoje**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p.17-54.

- NARZETTI, Claudiana. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. **Linguagem em (Dis)curso-LemD**, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018.
- NARZETTI, Claudiana. A apropriação da teoria de Bakhtin na AD francesa. **Revista do SETA**, v. 3, n.3, p.188-196, 2009.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. A emergência do sujeito e suas relações com a confiança e o medo no discurso de autoajuda. *In*: MAGALHÃES, Ana Lúcia *et al.* **A retórica do medo**. 2. ed. Franca: São Paulo, Grupo ERA, 2015.
- NUNES, José Horta. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. *In*: ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A leitura e os leitores**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003, p.25-46.
- OLIVEIRA, Geilson Fernandes de; MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. A subjetividade nos discursos da literatura de autoajuda. **Linguagem em (Dis)curso- LemD**, v. 21, n.1, p.117-133, 2021.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8.ed. São Paulo: Cortez: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A leitura e os leitores**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Trad. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p.97-117.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). *In*: GADET & HAK (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p.311-318.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi, 7ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PENZIM, Adriana Maria Brandão. A leitura capturada: reflexões sobre literatura de autoajuda e governamentalidade. **Mnemosine**, v. 12, n. 1, 2016.
- PENZIM, Adriana Maria Brandão. **Práticas de Leitura e Governo da Vida: a literatura de auto-ajuda**. 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PERELMAN, Chaïm. **O império retórico**. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Edições ASA: Porto, 1993, p.29-71.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. *E-book*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830%20389-06.pdf>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

PICANÇO, Monise Fernandes. **O Poder da solução**. A construção do mercado de literatura de autoajuda (voltada a negócios). 2013, 161 f. Dissertação (mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PITANGA, Ângelo Francklin. Pesquisa qualitativa ou pesquisa quantitativa: refletindo sobre as decisões na seleção de determinada abordagem. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 184-201, 2020.

PORTO, Rhuann L. F. (2023). “‘Psicologizando a sociedade’: as ciências psi e a perspectiva moderna do eu”. *Simbiótica*. **Revista Eletrônica**, v. 10, n. 1, 2023, p. 82-105.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. **Revista letras**, n. 61, especial, p. 253-269, 2003.

PROCÓPIO, E. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 120 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Disponível em: <https://iedamagri.files.wordpress.com/2020/02/vidas-secas-graciliano-ramos.pdf>. Acesso em 28 nov. 2023.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REIS, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**. Anais. Manaus, AM: UFAM, 2016.

RIBEIRO, Amanda Cristina Barbosa *et al.* Saúde mental dos profissionais de saúde durante a pandemia de Coronavírus e seu reflexo nos processos terapêuticos: uma revisão narrativa de literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 61899-61908, 2021.

ROSA, Ana Paula Gomes. Ler em meio à pandemia: ressignificações e novos espaços de leitura literária. **Darandina revisteletrônica**, v. 14, n. 2, p. 1-13, 2021.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n.145, p. 272-283, 2012.

RUDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo**. Publicado pelo canal Linha de Divisa, 23 fev.2022. 1 vídeo (1h:18m:54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xDlrc8tGS5U>. Acesso em 20 fev.2022.

RUDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Francisco.2. ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

SANTOS, Claudiana dos. MARIANO, M. R. C. Pereira. As figuras de argumentação em cena: ethé de homens e mulheres no discurso de autoajuda. **Revista Versalete**. Curitiba-PR, Vol. 10, n.19, p. 10-30, 2022.

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. **Cadernos Discursivos**, v.1, n. 1, p. 1-19, 2012.

SERRANO, F.P. **Pesquisar**: a tese, um desafio possível no labirinto. São Paulo: Parábola, 2011.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos**: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero auto-ajuda.2005.325f. Tese (Doutorado em Linguística) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SODRÉ, M. **Best-Seller**: a literatura de mercado. Rio de Janeiro: Ática, 1985.

SOLOMON, Michael R. **O Comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. Tradução: Beth Honorato. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.

SOUZA, Francislê Neri; COSTA, António Pedro; MOREIRA, António. Análise de dados qualitativos suportada pelo software webQDA. *In: Atas da VII Conferência Internacional de TIC na Educação*: Perspectivas de Inovação, 2011, p. 49-56.

STONE, Brad. **A loja de tudo**: Jeff Bezos e a era da Amazon. Trad. Andrea Gottlieb. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p.1-26.

TURMINA, Adriana Cláudia. **Autoajuda nas relações de trabalho**: a (con)formação de um trabalhador de novo tipo, 2010. 377f. Tese (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2010.

VELASCO, Patrícia Del Nero. O modelo argumentativo de Toulmin: sobre uma proposta de aplicação da lógica dos usos do argumento. *In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de*;

DAMASCENO, Rubens Morais (org.) **Introdução à análise da argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p.163-191.

VENDAS, Brenda Lima. A influência do booktok na mudança de hábito de leitura dos jovens durante a pandemia. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, v. 1, n. 5, 2022.

VITALE, María Alejandra. Memória retórico-argumentativa: encontro entre Perelman e Pêcheux. **Linha D'Água**, v. 29, n. 2, p. 156-172, 2016.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A- CONVITE

### **Convite para preencher o questionário sobre o estudo das interdiscursividades da autoajuda na construção do ethos de leitor.**

Olá! Agradecemos o seu interesse em conhecer esta pesquisa.

Esse estudo faz parte do projeto de doutorado desenvolvido por Claudiana dos Santos, no programa de pós- graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob orientação da Professora Dra. Marcia Regina Mariano Curado. Todos os dados desta pesquisa serão usados apenas para fins acadêmicos, sendo resguardado o sigilo quanto aos dados pessoais dos participantes. Para responder, você precisa já ter lido algum livro de autoajuda, no formato impresso ou digital. Por livro de autoajuda, entendemos que são livros destinados aos ensino de técnicas e habilidades para enfrentar os problemas e dilemas vivenciados pelo sujeito moderno, as temáticas abrangem: autoconhecimento, espiritualidade, relacionamentos, carreira, transformação pessoal, saúde, sexualidade, motivacional, gerenciamento e outras. Essa é uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo é investigar e compreender os processos de constituição das imagens discursivas acerca da leitura e do ethos de leitor de livros de autoajuda. Essas imagens podem ser denominadas também como ethos ( a imagem discursiva que o enunciador/orador constrói de si ao tomar a palavra, seja ela oral ou escrita). Ao participar deste estudo o (a) sr (a) necessitará de um pouco de tempo para responder as perguntas que podem variar entre 20 e 30 minutos. Sua participação consistirá no preenchimento de respostas a dezoito questões que incluem informações como seu nome (não será identificado na pesquisa), idade, profissão e demais perguntas que abrangem a sua experiência com a leitura de livros de autoajuda. Destacamos a relevância desta pesquisa para a compreensão dos percursos e práticas de leitura na atualidade. O resultado desta pesquisa será importante para que consigamos constatar como a literatura de autoajuda tem se propagado como um instrumento de fomento à prática da leitura e suas interferências na construção do ethos de leitor. Além disso, será possível mobilizar modelos teórico-analíticos sobre práticas de leitura que ultrapassam a esfera da literatura canônica.

Solicitamos que o(a) sr.(a) leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seguir, e caso concorde em participar, será considerada anuência quando responder ao questionário dessa pesquisa.

Atenciosamente,

Claudiana dos Santos-Doutoranda em Letras -Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS)

## APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO

Link para formulário de pesquisa: <https://forms.gle/Sf5wep2r3wuyHL3G7>

Questionário *On-line*

### Seção 2

*Conhecendo você*

1. Qual o seu nome? (não será identificado na pesquisa)

2. Qual a cidade em que você mora?

3. Qual o estado em que você mora?

4. Qual a sua idade?

5. Qual a sua profissão/ocupação atual?

6. Qual a sua escolaridade?

- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Pós-graduação
- Outro

### Percurso de leituras

*Nesta seção, queremos conhecer a (s) sua (s) experiência (s) de leitura*

7. Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

8. Você já leu quantos livros de autoajuda ou desenvolvimento pessoal? \*

( ) 1    ( ) 2 a 5    ( ) 6 a 10    ( ) mais de 10    ( ) não sei/ não quero

9. Você costuma utilizar o formato de livros:

( ) Impresso                    ( ) Digital                    ( ) ambos

10. Em quais locais você costuma ler: (marque todas que se aplicam)

( ) Casa ( ) trabalho ( ) livrarias ( ) escola ( ) faculdade ( ) Universidade ( )  
clínicas ( ) biblioteca ( ) clubes de leitura ( ) táxi ( ) igreja

11. A prática da leitura de livro(s) do gênero autoajuda contribui para: \*(marque todas que se aplicam)

autoconhecimento  entretenimento  definir objetivos e metas  mudanças de cunhos: emocionais, econômico, espiritual e físico  aprimorar conhecimentos  não sei/ não quero responder  outro

**12.** Durante a escolha /aquisição do livro você considera o (s) seguinte(s) critério (s):  
\*

capa  título  autor  relevância do conteúdo  indicações de amigos /booktuber/bookstagram  divulgação realizada por livrarias e /ou sites de vendas  sinopse  ranking de vendas  não sei/não quero responder  outro

**13.** Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

**14.** Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

**15.** Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda em sua trajetória de vida?

**16.** Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

**17.** Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

**18.** Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

## ANEXO A: TCLE

Observação: O título da pesquisa foi reformulado, passando a ser: **A interdiscursividade na autoajuda: imbricações e desdobramentos na compreensão do ethos leitor.**

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “Interdiscursividades da autoajuda na construção do ethos de leitor”, desenvolvida por mim, Claudiana dos Santos, sob orientação da Professora Dra. Marcia Regina Curado Pereira Mariano, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O objetivo do estudo é investigar e compreender os processos de constituição das imagens discursivas acerca da leitura e do ethos de leitor de livros de autoajuda. Essas imagens podem ser denominadas também como ethos (a imagem discursiva que o falante/orador constrói de si ao tomar a palavra, seja ela oral ou escrita).

Destacamos a relevância desta pesquisa para a compreensão dos percursos e práticas de leitura na atualidade. O resultado desta pesquisa será importante para que consigamos constatar como a literatura de autoajuda tem se propagado como um instrumento de fomento à prática da leitura e suas interferências na construção do ethos de leitor, além disso, será possível mobilizar modelos teórico-analíticos sobre práticas de leitura que ultrapassam a esfera da literatura canônica.

Ao participar deste estudo o (a) sr. (a) necessitará de um pouco de tempo para responder as perguntas que podem variar entre 20 e 30 minutos. Sua participação consistirá no preenchimento de respostas a dezoito questões que incluem informações como seu nome (não será identificado na pesquisa), idade, profissão e demais perguntas que abrangem a sua experiência com a leitura de livros de autoajuda.

As resoluções do Conselho Nacional de Saúde -CNS 466/2012 e 510/2016 afirmam que “toda pesquisa com seres humanos acarreta riscos”. É seu direito obter informações sobre o estudo, como os riscos e benefícios, bem como o esclarecimento de dúvidas em qualquer fase da pesquisa. Salientamos que não há nenhum tipo de prejuízo caso o (a) sr. (a) não queira participar da pesquisa.

Visando assegurar o seu conforto, bem como o sigilo e a confidencialidade das informações obtidas durante todas as fases da pesquisa, adotaremos uma série de providências. Informamos também que durante a coleta de dados ou em qualquer outro momento, caso o (a)

sr. (a) não se sinta confortável para participar da pesquisa, poderá encerrar a sua participação imediatamente.

Ao concordar em participar desta pesquisa, os riscos possíveis estão relacionados à possibilidade de constrangimento ao responder alguma pergunta; poderá ocorrer cansaço ao responder as perguntas do questionário; quebra de sigilo; sentir medo de não saber responder ou de ser identificado. Mas como dissemos anteriormente, adotamos providências e cautelas para mitigarmos esses riscos. Nesse sentido, asseguramos a liberdade do (a) sr. (a) interromper o autopreenchimento das respostas e não enviar o questionário caso desista de participar da pesquisa, como também poderá interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, sem penalização alguma. Além disso, lhes é assegurada a liberdade para não responder questões sinalizadas como obrigatórias. Os questionários podem ser respondidos de acordo com a conveniência e tempo de quem está participando.

Asseguramos a confidencialidade, privacidade e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em seu prejuízo; realizaremos a guarda adequada das informações coletadas e assumimos o compromisso de resguardar a sua identificação.

Por outro lado, participar deste estudo pode trazer alguns benefícios, como: possibilitar a compreensão da imagem discursiva do leitor de livros de autoajuda sob um horizonte de expectativa que possa ultrapassar os modelos cristalizados; dar notoriedade às práticas de leitura que historicamente estão associadas ao individualismo e contribuir com o aprimoramento de perspectivas teórico-metodológicas aplicada à diversidade de práticas de leituras.

Ressaltamos que no ambiente virtual existem algumas limitações impostas ao pesquisador no que tange ao asseguramento total da confidencialidade dos dados. Todavia, visando a mitigação de possíveis riscos, optamos pelo uso de uma ferramenta que oferece variedade de recursos de segurança. Além disso, após o encerramento da coleta, a pesquisadora fará a transferência dos dados para um dispositivo eletrônico local e apagará todo e qualquer registro obtido por meio da ferramenta utilizada, não sendo divulgado o seu nome em qualquer documento, informação pessoal ou rede social.

Na hipótese de o(a) sr. (a) sentir-se prejudicado (a) por ter participado da pesquisa terá direito a buscar indenização junto à pesquisadora por meio das vias judiciais, como previsto no Código Civil, lei nº 10.406/2002, artigos 927 a 954, capítulos I e II, título IX. Caso seja observado qualquer risco ou dano significativo aos participantes desta pesquisa, este estudo será imediatamente suspenso.

O(a) sr. (a) poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa a qualquer momento, também é livre para recusar-se a participar ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de recusa ou desistência, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Reforço que serão adotados os devidos procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações obtidas durante todas as fases da pesquisa. E asseguramos a sua privacidade, o sigilo do seu nome e dos seus dados pessoais, os quais não serão divulgados.

O (a) sr. (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa e não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo. Da mesma forma, não haverá nenhuma forma de pagamento em virtude de sua participação.

Após o encerramento e/ou a interrupção da pesquisa, você poderá ter acesso aos resultados. Os dados coletados farão parte das análises realizadas na tese de doutoramento da pesquisadora. Ademais, poderão ser aproveitados em apresentações de eventos científicos e/ou publicações de artigos científicos em periódicos da área, como uma forma de ampliar o retorno dos resultados de pesquisa para a sociedade em geral.

Caso concorde em participar desta pesquisa, o (a) sr. (a) pode guardar uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em seus arquivos. É só acessar o link: [https://drive.google.com/file/d/14GrYLTyH9nNQWv3\\_RIIckrSoTnFHbzK/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/14GrYLTyH9nNQWv3_RIIckrSoTnFHbzK/view?usp=sharing).

Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Qualquer dúvida ou informação que necessitar, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, pelo contato 79-99645-6722 (com WhatsApp) e/ou e-mail ([claudiana@academico.ufs.br](mailto:claudiana@academico.ufs.br)/[clauportugues10@hotmail.com](mailto:clauportugues10@hotmail.com)) e no endereço residencial localizado no Povoado Urubutinga, 1226, Zona Rural, Lagarto-Sergipe, CEP-49400-000.

Na existência de dúvidas sobre a sua participação na pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFS), órgão responsável por defender os interesses do participante da pesquisa em sua integridade e dignidade, assim como avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas que envolvem seres humanos. O endereço é Rua Cláudio Batista s/n - Hospital Universitário, Bairro Sanatório, Aracaju- Sergipe, CEP – 49060-110, telefone: (79) 3194-7208 e e-mail: [cep@academico.ufs.br](mailto:cep@academico.ufs.br), segunda a sexta-feira, das 07 às 12h. Caso concorde em participar, será considerada anuência quando responder ao questionário.

## ANEXO B: RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO ON-LINE

### LEITOR 01

- 1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?  
*Melhora a minha capacidade de comunicação e me ajudar a desenvolver outros aspectos da vida.*
- 2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?  
*Pare de se sabotar e dê a volta por cima (Flip Flippen)*
- 3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?  
*Fiz bastante reflexões sobre a forma como eu enxergava as coisas ao meu redor e a mim mesma. Gerou-me grandes oportunidades de mudar o que eu achava que poderia mudar por mim.*
- 4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?  
*Eu gosto bastante, porque proporciona reflexões sobre nós mesmos, algo fundamental para evoluirmos enquanto seres sociais.*
- 5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?  
*Sim, acredito que os livros de autoajuda abarcam aspectos sociais, emocional, de autoconhecimento ou inteligência de lidar com o que nos cerca.*
- 6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.  
*Não tanto, porque muitas pessoas demonstram certa resistência aos livros deste gênero, como se a importância dele fosse menor, como se fosse uma receita pronta. E não vejo dessa maneira.*
- 7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.  
*Sim. O marketing, às vezes, apelativo pode criar resistência em muitos leitores, no sentido de parecer uma receita de bolo. Passa a impressão de que seguindo aquelas instruções tudo se resolverá como num passe de mágica. Isso não acontece, tem muito mais coisa envolvida entre o processo de leitura do livro de autoajuda e o leitor.*

### LEITOR 02

- 1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?  
*Sou apaixonada pelos livros. Desenvolvo projetos sociais literários e considero a leitura fundamental para minha vida pessoal e profissional.*
- 2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?  
*Como fazer amigos & influenciar pessoas (Dale Carnegie)*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Minha experiência foi positiva, com reflexões, conhecimento e aprendizados.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*As leituras de livros autoajuda não são minhas preferidas e nem as mais empolgantes, mas já li muitos livros do gênero porque sempre quero melhorar como pessoa, como profissional, como amiga, como esposa, etc.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Percebi que alguns são mais motivacionais, outros mais filosóficos, fora a segmento para relacionamentos, finanças, saúde mental, etc.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Sim! Cada segmento tem seu público, sua "utilidade", e todos são importantes!*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Sim. Percebo que muitos livros são repetitivos e fantasiosos. Vendem "soluções fáceis" e "receitas de bolo".*

### **LEITOR 03**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*Acho importante. A leitura pode desenvolver melhor o nosso intelecto.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*O vendedor de sonhos*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Ótima, fascinante. De fácil linguagem.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Acho importante e interessante .pois para mim não se trata apenas de autoajuda, mas sim ampliação da visão sobre o mundo, as pessoas.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim. Acho super relevante e a junção de áreas diferentes, auxilia no entendimento de diferentes pontos da vida humana, e nesta tudo está interligado.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Sim. São livros que possuem alta procura, a maioria chama atenção pelo próprio tema.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável?

Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Às vezes. Muitas vezes há rótulos designado ao público deste tipo de literatura. Visão de ser fracassado, desequilibrado ou está passando por algum conflito interior.*

#### **LEITOR 04**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*Estou curada de uma alergia que as mais de 20 anos vinha buscando a cura. Fui para vários médicos alopáticos e homeopáticos. Depois de várias leituras e cursos venho me aprofundando a minha espiritualidade e tendo mais harmonia emocional e também a cura. Além de resultados significativos na minha relação comigo mesma, com Deus, família, trabalho etc. No ano 2020 ia 2 vezes por semana ao médico, chegando a gastar mais de R\$ 10 mil. Com o aprofundamento nas leituras e cursos fez um ano que não vou mais para médico e a cada dia minha vida só melhora. Estou saudável, mais feliz, alegria.... Continuo fazendo cursos, vídeos e livros, pois sei que posso viver a cada dia uma vida cada vez mais extraordinária. O coach integral sistêmico está sendo uma ferramenta muito eficaz para o meu processo. Aprendi que precisamos cuidar do espírito, emocional, cognitivo e do físico ao mesmo tempo e assim termos resultados extraordinários em todos pilares da vida.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*O Poder da Autorresponsabilidade ( Paulo Vieira)*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Nele aprendi que tudo que acontece na minha vida é autorresponsabilidade minha.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*A leitura de livros, vídeos e cursos me deram uma nova consciência, a qual é o primeiro passo para mudar comportamentos, hábitos e atitudes. A partir do momento que comecei a por na prática estes comportamentos, hábitos, atitudes no meu dia a dia com consistência meu cérebro começa a produzir hormônios e neuro- hormônios diferentes dos quais vinham sendo produzidos e, com estímulos de hormônios e neuro - hormônios diferentes meu emocional passa a sentir novas emoções e sentimentos, os quais vão enviar mensagens também novas para meus órgãos, chegando até ao meu físico e, conseqüentemente a cura das doenças, dos relacionamentos, do financeiro etc.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim. Eu acredito que as áreas da vida humana ou pilares como muitos falam têm que ter uma harmonia entre eles. Digamos que no pilar financeiro estou bem, mas no pilar família não esteja, tem como verdadeiramente eu está bem? Na minha concepção não há possibilidade de viver uma vida digna só baseada em uma área ou pilar, pelo menos as principais têm que está em consonância.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Talvez. Porém estímulo é um combustível que acaba rápido. Ler é importante, no entanto a leitura sem por em prática é como uma fé sem ação, sem eficácia. Conhecimento é uma ferramenta para adquirir aprendizado, o qual possa criar mudança em nós, essa mudança só tem resultado significativo quando é executado, vivido de maneira que possamos agir com inteligência emocional, cognitiva e sabedoria. A partir do momento que somos estimulados a ler, mas sem resultados necessários, os quais os livros oferecem é questão de tempo desse fomento leitor acabar, e muitas vezes se quer termina o livro.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Acredito que não. Geralmente quem procura esse tipo de literatura com objetivos claros, precisos, com uma finalidade de obter resultados produtivos tem consciência que ninguém ajuda o outro quando o outro não se permite a mudança. O conhecimento só dá resultado quando o leitor põem em prática, experencia no seu dia a dia. O escritor tem uma parcela significativa que é trazer o conhecimento, no entanto é necessário o leitor executar. Porém, creio eu que seja qualquer literatura, ritmos musicais, modas, enfim, nada vai ter 100% de aceitação pública. Sempre vai haver grupos específicos. O nome autoajuda para quem tem uma visão clara das suas metas, objetivos não vai fazer diferença. É como se fosse qualquer outra literatura.*

## **LEITOR 05**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?  
*a leitura transforma, ensina, edifica, lapida o caráter e agrega conhecimento*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?  
*nunca desista de seus sonhos*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?  
*a melhor possível*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?  
*a leitura influencia no caráter do cidadão e o modo pelo qual ele enxerga e percebe o mundo e as pessoas ao seu redor*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?  
*sim.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.  
*sim.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Acredito que não*

#### **LEITOR 06**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*A leitura me socorre em muitos momentos. Diante disso, considero a leitura muito importante para mim.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*Nunca deixe de tentar, Michael Jordan*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Me incentivou na época a ter coragem para fazer o que eu queria... Me sentia capaz de realizar o mundo!*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Ironicamente não achava que iria fazer grande coisa, pois eu pensava: é apenas um livro. Mas hoje, adulta e com a cabeça às claras, os livros de autoajuda me ajuda bastante a enxergar o mundo de uma forma mais real, de uma forma mais sincera. Me ajuda a não querer desistir da realidade tão às claras.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim. Tanto na área sentimental, quanto em áreas financeiras, os livros pode trazer pontos positivos de modos diferentes.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*É parecido com o que eu citei antes, a leitura de autoajuda me transforma todos os dias - enquanto estou nesse mundo - me ajuda a não desistir das conquistas que posso alcançar com o pouco do incentivo que recebi enquanto lia o meu autoajuda.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Não acredito nisso. Pois ela é capaz de transformar as pessoas de forma positiva. Tornando-as mais corajosas, firmes, capazes, pés no chão, mente às claras, e entre tantas outras emoções de ajuda interna que faça qualquer ser humano seguir a vida em frente.*

#### **LEITOR 07**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*Indispensável, pois precisamos ler para termos conhecimentos de cada situação no dia a dia.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*Nunca desista de seus sonhos.*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Maravilhosa, lendo esses livros aprendi a ser mais tolerante, a sempre tentar entender que todos nós temos nosso tempo de tristeza, de felicidade, de alegrias e frustrações. Aprendi que desistir não é o caminho mais fácil. Aprendi que todos sentimos a dor ou a tristeza, de forma diferente e isso tem que ser respeitado. Hoje aplico muito da minha experiência no meu dia a dia e incentivo as pessoas ao meu redor entender cada situação em sua vidas. Hoje sei que tudo passa, tudo é momentos, e devemos aproveitar a vida e ser feliz nos pequenos detalhes.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Foi de grande importância a leitura de livros de autoajuda para poder compreender um pouco de mim e das pessoas que estão na minha vida.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim. Pois os livros de autoajuda nos ajudam a compreender vários lados da vida seja, em casa com a família, no trabalho com os amigos, na rua com diversas pessoas.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Sim, pois lá encontramos muitos conhecimentos a cerca de família, filhos, maridos, esposas. Também temos assuntos a cerca de religião, trabalho, enfim, muitos temas que deveríamos ter um pouco ler para entender um pouco da vida e do OUTRO.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*"Desfavorável", não. A leitura de autoajuda é um aprendizado sobre como entender ao outro e se entender, saber se colocar no lugar do outro e principalmente respeitar a opinião alheia.*

## **LEITOR 08**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*Além de aumentar o vocabulário, melhorar a memorização e atenção, nos deixa com a mente aberta para sabermos lidar com diversos assuntos e problemas do cotidiano.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*Mais esperto que o diabo*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*O livro nos orienta sobre as forças do bem (a força positiva do mundo) e do mal (a força negativa), que diversas vezes são fruto da nossa mente. Orienta a sabermos aproveitar o nosso tempo e nos ensina como enfrentar diversos problemas de forma positiva.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida? *A mente humana é uma caixinha de surpresas, às vezes temos potencial para fazer algo, agir e não tomamos a iniciativa por medo. Os livros de auto ajuda nos dá uma nova visão de mundo, impulsiona para enfrentarmos diversos problemas da vida, faz sermos quebradores de ciclos, orienta como agirmos na vida pessoal, profissional e a forma como lidamos com as pessoas e com nós mesmos, além de nos levar a mudança de hábitos.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso? *Sim. Pessoal, profissional, emocional, financeira. Nós problematizamos algumas áreas desafiadoras, mas é bem mais tranquilo quando aprendemos a lidar com cada uma delas.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique. *Sim. Principalmente quando presenciamos pessoas que são exemplos, que colocam em prática e tem excelentes resultados.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem. *Não acho que tenha uma imagem desfavorável.*

## **LEITOR 09**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional? *A leitura é fundamental para acessar os conhecimentos produzidos e que foram registrados pela humanidade através da escrita, nos diferentes formatos que o texto se apresenta. Através dela é possível transcender e refletir sobre a própria realidade, numa perspectiva intra e interpessoal.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler? *O Monge e o Executivo.*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura? *Enquanto texto, o livro tem uma leitura fluída e escrita clara.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida? *Sua mensagem traz a proposta e me fez refletir sobre liderança, sonhas, modelos de pessoas e líderes que desejamos ser e àqueles que não devemos imitar.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso? *Os livros de autoajuda transitam entre a escrita do imaginário, ou a fabulação da vida real, com alguns exemplos de textos autobiográficos ou memórias de superação. Aspectos*

*espirituais, exemplos de empreendedorismo, culturas e lugares diversos, etc. Para mim, a possibilidade de ler sobre exemplos de pessoas que como eu, estão dispostas a se exaurir em seus limites, em busca de uma causa, ou apenas de marcarem sua existência positivamente, é o que classifica esse tipo de livro não apenas como autoajuda, mas diria como uma leitura para a autorreflexão.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Acredito que o importante o acesso a qualquer tipo de livro. É fundamental ler, é urgente. Porque todo o conhecimento emana da interação entre autor-texto-leitor, isso independe do tipo ou do suporte.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Há na academia certas críticas sobre esse tipo de leitura. No meu caso, pela fomento do ato de ler em si, acredito que se alguém encontra prazer nos livros de autoajuda, que module mais pessoas para fazê-lo.*

## **LEITOR 10**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*A leitura proporciona uma visão ampla em todos os aspectos de nossa vida.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*Pai rico pai pobre*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Boa*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Não influencia muito*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Não*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Não*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Nao*

## **LEITOR 11**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*Adquirir conhecimento e informações, melhorar o raciocínio além de atualizar a respeito de vários assuntos, dentre outras.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*Nunca desista de seus sonhos*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Foi bastante produtiva, incentivador, momentos de muitas reflexões.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*A leitura desses livros faz repensar as ações do dia a dia, desenvolvendo a imaginação e ensinando como lidar com o emocional*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim. A diversidade de leituras tendem a ajudar em diferentes áreas da vida, principalmente na saúde mental.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Sim. Na medida que o leitor abrange maior numero de livros, tende a melhorar e aperfeiçoar seus conhecimentos.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Não*

## **LEITOR 12**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*A leitura é valiosíssima para o desenvolvimento cognitivo das pessoas. Com ela podemos melhorar a comunicação escrita e verbal.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*O segredo*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Foi o primeiro livro do gênero e fiquei encantada com a forma que podemos exercitar o nosso pensamento para a positividade.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Imprescindível para o meu autoconhecimento.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim. Existem livros de autoajuda que abordam filosofias de várias culturas e religiões, deixando o leitor escolher por qual filosofia seguir.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Sim. Toda leitura tem a importância de estimular a cognição do indivíduo e no caso de autoajuda, desenvolver habilidades de controlar os sentimentos e decisões.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Não concordo com "imagem desfavorável" no geral, mas sei que existem pessoas que criticam. Porém, o que pude observar nos poucos casos que ouvi é que essas pessoas que criticam os livros de autoajuda não tem o hábito de ler nenhum outro gênero.*

### **LEITOR 13**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?  
*SE VOCÊ QUER SER ALGUÉM NA VIDA, TEM QUE LER BASTANTE*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?  
*VIVA SUA REAL IDENTIDADE, CAMILA VIEIRA*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?  
*AUTO CONHECIMENTO, DESENVOLVIMENTO NAS PALAVRAS, AJUDAR A OUTRAS PESSOAS, MUITO CONHECIMENTO.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?  
*ESTÁ ME AJUDANDO BASTANTE NO MEU DESENVOLVIMENTO COMO PESSOA.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*SERVE COMO CONSELHEIROS PARA NOSSA VIDA*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

### **LEITOR 14**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?  
*É um divisor de águas*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?  
*O milagre da manhã, as coisas que você só ver quando desacelera e a Bíblia*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?  
*Mudou muito minha forma de pensar sobre situações da vida. Minha qualidade de vida aumentou*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?  
*Conseguir ter mais disciplina e constância*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim! Um estilo novo de conhecimento*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Não entendi*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Não*

## **LEITOR 15**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*Através da leitura eu percebo que melho meu comportamento com relação as pessoas, e comigo mesma, além de me proporcionar novos conhecimentos agregando mais valores.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*MAIS ESPERTO QUE O DIABO*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Eu fiquei impressionada com o que ele relata, pois tem muito a ver com nossa realidade e como nós estamos vulneráveis a violência, a tantas tragédias, o impacto que a tecnologia vem causando na mente das pessoas e o quanto nossa mente é poderosa para melhorar ou mudar nosso meio através das nossas escolhas e atitudes.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Eu sempre soube que a leitura iria me proporcionar mais conhecimentos, mas depois que eu comecei a ler livros de autoajuda eu percebi que eles transformaram minha vida como um todo e hoje eu sou outra pessoa, mais paciente, atenciosa, decidida, melhorei no cuidado e atenção comigo e com o próximo, principalmente com minha família. E sempre tenho algum livro desses comigo porque sei o quanto é gratificante pra mim.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim até porque nós somos seres humanos e dependemos uns dos outros, precisamos está em busca de uma melhor conexão com as pessoas e com o ambiente que estamos inseridos, para que isso aconteça devemos aprimorar nossos conhecimentos e buscar entender e respeitar a opinião do outro.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Sim, porque se muitas pessoas leram é sinal que algo impactou na vida dessas pessoas. E que poderá ser importante pro meu crescimento pessoal.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*Não, pelo contrario todos nós precisamos está sempre em busca de melhorar nossos hábitos em prol a sociedade e através desses livros eu pude perceber que não estava agindo de maneira correta, e que poderia de alguma forma interferir no desenvolvimento dos meus filhos.*

## **LEITOR 16**

1) Para você, qual a importância da leitura para a sua vida pessoal e profissional?

*De grande valor, pois através da leitura pode adquirir conhecimento, desenvolver pensamentos de um olhar diferente, ter ideias e conhecer melhor a sim mesmo.*

2) Você poderia citar um livro de autoajuda que você gostou de ler?

*O pode da Ação autor Paulo viera*

3) Você poderia relatar sobre como foi a sua experiência de leitura?

*Interessante e desafiadora, pois o livro nos leva a sair da zona de conforto, a tirar as ideias do papel, repensar metas e como podemos realiza-las.*

4) Como você descreve a relevância da leitura de livros de autoajuda na sua trajetória de vida?

*Importante, em alguns momentos de angustia e desanimo, encontrei motivação para manter o foco.*

5) Sobre os pontos de vistas apresentados nos livros de autoajuda, você observa a referência a discursos de diferentes áreas da vida humana? Se sim, qual a sua percepção quanto a isso?

*Sim, acredito que ser necessário para o crescimento e desenvolvimento humano de maneira geral, tudo está interligado, ter vários pontos de vistas é importantíssimo.*

6) Você considera a popularidade dos livros de autoajuda como um fator que provoca impactos no fomento à leitura? Explique.

*Com certeza, por ser livros de fácil leitura, com temas atuais e muitas vezes necessários, atrair muitos leitores, impulsionando crescimento desse ramo.*

7) Na sua opinião, a literatura de autoajuda tem uma imagem pública que lhe é desfavorável? Se sim, cite alguns fatores que favorecem essa imagem.

*As vezes, porque dependendo do autor e tema, alguns temas ainda sofrem preconceito, Ex ansiedade, depressão, etc. Embora após a pandemia está mais normalizado.*